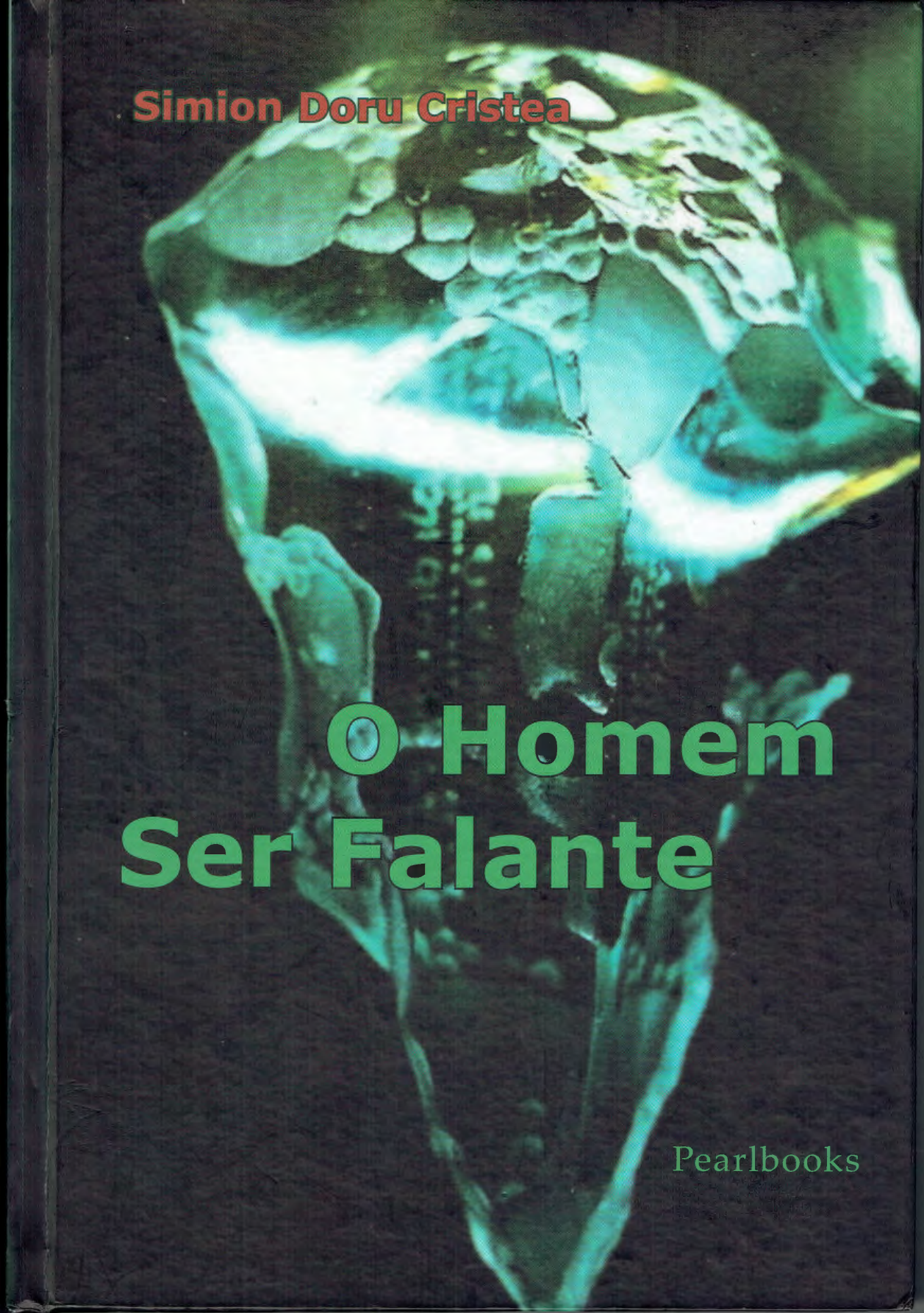
Simion Doru Cristea



O Homem Ser Falante

Pearlbooks

Simion Doru Cristea

O HOMEM SER FALANTE

Energueia em Eugenio Coseriu

Pearlbooks

Lisboa

Dezembro 2013

Título
O Homem Ser Falante, Energueia em Eugenio Coseriu
Autor
Simion Doru Cristea
Foto da capa
Escultura em vidro "Silex", de Dan Popovici
Edição
Pearlbooks
Rua Tomás da Anunciação, 145, R/c, 1350-326 Lisboa
1ª edição - Dezembro 2013
Execução Gráfica *Cafilesa - Soluções Gráficas, Lda.*
ISBN 978-989-97328-7-2 Depósito Legal 368714/13

Índice Geral

Agradecimentos 9

INTRODUÇÃO 11
0. ***Eugenio Coseriu e o mundo contemporâneo*** 11
0.1. O corpus teórico coseriano referenciado 12
0.2. A recetividade da obra coseriana 12
1. ***O núcleo conceptual coseriano*** 15
2. ***A energueia da linguagem*** 15
3. ***Criação e visão criativa*** 17
4. ***A teoria epistemológica integral e funcional*** 17
5. ***A metodologia utilizada*** 20
6. ***A estrutura do livro*** 27

Capítulo I. A FILOSOFIA DA LINGUAGEM EM COSERIU 31
1.0. ***A ênfase da teoria coseriana*** 31
1.1. ***Os conceitos de língua e linguagem*** 33
1.2. ***Marcas coserianas na filosofia da linguagem*** 35
1.2.1. Ramificações na filosofia da linguagem 35
1.2.2. A linguagem como energueia 37
1.2.3. A energueia das referências filosóficas 38
1.2.4. O método como energueia 40
1.2.5. Conceitos na perspetiva coseriana 40
1.3. ***Eugenio Coseriu, filósofo da linguagem*** 55
1.3.1. A "linguagem medida" 55
1.3.2. Os perigos e a distinção entre a fala e a língua 58
1.3.3. A distinção entre linguística e filosofia 62
1.3.4. A chave da filosofia da linguagem em Coseriu 69

Capítulo II. A HISTÓRIA DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM EM COSERIU 75
2.1. ***Uma disciplina didática torna-se vocação em Coseriu*** 76
2.1.1. Ágoras académicas 76
2.1.2. Os cursos de história da filosofia da linguagem 78
2.1.3. Tipos de questões 79

2.2. ***A problemática da linguagem na diacronicidade*** 80
2.2.1. As raízes históricas da filosofia da linguagem 80
2.3. ***A valorização coseriana da abertura filosófica grega*** 82
2.3.1. O sistema tripartido de Heraclito 82
2.3.2. A relação φύσει e θέσει em Platão 84
2.3.3. A abertura aristotélica 87
2.3.4. Os estoicos 95
2.4. ***A modernidade do pensamento de Santo Agostinho*** 96
2.5. ***Juan Luis Vives e a "língua viva"*** 100
2.6. ***Wilhelm von Humboldt e a linguística moderna*** 102

Capítulo III. O CONCEITO DE «ENERGUEIA» NO PENSAMENTO FILOSÓFICO DE EUGENIO COSERIU 113
3.1. ***Valências semânticas da «energueia» / «energia»*** 113
3.1.1. Quadro semântico geral 113
3.1.2. O conceito da *energueia* em Coseriu 120
3.2. ***O lugar da «Energueia» no sistema interpretativo coseriano*** 126
3.2.1. *Energueia* como termo e conceito 126
3.2.2. Os valores funcionais da energueia 129
3.2.3. Interpretar a linguagem como energueia 135
3.3. ***A interpretação do conceito de «energueia» através da grelha coseriana*** 137
3.3.1. Substância e substancialidade 137
3.3.2. Humanização do mundo 137
3.3.3. As competências linguísticas 139
3.3.4. Logos semântico 141
3.4. ***Estratégias semânticas da energueia*** 147
3.4.1. Uma possível interpretação poiética 147
3.4.2. O momento diafórico 148
3.4.3. O momento endofórico 148
3.4.4. O momento epifórico. 149

Capítulo IV. ENERGUEIA NA SEMÂNTICA. "FORMA INTERIOR" DA LINGUAGEM 151
4.1. ***Semanticidade e semântica*** 151
4.1.1. A semanticidade da linguagem 152
4.1.2. Semântica estrutural: variante coseriana 153
4.1.3. Semântica e semasiologia 156
4.1.4. A semântica estrutural 158

4.2. ***A atividade cognoscitiva*** 160
4.3. ***Lógica coseriana*** 175
4.4. ***Distinções funcionais coserianas na lógica da linguagem*** 179

Capítulo V. FILOSOFIA DA LINGUAGEM E CULTURA 187
5.0. ***A essência energética da cultura*** 187
5.1. ***Os princípios da filosofia da linguagem como "ciência da cultura"*** 191
5.1.1. O princípio da objetividade 193
5.1.2. O princípio do humanismo 195
5.1.3. O princípio da tradição 198
5.1.4. O Princípio do antidogmatismo 199
5.1.5. O princípio da utilidade pública 201
5.2. ***Criação e linguagem*** 203
5.2.1. A construção do ser humano através da linguagem 206
5.3. ***A energueia na arte*** 207
5.3.1. A constituição do sentido na escultura 208
5.3.2. *Măiastra* 211
5.3.3. A constituição do sentido na música 214
5.4. ***A energueia na vida quotidiana*** 215
5.4.1. A linguagem, a maior revolução da humanidade 217

PERSPETIVAS 219
0. ***A realidade linguística do homem*** 219
0.1. A múltipla abertura 221
1. ***A contínua criação de perspetiva*** 221
2. ***A fala sem palavras*** 223
3. ***O homem - ser cultural*** 223
4. ***O perigo generalizado de interpretar os objetos culturais*** 224
5. ***Vitalização da filosofia*** 225
6. ***A condição e criação da liberdade*** 225
7. ***A construção da referência*** 226
8. ***A energueia torna tudo possível*** 226
9. ***Forças centrípeta e centrífuga da teoria coseriana*** 227
10. ***O tempo e a consciência da energueia*** 227
11. ***A receção da teoria coseriana*** 231

BIBLIOGRAFIA
I. Eugenio Coseriu 235

1. Obras 235
2. Estudos 235
3. Cursos universitários publicados 238
4. Entrevistas 239
5. Traduções 240
II. Estudos e comentários 241
2.1. Publicações em homenagem 241
2.2. Outros estudos e comentários 242
III. Bibliografia secundária 247
Índice onomástico 259
Índice temático 271

Agradecimentos

Os lendários Sísifo e Prometeu emprestam ao homem parte das suas vivências orientadas para a criação repetitiva de cada dia de onde surge algo diferente apreendido como novidade que traz consigo participação e sacrifício. Quando um transpira, o outro inspira.

Na criação deste livro, um grão de areia numa praia académica, juntou-se a bondade e o profissionalismo das pessoas que sempre estiveram à minha volta, manifestando uma disponibilidade sem limites. Um agradecimento sem voz, mas de coração, dirige-se para o académico tomado em discussão: Eugenio Coseriu, de quem tentei esboçar um perfil de pensamento dirigido para o ser humano com uma infinita devoção, onde as ideias se tornam vivências de exílio no convulsivo mundo contemporâneo. Agradeço reconhecidamente os seus juízos filosóficos que abrem caminhos interpretativos para toda a cultura. Na continuação deste registo intelectual e afetivo, agradeço igualmente ao meu Professor Doutor Mircea Borcilă da Universidade "Babeş-Bolyai" de Cluj, Roménia, como primeiro guia nos transparentes caminhos coserianos.

Na unidade junguiana animus/anima na estrutura da minha personalidade, o lado feminino é a Doutora Maria João Coutinho, que me auxiliou na destilação das ideias, a exprimir o meu pensamento em português, no texto afinado, fluente e expressivo deste trabalho. Seguindo a devisa "mais um passo", estimulou-me e apoiou-me, bem sabendo que qualquer caminho começa com um primeiro passo. Sem a sua insistência, não iniciaria o segundo trabalho de doutoramento, não me candidataria a uma bolsa da FCT, tal como não me proporia a integrar a equipa do CLEPUL ou colaborar com diversas entidades culturais portuguesas.

Agradeço ao meu amigo de coração, Prof. Doutor Adelino Cardoso, por todos os nossos encontros peripatéticos, homem admirável de alma e coração, profundo no tratamento filosófico sobre a experiência da subjetividade e sua aplicação na vida prática dos valores de mediação, verdadeiro mestre no "envolvimento do infinito no finito", sempre disponível a apoiar-me na clarificação de vários aspetos filosóficos referenciados por Coseriu. Tendo o seu suporte filosófico, as leituras deste texto transformaram a terra mexida em

terra firme.

Para a aclimatização com a espiritualidade filosófica portuguesa, agradeço aos Profs. Doutores Paulo Borges e Renato Epifânio, e ao escritor Mestre Miguel Real que me abriram as portas do fenómeno cultural mundial que é Agostinho da Silva e da sua contemporaneidade.

Estou profundamente grato aos Professores Doutores Leonel Ribeiro dos Santos e Carlos João Correia que aceitaram a difícil tarefa de orientar este trabalho. Os Senhores Professores consideraram oportuno e necessário um trabalho académico sobre o Professor Eugenio Coseriu, que apresenta uma posição própria na história do pensamento filosófico contemporâneo, problematizando mais situações do senso comum do que problemas metafísicos, trocando o principio da causalidade pelo da finalidade humana, manifestando a persistência em dissecar qualquer pormenor em vários conteúdos semânticos, tentando dissolver a consistência substantiva do nosso mundo em processo não de evolução, mas de criação. Sempre beneficiei dos seus conselhos na orientação e elaboração desta tese no intuito de transmitir, da melhor forma possível, a mensagem coseriana. As suas sugestões foram constantemente oportunas e perspicazes.

Ao Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL) e muito em especial à sua Direção, a minha profunda gratidão pelo sempre pronto auxílio, conselho e promoção da teoria coseriana, culminando com o total apoio na publicação deste livro.

Finalmente, os meus agradecimentos vão para FCT, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, cujo apoio financeiro foi vital para a realização desta tese através da Bolsa de Doutoramento que me foi concedida.

Introdução

0. Eugenio Coseriu e o mundo contemporâneo. 0.1. Delimitação do corpus textual. 0.2. A receção da obra coseriana. **1**. O núcleo conceptual coseriano. **2**. A energueia da linguagem. **3**. Criação e visão criativa. **4**. A teoria epistemológica integral e funcional. **5**. Metodologia utilizada. **6**. A estrutura do livro.

O objetivo deste trabalho é a identificação dos parâmetros constitutivos do conceito de energueia, a sua reconfiguração semântica e o seu lugar no pensamento filosófico de Eugenio Coseriu.

A concretização deste objetivo levanta as seguintes questões: 1) Como se define o conceito de energueia em Coseriu e qual é a sua relação com a linguagem? 2) Como interpreta Coseriu, em geral e em particular, a relação entre pensamento e linguagem através da energueia? 3) Qual é a essência da energueia e a energueidade da linguagem na visão coseriana? 4) Em que medida se pode falar sobre a existência/inexistência duma relação viável entre este conceito, a metodologia e a novidade da teoria coseriana? 5) Qual é, na conceção coseriana, o funcionamento deste conceito na deontologia da cultura?

0. A questão da linguagem é fulcral para a autocompreensão do humano e para a determinação do caráter fundamental do ser. Ao contrário da visão materialista e positivista que enforma a inteligibilidade do mundo contemporâneo e tende a relegar a linguagem para um plano subsidiário do mundo no qual se inscreve a nossa experiência, a linguagem é constituinte do próprio mundo. A certeza da verdade, sem a qual o ser humano não pode realizar plenamente a sua humanidade, deriva da maneira como se constitui a realidade ao nível cognitivo. A escolha do linguista romeno Eugenio Coseriu não tem, sob este aspeto, nada de acidental tal como o enfoque sobre o conceito

de *energueia*, conceito chave para o entendimento do seu pensamento.

> *"Durante muitos séculos, o problema da linguagem foi apenas um problema secundário ou ocasional da filosofia: fez-se filosofia com a linguagem, mas nunca sobre a linguagem."*[1]

O seu trabalho inscreve-se numa conceção antropológica num período em que a linguagem se torna objeto de estudo não só para os filósofos, mas também para os cientistas, investigando-se em pormenor aspetos psicológicos, fisiológicos, culturais, sociais desta complexa realidade. O discurso diversificado sobre a linguagem e as referências tangenciais feitas em tempos por vários pensadores e cientistas constituem um filão de análise para Coseriu.

0.1. A obra de Eugenio Coseriu apresenta uma coerência discursiva na sua teoria de criação contínua da linguagem que torna inteligíveis os constituintes permanentes da condição humana.

Do seu extenso *corpus* textual tomamos como quadro teórico referencial ao conceito em estudo, energueia, os textos: *O homem e a sua linguagem*[2], *A linguagem e a compreensão da existência do homem atual*[3], *A criação metafórica na linguagem*[4], *Lógica da linguagem e a lógica da gramática*[5].

0.2. Comparativamente com outros filósofos da linguagem, a obra de Eugenio Coseriu conta com poucas abordagens hermenêuticas que evidenciem a importância funcional dos conceitos filosóficos por ele utilizados, especialmente o conceito de energueia. Kurt Baldinger[6] levanta

---

[1] Eugenio COSERIU, "A linguagem e a compreensão da existência do homem atual", *O homem e a sua linguagem. Estudos de teoria e metodologia linguística*, trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira, Rio de Janeiro, Presença, 1982, p. 45.

[2] Idem, "Der Mensch und seine Sprache", in H. HAAG e F. P. MÖHRES (Eds.), *Ursprung und Wesen des Menschen* (Ringvorlesung gehalten an der Universität Tübingen im Sommersemester 1966), Tübingen, 1967, pp. 67-79.

[3] Idem, „Das Phänomen der Sprache und das Daseinsverständnis des heutigen Menschen", in *Die pädagogische Provinz*, Frankfurt am Main, Hirschgraben Verlag, 1967, nº 1-2, pp. 11-28, trabalho apresentado num simpósio realizado em Regensburg, de 19 a 23 de setembro de 1966 sobre *Das Selbstverständnis der moderne Menschen*.

[4] Idem, *La creación metafórica en el lenguaje*, Montevideo, 1956, reimprimido na *Revista Nacional*, Montevideo, 187, pp. 82-109.

[5] Idem, "Logique du langage et logique de la grammaire", in Jean David e Robert Martin (eds.), *Modèles logiques et Niveau d'Analyse Linguistique*, Colloque organisé par le Centre d'Analyse syntaxique de l'Université de Metz (7-9 novembre 1974), Paris, 1976, Librairie Klinksieck, pp. 15-30 e discussões 31-33.

[6] Kurt BALDINGER, *Teoria semántica. Hacia una semántica moderna*, Madrid, Ediciones Alcalá, 1970. O autor insiste na apresentação da teoria semântica de Coseriu

o problema da legitimidade duma semântica "moderna" que inclui no seu contexto igualmente a semântica coseriana. António Vilarnovo Caamaño[7], no seu trabalho monográfico sobre a lógica e linguagem em Coseriu, identifica o conceito de energueia como estrato fundador da semântica coseriana. Poucos assumem e aplicam a teoria coseriana, passando do nível descritivo interpretativo para a sua aplicação, como o fazem parcialmente Josef Simon[8], que não apenas menciona a interpretação linguística coseriana na teoria estruturalista da linguagem, mas mantém a grelha de interpretação coseriana na apresentação da teoria dos atos de fala de Austin ou, totalmente, Mircea Borcilă[9] nos seus estudos, onde interpreta a obra coseriana numa perspetiva poética, relacionando a metáfora da linguagem com a metáfora da cultura que preenche o "espaço alveolar" vagamente delineado. Este último, um coseriano convicto, fundou na cidade de Cluj-Napoca, Roménia, uma escola do integralismo linguístico[10].

---

que opera uma interpretação não só sintática mas paradigmática. Para este autor, a teoria coseriana é a única que consegue unir ou anular os planos teóricos restritivos (p.17). No capítulo quatro "Realidade e objeto mental" (52-57), o autor segue as ideias de Coseriu onde trata "*a determinação do objeto mental na linguagem científica*", citando-o em inúmeras páginas do seu estudo: "O fenómeno da linguagem e a compreensão do homem atual" (pp. 97-99).

[7] António VILARNOVO CAAMAÑO, *Lógica y lenguaje en Eugenio Coseriu*, Madrid, Editorial Gredos, 1993. O autor explica o pensamento coseriano através das relações entre lógica e linguagem manifestas no modo como os homens criam e utilizam a linguagem, distinguindo o lógico da linguagem do lógico da lógica, constituída quer como reflexão filosófica, quer como estrutura interpretativa e cognitiva constitutiva de cada área de análise da linguagem.

[8] Josef SIMON, *Filosofia da linguagem*, Lisboa: Edições 70, 1990, pp. 196-201.

[9] Mircea BORCILĂ, "Între Blaga şi Coşeriu. De la metaforica limbajului la o poetică a culturii", in *Revista de filosofie*, XLIV, 1997, nr. 1-2, pp. 147-163. Idem, "Repere pentru o situare a poeticii culturii", in *Meridian Blaga. Comunicări prezentate la simpozioanele ştiinţifice anuale (1996-1999)*, Casa Cărţii de Ştiinţă, Cluj, 2000, pp. 22-37.

[10] O significado do integralismo linguístico recobre uma ciência epistemológica linguística totalmente distinta da linguística "empírica", fundamentando uma conceção filosófica sobre a linguagem humana explicada através de todas as suas manifestações funcionais, entendendo a linguagem, em primeiro lugar, como energueia e reconhecendo nela a sua essência criativa. Neste sentido, o integralismo linguístico inscreve-se nas ciências humanas como um fator importante na realização dos desiderados como a unificação, a convergência do discurso humanista num "*novo humanismo*", uma projeção transdisciplinar nos estudos culturais. Cf. Mircea BORCILĂ, "Despre contextul atual şi perspectivele integralismului", texto apresentado como palestra inaugural na abertura do ano letivo 2005-2006 na Faculdade de Letras da Universidade „Babeş-Bolyai" de Cluj-Napoca, *Limba română. Revistă de ştiinţă şi cultură*, Chişinău, 2006, pp. 43-44.

O seu reconhecimento mundial ultrapassou alguns limites e preconceitos como: separar o autor da sua obra, a relação periferia / centro, tendo em vista a sua origem romena ligada às convulsões de reconfiguração territorial (Roménia – URSS – República Moldova), ou esquecer o seu entusiasmo juvenil numa época de afirmação do sentimento nacional numa manifestação extrema[11].

Coseriu conheceu diretamente as realidades diatópicas, diastráticas e diafásicas[12] da Europa na guerra e no pós-guerra, da América Latina, tal como doutras regiões do mundo, cada uma enriquecendo o seu horizonte cultural, presente no palimpsesto da sua obra. O homem situa-se sempre no centro do seu discurso filosófico.

---

[11] Veja-se Eugenio COSERIU, Johannes KABATEK, Adolfo MURGUÍA, *»Die Sachen Sagen, Wie Sie Sind...« – Eugenio Coseriu im Gesprach*, Tübingen, Günter Narr, 1997. Coseriu aborda o problema do nacionalismo e do patriotismo distinguindo três tipos que correspondem às etapas por ele vividas:

"*Erstens, der naive und unreflektierte, primitive Nationalismus. Bei dieser Form behauptet man die Interessen, die Rechte, die Werte und die Kultur der eingenen Nation und verkennt die Interessen, Rechte und Werte anderer Nationen, vor allem der benachbarten; und man leugnet auch die Kultur der anderen, ohne sie zu kennen.*

Zweitens, der reflektierte, taktische Nationalismus, bei dem man immer noch die Werte und Vorzüge der eigenen Nation behauptet, gleichzeitig aber auch die Interessen und Werte der anderen wharnimmet und z.B. für das harmonische Zusammenleben verschieden Traditionen, Sitten und Kulturen eintritt.

Drittens, der kritisch-dynamische Nationalismus, bei dem man auch gegenüber den Vorzügen der eigenen Nation skeptisch und kritisch wird." [O primeiro tipo é representado por um *nacionalismo ingénuo* e não reflexivo que afirma os interesses, os direitos, os valores e cultura duma nação, descuidando as outras nações, especialmente os povos vizinhos, negando mesmo a sua cultura por eles desconhecida. O segundo tipo é um *nacionalismo reflexivo*, tático, que promove ainda os valores e as preferências da própria nação, mas ao mesmo tempo são aceitas os interesses e os valores de outras e, como tal, defende a coexistência harmoniosa de diferentes tradições, costumes e culturas. O terceiro tipo é um *nacionalismo crítico*, dinâmico onde as preferências da própria nação são abordadas cética e criticamente.] pp. 27-28.

[12] "*La «técnica sincrónica del discurso» correspondiente a una lengua histórica no es nunca una técnica unitaria. Se registran, en efecto, en tal técnica, tres tipos de diferencias internas, que pueden ser más o menos profundas: diferencias en el espacio geográfico o diferencias diatópicas; diferencias entre los estratos socio-culturales de la comunidad lingüística o diferencias diastráticas, y diferencias entre los tipos de modalidad expresiva o diferencias diafásicas (los primeros términos los tomamos de L. Flydal, «Remarques sur certains rapports entre le style et l'état de langue», Norsk Tidsskrift for Sprogvidenskap, Oslo, 16, 1951, pp. 240-257, y añadimos el tercero).*" Eugenio COSERIU, "Introducción al estudio estructural del léxico", *Principios de semántica estructural*, Madrid, Gredos, 1977, p. 118.

1. O núcleo conceptual coseriano

O contributo coseriano revela-se-nos como um exercício interpretativo da dimensão formativa primária da linguagem, da importância e do seu papel no contínuo repensar do nosso mundo a vários níveis: *filosóficos*: universal, histórico e individual[13], de *estruturação* duma língua como: fala, norma, sistema e tipo linguístico[14] e de *conteúdo semântico* distinto: designação, significado e sentido[15]. Insiste sobre a criação complexa do sujeito através da linguagem, considerando o lado invisível do mundo mais importante que o material, sendo exatamente aquele que dá consistência às existências materiais.

Coseriu releva o primado da dimensão histórico-cultural em face da componente biológica do ser humano.

2. A energueia da linguagem

Aristóteles abre uma linha do pensamento filosófico do ser sob duas espécies, como «ser em potência» (*δυνάμει*) e «ser em ato» (*ἐνέργειᾳ*)[16],

---

[13] Eugenio COSERIU, "Competența lingvistică", *Prelegeri și conferințe (1992-1993)*, Iași, Universitatea "Al Ioan Cuza", 1994, p. 31 segue os graus: linguagem – línguas – discurso, do nível geral e abstrato ao nível concreto.

[14] "*Na técnica aplicada do falante na fala, tem que se distinguir um nível da norma, a norma de realização, com ou sem funcionalidade, indiferentemente da funcionalidade e por outro lado, um nível do sistema, um nível das oposições funcionais das diferenças existentes numa língua tanto no léxico, no vocabulário, como na gramática.* [...] *Um nível mais alto que o nível do sistema é o nível do tipo linguístico, o nível dos princípios de estruturação numa língua.*" Idem, "Arhitectura și structura limbii", *Prelegeri și conferințe...*, p. 48.

[15] "*La primera distinción que debe hacerse – si se prescinde de la llamada significación «asociativa», o «evocación», que contribuye sobre todo a la constitución del «sentido» - es la distinción entre designación, significado y sentido.*" Idem, "Semántica y gramática", *Gramática, semántica, universales. Estudios de lingüística funcional*, Madrid, Editorial Gredos, 1978, p. 135.

[16] "*Conquanto Aristóteles não tenha feito nos Tópicos nenhuma descrição elaborada da sua conceção do «ser» como suscetível de ser considerado sob duas modalidades, a de «ser em potência» (δυνάμει) e a de «ser em ato» (ἐνέργειᾳ), não podemos negar que, quando os redigiu, já tinha delineada no espírito essa conceção, como podemos verificar em Tópicos 146b13-19.*" J. A. Segurado e CAMPOS, "Introdução", in ARISTÓTELES, *Tópicos*, trad., introd. e notas de J. A. Segurado e Campos, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa – Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2007, pp. 184-185.

ligando-as à linguagem[17]. Humboldt[18] utiliza o conceito aristotélico de energueia para acentuar a sua visão criativa da linguagem considerada como essencial. Para Coseriu, a energueia da linguagem apresenta-se como atividade espiritual criativa complexa, refletindo-se poliedricamente sobre ela própria, como realidade necessária para a existência humana, tal como sobre o sujeito criador humano e sobre a criação do nosso mundo como um mundo interno, semântico, em conexão e revelação da alteridade do homem. A linguagem é sempre recriada, princípio no qual o pensamento cria o seu próprio ambiente de manifestação e contínuo acréscimo. Na continuação desta linha de pensamento, é necessário corrigir o nosso saber geral: uma língua não se transmite como um produto material, não tem existência limitada de instrumento de comunicação, mas, como processo, é recriada por cada falante. A partir desta base e mantendo o seu caráter criativo, a língua concretiza tudo o que significa o quadro espiritual do ser humano, a sua consciência, a sua razão e sentimentos, relações com o ambiente natural e social e, em geral, o seu conhecimento básico das coisas. Neste rumo cognitivo de "dentro" do sujeito cognoscente para "fora", para a realidade dos objetos e a realidade experiencial, o mundo material situa-se no percurso desta atividade da linguagem como um alvo, ponto de chegada entre tantos outros e não de partida.

> "*As categorias psicológicas não pertencem propriamente à linguagem, mas ao sentimento do falante acerca da linguagem. Não se referem ao que se diz nas palavras, mas ao que se diz com as palavras (para o falante) e o que se diz pelas palavras (para o ouvinte)*"[19].

Coseriu repensa a essência do "ser" e dos seus correlativos "não-ser" ou "poder ser" na linguagem, sempre ao nosso alcance e fazendo parte da vivência quotidiana.

---

[17] "*Deve verificar-se também se o termo relativo enunciado é uma «geração» ou um «ato», pois, nenhuma destas coisas pode ser tomada como «finalidade», «ter agido», ou «ter gerado» serão mais adequados como finalidade do que «estar a gerar» ou «estar a agir»*." ARISTÓTELES, *Tópicos*..., "Livro VI", 146b, 19, p. 427.

[18] "*Sie selbst ist kein Werk (Ergon), sondern eine Tätigkeit (Energeia)*" [Ela própria (a língua) não é um produto (érgon), mas uma atividade (energueia)] Wilhelm von HUMBOLDT, „Einleitung zum Kawi-Werk" (Form der Sprachen), *Schriften zur Sprache*, Stuttgart, Philipp Reclam jun., 1995, p. 36.

[19] "*Las categorías psicológicas no pertenecen propiamente al lenguaje, sino al sentimiento del hablante acerca del lenguaje. No se refieren a lo dicho en las palabras, sino a lo dicho con las palabras (para el hablante) y a lo dicho por las palabras (para el oyente)*". Idem, "Sobre las categorías verbales", *Gramática, semántica, universales*, Madrid, Gredos, 1978, p. 75.

Assumindo esta condição filosófica, orienta o seu discurso para os elementos mais evidentes que nos circundam, considerados como já entendidos, uma "zona" julgada pelos estudiosos como a condição "normal" ou "natural" do ser humano.

3. Criação e visão criativa

Na perspetiva coseriana, a "mudança" contínua das ideias situa-se ao nível das aparências e não da essência dos fenómenos. Quando se tem em vista a criação, entende-se que não se troca uma ideia por outra, sistemas filosóficos, correntes de ideias numa ordem lógica, progressiva e evolutiva do simples para o complexo, como se ilustra em várias sínteses didáticas. A "mudança" reconhecida na manifestação material das coisas concretas e finitas é apenas um determinado momento no processo de criação. Na sua essência, a mudança não é mais uma "mudança", mas uma etapa no ato de criação, com uma determinada finalidade. O fato de se utilizar um objeto em lugar de outro não é "mudança". A energueia é contínua e manifesta-se em todos os níveis da realidade humana. Tal como em outros domínios da cultura, cada obra filosófica ultrapassa o momento diacrónico ao qual o autor pertence e determina o ser em coordenadas próprias, fora do tempo e espaço físicos. O cronotopo[20] não é uma condição externa, mas um quadro autorreferencial.

4. A teoria epistemológica integral e funcional

No século XX, a explosão científica e técnica criou um enorme impacto civilizacional ao nível teórico, religioso e filosófico. A dispersão, a relatividade e a vulnerabilidade do ser com as suas correlativas positivas de concentração, absolutização e invulnerabilidade, levaram alguns pensadores a tomar como um desafio a criação duma teoria das teorias, através da qual se explique a possibilidade de existência de qualquer teoria, e que, na sua coerência do discurso, possa reunir afirmações axiomáticas ou com valor empírico sobre os aspetos da existência, construídas em várias formas, mesmo opostas, e em diferentes registos de discurso.

---

[20] Veja-se Cesare SEGRE, *Cronòtopo*, in *Logos Semantikos. Studia Linguistica in honorem Eugenio Coseriu*, Madrid, Gredos, vol. 1, 1981, pp. 157-164. O autor menciona como criador deste conceito o físico H. Minkovski (1908) e diversas aceções do mesmo em diversos autores. Na teoria da literatura M. M. Bakhtine utiliza este conceito como a unidade temporal e espacial construída através de palavras numa obra literária, como um mundo criado pelo autor - Mikhaïl Bakhtine, *Esthétique et théorie du roman*, Paris, Gallimard, 1978, pp. 237-238, passim: pp. 237-398.

Uma tal teoria permitiria relacionar frutuosamente na filosofia a metafísica com a dialética, a fenomenologia, o existencialismo e outras posições, tal como nas ciências todas as interpretações científicas divergentes, ou, na vida individual e social, todos os sistemas religiosos, políticos e económicos. O sistema interpretativo coseriano, com a sua teoria epistemológica integral e funcional, responde a este desafio, permitindo, ao nível da infra-estrutura semântica das teorias existentes, analisar a estruturação do sentido sem extrapolar o objeto de estudo ou submeter o discurso ao princípio positivista e empirista de edificabilidade da verdade[21], como encontramos nos textos de alguns filósofos da linguagem.

Para Coseriu, a realidade material e objetiva do mundo constrói-se através da linguagem como realidade com conteúdo semântico, onde a designação

[21] John SKORUPSKI, "Meaning, use, verification", in Bob HALE and Crispin WRIGHT, *A Companion to the Philosophy of Language*, Oxford, Blackwell, 1999, pp. 29-48. O enunciado de Wittgenstein "*entender uma palavra é saber como se usa*" (p. 29) é uma condição não verdadeira e não suficiente, pois reduz a linguagem ao seu uso. Na sua diversidade, o uso linguístico ilustra a língua funcional, visando tanto a técnica da fala numa língua como as situações concretas de cada discurso numa variedade de criações possíveis. Na interpretação coseriana, o plano do uso, o plano dos objetos designados e o plano do significado são distintos. A teoria sobre "The meaning-rules", definidas como regras de uso no sentido de "fazer coisas com palavras" continua a ideia de John Langshaw AUSTIN, *How to do things with words*, Oxford, Oxford University Press, 1980, 2ª ed. Ao tratar o uso linguístico, Coseriu distingue três tipos de competências (técnicas de uso e do conhecimento): locucional, idiomática e expressiva. Os exemplos dados e a explicação de John Skorupsky limitam-se à competência idiomática do modelo coseriano. A conceção epistémica do significado proposta pelo autor mostra o que seria o significado do ponto de vista formal, enquanto para Coseriu esta conceção está em íntima relação com a teoria sobre os conteúdos semânticos da linguagem. Fórmulas matemáticas utilizadas na demonstração da condição da verdade interpretadas numa perspetiva do significado não são exatas. A maioria dos estudiosos da lógica da língua fala de significado (unidade semântica da língua) onde de fato existe sentido (unidade semântica do discurso), como, por exemplo, o sentido do enunciado: "S is true in L if and only if p". Esta fórmula lógica é perfeitamente entendível ao nível formal da álgebra e da lógica como ciências. Para a linguagem, esta fórmula liga-se à criatividade num determinado domínio da ciência e não às condições de verdade que podem seguir dois caminhos, qualquer um incompatível com a demonstração dada: 1) apelar às intuições da língua materna como conhecimento linguístico básico, exclusivamente limitado à língua histórica 2) conhecimento extralinguístico, que utiliza palavras, mas exclui o caminho acima referido, seguindo, quer o caminho da experiência da vida, quer vários domínios das ciências exatas. No exemplo "*2 + 2 = 4 is true in English if and only if 3 + 3 = 6*" (p. 35) a relação não tem nenhuma correlação com o nível linguístico, mas sim com o matemático; o erro consta em identificar a linguagem funcional matemática com a linguagem comum.

tem a sua qualidade intrínseca de elemento do pensamento ativo no ato de pensar, construindo a representação, as relações e a fixação do "mundo" na nossa mente, como mundo pensado.

O sintagma de "mundo palpável" ou "mundo visível" não reflete a realidade do mundo como se pensa usualmente, porque as sensações apenas oferecem dados primários para o processo mental semântico. O homem não só sente a dor, mas inscreve o significado de "dor" num processo, criando várias conexões semânticas com sentido que tornam uma sensação em algo que não é mais dor, mas sim uma realidade construída através da experiência da vida numa "memória sensual" de conteúdo semântico, enquanto que para o animal a dor é vivida exclusivamente ao nível físico.

Aparentemente, uma teoria das teorias estaria mais próxima da ciência do que da filosofia, uma vez que une a análise com a síntese no esclarecimento de qualquer pormenor na sua especificidade. Igualmente esta, oferecendo-nos a possibilidade de tudo interpretar, parece conduzir-nos para o super-homem nietzschiano[22], ou "homem-ranhura" do poeta romeno Nichita Stănescu na sua décima primeira elegia dedicada a Georg Wilhelm Friedrich Hegel[23]. Ao contrário das nossas expectativas científicas, Coseriu tem como objetivo no seu discurso a libertação do ser humano do multimilenar pensamento objectual. Na segunda metade do século passado, circunscrevendo toda a problemática da linguagem verbal, a sua obra recupera a tradição do pensamento sobre a linguagem e valoriza o que Aristóteles designava por "*lógos semantikós*"[24],

[22] Friederich NIETZSCHE, *Assim falava Zaratustra*, Lisboa, Guimarães Editores, 2000, 12ª edição. "*Homens superiores – assim falava a população piscando os olhos – não há Homens superiores, somos todos iguais. O Homem é apenas um homem – diante de Deus somos todos iguais! Diante de Deus! Mas esse Deus morreu.*" pp.332-333. "*Ressuscitastes depois de ele jazer no sepulcro. É agora enfim que vai luzir o grande Meio-Dia, que o Homem superior se vai tornar – o Senhor!*" p. 333.

[23] Nichita STĂNESCU, *11 elegii*, Bucureşti, Editura Tineretului, 1966. "*Não se sabe quem come quem. / O homem ranhura lança grandes pirâmides, / do vazio / para os grandes desertos. // Ele aproxima-se, aproxima-se. / Encontra a esfera / e tem a visão do ar / e dos sentidos*". Nichita STĂNESCU poema "Omul fantă", [ciclo 11 elegii] in *Necuvintele*, Bucureşti, Editura Curtea Veche, 2009, p. 123. "*A retina do homem ranhura está colada / à retina das coisas. Vêm-se juntas, simultaneamente, / uma à outra / umas às outras / outras a outras. / Não se sabe quem vê quem*" *Ibidem*, p. 125.

[24] "*Já Aristóteles mostrou que a linguagem como tal, o «logos semântico» (λόγος σημαντικός), é anterior à linguagem que afirma ou nega algo acerca de algo, ao «logos proposicional» (λόγος ἀποφαντικός). Na linguagem como tal, segundo Aristóteles, não ocorre ainda a distinção entre existência e inexistência, nem a distinção entre verdade e mentira, que só se apresentam na «proposição» (ou «juízo ou seja, naquele logos que converte as relações linguísticas em relações «objetivas» (concernentes às «coisas» designadas). Assim pois, a linguagem proposicional, o λόγος αποφαντικός*

respetivamente a função significativa da linguagem.

Na sua teoria global da manifestação humana através da linguagem, sequencia o processo criativo nos discursos. A linguagem é atividade e meio de construção semântica. Analisando diferentes textos, destaca claramente o conhecimento linguístico antepredicativo[25], no sentido em que pertence à língua materna e não ao plano sensorial, de conhecimento empírico, de vivência do sujeito humano e de vínculo proposicional específico a um determinado tipo de discursividade cuja finalidade visa o nível reflexivo do conhecimento, onde se opera a distinção entre essencial e não essencial, se estabelecem os princípios e as categorias filosóficas, tal como os valores éticos ou considerações estéticas.

5. A metodologia utilizada

Seguimos uma via sistemático-explicativa na focalização do conteúdo, das relações e da funcionalidade ontológicas e cognitivas do conceito de *energueia* nos textos de Eugenio Coseriu. Operamos a distinção necessária da energueia entre a manifestação linguística do homem, a interpretação linguística da energueia a partir do lado material da expressão, respeitando os princípios estruturais e a reflexão filosófica sobre o conceito que localiza e fixa o pensamento na linguagem.

Para evitar a "dissolução" e a "destruição" da sua teoria reduzindo-a a érgon

---

é, sem dúvida, «linguagem», λόγος σεμαντικός, mas não linguagem simplesmente, e sim linguagem com uma determinação ulterior." Eugenio COSERIU, *O homem e a sua linguagem. Estudos de teoria e metodologia linguística*, trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira, Rio de Janeiro, Presença, 1982, p. 24.

[25] "*El reconocer algo como algo, el decir, aun tacitamente, x es a (por ejemplo, «este es una tragédia») implica un «conocimiento antepredicativo», una intuición del ser del objeto que «clasificamos»*." Eugenio COSERIU, "El antipositivismo", *Leciones de lingüística general, Madrid*, Gredos, 1981, p. 54. O conceito "antepredicativo" utilizado por Coseriu respeita a sua conceção sobre a linguagem e ilustra a manifestação de energueia. O "reconhecer algo" significa um conhecimento anterior e o termo "antepredicativo" não se encontra direcionado fora da linguagem onde não existe predicado. A criação *ex nihilo*, similar à situação divina, não é própria do ser humano. O conceito "antepredicativo" visa o conhecimento advido da linguagem materna. O conhecimento predicativo é um conhecimento lógico, construído em vários domínios, já que o predicado é o segundo termo do sintagma mais estável, a oração simples. Assim, tem-se um conhecimento antepredicativo dentro da linguagem como cultura primária, e um conhecimento predicativo especializado construído através de afirmações, operando distinções entre existência e inexistência, bem e mal, belo e feio, tal como para outros conceitos.

e sabendo-se por Coseriu que o ponto de vista cria o objeto, acordamos atenção à maneira de criar, através de referências, menções e aplicações ilustrativas, o objeto de estudo como um dado subjetivo da interpretação, diferente do dado subjetivo do autor, mas orientado para os mesmos objetivos filosóficos. Nesta perspetiva, consideramos que o método mais adequado seja expor a teoria no seu espírito "*antidogmático*" e crítico, que repensa as premissas, a metodologia e as finalidades das teorias sobre a linguagem. Mais uma vez, se evidencia a unicidade de cada sujeito e discurso, ao manter-se uma distância reflexiva necessária entre o método coseriano e o nosso que se apresenta como descritivo, interpretativo e valorativo. Consideramos importante ilustrar as valências reais da originalidade do método coseriano e aproveitá-las, tanto no sentido de promovê-las, como de verificar a sua verdade como funcionalidade real da linguagem nos saberes empírico e teórico. Embora não empreguemos nenhuma das várias denominações descritivas ou concetuais criadas para o seu método crítico, é importante apresentá-las. O "*método aristocrático*"[26] anula a oposição concreto / abstrato, num percurso que se inicia com o fato concreto, seguido pelo momento teórico de "*abstração abstrativa*" para voltar ao concreto.

Uma outra denominação é a de "*realismo linguístico*"[27] explicado através

[26] "*Ao comentarmos esta obra* [Sistema, Norma y Habla], *fizemos notar a influência do «método aristocrático» sobre o desenvolvimento ideológico do autor, observação por ele confirmada posteriormente.*

Com efeito, para Coseriu «a linguística» mais do que as outras ciências, pela natureza mesma do seu objetivo, deve mover-se constantemente entre os dois pólos opostos do concreto e do abstrato: subir da comprovação empírica dos fenómenos concretos à abstração abstrativa. E acentua: «O importante é que não se conforme com a abstração e não se fique nela, porque a intima compreensão da realidade da linguagem só se poderá alcançar nesse terceiro momento da volta ao concreto»" Florival SERAINE, "Um pensador da linguagem" [Eugenio Coseriu], in *Revista de Portugal, Série A, 'Língua Portuguesa'*, Lisboa, 1960 vol. XXV, p. 28.

[27] Demetrio COPCEAG, "El «realismo lingüístico» o doctrina de Eugenio Coseriu" in Horst GECKELER, Brigitte SCHLIEBEN-LANGE, Jürgen TRABANT, Harald WEYDT eds., *Logos semantikos. Studia Linguistica in honorem Eugenio Coseriu* (1921-1981), Madrid & Berlin & New York, Editorial Gredos & Walter de Gruyer, 1981, vol. 2, pp. 7-18. O autor criou esta denominação, contrapondo ao "funcionalismo linguístico" que se mostrava limitado. "*propongo como adecuada para designar la doctrina de Eugenio Coseriu la denominación de* realismo lingüístico. *De ser aceptada, esta denominación se añadiría al* «positivismo lingüístico», *al* «idealismo lingüístico», *al* «estructuralismo», «pragmatismo», «transformalismo» *y otras tantas, ya consagradas por el uso. «Realismo» no en alguno de los sentidos especiales que tiene esta palabra en la terminología filosófica – aludo en primer lugar a la conocida distinción entre realismo y nominalismo – sino en su acepción más común y*

da "*visão integral do fenómeno linguístico*"[28], da "*concordância*" entre a teoria criada por Coseriu e os fatos linguísticos e culturais em todas as ciências humanas, sem perder de vista o pormenor concreto, a linguagem na sua realidade viva e manifestações quotidianas, "*fundamentando o abstrato no concreto e interpretando os fatos concretos à luz das abstrações*"[29]. O que pode ser mais realista do que uma teoria que justifica as irregularidades? questiona o autor[30]. Um outro traço metodológico da obra coseriana que destaca a sua teoria de outras é "*a denúncia da miragem*"[31] na desmontagem dos mitos, mostrando como os intelectuais vivem as modas culturais e repetem afirmações (no sentido que recriam automaticamente) sem uma análise crítica, e por tal, atribuem frequentemente a paternidade dum conceito às personalidades mais conhecidas que o utilizaram na sua teoria: por exemplo o conceito de "arbitrário" existia desde a Antiguidade[32]. A parte mais evidente do "realismo" seria as aplicações práticas[33] desta teoria. Uma outra denominação utilizada é a de "*descrição dinâmica*"[34] da realidade complexa da linguagem onde o sistemático coincide com o cultural, o social e o histórico[35], tendo em vista o fato que a grelha de leitura coseriana oferece a possibilidade de distinguir pelo menos nove elementos, ultrapassando assim as antinomias teóricas e não reais entre sincronia e diacronia, entre teoria e prática. O seu método foi

---

corriente: «sentido de la realidad [cf. Lalande, *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*, Paris, 1967. – *Réalisme... sens de la réalité (par opposition ou verbalisme, à l'abus des abstractions, ou encore à la chière*]; *actitud intelectual o artística, modo de pensar, de sentir, de ver el mundo, conforme a la realidad»*" *Ibidem*, p. 8.

[28] *Ibidem*, p. 9.

[29] *Ibidem*, p. 10.

[30] *Ibidem*, p. 12.

[31] "*La denuncia del espejismo*", *Ibidem*, p. 14.

[32] Eugenio COSERIU, "L'arbitraire du signe. Sobre la historia tardía e un concepto aristotélico", *Tradición y novedad en la ciencia del lenguaje, Estudios de historia de la lingüística*, Madrid, Editorial Gredos, 1977, pp. 13-61.

[33] Demetrio COPCEAG, "El «realismo lingüístico»" *art. cit.*, p. 16. "*Scientia, quo magis theorica, magis practica*" – "*a ciência quanto mais teórica, mais prática*" Moto leibniziano empregue como base para o seu estudo: Idem, "Sobre la enseñanza del idioma nacional. Problemas, propuestas y perspetivas" in *Philologica* (Festschrift Antonio Llorente), II, Salamanca, pp. 33-37.

[34] José María BERNARDO, *La construcción de la lingüística. Un debate epistemológico*, València, Universitat de València, 1995, p. 180.

[35] "*Se desprende de lo dicho que en la lengua real coinciden lo sistemático, lo cultural, lo social y lo histórico (aunque pueden no coincidir los límites de las varias estructuras sistemáticas, culturales, sociales e históricas).*" Eugenio COSERIU, "Lengua abstrata y lengua concreta", *Sincronía, diacronía y historia. El problema del cambio lingüístico*, Montevideo, 1978, 3ª ed., p. 62.

igualmente interpretado como "*pancronismo*"[36], entendido como a superação da teoria e da prática tal como da antinomia sincronia / diacronia. Uma outra qualificação refere-se ao "*ecletismo*" desta conceção[37], que promove um neo-tradicionalismo caracterizado pela *"«coexistência pacífica» da tradição com a modernidade"*[38].

Ultimamente, a denominação mais frequentemente utilizada foi a de "*integralismo linguístico*"[39].

Coseriu exige tratar a linguagem como linguagem, na sua essência que é energueia, sem misturar dados, fatos, teorias com contextos e referências extralinguísticas não apropriadas. A linguagem tomada única e exclusivamente como instrumento gera interpretações superficiais, em termos impróprios, incapazes de apreender a essência do fenómeno linguístico[40].

Coseriu orienta todo o seu discurso lógico para uma continuação platónica de "*dizer as coisas tais quais são*"[41], de dizer a verdade sobre as "coisas" conhecidas, numa primeira instância, através da linguagem comum. Os conceitos utilizados por Coseriu destacam os níveis da essência dos fatos e realidades universais, históricas e individuais.

---

[36] José Maria BERNARDO, *La construción de la lingüística...*, p. 180.

[37] Iorgu IORDAN, "Eugenio Coseriu, Théoricien du langage et historien de la linguistique" in *Logos semantikos. Studia Linguistica in honorem Eugenio Coseriu (1921-1981)...*, vol. 1, pp. 3-6.

[38] "*Une «coexistence pacifique» de la tradition et de la «modernité»*" *Ibidem*, p. 5.

[39] O sétimo capitulo, 2ª parte da obra de Eugenio COSERIU, Johannes KABATEK, Adolfo MURGUÍA, *»Die Sachen Sagen, Wie Sie Sind...« – Eugenio Coseriu im Gespräch...*, intitula-se "linguística geral integral". Mencionam-se alguns estudos sobre Coseriu: Flora ŞUTEU, "Eugenio Coseriu – o viziune integratoare asupra lingvisticii", in *Limba română*, XXX, 1981, 4, pp. 311-315; Mircea BORCILĂ, "Eugenio Coseriu şi orizonturile lingvisticii", in *Echinox*, Cluj-Napoca, XX, 1988, nr. 5, pp. 1, 4-5; Klass WILLEMS, "Eugenio Coseriu (1921-2002) Versuch einer Würdigung", in *Leuvense Bijdragen 92*, 2003, cap. 2 "Die «integrale» Sprachwissenschaft", pp. 3-6.

[40] "*Aproximações dos linguistas não especializados, gramáticos empíricos ou linguistas amadores*", Eugenio COSERIU, "General Perspetives", in R. LADO, N. A. MCQUOWN, S. SAPORTA (eds.), *Current Trends in Linguistics*, IV, Iberoamerican and Caribbean Linguistics, Mouton, 1968 p. 6., Dina VÎLCU, "(Im)posibila întoarcere", in *Contrafort. Revista tinerilor scriitori din Republica Moldova*, Chişinău, 2003 (X), nr. 10-11 (supliment *Contrafort*: „Modelul Coşeriu" - mărturii interviuri, anchete, recenzii), pp. 24-25, especialmente as últimas duas partes do seu estudo intituladas: "*Integralismo – um novo caminho para o homem*" (p. 24) e "*O paradoxo do integralismo*" (p. 25); Emma TĂMÂIANU-MORITA, *Integralismul în lingvistica japoneză*, Cluj-Napoca, Clusium, 2002.

[41] Johannes KABATEK e Adolfo Murguía, *»Die Sachen sagen, wie sie sind...« Eugenio Coseriu im Gespräch*, Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1997.

A manifestação complexa, real[42] e concreta da fala arrisca-se a misturar os planos acima mencionados, como é o caso de se confundir os universais da linguagem com os universais da linguística[43], ou "*o plano da teoria e as categorias do plano da descrição com os esquemas que as representam materialmente*"[44]. O percurso das suas exposições é profundamente racional, apolíneo[45], do entendimento do sentido das coisas que se manifestam numa

[42] "*Nous savons que l'élément réel qui est à la base d'une langue, c'est la phrase, la proposition e non pás le mot*", Myron MALKIEL-JIRMOUNSKY, "La langue et la pensée", *Boletim de Filologia*, Lisboa, t. VIII, 1945, p. 59.

[43] "*Los universales lingüísticos deben buscarse en el lenguaje mismo, no fuera de él. No cabe buscarlos en la lingüística, ya que ésta puede ser artificialmente universalista; y no cabe buscarlos en la realidad designada, puesto que la identidad de la realidad está admitida de antemano. Y tampoco cabe buscarlos en un pensamiento concebido de antemano como «universal». Al contrario: es la doctrina del pensamiento la que puede esperar recibir importantes datos de las investigaciones sobre los universales del lenguaje, pues el lenguaje es el λόγος no diferenciado y, por tanto, el λόγος primario, anterior a cualquier otro tipo de λόγος. Añadamos que los universales deben buscarse en las manifestaciones mismas del lenguaje, y no en sus determinaciones externas. En cambio, la justificación de los universales podrá, sí, ser extralingüística: todo el lenguaje es un universal humano cuya justificación no es lingüística.*" Eugenio COSERIU, "Los universales del lenguaje (y los otros)", *Gramática, semántica, universales*..., p. 203.

[44] Afirmação exemplificada "*Otras dificultades se deben al hecho de que no se distinguem con claridad y coherencia los varios planos de abstracción en que se puede considerar el objeto lenguaje. El error principal en que aquí se incurre (y que se debe también a las dos confusiones ya eliminadas) es el de concebir y tratar de definir las categorías verbales como «clases» léxicas, como conjunto a los que pertenecerían «naturalmente» tales y tales palabras del diccionario de una lengua. El error es triple: porque las categorías verbales no son «clases» de palabras; porque las clases que se pueden constituir sobre la base de las categorías no son clases «léxicas»; y porque las categorías no pueden definirse en el plano de la «lengua». La categoría del substantivo no es la clase de los substantivos; esta clase no es una clase del diccionario; y, con respecto a una lengua determinada, no se pueden decir qué es el sustantivo, sino sólo si tiene o no tiene substantivos y, si los tiene, cómo es le esquema formal que les corresponde.*" Idem, "Sobre las categorías verbales («partes de oración»)", *Gramática, semántica, universales*..., pp. 52-53.

[45] "*Diese freudige Nothwendigkeit den Traumerfahrung ist gleichfalls von den Grichen in ihren Apollo ausgedrückt worden: Apollo, als der Gott aller bildnerischen Kräfte, ist zugleich der Wahrsangende Gott. Er, der seiner Wurzel nach der „Schreinende", die Lichtgottheit ist, beherrscht auch den schönen Schein der inneren Phantasie-Welt.*" Friederich NIETZSCHE, "Die Geburt der Tragödie", *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe in 15 Bänden*, Berlin & New York, Walter de Gruyter Verlag, 1980, vol. 1, p. 27. [Esta feliz necessidade do sonho, os Gregos exprimem no seu Apolo: Apolo, o deus das energias que modelam, é ao mesmo tempo o deus dos profetas. O seu nome significa o *Iluminado* e governa igualmente sobre a luz bela do mundo interior da imaginação].

sequência contínua onde os termos intermediários buscam surpreender a manifestação dos fatos.

> "*A teoria no seu sentido primário e genuíno, é apreensão do universal em concreto e nos próprios «fatos». Não há, por consequência, nenhuma distância nem conflito entre «fatos» (ou investigação «empírica») e teoria, uma vez que a teoria e a investigação são duas formas complementares da mesma atividade*"[46].

Aceitando a energueia como processo constitutivo do ser, entende-se a universalidade da atividade criadora humana que tudo cria e recria constantemente, inclusivamente os métodos na investigação de qualquer ciência, pois, para Coseriu estes não são exteriores à linguagem, pelo contrário, surgem através dela e por tal razão fazem parte do conteúdo e manifestação da linguagem. Os métodos não limitam a liberdade de criação. O que parece um entrelaçamento de diversos métodos no seu discurso é, de fato, a abordagem do ato de criação do ponto de vista técnico da potencialidade da *dinamis* na manifestação da energueia da linguagem tendo sempre em vista uma finalidade específica que se concretiza num texto.

Coseriu denomina o seu modo de interpretar a linguagem como "*um método crítico*"[47], no sentido de distinguir os níveis de abstração da linguagem do da abstração das ciências a partir dos pontos de vista da energueia, do dinamis e do ergon. A experiência do abstrato inerente à linguagem enriquece o concreto na única realidade da linguagem, a fala (ou o texto), onde o

---

[46] "*La teoría, en su sentido primario y genuino, es aprehensión de lo universal en lo concreto, en los «hechos» mismos. No hay, por consiguiente, ni distancia ni conflicto entre «hechos» (o investigación «empírica» y teoría, sino que la investigación empírica y la teoría son dos formas complementarias de la misma actividad.*" Idem, "Nota preliminar", *Gramática, semántica, universales*..., p. 10.

[47] Idem, *Lecții de lingvistică generală*, traducere din spaniolă de Eugenia Bojoga, cuvânt înainte de Mircea Borcilă, Chișinău, Editura ARC, 2000, p. VIII. Trad. nossa: "*Na edição espanhola das* Lições da linguística geral, *mencionei em prefácio que dedico o livro à memória dos três grandes mestres que foram: Givanni Maver, professor de Eslavistica em Roma, Antonino Pagliaro, professor de Linguística também em Roma e António Banfi, professor de Filosofia em Milão. Mas, neste prefácio especifico que o que eu recebi deles não foi a informação, mas a formação intelectual e a educação crítica abertas e o considerar qualquer tipo de teoria e método como possível e "de dentro". Tratar para entender cada um dos métodos e cada uma das planificações pelas suas próprias razões, em lugar de considerá-los de fora, numa posição dogmática; resumo-la numa única frase: o que eu aprendi deles é o antidogmatismo.*" Ricardo MAIRAL e Pedro SANTANA, "Entrevista a Eugenio Coseriu", in *Cuadernos de Investigación Filológica*, Logrño, Colégio Universitário de la Rioja, XVI, 1990, p. 159-160.

concreto incorpora o abstrato na denominação conceptual ou converte em concreto linguístico o abstrato do pensamento. O método crítico coseriano não é o resultado duma atitude contestatária em evidenciar o lado fraco ou inconsequente duma teoria consagrada, mas pelo contrário, é o exercício de análise das teorias que evidenciam a presença humana como ser concreto, individual e histórico que se inscreve no contexto cultural e civilizacional através da sua linguagem. Neste tipo de abordagem qualquer negação, erro, exagero, redução, transgressão e extrapolação é interpretada como uma construção com valor para o conhecimento humano que destaca a interseção de vários paradigmas semânticos na expressão sintática.

Adotamos várias modalidades de circundar a obra coseriana: 1. a referência direta às teses e ideias coserianas; 2. a exemplificação e o desenvolvimento das suas teses, identificando a presença constitutiva de energueia em cada situação concreta; 3) a interpretação de vários conceitos da filosofia em geral e da linguagem em especial através da grelha coseriana; 4) a referência ocasional e colateral de outros conceitos; 5) a referência alternativa à possibilidade de escolha entre várias soluções totalmente distintas.

Tentamos respeitar as exigências coserianas que se impõem na redação dum texto interpretativo correto ou numa tradução correta.

Para ter *exatidão* da informação, utilizamos por um lado, a identificação bibliográfica exata dos itens da sua filosofia e as delimitações e distinções entre os conceitos com os quais ele opera.

Para tornar o nosso texto *adequado* ao discurso coseriano e ao diálogo com as tradições da linguística e da filosofia da linguagem, confrontamos as suas afirmações com outras fontes, para recuperar as intuições corretas, distorcidas, por vezes, através de interpretações dogmáticas.

Para ilustrar a *coerência* do seu pensamento em evidenciar o papel da energueia na visão coseriana, impõe-se uma coerência da demonstração e sistematização dos dados que concretiza a coesão do seu pensamento na coerência do texto. Considerando como inédita a simplicidade em apresentar e interpretar realidades complexas, quer numa sequência cinemática em construir a vivência processual da energueia, quer numa secção teórica que identifica os elementos do universo da unidade, no sentido que o que se dá uma vez como manifestação, ao nível de interpretação apresenta vários graus de generalização e abstração, elementos pensados que desmontam o poder da manifestação da linguagem.

A *transparência* do pensamento coseriano da construção e explicitação do conceito da energueia é dada pelas citações de textos representativos, integradas em comentários, paráfrases e exemplificações intuitivas. A direção da interpretação é fundamentalmente centrípeta. O mundo construído é um

mundo realizado a partir da linguagem, um mundo que está na nossa mente fixado através das designações da linguagem, a mudança do meio natural, social e cultural realiza-se também a partir da linguagem e por isso o salto civilizacional é dado pela língua falada.

6. A estrutura do livro.

A apresentação do conceito de *energueia* no pensamento filosófico de Eugenio Coseriu, está organizada em cinco capítulos.

No primeiro capítulo circunscreve-se o tópico tratado na área da *filosofia da linguagem*, com o objetivo de demarcar claramente a diferença entre a teoria da linguagem de Coseriu e outras. A perspetiva muito abrangente sobre a língua e a linguagem, mas necessária para explicar a dimensão ontológica e a filiação destes conceitos, restringe-se aos conceitos específicos desta área filosófica relacionados com a visão coseriana onde o conceito de energueia é uma constante funcional.

O segundo capítulo, *a história da filosofia da linguagem em Coseriu*, aborda a maneira como a energueia ultrapassa a dimensão histórica e se inscreve na problemática filosófica sobre a linguagem, existência e ser. A sua história da filosofia da linguagem, quer relativamente às fontes, quer às mais importantes exegeses referenciadas, constitui um aparelho necessário e funcional para os investigadores da linguagem. Menciona-se o valor formativo deste curso. Desenvolve-se a construção de teorias relativas às conceções sobre a linguagem iniciando-se com Heraclito e continuando com Pitágoras e Demócrito, problematizando-se com Platão na relação φύσει – νόμω, tornada técnica pelos sofistas nas relações *ὄνομα* - *ῥῆμα* e *ὀνομάζειν* - *λέγειν*, esclarecida por Aristóteles na transferência do plano causal para o plano final, na clarificação das relações "palavras" – "coisas", *ὄνομα* - *πρᾶγμα* relativamente ao critério verdade ou falsidade, com as clarificações necessárias operadas entre *λόγος σεμαντικός*, *λόγος ἀποφαντικός*, *λόγος πραγματικός* e *λόγος ποιητικός*, a determinação que oscila entre φύσει – κατά συντθέκην, na representação da escola estoica, à teoria do signo em vários pensadores, insistindo especialmente em S. Agostinho. Apresenta-se a problemática da linguagem na Idade Média e Idade Moderna. A sua apresentação situa-se na atitude filosófica relativamente à interpretação das ideias mais importantes que marcaram a cultura e o panorama da filosofia da linguagem da época.

O terceiro capítulo, *o conceito de «energueia» no pensamento filosófico de Eugenio Coseriu,* constitui o núcleo deste livro e nele se trata da relevância do mesmo, a partir do seu conteúdo semântico filosófico, com as suas variações, destacando o lugar, a permanência da sua funcionalidade na teoria coseriana.

Ligada à essência da linguagem, a energueia confere-lhe valor ontológico, tal como dá coerência ao seu discurso filosófico.

No quarto capítulo, *a abordagem coseriana da semântica*, valoriza-se a importância da energueia na mesma, na configuração da forma interior da linguagem[48] que concretiza a função significativa[49] desta como função ontológica constitutiva. A energueia é a atividade que absorve o momento da antepredicatividade como um momento de união da atividade mental com a atividade da linguagem ao nível denotativo no saber linguístico que corresponde à lógica geral[50]. Através da linguagem, pensam-se e criam-se os objetos ao nível mental como realidades com conteúdo semântico que permitem ao ser humano falar, pensar e operar através deles. Não se pensa com os objetos, mas com a parte inalterável comum à linguagem e ao pensamento, as *designações*, vistas não como elementos estáticos, imagens, mas como atividades mentais que abstraem a essência inalterável das coisas para com

---

[48] Idem, "Semantik, innere Sprachform und Tiefenstruktur", in *Romanisches Seminar*, Tübingen 1970, separata; reimprimida em *Folia Linguistica*, 4, 1970, pp. 53-63.

[49] "*As palavras não são «coisas» mas «acontecimentos» e o caráter categorial delas não é algo fisicamente observável, mas uma função significativa e, como tal, somente pensável.*" Idem, "Sobre las categorías verbales", *Gramática, semántica, universales*..., p. 53.

[50] "*El lenguaje es la primera manifestación específica del hombre como tal – es decir, como ente capaz de conocer el mundo y de autoconocerse -, así, como la primera forma, y la única absolutamente general, de la que el hombre dispone para fijar y objetivar, más acá de las impresiones y reacciones inmediatas, el conocimiento del mundo y de si mismo, o sea, todo el contenido de la conciencia. Esto significa, por un lado, que el lenguaje y sus categorías internas no se relacionan propiamente con la facultad de pensar, sino con la facultad de conocer; y, por otro lado, que el lenguaje (como actividad intersubjetiva del hombre histórico), lejos de poder reducirse a otras categorías, es una categoría autónoma, y es la forma necesaria de manifestación del «pensamiento», tanto lógico como poético y práctico. Con respecto a los modos de pensamiento, el lenguaje histórico – en cuanto logos simplemente semántico – se presenta, pues, como «neutro», «indeterminado» o, mejor dicho, indiferenciado. Y con respecto al pensamiento lógico en particular, lejos de 'no tener conceptos', como a veces se ha dicho, el lenguaje aparece como el lugar mismo* de los *conceptos pues éstos son necesariamente anteriores al logos proposicional.* [...] *En efecto, el lenguaje es el «mediador» necesario para la formación de los conceptos, y la primera universalidad, así las primeras distinciones necesarias para la estructuración del pensamiento lógico, se dan justamente, en el lenguaje y en sus categorías. El lenguaje es un «antes» y no un «después», en relación con el pensamiento lógico.*" Idem, "Logicismo y antilogicismo en la gramática", *Teoría del lenguaje e lingüística general*, Madrid, Gredos, 1967., pp. 240-242. "*La* parole *est déterminée par rapport à la «logique* général*» (LOGICA$_{1a}$) et* indéterminée *par rapport à la logique* apophantique". Idem, "Logique du Langage et Logique de la Grammaire"..., p. 16.

ela operar. É o ponto onde se inicia a odisseia humana num infindável trajeto cultural. É impossível reduzir a conceção semântica coseriana à semântica estrutural, já que a sua teoria semântica ultrapassa o momento estruturalista, funcional e útil na abordagem lexical e na descrição das línguas, mas não o suficiente para o universo semântico do homem, uma vez que toda a existência humana é semântica.

No quinto capítulo, *filosofia da linguagem de Coseriu e cultura*, relaciona-se a linguagem com a cultura no pensamento de Coseriu, definindo a língua como a cultura fundamental do homem. O ser humano é tido como o elemento fundamental, qualquer que seja o seu texto criativo. No discurso de entrada para a Academia de Heidelberg de 1978, Coseriu explicitou pela primeira vez os princípios deontológicos que estavam na base da sua atividade relativamente à linguagem: a objetividade, o humanismo, a tradição, o anti-dogmatismo e a utilidade ou a responsabilidade pública[51]. De fato, Coseriu sempre pesquisou nos seus estudos um ou outro dos aspetos da cultura, criando a sua teoria global sobre a linguagem. Em "deontologia da cultura" realça:

> "*a objetivação do espírito em formas que persistem e se tornam tradições, formas que constituem o mundo próprio do homem*"[52]

por outras palavras, se afirmarmos que a linguagem é essencial para se ser homem, então a cultura abraça todas as manifestações humanas. Este tipo de abordagem anula a oposição defendida por Oswald Spengler[53] entre cultura e civilização, vistas como duas vertentes (afetiva e intelectual) da vida social. Para responder à questão "como se denomina o «espírito» que se objetiva na história?", Coseriu esclarece necessariamente a natureza do espírito:

> "*O que chamamos espírito é atividade criadora, é a criatividade em si mesma, não algo que cria, mas atividade criadora como tal, energueia, na medida que se ultrapassa o que se aprendeu, ganhou através da*

---

[51] Eugenio COSERIU, Johannes KABATEK, Adolfo MURGUÍA, *»Die Sachen Sagen, Wie Sie Sind...« Eugenio Coseriu Im Gesprach...* veja-se o capítulo VIII, que deu título à obra.

[52] "*Cultura este obiectivarea istorică a spiritului în forme care durează, în forme care devin tradiții, devin forme istorice care descriu lumea proprie a omului, universul propriu al omului.*" Eugenio COSERIU, "Deontologia culturii", *Prelegeri și conferințe...*, p. 172.

[53] "*In a word, Greek soul – Roman intellect; and this antithesis is the difference between Culture and Civilization.*" Oswald SPENGLER, *The Decline of the West.* An abridged edition by Helmut Werner, English abridged edition prepared by Arthur Helps, trans. by Charles Francis Atkinson, New York & Oxford, Oxford University Press, 1991, p. 25. "*The transition from Culture to Civilization was accomplished for the Classic world in the forth, for the Western in the nineteenth century.*" *Ibidem.*

experiência, respetivamente através da mathesis e da empiria."[54]

Explica-se assim a configuração da liberdade, do homem, da sociedade, da história, de cada ciência em particular, e especialmente o entendimento da filosofia da linguagem (e da linguística) como "ciência integral do falar".

As *perspetivas* são orientadas filosoficamente para várias finalidades criadoras humanas. Toda a manifestação do ser humano tem subjacente um texto pensado, intencional, visando sempre uma finalidade do ato criador. A energueia liberta-se nas criações culturais e civilizacionais sem nunca se separar da linguagem verbal. Todas as outras linguagens existentes e as futuras têm na base a linguagem verbal e utilizam a sua carga semântica. A linguagem verbal abraça toda a área de manifestação do homem, que, como ser pensante, deve consciencializar a importância da linguagem no seu modo de estar e harmonizar-se com os outros e com o universo.

Na organização da *Bibliografia* articulam-se três linhas de apresentação: I. As obras do Autor: organizadas em 1. *Obras* com estudos publicados anteriormente sob a forma de artigos e conferências; 2. *Estudos* referenciados no livro e apresentados por ordem alfabética; 3. *Cursos universitários* publicados, 4. *Entrevistas*, 5. *Publicações em homenagem*, 6. *Traduções*; II. Estudos e comentários, III. Bibliografia secundária.

Apresentam-se os índices onomástico e temático.

---

[54] "*Ce numim spirit este activitatea creatoare, este creativitatea însăşi, nu ceva care creează, ci activitatea creatoare ca atare, enérgeia, acea activitate care este anterioarioa conceptului oricărui dinamism, oricărei tehnici învăţate sau experimentate. Iar omul creează cultura, este creator cu enérgeia, în măsura în care trece dincolo de ceea ce a învăţat, de ceea ce a câştigat prin experienţă, prin cele două izvoare ale învăţării, anume prin studiu şi prin experienţă, prin mathesis şi prin empeiria.*" Eugenio COSERIU, "Deontologia culturii", *Prelegeri şi conferinţe*..., p. 172.

Capítulo I

A filosofia da linguagem em Coseriu

1.0. A ênfase da teoria coseriana. **1.1**. Os conceitos de língua e linguagem. **1.2**. Marcas coserianas na filosofia da linguagem. 1.2.1. Ramificações na filosofia da linguagem. 1.2.2. A linguagem como energueia. 1.2.3. A energueia das referências filosóficas. 1.2.4. O método como energueia. 1.2.5. Conceitos da filosofia da linguagem na perspetiva coseriana: *línguas naturais, línguas artificiais, linguagem comum, linguagem ideal, viragem linguística, pragmática, contexto, referência direta, conceção epistémica do significado, intencionalidade, sorites, subjetividade, semântica, atos da fala, metáfora*. **1.3**. Eugenio Coseriu, filósofo da linguagem. 1.3.1. A "linguagem medida". 1.3.2. Os perigos inerentes a não tomar em consideração o conceito de energueia e a distinção entre a fala e a língua. 1.3.3. A distinção entre linguística geral e filosofia da linguagem. 1.3.4. A chave do entendimento da filosofia da linguagem em Coseriu.

1.0. O questionamento filosófico sobre a existência e a essência das coisas e do homem transposto para a filosofia da linguagem enriquece-se com o conceito de energueia no seu discurso. Como surge o conhecimento humano comum, científico e filosófico através da linguagem? Como se constrói o absoluto, o ser e como se afirma a liberdade de criação? O homem ultrapassa a sua aprendizagem através do ato de criação? É a linguagem o instrumento através do qual se domina a essência das coisas? O objetivo e o subjetivo tornam-se fenómenos da linguagem ao dar forma cognoscível a tudo o que

existe à volta do ser humano e do seu foro interior? No seu discurso, Coseriu toma estas questões como subsidiárias, ao retomar a relação entre linguagem e pensamento, conferindo à linguagem um valor ôntico e valorizando as múltiplas valências da energueia: conceito, ponto de vista, manifestação da liberdade, criação essencial, união ativa da linguagem com o pensamento.

Eugenio Coseriu aborda filosoficamente a linguagem como experiência ontológica do homem. A realidade da fala é a manifestação fenoménica do lado invisível do complexo trabalho mental do ser humano. A fala e o pensamento constituem uma unidade indivisível na construção do mundo cognitivo onde cada um mantém a sua especificidade. Nos seus estudos, Coseriu destaca a importância e funcionalidade do conceito de energueia na construção semântica da existência humana. Seguindo a conceção clássica da filosofia, constrói um esquema que liga a mais elaborada faculdade da razão estruturada à faculdade do entendimento que reúne os planos do sensível ligados à faculdade de falar com a faculdade de sentir, na realização da linguagem que, na sua concretização, liga unitariamente numa construção semântica todas as faculdades mencionadas e rompe com a posição positivista e empirista através da conceção "energuista" da linguagem. Sem linguagem não é possível o exercício da razão, que utiliza os elementos oferecidos pela linguagem para raciocinar. A manifestação do *cogito* como *loquor* é uma construção semântica lógica da "existência" interna, ao nível mental. A linguagem elabora cerebralmente os sentidos e os sentimentos como experiência e facilita a memorização das várias atitudes e vivências. O caráter de auto-referência da linguagem é constante. Desde sempre o homem fez observações e se pronunciou sobre a língua falada por si e pelos outros numa compreensão e interpretação próprias e criou uma tradição da cultura humana que não pode ser ignorada. Num trabalho reflexivo e sistematizante, Coseriu ordena o imenso material da realidade linguística e clarifica gradualmente a natureza da linguagem, opera distinções necessárias em níveis ontológicos distintos e em diferentes pontos de vista. Assim, realiza uma distinção funcional entre os conteúdos do *saber abstrato* na sua totalidade: o *saber conceptual* filosófico, teológico, ético, matemático, estético e científico, o *saber especializado* da energueia da linguagem nas construções específicas possíveis através da linguagem, o *saber geral cultural* diretamente manifestado através da língua histórica falada por cada falante duma determinada comunidade, tal como do âmbito restrito e exato de cada ciência, em parte e no todo, o *saber prático* exibe de modo igual uma base verbal na manifestação da linguagem e do homem em pensar e reagir em todas as situações, modelando continuamente a sua existência. Através desta distinção entre diversos tipos de saber, Coseriu explica a multiplicidade de opiniões, mesmo antagónicas,

enunciadas em relação à linguagem. Assumindo a linguagem verbal como a matriz constitutiva do humano, abraça teórica e praticamente todos os domínios da sua manifestação. A sua filosofia da linguagem evidencia, mais uma vez, a importância e a necessidade da reflexão filosófica em todos os domínios da atividade intelectual, especialmente numa sociedade como a nossa, caracterizada pela explosão informática e informacional, dominada pelo pensamento económico e pela procura do lucro. Nestas circunstâncias, pode-se considerar a sua contribuição como um fator consciencializador do ser face às tendências de dispersão e robotização do homem. O paradigma coseriano liga a filosofia da linguagem à sua base linguística e abre-se a todos os domínios da cultura. O papel fundamentalmente criativo da energueia, que une na sua manifestação a língua e o pensamento, irá, sem dúvida, ao encontro de todo e qualquer especialista no seu domínio de pesquisa.

1.1. Os conceitos da língua e linguagem

O termo "linguagem" inclui o radical lexical "língua". Os efeitos práticos desta filiação conduzem-nos à impossibilidade de construir qualquer linguagem fora do seu quadro inicial, que é a língua. Daí, tornar-se como fundamental a tese de que a língua é a condição *sine qua non* da existência da linguagem.

A primeira abordagem da linguagem foi considerá-la como a marca distintiva do ser humano. Através dela realiza-se uma dupla ligação espiritual: social entre os homens e religiosa com os deuses. Sendo invisível, atribuiu-se-lhe um poder transcendente, acreditando-se que seria um dom divino[55]. O poder da crença na origem divina da linguagem deu estabilidade às línguas faladas, consolidou a fé, tornou mais fortes as relações humanas, cultivou o receio de castigo para aqueles que não respeitassem a fala dos antepassados. Ao nível reflexivo, a compreensão da linguagem como tal está intimamente ligada à perceção da própria natureza humana, tanto na via especulativa como na via prática. Uma outra suposição, constantemente mencionada na interpretação da linguagem, refere-se ao uso da língua com as suas dificuldades evidenciadas no mau uso da linguagem, considerado incorreto ou mal entendido, e neste ponto a filosofia relaciona-se com outras áreas especializadas de estudo entre as quais a linguística ocupa um lugar especial.

---

[55] Encontra-se esta filiação em todas as religiões. Tornaram-se emblemáticos o deus egípcio Thot e o seu correspondente grego Hermes Trismegistos. Nas religiões monoteístas, Deus é a Palavra criadora divina interpretado como *Barah* em hebraico, *Lógos* em grego e *Verbum* em latim, e para os cristãos no *Evangelho de S. João*, 1: 1; 8: 24 e seguintes; 10: 30 e seguintes; 13: 3; 16: 8), o próprio Filho de Deus é identificado com a Palavra Criadora.

Uma afirmação simples, frequentemente formulada, torna-se compreensível quando um valor absoluto dum determinante é especificado pelos elementos que abraçam o homem como ser psicossomático, transformando-o em objeto de investigação e reflexão:

> "*A linguagem é um fenómeno extremamente complexo: apresenta aspetos puramente físicos (os sons) e aspetos fisiológicos, psíquicos e lógicos, aspetos individuais e aspetos sociais. Por conseguinte, os linguistas e os teóricos da linguagem, em função da sua orientação filosófica (explícita ou implícita), destacam uns ou outros destes aspetos, considerados predominantes, em detrimento de outros.*"[56]

O projeto epistemológico coseriano materializa-se na criação dum modelo interpretativo da linguagem sem simplificar ou reduzir a sua complexidade na apresentação do que a torna possível e como ela sustém culturalmente a realidade humana na sua totalidade. Ao conceber a unidade da linguagem como um todo, não se chega à sua essência através da descrição formal do lado material que constitui uma realidade necessária, mas não suficiente.

O ser humano está existencialmente ligado à linguagem, estimula e modela as manifestações fisiológicas, sustém o processamento do nível psíquico na organização de estruturas lógicas que dinamizam e desenvolvem o lado afetivo e cognitivo, criando mundos de sentidos. Igualmente a relação entre o cérebro, como órgão, e a mente, a sua função e manifestação, ilustra não só o esquema de causa e efeito, como o fato que o último termo reclama imperiosamente a presença da linguagem como condição da sua existência, sem a qual a mente não se percebe a si mesma. Em comparação com os estudos da filosofia da linguagem que balançam entre abordagens formais, comunicacionais, sociais, sistémicas, que conduzem à compartimentação interpretativa da linguagem em sintaxe, semântica e pragmática, Coseriu vai mais além do nível descritivo do discurso[57] e, problematizando a realidade linguística, absorve a herança

---

[56] "*El lenguaje es un fenómeno sumamente complejo: presenta aspectos psíquicos y aspectos lógicos, aspectos individuales y aspectos sociales. Por conseguinte, según la orientación filosófica (explícita o implícita) de los lingüistas y de los teóricos del lenguaje, se destacan unos u otros aspectos, que a menudo se consideran predominantes, en perjuicio de los restantes*". Eugenio COSERIU, *Introducción a la lingüística*, Madrid, Editorial Gredos, 1986, p. 51.

[57] Eugenio COSERIU, "Die Metaphernschöpfung in der Sprache", *Sprache. Strukturen und Funktionen*, Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1979, pp. 15-44. Na primeira parte deste estudo o autor delimita a sua posição relativamente às outras existentes. Neste estudo compôs em alemão a palavra die *Metaphernschöpfung* para *criação metafórica* que indica a energueia das línguas.

filosófica e científica. Ao situar-se na linha aristotélica, estabelece uma conexão entre os conceitos constitutivos de *fala*, *norma*, *língua*, *pensamento* com os conceitos interpretativos de *sistema* (*estrutura*), *energueia* (*atividade*), *dinamis* (*técnica, potencialidade*), *érgon* (*produto*) e ontológicos (*ordo essendi*) de *ser*, *liberdade*, *criatividade*, *história*, *universais*, *indivíduo*, marcas indeléveis da realidade humana.

1.2. Marcas coserianas na filosofia da linguagem

1.2.1. Na politropia[58] da cultura contemporânea, a filosofia não se restringe ao texto[59] criado à volta duma pergunta ou dum conceito, não é mais entendida como um meio de purificação da língua e clarificação do pensamento na configuração do horizonte cognitivo num sistema pensado à maneira do idealismo clássico alemão, não se limita à tarefa de interpretação do mundo. Idealiza uma participação consciente e assumida, uma atividade[60] reflexiva na criação de *epístemai* essenciais para a visão do mundo (die *Weltanschauung*)[61].

[58] Veja-se Gabriel LIICEANU, *Încercare în politropia omului şi a culturii*, Bucureşti, Cartea Românească, 1981, [trad. por. *Ensaio na politropia do homem e da cultura*] obra que quebra os limites ideológicos marxistas-leninistas do fenómeno cultural, abre e diversifica as abordagens da cultura no respeito das suas propriedades intrínsecas.

[59] Veja-se Jean-Louis GALAY, *Philosophie et invention textuelle. Essai sur la poétique d'un texte kantien,* Préface de Jean-Luc Nancy, Paris, Klincksieck, 1977, interpreta a filosofia como poiesis da atividade filosófica (p. 5). Embora mencionando a distinção humboldtiana entre *érgon* e *energueia*, mantém a perceção sistémica da língua como *érgon* e não como processo (p. 15).

[60] A filosofia "mostra-nos o desenvolvimento de determinada atividade, caracterizada, entre outros traços, pela interrogatividade, pela argumentação, pela investigação regressiva dos fundamentos – e mostra-nos também a permanência dessa atividade." António Pedro MESQUITA, "O que é a filosofia? Sentido filosófico e virtualidades pedagógicas de uma definição de filosofia", "Descartes e o Círculo Cartesiano", *Philosophica. Revista do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, nº 8, novembro de 1996, p. 116. Conclui que: "*A experiência do questionar filosófico, em que verdadeiramente consiste o único "vivido" a recuperar (não, evidentemente, com "vivido" a pensar, mas como pensar que tem de ser vivido), constitui assim o autêntico momento crucial da definição da filosofia, pois nele se exercita e se consciencializa o próprio definir-se de filosofia, enquanto reconhecimento em ato da sua natureza.*" *Ibidem*, p. 141.

[61] "*As noções de Zeitgeist (Hegel), de Weltanschauung (Dilthey), de «metafísica latente» (Antero de Quental) e de episteme (Foucault) são tentativas de captar esse princípio de unidade das manifestações ou traços de um determinado período ou estrato, por diferentes que sejam os enquadramentos em que surgem. Mas deve tornar-se apenas com valor de princípio regulador, mais heurístico do que classificatório, a ideia de que a filosofia de uma época exprime a forma ou a arquitetónica que liga os*

A língua é o "habitat" no qual e com o qual se constrói toda e qualquer teoria[62]. O ser pensante à procura da *verdade* gnoseológica e especialmente ontológica, pronuncia-se recorrentemente sobre a linguagem como a objetivação da mente e cada "revolução" filosófica limita-se a ser uma mudança de ênfase discursivo dum para outro dos elementos constitutivos da linguagem, tratando sobre as formas de conhecimento, ou hipostaziando-a como "órgão mental"[63] que tem as suas próprias funções, estrutura, base física e desenvolvimento. Alguns filósofos numa descendência positivista e empiricista, como os logicistas do Círculo de Viena[64], aplicam a teoria da verificabilidade e da verdade, identificando as intuições da linguagem com as certezas empíricas. E outros, numa análise psicologista, evidenciam a importância do sujeito falante e do

---

diferentes domínios em que ela se exprime." Leonel Ribeiro dos SANTOS, *O espírito da letra. Ensaios de hermenêutica da modernidade*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2007, p. 95.

[62] Veja-se Frédéric COSSUTTA, *Elementos para a leitura dos textos filosóficos*, trad. por Angela de Noronha Begnami, Milton Arruda, Clemence Jouet-Pastré, Neide Sette, São Paulo, Martins Fontes, 2001, 2ª ed. Destaca as operações fundamentais da atividade filosófica: a conceitualização, a referenciação, a metaforização e a validação com diferentes funções: didática, ontológica, heurística ou de validação. Na segunda parte do capítulo dois estuda o processo de construção dos conceitos e dos campos concetuais no trabalho dos filósofos no estudo da língua.

"*For just as the engineer studies the structure of material things, so the philosopher studies the structure of thought.*" Simon BLACKBURN, *Think. A compelling introduction to philosophy*, Oxford, Oxford University Press, 1999, p. 2. "*To sum up: our ideas and concepts can be compared with the lenses through which we see the world. In philosophy the lens is itself the topic of study.*" *Ibidem*, p. 5.

"*Com a linguagem científica forma-se um mundo, mas somente com a linguagem natural se constrói o mundo, isto é, um conjunto organizado, o mais universal e diferenciado possível. É o mundo e não um mundo que impele a atividade da filosofia*" Joaquim Cerqueira GONÇALVES, *Fazer Filosofia. Como e onde?*, Braga, Faculdade Católica Portuguesa, 1995, p. 27. Discursa sobre a "*natureza poiética da filosofia e da linguagem da filosofia*" na primeira parte, intitulada "Filosofia – um fazer".

[63] Noam CHOMSKY, "Linguagem" in *Enciclopédia Einaudi*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, vol. 2, p. 16.

[64] O Circulo de Viena (*Wiener Kreis*) inscreve-se num movimento vanguardista da filosofia de protesto e reestruturação conceptual. O manifesto publicado em 1929 *Wissenschaftliche Weltauffassung – Der Wiener Kreis* [Conceção científica do mundo – O Círculo de Viena] assinado pelo matemático Hans Hahn, o filósofo Rudolf Carnap e o sociólogo Otto Neurath apresenta as seguintes teses: 1. todo o nosso conhecimento do mundo provém da experiência; 2. o pensamento não é nada mais que um processo de transformações tautológicas, 3. o sentido duma sentença é idêntico ao seu método de verificação na intenção de reduzir o sentido às expressões relativas e vivências básicas; 4. O método do filosofar é a análise lógica da linguagem.

segundo sujeito que corresponde ao "tu" e identifica-se como "eu" onde "tu" torna possível a fala com alguém, porque a língua pretende primeiramente um Eu e depois um Tu[65].

1.2.2. A nota comum das teorias das quais Coseriu se vai distanciar logo à partida é a definição da linguagem como instrumento de comunicação. Aparentemente, o seu discurso filosófico segue um trajeto inverso à corrente científica de tipo positivista e empirista. Repensa o fenómeno, a realidade e o conceito de linguagem com Aristóteles, o renascentista Giambattista Vico e o romântico, moderno e contemporâneo Wilhelm von Humboldt, não no sentido de repetir as mesmas ideias e estratégias de pensamento, mas sim de utilizá-las como partes componentes do seu sistema, adaptando-as às realidades contemporâneas. Cria assim uma teoria que ajusta as questões anteriormente colocadas e responde a muitos problemas que estavam à espera duma clarificação. Do resultado do seu pensamento filosófico podem aproveitar-se tanto a ciência linguística como qualquer outra. A definição operacional da linguagem como "instrumento" restringe-se à sua esfera como um dado indubitável. Porém, numa verdadeira teoria da linguagem esta afirmação não tem valor de princípio, uma vez que a linguagem se torna um instrumento sem na verdade o ser na sua essência. Junto ao pensamento, que é o seu conteúdo e atividade dinamizadora, a linguagem fundamenta o ser, a sua manifestação, a realidade do mundo como conhecimento dele próprio e está relacionada com a liberdade do espírito na manifestação da criatividade como condição necessária da cultura. Eugenio Coseriu inicia e desenvolve a sua teoria não na qualidade de linguista, mas de filósofo.

> "*Ao ser a língua um objeto «abstraído» do falar, isto é, um objeto ideal, relaciona-se com o ontológico e não com o seu caráter de objetividade para toda a consciência que a pensa.*"[66]

A língua torna-se um conceito, um diasistema, isto é, um sistema pensado, criado artificialmente pelos linguistas ou uma marca de identidade para os próprios falantes. Na sua polissemia, o termo "língua" tem uma variedade de significações: em primeiro lugar, ao nível mais concreto e palpável, é o nome do órgão bucal para os falantes duma língua latina, seguindo a sinédoque que

---

[65] Eugeniu COŞERIU, *Sincronie, diacronie şi istorie. Problema schimbării lingvistice*, versiune în limba română de Nicolae Saramandu, Bucureşti, Editura Enciclopedică, 1997, p. 69.

[66] "*El ser la lengua un objeto «abstraído» del hablar, es decir, un objeto ideal, tiene que ver con lo ontológico y no con su caráter de objetividad para toda consciencia que la piensa*". Idem, "Lengua abstrata y lengua concreta", *Sincronía, diacronía e historia. El problema del cambio lingüístico*, Madrid, Gredos, 1978, 3ª ed., p. 50.

se refere ao povo que fala o mesma idioma, o conceito universal e objetivo dum sistema de comunicação constituído por signos ao nível social e historicamente determinado e, ao nível mais abstrato e figurado, denomina o entendimento ilustrado pelas expressões como: "parece que falamos / não falamos a mesma língua" tal como marca o poder duma civilização sobre outra. Embora seja um conceito, o uso deste termo liga-se à realidade da linguagem e à sua manifestação. O discurso político confere à língua um valor central na afirmação da consciência nacional, sendo o principal fator na afirmação da identidade nacional entendida como a concretização viva duma história comum, pelo que numa política imperialista, o principal alvo é a língua, impondo-se a dos governantes através das instituições e do ensino. Este rico espectro semântico é interpretado por Coseriu no primeiro estudo *Sistema, Norma e Fala*[67], adicionando outras valências funcionais da língua.

1.2.3. Eugenio Coseriu identifica os tópicos da filosofia da linguagem nos textos filosóficos ou de outra natureza: religiosa e teológica, literária e científica, a partir da Antiguidade até à contemporaneidade, como se pode inferir do seu curso de *História da filosofia da linguagem da Antiguidade até ao presente*[68] e da *História da filosofia da linguagem alemã*[69]. Harmoniza o pensamento filosófico com o linguístico, atualizando ideias e questões da filosofia antiga grega de Aristóteles e Platão, insiste sobre a atualidade das ideias de Wilhelm von Humboldt e esclarece a profundidade dos conceitos-chave[70], utilizando criativamente as teses de vários filósofos. Menciona Immanuel Kant em frequentes referências à sua *Lógica*, considerando que os objetos da

[67] Idem, "Sistema, norma y habla", *Teoría del Lenguaje y Lingüística General. Cinco estudios*, Madrid, Gredos, 1973, pp. 11-113.

[68] Idem, *Die Geschichte der Sprachphilosophie von der Antike bis zur Gegenwart. Eine Übersicht.* tomo I: *Von der Antike bis Leibniz*, curso de 1968/69, G. Narr und R. Windisch, Tübingen, 1969. tomo II: *Von Leibniz bis Rousseau*, curso de 1970/71, Tübingen, G. Narr, 1972.

[69] Idem, *Die deutsche Sprachphilosophie von Herder bis Humboldt*, [vol. I], curso de 1985/86; Nachschrift von H. Weber, Tübingen 1993, Idem, *Die deutsche Sprachphilosophie von Herder bis Humboldt*, Teil II, curso de 1987/88; publicado por Chr. Dern, U. Maier und H. Weber, Tübingen 1993, idem, *Wilhelm von Humboldt. Die deutsche Sprachphilosophie von Herder bis Humboldt*, Teil III, Winter Semester 1988/89; Nachschrift von Chr. Dern und H. Weber, bearbeitet und hrsg. von H. Weber, G. Narr, Tübingen 1994.

[70] Coseriu escreve a recensão da obra de Humboldt traduzida para língua espanhola: Guillermo de HUMBOLDT, *Cuatro ensayos sobre España y América*, versiones y estudios por Miguel de Unamuno y Justo Garate, Buenos Aires, Espasa-Calpe, 1951. Cf. Eugenio COSERIU, "Raíces humboldtianas de la lingüística moderna", *Tradición y novedad en la ciencia del lenguaje*, Madrid, Gredos, 1977, pp. 138-141. Idem, "Sobre la topología lingüística de Wilhelm von Humboldt", *Ibidem*, pp. 142-184.

experiência não são suscetíveis de definições nominais[71]. Emprega a distinção kantiana entre "o mundo da necessidade" e "o mundo da liberdade"[72], tal como o conceito de "finalidade objetiva"[73] que reatualiza o conceito aristotélico de "causa final", focalizando o sentido principal da conceção teleológica. Adota a conceção kantiana sobre a impossibilidade de dar definições formais a partir das coisas reais e sobre a pluralidade considerada como unidade encontrada nos nomes só com formas de plural (*plurale tantum*) onde o conhecimento prático da língua tem a sua perceção, diferente da perceção racional na qual se levanta o problema do que acontece se adicionarmos mais um elemento a uma multidão[74]. A obra filosófica de Georg Wilhelm Friedrich Hegel constitui um momento importante na formação filosófica de Coseriu, a insistência na releitura dos textos hegelianos é constante e sente-se a respiração hegeliana da *Fenomenologia do Espírito*[75] na maneira como interpreta o signo, como unidade de uma "representação independente" e de uma "intuição", onde a primeira é o significado e a segunda o signo, donde deduz a relação entre signo e símbolo. Num símbolo existe uma relação direta entre intuição e significado, enquanto a materialidade da intuição é irrelevante no que respeita ao significado[76]. O sistema triádico coseriano assimila a importante distinção operacional entre fala e língua apresentada por Hegel: "*a inteligência exterioriza-se imediata e incondicionalmente no falar*"[77]. A relação hegeliana entre língua e cultura reveladora da atualidade da cultura irá ser tomada e continuada por Coseriu. A criatividade do indivíduo expressa o espírito de todo um povo, sendo a língua o nível mais evidente. Hegel é considerado por Coseriu, após Aristóteles, como o pensador que penetrou mais profundamente na essência da linguagem como manifestação de alguém para com os outros[78].

---

[71] Idem, "Aporía del cambio linguístico", *Sincronía, diacronía e historia* ..., p. 25.

[72] Idem, "Las «causas del cambio», *Ibidem*, p. 193.

[73] *Ibidem*, p. 228.

[74] Veja-se o parecer de Coseriu ao tratar "os sorites". Não se deve confundir a perceção linguística com o pensamento lógico das especulações e artifícios de demonstração ou com as experiências que pertencem à realidade extralinguística. Eugenio COSERIU, "Teoría del lenguaje de Juan Luis Vives", *Tradición y novedad en la ciencia del lenguaje...*, pp. 82-83.

[75] G.W.F. HEGEL, *La phénomenologie de l'esprit*, trad. de Jean Hyppolite, Paris, Aubier Montaigne, [1934].

[76] Eugenio COSERIU, "L'arbitraire du signe", *Tradición y novedad en la ciencia del lenguaje*, pp. 40-42.

[77] Georg Wilhelm Friederich HEGEL, *Enciclopédia das ciências filosóficas em epítome*, Lisboa, Edições 70, 1992, vol. III, & 459, p. 85. Eugenio COSERIU, "Aporía del cambio lingüístico, *Sincronía, diacronía e historia*..., p. 22.

[78] Idem, *Sincronía, diacronía e historia*... (1978), p. 78.

Coseriu aproxima-se da linha problematicista do racionalismo crítico de Antonio Banfi[79] ao focar a relação entre "sujeito" e "objeto". A filosofia problematiza toda a realidade e, por tal razão, deve-se iniciar uma reflexão crítica sobre a tradição especulativa. A filosofia da linguagem de Eugenio Coseriu repensa várias afirmações sobre língua e linguagem, funcionando como uma lente de leitura crítica dos textos filosóficos, lógicos e linguísticos consagrados na história da filosofia.

1.2.4. Coseriu não constrói fórmulas, transferindo-as da lógica matemática para a lógica da linguagem, como o fazem habitualmente os filósofos analíticos, demonstra o modo de construção destas fórmulas, os seus limites, especificando o lugar exato de aplicação e funcionamento das mesmas. Na sua propedêutica, toma conceitos filosóficos já existentes, cria outros à maneira filosófica grega, respeita as normas da língua falada para tornar mais "entendível" um raciocínio abstrato. Sem duplicar conceitos existentes, menciona a paternidade criadora dos conceitos utilizados, interpretados comparativa e criticamente. Respeitando a unidade da visão e a particularidade da linguagem verbal, coloca de lado conceitos "consagrados" doutras filosofias da linguagem, por ele considerados inúteis numa filosofia global da linguagem, que não se deve restringir a um único nível. A finalidade do seu discurso é a de consciencializar os contemporâneos das valências ontológicas e cognitivas da linguagem para prevenir os erros possíveis da interpretação duma dada realidade em termos de outra. A sua filosofia da linguagem incorpora a filosofia da linguística, a primeira constituindo a base e condição de existência da segunda e, se algo é linguístico, é porque é filosófico primeiramente, tal como se algo é matemático é porque é filosófico primeiramente. Qualquer separação entre a reflexão filosófica e um domínio da criação humana ignora e despreza as próprias raízes constitutivas. Não é por acaso que os grandes homens de ciência tiveram consciência do paradigma filosófico inscrito na sua formação, numa direção oposta ao pensamento atual, concentrado na especialização em domínios muito restritos e exatos, o que por vezes acentua o lado periférico e secundário do espírito científico ao focalizar os pormenores e as diferenças, em lugar de ver e promover a "essência" da cada realidade.

1.2.5. Para melhor entender a sua orientação filosófica, relacionemos a sua reflexão com alguns conceitos da filosofia da linguagem no seu esforço teórico para a compreensão do homem atual através da atividade verbal criativa da energueia.

Coseriu considera a denominação de ***línguas naturais*** frequente nos

[79] Antonio Banfi (1886-1957), professor na Universidade de Milão, coordenador da tese de doutoramento de Coseriu em filosofia *L'evoluzione delle idee estetiche in Romania* (1949).

textos dos filósofos da linguagem contemporâneos, como consequência do "princípio do naturalismo"[80] no "positivismo" entendido não apenas como uma filosofia, mas como uma ideologia positivista que interpreta os fatos culturais como naturais e governados pelas leis da necessidade. Opera uma distinção fundamental entre os domínios da natureza e da cultura. A língua fundamenta e pertence à cultura como criação do espírito humano. Na sua essência, a língua não se opõe à natureza, cria a natureza para o homem.

> "*A existência das coisas só pode ser constatada a partir da linguagem* [...] *comprovamos que no mundo existem "árvores", "rios", "animais"; mas como "árvores", "rios" ou "animais" estes "existentes" são conhecidos e delimitados em primeiro lugar na linguagem.*"[81]

Nos textos coserianos, o sintagma "língua natural" é marcado com aspas e seguido da especificação da língua como tal vista na sua própria natureza: "a língua pura e simplesmente"[82].

As línguas artificiais são sistemas linguísticos que têm como base as línguas históricas existentes. Não se opõem às *línguas naturais*, como geralmente se pensa, são construções supraidiomáticas que têm como propósito a sua difusão universal com vista a tornarem-se possíveis instrumentos de compreensão internacional. Coseriu menciona como línguas artificiais o *esperanto*, o *ido*, o *volapük*, *interlíngua* e o *basic English*[83]. Para Coseriu "*a língua existe só em e para o falar*"[84], não tem uma existência objectual e estática, é um processo, uma atividade. O objetivo de criar uma língua como língua é absurdo. Expressa a sua oposição à transformação da fala num objeto ou instrumento: a construção de "línguas perfeitas" e "completas" que devem evitar os defeitos e erros das "línguas naturais".

> "*O erro daqueles que aspiram a construir línguas «perfeitas» e «completas», com 'significados definidos de uma vez por todas', é radical: eles propõem-se uma tarefa absurda e ociosa, pois pretendem transformar a fala numa outra coisa do que ela própria é.*"[85]

[80] Eugenio COSERIU, "Ideologia pozitivistă în lingvistică", *Lecții de Lingvistică generală...*, p. 23.

[81] Idem, *O homem e a sua linguagem...*, p. 26.

[82] Idem, "Opoziție, sistematizare și neutralizare", *Lecții de lingvistică generală...*, p. 210.

[83] Idem, "La lengua", *Introducción a la lingüística...*, (1986), p. 48.

[84] "*La lengua existe sólo en y por el hablar*", Idem, "Lengua abstrata y lengua concreta", *Sincronía, diacronía e historia...*, p. 49.

[85] "*El error de quienes aspiran a construir lenguas «perfectas» y «completas», con 'significados definidos de una vez por todas' es radical: ellos se proponen una tarea*

A linguagem comum (*Ordinary Language*) considerada por G. E. Moore "*como a linguagem do homem comum*"[86] tem uma conotação depreciativa, já que apresenta limites filosóficos dos falantes, caracterizados como mal informados e com frequentes erros na sua linguagem.

Este conceito visa também os erros duma afirmação (*statement*) empírica onde o falante "está enganado sobre os fatos" e tem "um uso incorreto da linguagem". Os filósofos da linguagem comum tratam e estudam o uso das palavras.

O desprezo dos filósofos positivistas por este tipo de linguagem orienta-se principalmente contra a manifestação "autocontraditória" (*self-contradictory*), considerada inaceitável na descrição duma determinada situação, completamente diferente da natureza do paradoxo filosófico. Coseriu considera esta polémica como um dos lugares comuns do logicismo que encontra na expressão linguística a causa das incoerências do pensamento.

> "*Vários autores* [...] *acreditaram poder opor à errónea identificação da linguagem com o pensamento lógico uma igualmente errónea antinomia entre linguagem e lógica, chegando ao ponto de considerar a linguagem como «ilógica», «irracional», «contrária à lógica»*"[87].

A linguagem ideal (*ideal language*), segundo Russell, marca uma rotura fundamental com a linguagem comum. A análise da linguagem é a chave do conhecimento metafísico[88] e o seu uso evita qualquer erro e construção

---

absurda y ociosa, pues pretenden transformar el hablar en otra cosa de lo que es." Ibidem, nota 49, p. 47. A este propósito, Coseriu refere-se a HEGEL, em *Wissenschaft der Logik*, III, 1, 3, A d, nota y Encyklopädie, & 459."

[86] Norman MALCOLM, "Moore and Ordinary Language", in Richard Rorty ed. *The Linguistic Turn. Recent essays in philosophical method*, Chicago, London, The University of Chicago Press, 1970, p. 117.

[87] "*En efecto, varios autores* [...] *han creído poder oponer a la errónea identificación del lenguaje con el pensamiento lógico una igualmente errónea antinomia entre lenguaje y lógica, hasta llegar a considerar el lenguaje como «ilógico», «irracional», «contrario a la lógica».*" Eugenio COSERIU, "Logicismo y antilogicismo en la gramática", *Teoría del lenguaje y lingüística general*..., p. 236.

[88] "*The study of grammar, in my opinion, is capable of throwing far more light on philosophical question that is commonly supposed by philosophers*", Bertrand RUSSELL, "Proper Names, Adjetives, and Verbs", *The Principles of Mathematics*, London, George Allen & Unwin ltd., 1948, p. 42. Esta posição foi criticada por Irving COPI: *"I conclude, then, that, Russell's program for investigating the metaphysical structure of the world by means of examining the logical structure of an 'ideal' language must be rejected because of the circularity inherent in the program proposed. It must be concluded that the general program of inferring the structure of the world from the structure of language must be rejected, because if the language is 'ideal',*

absurda. Este tipo de linguagem é um esquema de interpretação sintática na visão dos seus filósofos. Oposta à linguagem comum, continua no entanto o mesmo erro logicista, onde a linguagem deixa de ser língua em termos da língua materna e do saber linguístico primário e constrói um "código" convencional. Coseriu considera que "as exigências" de estabilidade e não-ambiguidade das "linguagens" científicas, como um correspondente especializado da "linguagem ideal", são, sem dúvida, legítimas, dentro de determinados parâmetros e finalidades, mas não justificam as intenções de identificar estes sistemas "construídos" com as línguas históricas, que se estruturam de maneira completamente distinta[89]. As discussões em torno da "linguagem ideal" evidenciam a necessidade duma linguagem específica para o discurso filosófico. Coseriu considera mais correto o sintagma "língua funcional", tendo em vista a "funcionalidade" no discurso filosófico[90] que nos permite falar sobre a linguagem de determinados filósofos como a de Aristóteles, Hegel, Heidegger e outros.

A viragem linguística (*the linguistic turn*), sintagma criado por Gustav Bergmann[91] e escolhido por Richard Rorty como título para a sua antologia de ensaios, tem na sua origem a "viragem linguística" proposta por Wittgenstein no *Tractatus*, como o método que ultrapassa a tradição metafísica para alcançar o esquema da língua ideal da filosofia e assume o "positivismo lógico"[92] como etiqueta. Segundo Gustav Bergmann[93] os pontos que

there is a vicious circle involved, while if the language is not 'ideal', it will have misleading 'accidental' features." Irving M. COPI, "Language analysis and metaphysical inquiry", in Richard RORTY ed. *The Linguistic Turn*..., p. 131.

[89] Eugenio COSERIU, "Logicismo y antilogicismo en la gramática", *Teoria del lenguaje y lingüística general*, Madrid, Gredos, 1967, p. 238.

[90] Idem, "Limba funcțională", *Lecții de lingvistică generală*..., p. 254.

[91] "*Ordinary discourse about an ideal language is, indeed, the reconstructionist version of the linguistic turn*" Gustav BERGMANN, "Logical Positivism, Language and the Reconstruction of Metaphysics" in Richard RORTY ed., *The Linguistic Turn*..., p. 66.

[92] "*Logical positivism is Hume plus mathematical logic*", *Ibidem*, p. 64.

[93] "*All linguistic philosophers talk about the world by means of talking about a suitable language. This is the linguistic turn, the fundamental gambit as to method, on which ordinary and ideal language philosophers (OLP, ILP) agree. Equally fundamentally, they disagree on what is in this sense a "language" and what makes it "suitable". Clearly one may execute the turn. The question is why one should. Why is it not merely a tedious roundabout? I shall mention three reasons... First. Words are used either ordinarily (commonsensically) or philosophically. On this distinction, above all, the method rests. The prelinguistic philosophers did not make it. Yet they used words philosophically. Prima facie such uses are unintelligible. They require commonsensical explication. The method insists that we provide it. (The qualification,*

justificam a viragem linguística são os seguintes: 1. As palavras podem ser utilizadas quer num sentido comum, quer num sentido filosófico. 2. O erro de falar e de falar sobre falar. 3. Falar sobre tudo o que existe é, de fato, falar sobre sintaxe e a linguagem. As observações são válidas: a fala é constituída por palavras, uma palavra pode ter um ou mais significados, operando uma classificação no concreto e no abstrato, no denotativo e conotativo com uma ligação ao tipo de texto construído. As palavras constroem o sentido do texto numa dimensão complexa, supra-ordenada aos significados das palavras. A segunda motivação tem em vista a distinção metodológica entre a linguagem primária (comum) e a metalinguagem assim denominada por Roman Jackobson, distinção já prefigurada por S. Agostinho na obra *De Magistro*, correspondente à distinção escolástica entre *suppositio formalis* e *suppositio materialis*[94]. Para Coseriu, o texto refere-se às palavras exatamente como a qualquer outro objeto e não existe uma outra função da linguagem. Um texto filosófico não se institui e justifica como um texto reflexivo sobre uma linguagem comum que esclareça e torne inteligível um texto primário completamente opaco. Um último argumento invoca a presença dum texto intermediário entre as coisas e o conhecimento das mesmas dado pela interpretação sintática do texto. Prossegue o argumento anterior com a menção de que a análise da sintaxe conduz à gramática, ao sistema da língua e não ao entendimento das coisas. O que caracteriza a sintaxe é a concatenação das palavras num texto, enquanto o que se constrói num texto é a dimensão semântica complexa, o sentido, fora da cadeia sequencial das palavras.

A pragmática[95] fomentada pelos lógicos estuda o uso da linguagem do ponto de vista prático das relações entre os seus utilizadores. Coseriu, como Aristóteles, liga a pragmática à manifestação da função do "*lógos pragmatikós*", ilustrando a importância do princípio da alteridade sem o qual a linguagem não existe. Como o logos pragmático é uma face da manifestação

prima facie, is the mark of moderation. The extremists of both camps hold that what the classical philosophers were above all anxious to express is remediable non-sense). Second. Much of the paradox, absurdity, and opacity of prelinguistic philosophy stems from failure to distinguish between speaking and speaking about speaking. Such failure, or confusion, is harder to avoid than one may think. The method is the safest way of avoiding it. Third. Some things any conceivable language merely shows. Not that these things are literally "ineffable" rather the proper (and safe) way of speaking about them is to speak about (the syntax and interpretation of a) language..." Idem, *Logic and Reality*, Madison, The University of Wisconsin Press, 1964, p. 177 apud Richard RORTY ed. op. cit.: (nota 10) pp. 8-9.

[94] Eugenio COSERIU, *Tradición y novedad en la ciencia del lenguaje...*, p. 132.

[95] Idem, "Premisas históricas de la lingüística moderna", *Leciones de lingüística general...*, p. 29.

do logos semântico, implicitamente a pragmática é também semântica, pois a dimensão pragmática como ato com uma finalidade tem na base um sentido dum texto mental.

O contexto na teoria coseriana apresenta várias vertentes que evidenciam "o fato mental" do significado como diferente do "fato observável". O processo de aprendizagem é uma atividade criadora que ultrapassa situações e contextos determinados. O que se aprende é um significado, uma possibilidade infinita de designação, não "este livro" mas "livro"[96]. Coseriu entende o contexto como a realidade complexa à volta dum signo. Descreve vários tipos de contextos: o *contexto idiolinguistico* contém todos os signos duma língua utilizados no ato linguístico, numa relação paradigmática (*in absentia*) com os signos utilizados; *o contexto do discurso* contém o texto e cada uma das suas partes; o *contexto extralinguístico* constituído por todas as circunstâncias não-linguísticas percebidas diretamente pelos falantes em cada situação específica. Coseriu distingue os seguintes contextos dentro do contexto extralinguístico: físico, empírico, natural, prático ou ocasional, histórico, e cultural[97].

> *"Por contexto deve-se entender a realidade complexa à volta dum signo. Por sua vez, esta realidade pode consistir em "signos" ou em "não-signos"."*[98]

A **referência direta** tem, por um lado, uma conotação fregeana, que destaca a constante da referência dum signo num quadro contingente em qualquer situação possível apresentada ou descrita e outra não-fregeana, introduzida por David Kaplan, que encara a referência dos termos como construção do referente atualizado, argumentando que os demonstrativos e os nomes próprios têm em si uma "contribuição descritiva", enquanto o sentido da frase não é relevante para as condições de verdade. Coseriu aplica o ponto de vista da linguagem verbal, opera uma distinção entre diversos tipos de referência, uma vez que existe um *léxico estruturado*, linguístico, e um *léxico «nomenclator»*, terminológico[99]. Deve-se ter em linha de conta esta delimitação, pois as terminologias científicas e técnicas não são tratadas do mesmo modo que as palavras comuns. Nesta situação, a linguagem é utilizada para criar classificações diferentes que não seguem mais a estrutura da língua

---

[96] Idem, "Unidad y diversidad de la lingüística atual", *Ibidem*, pp. 119-120.

[97] Idem, *Linguística del testo. Introduzione a una ermeneutica del senso,* edizione italiana a cura di Donatella DI CESARE, Roma, Carocci, 2001, pp. 123 e segs.

[98] "Per contesto si debe intendere la realtà complessiva che circonda un segno", *Ibidem*, pp. 123-124.

[99] Idem, "Introducción al estudio estructural del léxico", *Principios de semántica estructural*, Madrid, Gredos, 1977, p. 99.

na qual foram criadas. A coerência da interpretação coseriana destaca-se especialmente na criação dos "campos" semânticos, onde as terminologias não organizam, como seria normal, significados linguísticos, mas sim objetos, fenómenos, sendo neste sentido "classificações objetivas" e não estruturações semânticas. Na verdade, ao nível semântico, o significado dos termos coincide com a designação, sendo substituto dum determinado objeto. A funcionalidade das terminologias é objetiva e delimita as realidades objetivas, enquanto a linguagem opera uma delimitação na intuição da realidade. Sendo assim, não tem sentido estabelecer uma "estrutura semântica" dos termos especializados numa dada ciência, cada uma apresenta uma estrutura própria ligada ao progresso das mesmas e não à linguagem. As terminologias têm um valor universal e traduzi-las significa quebrar a identidade já realizada entre significado e designação originária e recriar uma nova identidade cuja designação recebe um novo significado.

Os cientistas intuíram este fenómeno na criação dos termos ao escolher raízes lexicais gregas ou latinas, línguas clássicas e equidistantes relativamente às línguas históricas e, portanto, devem ter consciência da universalidade dos termos por eles utilizados, ultrapassando todas as barreiras ideológicas e políticas de isolamento cultural.

A conceção epistémica do significado. Para entender uma palavra ou frase, os falantes devem conhecer as regras formais que governam a fala, as convenções que permitem introduzir e eliminar termos numa língua.

Coseriu propõe uma delimitação triádica entre fala, norma e sistema, onde o significado pertence ao nível lexical e as regras específicas da fala concretizam a norma linguística, frequentemente denominada por "uso da língua". Esta situação não é estática, a língua é continuamente enriquecida a todos os níveis.

Segundo Coseriu, o nível material da linguagem é constituído pelos sons com conteúdo semântico criados a partir da atividade mental. Para Coseriu não existe um único tipo de significado, mas sim cinco tipos: 1) o *significado lexical* contém a apreensão linguística do mundo, a resposta dada à pergunta "*o que é?*" 2) o *significado categorial* responde à pergunta "*como?*" A apreensão do mundo liga-se às categorias verbais ou às partes da oração: substantivo, adjetivo, verbo, advérbio com as suas subdivisões; 3) o *significado instrumental*, significado próprio dos morfemas que constituem as palavras com significado "pluralizador", "atualizador", "repetitivo" e outros; 4) o *significado estrutural* ou *sintático* contém as combinações dos significados já mencionados na construção duma unidade semântica, e finalmente: 5) o *significado ôntico* contém o valor existencial daquilo que se constrói num enunciado. O mesmo enunciado tem vários significados ônticos nas formas

interrogativa, imperativa ou negativa[100].

A intencionalidade tem como ponto de partida o sentido técnico, didático, dos escolásticos: os atos mentais caracterizam-se por visarem sempre algo. Brentano[101] usa-o para definir a distinção entre os fenómenos mental e físico, em que o primeiro apresenta duas vertentes: uma de indiferença para com a existência real ou ficcional dos objetos, outra de sensibilidade à variação dos modos de apresentação. Austin[102] e Searle[103] utilizam este conceito ao indicarem a natureza distinta dos enunciados do ponto de vista psicológico em vários contextos como paradigmas do contexto intencional: a fé, o desejo, a esperança, a intenção, a ordem etc.

A intencionalidade é uma noção capital na fenomenologia inaugurada por Husserl[104], designando o caráter fundamental da consciência enquanto consciência de alguma coisa. Coseriu liga a intencionalidade com o significado ôntico do enunciado. A partir da análise do discurso pretende-se chegar à intencionalidade do falante.

---

[100] Idem, "La «situación» en la lingüística", *El hombre y su lenguaje*, Madrid, Gredos, 1977, pp. 248-249 [na tradução portuguesa, pp. 178-179]. Idem, "Semántica y gramática", *Gramática, semántica, universales*..., pp. 136-140.

[101] "*Every mental phenomenon is characterized by what the Scholastics of the Middle Ages called the intentional (or mental) inexistence of an object, and what we might call, though not wholly unambiguously, reference to a content, direction towards an object (which is not to be understood here as meaning a thing), or immanent objetivity. Every mental phenomenon includes something as object within itself, although they do not all do so in the same way. In presentation something is presented, in judgement something is affirmed or denied, in love loved, in hate hated, in desire desired and so on. This intentional in-existence is characteristic exclusively of mental phenomena. No physical phenomenon exhibits anything like it. We could, therefore, define mental phenomena by saying that they are those phenomena which contain an object intentionally within themselves.*" Franz BRENTANO, *Psychology from an Empirical Standpoint*, edited by Linda L. McAlister, London, Routledge, 1995, p. 88-89.

[102] John Langshaw AUSTIN, *How to do Things with Words*, Oxford, Oxford University Press, 1980.

[103] John R. SEARLE, *Intentionality. An Essay in the Philosophy of Mind*, London, Cambridge University Press, 1983. O autor explica a faculdade de produzir os atos de fala como uma extensão duma capacidade biológica fundamental da mente, a de ligar o organismo ao mundo através dos estádios mentais que determinam a atividade e a perceção.

[104] "*E não se trata apenas do imanente como ingrediente, mas também do imanente no sentido intencional. As vivências cognitivas – e isto pertence à essência – têm uma intentio, visam (meinen) algo, referem-se de um ou outro modo a uma objectalidade, mesmo se a objectalidade lhes não pertence.*" Edmund HUSSERL, *A ideia da fenomenologia*, Lisboa, Edições 70, 1990, p. 83.

Os sorites[105] propostos pelo lógico Eubulides de Mileto[106], contemporâneo de Aristóteles, encontram-se nas especulações da filosofia da linguagem contemporânea. Coseriu menciona Juan Luis Vives, que "*deu uma solução correta a este problema*"[107]. Nas quantificações numericamente indeterminadas, respetivamente nos substantivos *plurale tantum*, que têm apenas conteúdo de plural, independentemente da forma que pode ou não ser plural em função duma determinada língua, não se admitem delimitações pontuais. Vejam-se os exemplos de careca, montão, multidão, sociedade, povo etc. Coseriu interpreta-os,[108] operando a diferença ao nível do conteúdo semântico entre o significado e a designação de cada constituinte lexical, onde um não se reduz ao outro[109].

A subjetividade joga um papel importante no conhecimento das coisas, opiniões e ideias acerca das coisas que intervêm continuamente no funcionamento lexical. Coseriu discorre sobre uma subjetividade constitutiva da linguagem, não confundível com a apreciação subjetiva, seja ela individual ou coletiva, não lexematizada ou gramaticalizada. Distingue três tipos de

---

[105] Na filosofia da linguagem retoma-se o nome grego de "sorites" para as especulações sobre o conteúdo semântico das formas *plurale tantum*, cf. R. M. SAINSBURY e Timothy WILLIAMSON, "Sorites", in Bob HALE, e Crispin WRIGHT eds. *A Companion to the Philosophy of Language* ..., p. 458.

[106] Os autores apresentam as interpretações dos filósofos estoicos, ao tornar o raciocínio lógico numa fórmula lógico-matemática "*Are i + 1 few?*" *Ibidem*, p. 459.

[107] Eugenio COSERIU, "Teoría del lenguaje de Juan Luis Vives", *Tradición y novedad en la ciencia del lenguaje...*, pp. 82-83.

[108] "*Mutatis mutandis, éste es el viejo sofisma del montón: claro está que un grano no constituye el montón y que el montón es «independiente» de cada uno de los granos tomados por separado; pero sólo en cuanto, en el momento en que se saca un grano, los otros lo siguen constituyendo. Si se sacan todos los granos simultáneamente, también el montón desaparece. La conclusión exata es, pues, que ningún grano constituye el montón, y no que todos no lo constituyen, o que el montón es «exterior» a los granos.*" Idem, "Lengua abstrata y lengua concreta", *Sincronía, diacronía e historia*... p. 35.

[109] Coseriu explica este sofisma ao demonstrar os erros de Durkheim na construção da sua teoria: o fato social existe "*independentemente das consciências individuais*", atribuindo um valor atemporal a uma realidade bem determinada historicamente e conferindo a todos os indivíduos o que é específico de um só. Durkheim situa o indivíduo como sendo exterior à sociedade. Existe uma diferença entre «*no haber sido creado por*» e «*existir independientemente de*». Um único indivíduo não é criador do fato social. Coseriu demonstra a não existência de uma língua "exterior" aos indivíduos situada numa "consciência coletiva", mítica. "*Lo que ocurre, en realidad, no es que los hechos sociales sean exteriores a los individuos, sino que el «individuo» de Durkheim es exterior a la sociedad.*" *Ibidem*, p. 36.

subjetividade da manifestação linguística:

> "a) uma subjetividade incorporada nos sistemas lexical e gramatical da língua no plano da função distintiva *[útil / inútil, agradável / desagradável]*; b) uma subjetividade sistematizada mas não distintiva, externa aos sistemas lexical e gramatical; c) uma subjetividade não sistematizada, esporádica e ocasional"[110].

A obra coseriana não distingue o *significado natural* do *não-natural*. O *significado* realiza-se através da linguagem, materializando o conteúdo mental das palavras numa língua. O termo nuvem não tem como significado chuva, atribui-se-lhe frequentemente um sentido do tipo: "Vejo nuvens e parece-me que vai chover". Este sentido é uma variável entre muitas ligadas à experiência pessoal. O significado pertence única e exclusivamente à linguagem. Todo o discurso filosófico sobre a *platitude da verdade* do significado, tal como a *teoria da verdade minimal* ou do *realismo metafísico* de Hilary Putnam[111] sobre as relações entre linguagem e natureza, tal como a *teoria sobre a verdade* e a *verificação da verdade* são construções semânticas integradas na ideologia positivista numa abordagem extralinguística da linguagem.

A **semântica** é fundamental para a linguagem. A sua função expressa como "*lógos semantikós*" é constitutiva para a linguagem, especifica todas as coordenadas nos seus valores cognitivos, é a forma essencial da construção do mundo humano na sua dimensão cultural. Coseriu refere a semântica estrutural, mas distancia-se de Greimas, que tomou como ponto de partida o conteúdo do campo semântico, analisou as oposições lexemáticas no mesmo, e de J. J. Katz e Fodor onde, a partir do signo material (*significante*) se discute a estrutura da

[110] "*Conviene distinguir tres tipos de «subjetividad» dotados de manifestación lingüística: a) una subjetividad incorporada a los sistemas léxico y gramatical de la lengua, en el plano mismo de la función distintiva; b) una subjetividad sistematizada pero no distintiva, exterior a los sistemas léxico y gramatical; c) una subjetividad no sistematizada, esporádica y ocasional.*" Idem, "Introducción al estudio estructural del léxico", *Principios de semántica estructural...*, nota 2, p. 105.

[111] "*Em resposta a esta condição, a condição de ser chamado a escolher entre uma posição metafísica, por um lado, e um grupo de posições reducionistas, por outro, fui levado a seguir Kant ao distinguir entre dois tipos de realismo* [(...)] *Aos dois tipos eu chamei «realismo metafísico» e «realismo interno»* [nota 11: Ver ensaio intitulado "Realism and Reason" em Hilary PUTNAM, *Meaning and the Moral Sciences*, London, Routledge and Kegan Paul, 1976]. *O realista metafísico insiste que uma misteriosa relação de «correspondência» torna a referência e a verdade possíveis; o realista interno, contrastando, está disposto a pensar na referência como interna aos «textos»* (ou teorias), desde que reconheçamos que existem melhores e piores «textos»." Hillary PUTNAM, *Realismo de rosto humano*, trad. por Carlota Andrade, Lisboa, Instituto Piaget, 1999, p. 190.

interpretação dum significado na medida em que ele é polissémico, reduzindo as oposições linguísticas à utilização de certos traços semânticos[112]. Identificam os significados lexicais presentes, eliminando outros significados lexicais possíveis dos mesmos significantes, não distinguem entre a identificação do signo e a análise do significado. O tipo de análise proposto por Katz e Fodor é totalmente exterior às relações de significação e não estabelece paradigmas de conteúdo. Respeitando a complexidade da linguagem, o problema de desambiguação não deve limitar-se apenas à lexicologia mas também à

[112] "*En Katz y Fodor, en cambio* («The Structure of a Semantic Theory», en *Language*, 39, 1963, p. 186 y 190; cf. también J. J. Katz y P.M. Postal, *An Integrated Theory of Linguistic Descriptions*, Cambridge, Mass., 1964, p. 14) *el punto de partida lo constituye un signo material* (signifiant) *y se trata de la* estructura de la interpretación *de este* signifiant*: se trata, por tanto, de asignar diferentes significados a un signifiant, en la medida en que el* signifiant *considerado es polisémico. Pero, puesto que el asignar un significado es simplemente identificar un signo (*signe*) en su conjunto, el método Katz y Fodor equivale a la mera identificación de los signos, aunque para ello se utilicen rasgos semánticos. Así, esta llamada «teoría de la estructura semántica» no tiene, en realidad, nada que ver con una semántica estructural. Es sólo una utilización empíricamente condicionada y teóricamente incoherente de ciertos rasgos (dados por el contexto o la situación) para la selección de un contenido determinado, por exclusión de otros contenidos posibles para el mismo* signifiant*, es decir, para la llamada* disambiguation*: los resultados de un análisis del contenido – que, por otra parte, es sólo intuitivo y circunstancial – son utilizados por Katz y Fodor simplemente para identificar y ordenar los posibles «significados textuales» de un* signifiant*. Sólo por una gravísima confusión entre el reconocimiento de las oposiciones lingüísticas y la utilización de ciertos rasgos semánticos en la interpretación del texto se puede llegar a equiparar el análisis del contenido propuesto por Hjelmslev con la práctica lexicográfica de la* disambiguation *por medio de «semántica markers» de Katz y Fodor (como lo hace P. Postal en su reseña del libro de Martinet,* Elements of General linguistics*, en* Foudations of Language*, 2, 1966, p. 179. En realidad, esta práctica no puede decir nada sobre las relaciones de contenido y las oposiciones en el vocabulario, ya que no considera en absoluto las oposiciones: como en el resto de llamada «teoría» transformacional, también en este caso se pasa simplemente por alto y se ignora el plano funcional de la lengua. Es decir que este plano, el plano de las oposiciones lingüísticas, no es en absoluto objeto de investigación: se toma como ya dado y, en parte, se utiliza en la práctica. Tampoco diferencia esta «teoría» entre lexemas, archilexemas y variantes textuales; y tampoco puede separar el uso metafórico del no metafórico: ella va de un signifiant a todos los tipos posibles de significación textual de este* signifiant*. [...] La semántica de Katz y Fodor está tan lejos de una descripción estructural de la lengua que no hay siquiera seguridad de que esos contenidos pertenezcan al mismo estado de lengua y al mismo sistema lingüístico dentro del inglés (en realidad, pertenecen, en parte, a sistemas y estados de lengua diferentes)*". Eugenio COSERIU, "Heye y su análisis del campo léxico «Schall»", *Tradición y novedad en la ciencia del lenguaje*..., nota de rodapé 4, pp. 192-194.

gramática. De fato, a sua semântica não é errónea, embora inútil relativamente à descrição das estruturas e das oposições semânticas, pois pressupõe estas estruturas como já conhecidas. Esta semântica não é mais que uma ordenação dos significados, não constitui nenhuma revolução, com exceção talvez em relação ao bloomfieldismo, no que se refere ao significado[113].

Os atos da fala, assim denominados por John R. Searle[114], são considerados por Coseriu[115] entre os conceitos mais importantes da linguística moderna que interpretam a materialização da atividade da fala. Na realidade, não existem línguas mas atos linguísticos.

Os atos de fala não preservam a mesma forma e valor significativo, não são fixos. Na realização dos atos da fala, Coseriu reconhece a ligação entre intuição e expressão no sentido, o indivíduo que fala exprime integralmente os conteúdos da sua consciência, mas não aceita uma identidade entre expressão e comunicação, entre expressão e receção, entre a expressão dum indivíduo e a intuição da mesma para o recetor. ***A metáfora*** definida como tropo ou figura do discurso rigorosamente apresentada por Dumarsais[116] e Fontanier[117]

[113] Idem, "Las estructuras lexemáticas", Principios de semántica estructural, ... & 1.3, pp. 165-168.

[114] "*Speaking a language is performing speech acts, acts such as making statements, giving commands, asking questions, making promises and so on; and more abstractly, acts such as referring and predicating; and, secondly, that these acts are in general made possible by and are performed in accordance with certain rules for the use of linguistic elements.*" John R. SEARLE, *Speech Acts. An Essay in the Philosophy of Language*, Cambridge, Cambridge University Press, 1969, p. 16.

[115] Eugeniu COȘERIU, "Actul lingvistic. Caracterul său de creație "inedită" și limitele sale", *Introducere în Lingvistică*, Cluj, Editura Echinox, 1999, pp. 25-30.

[116] "*La métaphore est une figure par laquelle on transporte, pour ainsi dire, la signification propre d'un nom à une autre signification qui ne lui convient qu'en vertu d'une comparaison qui est dans l'esprit. Un mot pris dans un sens métaphorique perd sa signification propre, et en prend une nouvelle qui ne se présente à l'esprit que par la comparaison que l'on fait entre le sens propre de ce mot, et ce qu'on lui compare*", César Chesneau DUMARSAIS, *Des tropes ont différents sens dans lesquels on peut prendre un même mot dans une même langue*, Paris, P.M. Nyon Libraire, 1787, (troisième édition), p. 155.

[117] "*Les tropes par ressemblance consistent à présenter une idée sous le signe d'une autre idée plus frappante ou plus connue, qui, d'ailleurs, ne tient à la première par aucun autre lien que celui d'une certaine conformité ou analogie. Ils se réduisent, pour le genre, à un seul, à la métaphore, dont le nom si connu, et plus connue peut-être que la chose même, a perdu, comme l'observe Laharpe, toute sa gravité scolastique.*" Pierre FONTANIER, *Les figures du discours*, introduction par Gérard Genette, Paris, Flammarion, 1968, p. 99. "*Toutes les espèces de mots peuvent donc s'employer ou s'emploient en effet métaphoriquement, sinon à titre de figure, du moins à titre de catachrèse.*" *Ibidem*. "*Or, quelles sont les conditions nécessaires de la métaphore?*

interseta-se com a experiência humana do mundo e apresenta facetas interdisciplinares na obra "*A metáfora viva*"[118] de Paul Ricoeur, cujo estudo reúne as dimensões teológica, filosófica e científica, operando uma revisão interpretativa do conceito de imaginação e função heurística na criação da realidade. A obra de George Lakoff e Mark Johnson intitulada *As metáforas através das quais vivemos*[119] teve um grande eco na segunda metade do século XX. Os autores demonstram como as metáforas são concetuais na sua natureza, os nossos principais veículos de entendimento que jogam o papel central na construção da realidade social e política, ao contrário de como é entendida a sua contribuição e função na realidade cultural. A ideia de verdade liga-se ao conceito de metáfora[120] e, por conseguinte, Lakoff e Johnson estudam os papéis da projeção na verdade e caracterização da mesma. Na teoria da compreensão, ao pronunciar-se sobre uma proposição como sendo verdadeira, deve-se, em primeiro lugar, entender o seu sentido. A metáfora constrói e desconstrói[121]

Il faut qu'elle soit vraie et juste, lumineuse, noble, naturelle, et enfin cohérente. Elle sera vraie et juste si la ressemblance qui en est le fondement est juste, réelle, et non équivoque ou supposée. Elle sera lumineuse, si, tirée d'objets connus, et aisés à saisir, elle frappe à l'instant l'esprit par la justesse et la vérité des rapports [...]" *Ibidem*, p. 103-104. "*Tous ces conditions, au reste, ne regardent que les métaphores d'invention que l'on emploie par figure, et qui n'ont pas encore reçu la sanction de l'usage; car, pour celles qui tiennent au fond de la langue, soit qu'elles se présentent comme figures ou comme catachrèses, elles ont, s'il faut le dire, un cours forcé, et il n'est plus permis d'y voir des défauts.*" *Ibidem*, p. 104.

[118] Um processo específico: "*A metáfora, atribuição insólita, é um processo semântico, no sentido de Benveniste, talvez mesmo o fenómeno genético por excelência no plano da instância do discurso.*" Paul RICOEUR, *A metáfora viva*. Introdução de Miguel Batista Pereira, Porto, Rés, 1983, p. 297. Mantém a teoria predicativa da metáfora de Aristóteles, apresenta-a igualmente como um nome, uma orientação para o icónico ao referir a teoria de Paul Henle: "*Chamemos metáfora a todo o «deslocamento (shift) do sentido literal para o sentido figurativo»*", *Ibidem*, p. 280.

[119] "*Our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature.*" George LAKOFF and Mark JOHNSON, Metaphors We Live By, Chicago & London, The University of Chicago Press, 1980, p.3. Numa primeira aproximação, recupera o paradigma tradicional da metáfora: "*The essence of metaphor is understanding and experiencing one kind of thing in terms of another*", *Ibidem*, p. 5. As metáforas como expressões linguísticas são possíveis, pois são metáforas no sistema conceptual da pessoa como indivíduo, *Ibidem*, p.6.

[120] "*Truth is always relative to a conceptual system that is defined in large part by metaphor. Most of our metaphors have involved in our culture over a long period, but many are imposed upon us by people in power – political leaders, religious leaders, business leaders, advertisers, the media etc.*", *Ibidem*, pp. 159-160.

[121] "*Our account of metaphor goes against this tradition. We see metaphor as essential to human understanding and as a mechanism for creating new realities in our lives.*

um mito, qualquer que ele seja, do subjetivismo, do objetivismo, do poder, da verdade, da beleza da consciência de si[122].

Coseriu liga a metáfora à energueia da linguagem e estuda a constituição metafórica da linguagem[123] que faz desta uma forma da cultura.

> "*Como conhecimento criador, a linguagem tem todas as características das atividades criadoras do espírito cujos resultados não são materiais* [...] *e que se chamam conjuntamente cultura: é uma forma da cultura, talvez a mais universal de todas, e, de qualquer modo, a primeira que distingue imediata e nitidamente o homem dos outros seres da natureza.*"[124]

O estudo coseriano sobre a metáfora completa os níveis linguísticos ausentes no panorama das abordagens existentes, trata a raiz metafórica da linguagem no seu momento constitutivo onde, ao nível da criação linguística, o "*sentimento de expressividade*"[125] reúne o paradoxo com a aspiração de tornar algo mais claro e de criar valores expressivos. As relações entre signos e jogos de palavras ligam-se ao "*sentimento atual da metáfora que não coincide com a história da própria metáfora*"[126] e ao "*sentimento linguístico*"[127] que estabelece relações entre os signos do sistema. Para Coseriu, a metáfora é uma atividade de criação, não apenas um tropo estilístico e manifesta-se em todos os níveis da linguagem. Insiste sobre a fertilidade metafórica na criação das

---

This puts us at odds with most of the Western philosophical tradition, which has seen metaphor as an agent of subjectivism and, therefore, as subversive of the quest for absolute truth." *Ibidem*, pp. 195-196.

[122] Na cultura ocidental tem-se "*um longo processo de libertação da consciência e da razão relativamente às representações mitológicas; que, por conseguinte, quer do ponto de vista histórico, quer, sobretudo, do ponto de vista da sua peculiar natureza, tanto a filosofia como a ciência, enquanto superiores manifestações e qualificadas criações da razão, se constituem por definitiva rutura e progressivo afastamento em relação ao mito. Expressões correntes, como «do mito à filosofia», ou «do mito à razão», traduzem e confirmam esta boa consciência de progressiva emancipação da visão racional do mundo, a qual, de resto, é reconhecida como constituindo o próprio impulso que gera o movimento da cultura ocidental.*" Leonel Ribeiro dos SANTOS, "O retorno ao mito. Nietzsche, a música e a tragédia", *Philosophica. Revista do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, nº 1, abril, 1993, pp. 89-90.

[123] Eugenio COSERIU, "A criação metafórica na linguagem", *O homem e a sua linguagem*..., pp. 53-77.

[124] *Ibidem*, p. 60.

[125] *Ibidem*, p. 64.

[126] *Ibidem*.

[127] *Ibidem*, p. 65-67.

designações, quer no momento da criação inicial, quer em vários momentos da recriação semântica, pois o âmbito da atividade de criação metafórica é semântico:

> "*As palavras mudam continuamente, não só do ponto de vista fónico, mas também do ponto de vista semântico, uma palavra nunca é exatamente a mesma* [...]. *Em cada momento há algo que já existia e algo que nunca existiu antes: uma inovação na forma da palavra, no seu emprego, no seu sistema de associações.*"[128]

Ao nível lexemático, o processo metafórico incorpora o momento de "curto-circuito" semântico anterior ao discurso entre várias esferas semânticas. Qualquer separação teórica entre designação, significado e sentido é arbitrária e convencional. Através da criatividade metafórica, Coseriu explica como o nível mais elaborado e complexo semântico, o sentido, determina ou mesmo se torna significado como por exemplo nas "*contaminações semânticas*", "*associações «arbitrárias»*", "*etimologias populares*"[129] ou fantasiosas, "*o tabu linguístico*"[130] e "*a interdição da linguagem*"[131]. Coseriu opera uma distinção nítida entre "a etimologia técnico-objetivista" e "a etimologia concreta", esta última ilustrando o sentimento linguístico vivo da expressividade:

> "*Evidentemente, uma coisa é a etimologia técnico-objetivista, que considera as palavras como entidades isoladas e autónomas, e outra coisa é a etimologia concreta, que considera as palavras na sua relação com as coisas e nas suas relações orgânicas entre si, como também, no que aqui nos interessa, em relação com o sentimento linguístico e com o valor expressivo que os falantes lhe atribuem.*"[132]

Relativamente à posição refractária ao uso da metáfora no discurso filosófico, ao considerar-se que "*ela quebra o andamento demonstrativo e rompe a homogeneidade da representação conceptual*"[133], ligando a ornamentação da expressão ao pensamento mítico, espacial e imagístico (visual), a metáfora torna ambíguo o texto filosófico, é um obstáculo na formulação do pensamento puro. Para Coseriu, a atividade metafórica criativa é essencial para o discurso filosófico. Uma definição contém uma estrutura metafórica cujo centro irradiante é a cópula "**é**", que se comporta como um

[128] *Ibidem*, p. 76.
[129] *Ibidem*, p. 66-67.
[130] *Ibidem*, p. 69.
[131] *Ibidem*, p. 71.
[132] *Ibidem*, p. 67.
[133] Frédéric COSSUTTA, "Função das metáforas nos textos filosóficos", *Elementos para a leitura dos textos filosóficos*, ..., p. 100.

espaço vazio, e por isso Coseriu confere 22 equivalentes semânticos[134] que podem ir ao infinito. O processo de criação metafórica é contínuo e presente em todo o ato linguístico, em cada discurso especializado:

> *"O filósofo e o cientista criam a sua linguagem como o orador e o poeta."*[135]

Coseriu mantém uma atitude equidistante e equilibrada ao utilizar conceitos aplicados à linguagem, atento a não duplicar o fato real da fala numa construção teórica tautológica, descritiva. Valoriza a segunda especificação do logos semântico em logos apofântico, pragmático e poético, estabelece exatamente o domínio da aplicabilidade de cada ideia, teoria e técnica existentes. Coloca em primeiro lugar o poder do raciocínio e criatividade humanas. O lado material da linguagem tem a sua importância na realização correta da fala duma língua, mas Coseriu considera mais importante o lado invisível da atividade mental e o conteúdo semântico que a incorpora.

1.3. Eugenio Coseriu - filósofo da linguagem

1.3.1. A filosofia da linguagem de Eugenio Coseriu constitui-se como um campo reflexivo que delimita os conceitos fundamentais ligados à linguagem, estuda a sua relação com o pensamento, estabelece a essência da linguagem e o seu lugar entre os fenómenos que manifestam a essência do homem:

> *"Sabemos muito mais que Aristóteles ou Hegel sobre as línguas, e também sobre o funcionamento da linguagem em geral, mas entendemos muito menos a linguagem."*[136]

A distinção entre o "saber sobre" e "entender" a linguagem, apresenta dois lados cognitivos coexistentes, um contém a distância necessária entre o sujeito cognoscente e o objeto de conhecimento, o outro refere-se à atividade de

---

[134] *"Múltiplas funções da cópula é = "é igual a", "é idêntico a", "é como", "é análogo a", "comporta-se como", "é também", "é entre outras coisas", "tem como atributo", "corresponde ao conceito de", "é um exemplo duma classe que chamamos...", "comprova-se como", "funciona como", "é constitucionalmente, "é essencialmente", "é no plano individual", "é no plano social", "é no plano da realidade empiricamenete comprovável", "é no plano da finalidade", "apresenta-se como", "apresenta-se à análise como", "manifesta-se fenomenicamente como", "manifesta-se historicamente como" etc.*" Eugenio COSERIU, "A criação metafórica na linguagem", *O homem e a sua linguagem...*, p. 53

[135] *Ibidem*, p. 62.

[136] Idem, "A linguagem e a compreensão da existência do homem atual", *O homem e a sua linguagem...*& 3.3.2, p. 46.

criação mental do fenómeno na sua manifestação e visa um primeiro momento filosófico necessário para um saber adequado[137], científico. O seu discurso filosófico concentra-se no entendimento da linguagem e abrange, ao nível cognitivo, o espectro da atividade humana. Face a outros filósofos da linguagem, Coseriu distancia-se das suas teorias ao considerar que a realidade da fala exige uma revitalização do traço antropocêntrico formulado pela célebre máxima do sofista Protágoras de Abdera:

> "*O homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são.*"[138]

ou no verso de Terêncio:

> "*Sou homem e tudo o que é humano não me é estranho.*"[139]

---

[137] "*Cum vero id omne quod notitiam distinctam ingreditur, rursus distincte cognitum est, seu cum analysis ad finem usque producta habetur, cognitio est adequata, cujus exemplum perfectum nescio an homines dare possint.*" G. W. LEIBNIZ, "Meditationes de Cognitione, Veritate et Ideis", *Die philosophischen Schriften*, Berlin, Georg Olms Berlagsbuch handlung, 1980, vol. 4, p. 423. "*Quando posso reconhecer uma coisa entre outras, sem poder dizer em que consistem as suas diferenças ou propriedades, o conhecimento é confuso. Assim conhecemos por vezes claramente, sem de modo algum duvidar, se um poema ou até um quadro está bem ou mal feito, porque há um não sei quê que nos satisfaz ou nos choca. Quando, porém posso explicar as notas que tenho, o conhecimento chama-se distinto.* [...] *Mas quando tudo o que entra numa definição ou conhecimento distinto é conhecido distintamente, até às noções primitivas, chamo adequado a esse conhecimento. E quando o meu espírito compreende ao mesmo tempo e distintamente todos os ingredientes primitivos de uma noção, tem dela um conhecimento intuitivo.*" Idem, *Discurso de metafísica*, Edições 70, 1995, pp. 60-61.

[138] "*Of all things the measure is man, of existing things that they exist and of non-existing things that they exist not.*" PROTAGORAS in Sextus EMPIRICUS, *against the Logicians*, trad. rev. R. G. Bury, Litt. D., London & Cambridge, William Heinemann & Harvard University Press, 1967, I, 60 (p. 33). Este texto é igualmente referenciado com o título Adversus Mathematicus, VII, 60. "*También Protágoras pretende que el hombre e medida de todas las cosas, de las que son en cuanto son e de las que no son en cuanto no son, y llama medida al criterio, cosas a las realidades, de manera que podría afirmar que el hombre es el criterio de todas las realidades, de las que son en cuanto son e de las que no son en cuanto no son.*" citado por M. UNTERSREINER, *Sofisti. Testimonianze e frammenti*, Firenze, 1961, vol. I, p. 79 apud Angel J. CAPPELLETTI, *Protágoras: Naturaleza y cultura*, Biblioteca de la Academia Nacional de la Historia, Caracas, 1987, p. 92.

[139] "*Homo sum: humani nihil a me alienum puto*" Réplica da personagem Chremes na primeira cena do primeiro ato da comédia *Heautontimorumenos* de Terêncio. TÉRENCE, *Heautontimoroumenos - Phormion*, texte établit et traduit par J. Marouzeau, Paris, Société d'Édition «Les Belles Lettres», 1956, p. 23.

Para Coseriu, o "*homem medida*" torna-se a *linguagem medida*, não como *linguagem-objeto*, mas como atividade contínua de criação de tudo o que para ele existe. A linguagem é a medida humana das coisas "tais quais são" quando se respeitam as leis universais do pensamento e se usam as mesmas intuições da linguagem materna, tal como é a medida das coisas "como não são" na dialética da criatividade individual que ultrapassa as intuições dadas pelo conhecimento linguístico comum, mas entendíveis numa novidade criativa, uma negação que afirma, uma vez mais, a criatividade humana ao nível cultural do "saber expressivo". Visto através da complexidade da linguagem, o "saber" é profundo e diversificado:

> "*Considerado na sua essência, o saber linguístico é um saber fazer, isto é, um saber técnico.*"[140]

Na linguagem "os objetos" ou "as atividades" não residem como "objetos" ou "atividades" como tal, o saber linguístico geral e intuitivo, semelhante ao conceito heideggeriano de pré-compreensão[141], cria-os e organiza-os nos conteúdos semânticos da língua falada.

> "*O saber linguístico – o saber falar e entender a fala – não é um saber teórico, quer dizer que não pode justificar-se, motivar-se ou, pelo menos, não pode motivar-se em todas as suas partes.*"[142]

A construção da identidade humana principia e desenvolve-se continuamente com a linguagem. O ser humano torna-se "homem" através da faculdade de criação da linguagem, denominada por Coseriu "saber elocucional" como "*saber falar em geral, independentemente duma língua*"[143]

---

[140] Eugenio COSERIU, "Lengua abstrata y lengua concreta, *Sincronía, diacronía e historia*..., p. 58.

[141] "*Dasein is ontically constituted by Being-in-the-World, and if an understanding of the Being of its Self belongs just as essentially to its Being, no matter how indefinite that understanding may be, then does no Dasein have an understanding of the world-a-pre-ontological-understanding, which indeed can does get along without explicit ontological insights?*" Martin HEIDGGER, *Being and Time*, London, Blackwell, 2005, p. 102. "*Admittedly, when what the discourse is about is heard 'naturally' we can at the same time hear the 'diction', the way in which it is said* [*die Weise des Gesagtseins*], *but only if there is some counderstanding before-hand of what is said-in-the-talk; for only so is there a possibility of estimating whether the way in which it is said is appropriate to what the discourse is about thematically.*" *Ibidem*, p. 207.

[142] "*El saber lingüístico – el saber hablar y entender lo hablado – no es un saber teórico, es decir que no puede justificarse, motivarse o, por lo menos, no puede motivarse en todas sus partes.*" Eugenio COSERIU, "Lengua abstrata y lengua concreta, Sincronía, diacronía e historia..., p. 58.

[143] Idem, "Competența lingvistică", *Prelegeri și conferințe*..., p. 33.

que une a faculdade de falar ao nível mais profundo e universal do pensamento humano.

> "*Existe um saber elocucional, normas da fala em geral, dum lado, normas do pensamento em geral, do outro, normas determinadas do conhecimento das coisas, do conhecimento do mundo*"[144].

A visão do *homem medida,* interpretada como "linguagem medida" é amplificada no Renascimento ao nível do conhecimento na construção do "*uomo universale*" que manifesta a sua criatividade em todos os domínios da arte, ciência, técnica e política, medida continuada e focalizada sobre a faculdade da razão na época das Luzes e continuamente diversificada na modernidade até hoje onde cada um é, sem saber e ter consciência disso, um "*uomo universale*" no sentido básico que fala ao mesmo tempo muitas "línguas funcionais". A filosofia da linguagem de Coseriu surpreende a universalidade do indivíduo sem se limitar a um livro, é toda uma biblioteca com fontes e dados informacionais do conhecimento do mundo em várias realidades culturais e sobretudo com leitores; não se limita a uma disciplina de ensino entre tantas outras, mas é o ensino na sua totalidade com as experiências individuais de vida, domínios de estudo, com todos os conhecimentos linguísticos das línguas funcionais faladas pelos alunos e professores.

1.3.2. Para Coseriu as duas condições constitutivas essenciais da linguagem são a **energueia,** manifestada na atividade da fala, e a **alteridade** da linguagem, isto é, "*falar-um-com-o-outro*". Estas duas realidades determinam o binómio do conteúdo do pensamento e a sua expressão material na criação e modelação contínua, "*segundo uma técnica determinada e condicionada historicamente*"[145], denominada língua.

> "*Ao mesmo tempo, o estudo da linguagem como "língua" permite-nos separá-la dos condicionamentos e fins ocasionais dos atos de falar como possibilidades, não como essência da linguagem.*"[146]

Dum lado existe a realidade ontológica da *fala* e, do outro, a operação gnosiológica da *língua*. Esta distinção é vital e evita uma série de equívocos que orientam a pesquisa e a interpretação da língua para além da sua essência. Eugenio Coseriu especifica claramente quais os perigos inerentes à ausência desta distinção, e neste sentido entende-se melhor porque é que a sua filosofia não segue o caminho das outras filosofias da linguagem:

[144] "*Există o competență elocuțională, norme ale vorbirii în general, norme, pe de o parte ale gândirii în general, pe de altă parte, norme determinate de cunoașterea lucrurilor,* de cunoașterea lumii." *Ibidem*, p. 36.

[145] Idem, *O homem e a sua linguagem*..., p. 19.

[146] *Ibidem*, p. 20.

> *"O perigo de passar por alto sobre a relação da linguagem com o extralinguístico e de esquecer o fato importante que a linguagem, apesar da sua autonomia, é, precisamente, uma forma de conhecimento da "realidade" extralinguística."* [147]

As teorias da referencialidade operam com a linguagem como "instrumento" da comunicação inter-humana entre tantos outros não-verbais. Através da fala, estabelece-se a referência mental com a realidade extralinguística. Esta interpretação governa o mundo atual e pertence tanto ao senso comum como à teoria da linguagem que utiliza métodos exatos e tecnologias muito avançadas. Ferdinand de Saussure no seu célebre *Curso de linguística geral*[148] considera que, através da fala, o pensamento se refere às coisas que existem fora do sujeito e o próprio sujeito humano é percebido na sua corporalidade. Coseriu situa-se na circunstância peculiar que, longe da "coisificação" da linguagem, como instrumento, esta se institui primeiramente como uma forma fundamental e necessária de conhecimento. Antes de comunicar algo ou sobre algo, aquele algo deve existir como designação e significado. O questionamento é complexo: qual é a relação entre o que existe, o que é criado e o que é conhecido? Os objetos têm uma existência em si ou têm uma existência para o homem? Como se conjugam na vida social a tradição com a criação da linguagem? O conhecimento tem uma existência em si, objetiva? É determinado pela experiência empírica do sujeito, é uma descoberta de algo que existe ou é algo criado pelo sujeito? Uma profusão de perguntas que convergem na pergunta central: como é possível relacionar todas estas suposições num discurso interpretativo? Coseriu considera que o mundo é conhecido através da linguagem, não no sentido de acesso às realidades extralinguísticas, onde se manifesta a dimensão pragmática de agir e reagir conscientemente do ser humano, mas como criação da "realidade" na dimensão semântica. A maneira como os falantes se relacionam entre eles e com tudo o que existe determina para as mesmas realidades extra-linguísticas um conhecimento linguístico distinto. O conhecimento do mundo ao nível da linguagem constitui a intuição essencial do mundo na sua totalidade com um papel principal na formação do homem como tal. Esta realidade ontológica da linguagem sempre presente enriquece-se linguisticamente com novos elementos que estruturam semanticamente a experiência individual da vida,

---

[147] *Ibidem.*

[148] Ferdinand de SAUSSURE, *Curso de linguística geral*, Lisboa, Dom Quixote, 1999. A visão antinómica dos conceitos saussureanos "langue" e "parole" é desconstruída por Coseriu, mostrando que não existe nenhuma antinomia entre a língua e a fala, uma vez que não se encontram ao mesmo nível e no mesmo paradigma. Eugenio COSERIU, "Sistema, norma y habla", *Teoría del lenguaje y lingüística general*..., p. 51.

facilitando a assimilação da cultura e das tradições dos antepassados, realidades espirituais que determinam a integração do indivíduo na comunidade e projetam o sentido do seu destino.

> "*O perigo de sumariamente rejeitar ou simplesmente ignorar a conceção "ingénua" da linguagem, a conceção própria dos falantes* [...], *já que a linguagem não funciona para os linguistas e pelos linguistas, mas, precisamente, para os falantes e pelos falantes.*"[149]

A criação permanente da linguagem determina inconscientemente os falantes a senti-la como algo que lhes pertence e, como tal, cada um pronuncia a sua "verdade" existencial sobre a linguagem, uma vez que através da sua língua "vive dentro" da língua de todos os outros. A linguagem estrutura mentalmente o mundo, tal como os conhecimentos exatos, científicos, as vivências, os atos intencionais, qualquer atitude humana ativa, religiosa, supersticiosa, os sentidos dos preconceitos, vivificando todas as faculdades do ser. A língua não se pode isolar dos seus criadores para os quais funciona. Os intérpretes da linguagem devem ter em atenção as aceções da mentalidade popular sobre as palavras, expressões idiomáticas, as histórias vivas que mantêm a crença na sua fala, no comportamento, nas tradições, nas ações, na criatividade poética. O investigador da linguagem deve iniciar o seu estudo pela fala e pelo modo como os falantes se relacionam com a língua.

> "*O perigo de confundir ou equiparar a generalidade empírica do que se observa nas línguas com a universalidade da linguagem.*"[150]

Frequentemente fica-se como que preso aos exemplos vivos oferecidos por situações concretas da fala (ou textos) e a partir daí, num processo de indução entendida como "*o princípio segundo o qual deve-se partir das partes para o todo*"[151], estabelece-se a generalidade dos fatos, comparam-se os resultados obtidos no estudo de várias línguas e, ao nível da generalidade empírica, considera-se compreensível a universalidade da linguagem. Esta forma de

---

[149] Eugenio COSERIU, *O homem e a sua linguagem...*, p. 20.

[150] *Ibidem.*

[151] "*Muitas pessoas acreditam que a verdade desses enunciados universais é «conhecida através da experiência»; contudo, está claro que a descrição de uma experiência – de uma observação ou do resultado de um experimento – só pode ser um enunciado singular e não um enunciado universal* [...] *Se desejamos estabelecer um meio de justificar as inferências indutivas, deveremos, antes de tudo, procurar determinar um princípio de indução. Tal princípio seria um enunciado capaz de auxiliar-nos a ordenar as inferências indutivas em forma logicamente aceitável.*" Karl R. POPPER, *A lógica da pesquisa científica*, trad. por Leónidas Hegenberg e Octganny Silveira da Mota, São Paulo, Editora Cultrix, 1972, p. 28.

pesquisa científica das realidades humanas segue as ciências da natureza e está na base do método comparativo da linguística do século XIX, que identificou as leis linguísticas como leis históricas que vigoram num determinado tempo e espaço geográfico. Para Coseriu, a linguagem entendida na sua universalidade supera a generalidade empírica e impõe-se como um traço especificamente humano.

> "*O perigo de sobre-estimar a diversidade das línguas,* [...] *na realidade, toda a língua constitui, sem dúvida, um sistema historicamente específico, mas específico dentro do universal da linguagem, de maneira que cada língua é, como já o percebeu Humboldt, uma chave para todas as outras.*"[152]

A diversidade das línguas conduz à unidade da realidade da fala e, relacionando a individualidade da manifestação com a essência do fenómeno, o entendimento abre-se ao nível superior. Falar uma língua significa ter abertura para o entendimento dos outros povos através das manifestações humanas comuns. A perceção objectual da linguagem como produto finito e material, algo recebido e transmitido, mostra as diferenças entre os idiomas e especifica os traços culturais duma língua histórica, mas não define a essência da linguagem. A língua estabelece relações interpessoais, sociais, políticas e permite o relacionamento entre os povos, por vezes considerados inimigos exatamente porque falam outra língua ou a situação dos povos denominados "bárbaros" pelo fato de apenas balbuciarem, sem atingirem o estádio da fala, como encontramos nalgumas interpretações:

> "*Por isso os Gregos consideravam os estrangeiros como «balbuciantes» – é esta a origem do afortunadíssimo termo bárbaro – cuja fala não era considerada linguagem de homens, mas chilrear dos pássaros.*"[153]

Interpretação não aceite por Coseriu, que interpreta os *bárbaros* como *não gregos*, estrangeiros ou aqueles que não falam bem grego:

> "*Assim, para "falar esta ou aquela língua", os gregos empregavam verbos especiais (ἀττικίζειν ["falar língua"], ἑλληνίζειν ["falar grego"], βαρβαρίζειν ["falar como estrangeiro ou "falar mal uma língua (em especial o grego)*]."[154]

A mesma perceção material situa no pólo oposto a luta "política" pela

[152] Eugenio COSERIU, *O homem e a sua linguagem...*, p. 21.

[153] Antonino PAGLIARO, *A vida do sinal*, trad. de Aníbal Pinto de Castro, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, p. 21.

[154] Eugenio COSERIU, *O homem e a sua linguagem...*, p. 19

pureza da língua. O ponto de vista coseriano elucida como cada homem fala na sua língua a língua de todos, a língua do ser humano, "dentro e fora" das determinações históricas e geográficas. A sabedoria prática da língua falada reside na compreensão de que a primeira chave ao nosso alcance para o entendimento de outros povos e culturas é precisamente a nossa própria língua, através da qual o ser se abre para o outro com todas as suas virtualidades criativas.

> "*O perigo de entender as línguas como produtos estáticos e deixar de considerar a linguagem como produção.*"[155]

A teoria do código da língua identificado na base da criação duma mensagem ilustra uma outra face da interpretação objectual da linguagem. O "código", visto como algo exterior, inscreve a produção linguística numa matriz predefinida, similar ao dogma da predestinação de Calvino[156], no sentido em que a manifestação humana é censurada, não se pode exprimir livremente.

1.3.3. Para Coseriu a linguística geral[157] é a ciência que estuda a linguagem na sua essência, nos seus aspetos gerais sem referências limitadas a uma determinada língua. Por vezes identificada com a filosofia da linguagem, Coseriu considera no entanto preferível evitar esta identificação, pois cada uma delas adota um ponto de vista diferente:

> "*A filosofia da linguagem não estuda a linguagem em si e por si, mas na relação com outras atividades humanas, em primeiro lugar com o pensamento e por esta razão estuda especialmente a semântica ou a ciência da significação, tentando estabelecer a essência e o lugar da linguagem entre outros fenómenos que exprimem a essência do homem.*"[158]

---

[155] *Ibidem*, p. 21.

[156] J. Calvin relaciona a vontade livre do homem com a predestinação, doutrina criada à volta duma polémica com Jérôme Bolsec em 1551. *De aeterna Dei praedestinatione, qua in salutem alios ex hominibus elegit, alios suo exitio reliquit; item de providentia qua res humanas gubernat, Consensus pastorum Genevensis ecclesiae, a Io. Calvino expositus*, in Wulfert de GREEF, *The Writings of John Calvin expended edition. An Introductory Guide*, translated by Lyle D. Bierma, London, Westminster John Knox Pr., 2008.

[157] "*La ciencia que estudia el lenguaje en su esencia y en sus aspetos generales, sin referencia a una lengua determinada, se llama lingüística general, y a veces se identifica con lo que se llama más propiamente filosofía del lenguaje.*" Eugenio COSERIU, Introducción a la lingüística..., p.17.

[158] "*La filosofía del lenguaje se funda sobre una concepción filosófica determinada, y sólo en relación con esta concepción se refiere a los hechos lingüísticos concretos;*

"*O que é a linguagem?*", uma pergunta que persiste em toda a filosofia da linguagem. A linguística estuda a maneira como se manifesta a linguagem nas suas formas históricas, isto é, as línguas. A filosofia da linguagem tem na base uma conceção filosófica através da qual aborda as realidades linguísticas concretas, não tendo uma finalidade descritiva ou classificadora dos fatos linguísticos. A linguística geral assume uma orientação contrária, inicia-se com os fenómenos linguísticos concretos, opera uma sistematização e só depois estabelece as características gerais, utilizando a pesquisa realizada pelas linguísticas particulares que estudam as línguas. Para Coseriu, a filosofia é a ciência que questiona a essência da essência, o *quid* do *quid* num sentido cognitivo[159].

Após estabelecer a maneira geral de ser de um determinado tipo de objetos, levanta a hipótese de qual será o princípio, a essência a justificação desta maneira de ser particular. Relativamente à linguagem, o problema filosófico pode ser colocado através da pergunta: "*O que significa ser...*" uma determinada realidade linguística: *palavra, língua, designação, significado, sentido...*?

E o problema da essência da essência só pode ser determinado pela *reductio* aos princípios, à motivação originária, isto é, à pergunta fundamental: "*Porque é que existe linguagem?*"[160], numa delimitação de outras realidades culturais que têm ligação com a linguagem e algumas características comuns a esta, como a arte que se apresenta como expressividade ou a atividade prática que utiliza a linguagem como instrumento e o pensamento racional.

> "*Somente a linguagem oferece noções, entidades não apenas intelectuais mas universais com as quais podemos operar no pensamento. De outra maneira, na ausência da linguagem, o pensamento seria só representação. Um determinado homem ou uma determinada mesa não podem ser objetos do pensamento, mas só representações. Apenas se podem delimitar através da linguagem.*"[161]

---

por tanto, no tiene ninguna finalidad descriptiva o de sistematización de los hechos lingüísticos empíricamente comprobados. La lingüística general, en cambio, se mueve en la dirección contraria, es decir que parte de los fenómenos lingüísticos concretos y trata de establecer sus características generales, después de haberlos sistematizado, especialmente sobre la base de la investigación ya realizada por las lingüísticas particulares, esto es, las lingüísticas que estudian, en cada caso, una lengua determinada o un determinado grupo de lenguas." *Ibidem*, p. 18.

[159] Idem, "Filosofia Limbajului", *Prelegeri și conferințe...*, p. 8.

[160] *Ibidem*, p. 9.

[161] *Ibidem.*

A teoria linguística coseriana assenta numa única base, "*nomear as coisas*"[162], um princípio enunciado por Platão em *O Sofista*[163].

A filosofia da linguagem desde a Antiguidade até à atualidade orienta-se em duas direções: uma na "*relação entre a linguagem e a essência das coisas*" e outra que converge no "*problema da intersubjetividade da linguagem*" [164].

Da Antiguidade até ao apogeu da filosofia escolástica em S. Tomás de Aquino, o problema essencial centrava-se na relação entre a linguagem e o universo, ou entre o *ser* e a *linguagem*, na tendência de se ir mais além da linguagem para se chegar às coisas.

O Renascimento[165] colocou o segundo problema, o da intersubjetividade como o principal[166], um importante paradigma de pensamento iniciado por

---

[162] "*Es un principio enunciado por Platón en El Sofista, que dice precisamente esto: que el λόγος verdadero dice las cosas como son; mientras que el λόγος falso dice las cosas como no son, o como han dejado de ser o como no son todavía. Esto en las ciencias humanas significa primero que en realidad se trata de trasladar el plano de la reflexividad aquello que también todo hablante sabe como hablante, porque el fundamento de las ciencias humanas, no en lo particular, sino en lo universal, es el saber originario que el hombre tiene acerca de sí mismo y de sus propias atividades.*" Ricardo MAIRAL e Pedro SANTANA, "Entrevista a Eugenio Coseriu", *Cuadernos de Investigación filológica,* Logroño, Publ. del Colegio Universitario de la Rioja, Universidad de Zaragoza, tomo XVI, Fascs. 1 y 2, 1990, p. 160.

[163] "*Estrangeiro: Embora não tenhamos procedido aqui ao exame de todos aqueles que, pormenorizadamente, tratam do ser e de não ser, aceitamos o exame que fizemos como suficiente. Há outros que, em suas explicações, têm pretensões diferentes; e devemos examiná-los, igualmente, para convencer-nos, por um exame completo, que não é nada mais fácil dizer o que é o ser do que o que é o não ser.*" PLATÃO, O *Sofista*, versão de Alexandre Pinheiro Torres, Porto, Edições Sousa & Almeida, 1965, pp. 121-122.

[164] Eugenio COSERIU, "Filosofia Limbajului", *Prelegeri și conferințe...*, p. 10.

[165] "*Pontano não se refere propriamente ao uso retórico da linguagem e do discurso, mas ao «discurso comum» (de oratione tantum ipsa communi), usado nas relações quotidianas entre os humanos, nos negócios, nas assembleias, no espaço familiar e cívico*". Leonel Ribeiro dos SANTOS, *Linguagem, Retórica e Filosofia no Renascimento*, Lisboa, Edições Colibri, 2004, p. 18, ou: "*A ideia de que a linguagem é não só o fundamento da comunidade humana, o instrumento da comunicação recíproca entre os homens, a prerrogativa do homem, mas também um património e bem comum do povo (e não propriedade individual do orador, do poeta ou do filósofo), encontramo-la expressa de muitos modos. Seja na afirmação de Vives, citando Horácio, segundo a qual «é o povo que tem o direito sobre a linguagem», seja na insistência desse e de muitos outros humanistas, como Valla, Erasmo e Nizolio, quanto ao dever de respeitar a consuetudo sermonum ou a consuetudo veterum, contra a arbitrariedade da criação linguística dos dialéticos e metafísicos.*" *Ibidem*, p. 19.

[166] Eugenio COSERIU considera que o grande humanista espanhol Juan Luís Vives

Aristóteles em *De Interpretatione* e continuado até à atualidade, onde a intersubjetividade e a comunicação são consideradas como funções essenciais da linguagem do sujeito que "*experimenta nele próprio o outro e eu próprio no outro*"[167], segundo Merleau-Ponty.

Deste modo, uma "*consciência que diz algo com sentido implica também uma consciência que interpreta*"[168], afirma Guido Calogero. Segundo Coseriu,

---

acentua explicitamente a dimensão da intersubjetividade nas suas obras *Tratado de la enseñanza; Introducción a la sabiduría; Escolta dela alma; Dialogos; Pedagogia pueril*, Ed. Perrua, S.A., 2004, Ioannes Lodovicus VIVES Valentinus, *De concordia et discordia in humano genere*, de Juan Luís Vives March y Jose Luis Abellan, Ajuntament de Valência, 1997. A sua tese fundamental considera a língua como o espelho do homem, da racionalidade, da afetividade e da vontade (*língua este spectrum hominis universi, et rationis, et affectus, et voluntatis*). Eugenio COSERIU, "Filosofia limbajului", *Prelegeri și conferințe...*, p. 21.

[167] Eugenio COSERIU, "Filosofia Limbajului", *Prelegeri și conferințe...*, p. 21. "Moi-autrui, formule insuffisante", Maurice MERLEAU-PONTY, *Le Visible et l'Invisible. Suivi de notes de travail par Maurice Merleau-Ponty*, Paris, Gallimard, 1964, p. 274.

[168] Eugenio COSERIU, "Filosofia Limbajului", *Prelegeri și conferințe...*, p. 21. "*«Io» é pronome di prima persona e la grammatica relutta a lasciarne fare una cosa o un 'individualità trattabile in persona terza, e perciò designabile come «l'io» o «l'Io».*" Guido CALOGERO, *Etica Giuridica Politica*, Roma, Giulio Einaudi Editore, 1946, p. 3, "*«Io» è l'immediato nome del mio sentirmi vivo, del mio esserci al mondo e del mio volere ciò a cui aspiro. Ne più elementare suo uso, io lo contrappongo come designazione della mia persona a quelle delle altrui persone e delle altre cose. Ma la riflessione a poco m'insegna che «io» non sono, poi, solo il mio corpo, che si distingue da tutto il resto delle cose; e neppure soltanto il mondo psicologico e morale delle mie esperienze e delle mia personalità, diversa dalle personalità altrui: - bensì l'universale ambiente di consapevolezza di tutto questo, in cui rientra tutto ciò che è in me. Esso è per me l'habitat del mondo, la Casa dell'Universo. Scoperto questo, comprendo la somma, divina natura dell'«io», per enunciare in qualque modo che mi è familiare per designare la sussistenza delle singolarità, la forma di una qualque verità vecchia. Ma come è disperato l'assunto dell'ontologo, che traduce l'uso di quel verbo nella dottrina metafisica dell'essere, così sarebbe incongruo ogni tentativo di pretendere dalle frasi «lo spirito è io» o «l'io è spirito», o «l'io è la coscienza» o «io sono spirito e coscienza in quanto io», cosi come da tutte le altre, una qualunque autonoma significazione ontologica. Esse sono tutte modi de dire, più o meno suggestivamente felici, per avviare la coscienza dell'interlocutore all'avvertimento di un'esperienza, che non si comprende se non nello stesso momento in cui si altura, nell'assoluta immediatezza della sua soggettività.*" Idem, *Filosofia del dialogo*, Milano, Edizioni di Comunità, 1962, pp. 3-4. Guido Calogero, (1904-1986) foi professor de filosofia na Universidade de Florença e de Pisa. Publicou *I fondamenti della logica aristotelica*, Florença, 1927, *Studi sull'eleatismo*, Florença, 1932, *Storia della logica Antica* (1967), *La Conclusione della filosofia del conoscere*, Florença,1938, *La scuola dell'uomo*, Florença, 1939, *Sistema di Logica come teoria del conoscere*, *Lezioni di*

Wilhelm von Humboldt e Hegel unem estas duas direções num único problema, cada um à sua maneira.

Este último soluciona a motivação da linguagem em dois aspetos: o primeiro diferencia o homem de todos os outros seres vivos porque não aceita o mundo tal como se apresenta e constrói ele próprio um outro mundo. Demonstra assim que o homem não é animal[169], uma vez que rejeitando o mundo dado pela sensação imediata, constrói-o numa dimensão simbólica para as suas necessidades, um mundo em que ele pode pensar e transmitir sob a forma de conhecimento as suas reflexões sobre o mesmo. A segunda dimensão humana é o trabalho que constrói o mundo real. Para Hegel, a linguagem não é uma forma de cultura, mas sim a base de todas as formas de cultura. Na visão coseriana, a linguagem é cultura. Segundo Hegel, o homem não trabalha como um animal para construir qualquer abrigo que irá esquecer e abandonar. Numa insatisfação permanente com o que encontra na natureza, procura transformá-la, aperfeiçoá-la. Ao utilizar a mão, o homem faz dele próprio um instrumento de dominação da natureza. Ao assumir uma posição vertical, liberta a mão e assim pode agir, o trabalho é a característica fundamental do homem[170]. Coseriu substitui o trabalho pela linguagem vista na sua qualidade de energueia criativa através da qual o homem *cria* o mundo visível e invisível. O ser humano não segue a natureza como um dado externo, mas como uma criação semântica e a primeira modelação da natureza realiza-se através da linguagem, como algo novo, criativo, inovador sobre a natureza, ao transformar *natura naturans* em *cogito naturans*. As sensações não nos levam a pensar, mas pode-se pensar sobre elas e construir sentidos com carga semântica afetiva. Para pensar devemos ter significados, o pensamento deve despegar-se do particular absoluto. Os significados representam um modo

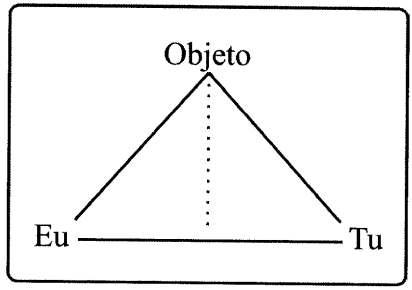
---

filosofia, Turino, 3 vols. 1946-1948, tal como as suas lições de filosofia *Lezioni di filosofia*: 1. *Estetica, Semantica, Istorica, Firenze,* 1942; 2. *Etica, Giuridica, Politica;* 3. *Logica, Gnoseologia, Ontologia*, Bari, 1943.

[169] O homem é animal no sentido etimológico do ser com 'anima' (alma), ou como na visão aristotélica do nome comum animal: "*Exemplo: Animal tanto é o homem, com aquele nome escrito. Entretanto não têm de comum senão o nome, mas a razão desse nome é diferente para cada um deles. Portanto, se alguém houver de dar razão de se explicar o nome de animal a cada qual deles, para cada um há de dar uma razão particular*" ARISTÓTELES, *Categorias*. Tradução de Silvestre Pinheiro Ferreira, apresentação e notas de Pinharanda Gomes, Lisboa, Guimarães Editores, 1994, 3ª ed., p. 54. Vejam-se mais explicações sobre a relação homem – animal, pp. 54-62.

[170] Esta ideia oriunda de Hegel será desenvolvida por Karl MARX e conhecerá o paroxismo na célebre expressão divulgada pelas ideologias comunistas na sua fórma axiomática: "*O trabalho criou o homem!*" onde o trabalho substitui Deus. Karl MARX, *O Capital*, São Paulo, Ed. abril, 1975, p. 150.

de ser em geral e com eles pode-se operar, analisar o mundo e projetar a sua mudança. Ao criar-se o significado de 'árvore', questiona-se: *O que é a árvore? Como é ela?* Construir uma explicação e comunicá-la é um ponto de partida para outros pensamentos. Para Wilhelm von Humboldt, no seu pequeno tratado sobre a língua basca[171], que é ao mesmo tempo um tratado de linguística geral, de filosofia da linguagem, de história e antropologia, projeta um programa de estudo da língua do povo basco tendo como ponto fundamental a tese de que na criação originária da linguagem, a objetividade e a intersubjetividade são simultâneas e complementares[172]. Para um melhor entendimento desta afirmação humboldtiana, Coseriu elabora um esquema[173] em triângulo isósceles, tendo no seu cume *o Objeto* e na base *a dimensão da alteridade*: Eu e Tu. A linguagem é criada para dominar o objeto, mas este último não tem qualquer objetividade se é apenas o meu, admitindo que para os outros seria de outra maneira.



[171] Wilhelm von HUMBOLDT, *Prüfung der Untersuchungen über die Urberwohner Hispaniens vermittelst der baskischen Sprache*, 1821.

[172] "*É esta, de fato, em termos muito gerais, a herança que nos fica da filosofia da linguagem ao tempo do romantismo alemão: a linguagem precisa ser entendida na globalidade das suas funções antropológicas, i.e., na sua natureza última, e não se esgota no somatório dos problemas parcelares que pode levantar, quer sejam linguísticos (ou seja, problemas das línguas particulares: descrição, classificação etc.), quer sejam mais ou menos filosóficos (ou seja, problemas particulares na Filosofia: linguagem e operações lógicas, linguagem universal etc.) Essa globalidade não se resume de forma alguma ao caráter instrumental, comunicacional, da linguagem, antes se prende diretamente com o caráter constitutivo da linguagem em relação a diferentes domínios do antropológico. O fato de esta globalidade ser entendida de diversas maneiras, de nem todos os autores privilegiarem os mesmos aspetos e de uns subordinarem essa «Antropologia» aos imperativos do sistema filosófico (Hegel) enquanto outros a subordinam às necessidades da estética romântica (A. W. Schlegel) e outros lhe conferem uma significativa autonomia (Herder, W. von Humboldt) não nos deve impedir de ver um vasto fundo comum, que demarca este período da reflexão anterior, embora seja possível acompanhar a génese destas conceções no pensamento que o precede.*" José M. JUSTO, *Érgon ou energueia. Filosofia da Linguagem na Alemanha sécs. XVIII e XIX*, Lisboa, Materiais Críticos, 1986, pp. 13-14.

[173] Eugen COŞERIU, "Filosofia limbajului, *Prelegeri şi conferinţe*... p. 26.

Wilhelm von Humboldt e Hegel unem estas duas direções num único problema, cada um à sua maneira.

Este último soluciona a motivação da linguagem em dois aspetos: o primeiro diferencia o homem de todos os outros seres vivos porque não aceita o mundo tal como se apresenta e constrói ele próprio um outro mundo. Demonstra assim que o homem não é animal[169], uma vez que rejeitando o mundo dado pela sensação imediata, constrói-o numa dimensão simbólica para as suas necessidades, um mundo em que ele pode pensar e transmitir sob a forma de conhecimento as suas reflexões sobre o mesmo. A segunda dimensão humana é o trabalho que constrói o mundo real. Para Hegel, a linguagem não é uma forma de cultura, mas sim a base de todas as formas de cultura. Na visão coseriana, a linguagem é cultura. Segundo Hegel, o homem não trabalha como um animal para construir qualquer abrigo que irá esquecer e abandonar. Numa insatisfação permanente com o que encontra na natureza, procura transformá-la, aperfeiçoá-la. Ao utilizar a mão, o homem faz dele próprio um instrumento de dominação da natureza. Ao assumir uma posição vertical, liberta a mão e assim pode agir, o trabalho é a característica fundamental do homem[170]. Coseriu substitui o trabalho pela linguagem vista na sua qualidade de energueia criativa através da qual o homem *cria* o mundo visível e invisível. O ser humano não segue a natureza como um dado externo, mas como uma criação semântica e a primeira modelação da natureza realiza-se através da linguagem, como algo novo, criativo, inovador sobre a natureza, ao transformar *natura naturans* em *cogito naturans*. As sensações não nos levam a pensar, mas pode-se pensar sobre elas e construir sentidos com carga semântica afetiva. Para pensar devemos ter significados, o pensamento deve despegar-se do particular absoluto. Os significados representam um modo

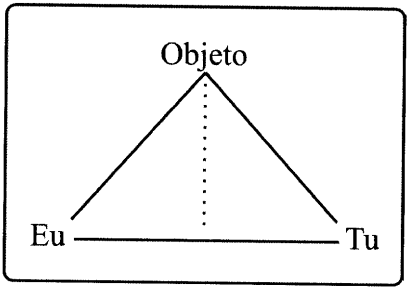
---

filosofia, Turino, 3 vols. 1946-1948, tal como as suas lições de filosofia *Lezioni di filosofia*: 1. *Estetica, Semantica, Istorica, Firenze,* 1942; 2. *Etica, Giuridica, Politica;* 3. *Logica, Gnoseologia, Ontologia*, Bari, 1943.

[169] O homem é animal no sentido etimológico do ser com 'anima' (alma), ou como na visão aristotélica do nome comum animal: "*Exemplo: Animal tanto é o homem, com aquele nome escrito. Entretanto não têm de comum senão o nome, mas a razão desse nome é diferente para cada um deles. Portanto, se alguém houver de dar razão de se explicar o nome de animal a cada qual deles, para cada um há de dar uma razão particular*" ARISTÓTELES, *Categorias*. Tradução de Silvestre Pinheiro Ferreira, apresentação e notas de Pinharanda Gomes, Lisboa, Guimarães Editores, 1994, 3ª ed., p. 54. Vejam-se mais explicações sobre a relação homem – animal, pp. 54-62.

[170] Esta ideia oriunda de Hegel será desenvolvida por Karl MARX e conhecerá o paroxismo na célebre expressão divulgada pelas ideologias comunistas na sua fórma axiomática: "*O trabalho criou o homem!*" onde o trabalho substitui Deus. Karl MARX, *O Capital*, São Paulo, Ed. abril, 1975, p. 150.

de ser em geral e com eles pode-se operar, analisar o mundo e projetar a sua mudança. Ao criar-se o significado de 'árvore', questiona-se: *O que é a árvore? Como é ela?* Construir uma explicação e comunicá-la é um ponto de partida para outros pensamentos. Para Wilhelm von Humboldt, no seu pequeno tratado sobre a língua basca[171], que é ao mesmo tempo um tratado de linguística geral, de filosofia da linguagem, de história e antropologia, projeta um programa de estudo da língua do povo basco tendo como ponto fundamental a tese de que na criação originária da linguagem, a objetividade e a intersubjetividade são simultâneas e complementares[172]. Para um melhor entendimento desta afirmação humboldtiana, Coseriu elabora um esquema[173] em triângulo isósceles, tendo no seu cume *o Objeto* e na base *a dimensão da alteridade*: Eu e Tu. A linguagem é criada para dominar o objeto, mas este último não tem qualquer objetividade se é apenas o meu, admitindo que para os outros seria de outra maneira.



[171] Wilhelm von HUMBOLDT, *Prüfung der Untersuchungen über die Urberwohner Hispaniens vermittelst der baskischen Sprache*, 1821.

[172] "*É esta, de fato, em termos muito gerais, a herança que nos fica da filosofia da linguagem ao tempo do romantismo alemão: a linguagem precisa ser entendida na globalidade das suas funções antropológicas, i.e., na sua natureza última, e não se esgota no somatório dos problemas parcelares que pode levantar, quer sejam linguísticos (ou seja, problemas das línguas particulares: descrição, classificação etc.), quer sejam mais ou menos filosóficos (ou seja, problemas particulares na Filosofia: linguagem e operações lógicas, linguagem universal etc.) Essa globalidade não se resume de forma alguma ao caráter instrumental, comunicacional, da linguagem, antes se prende diretamente com o caráter constitutivo da linguagem em relação a diferentes domínios do antropológico. O fato de esta globalidade ser entendida de diversas maneiras, de nem todos os autores privilegiarem os mesmos aspetos e de uns subordinarem essa «Antropologia» aos imperativos do sistema filosófico (Hegel) enquanto outros a subordinam às necessidades da estética romântica (A. W. Schlegel) e outros lhe conferem uma significativa autonomia (Herder, W. von Humboldt) não nos deve impedir de ver um vasto fundo comum, que demarca este período da reflexão anterior, embora seja possível acompanhar a génese destas conceções no pensamento que o precede.*" José M. JUSTO, *Érgon ou energueia. Filosofia da Linguagem na Alemanha sécs. XVIII e XIX*, Lisboa, Materiais Críticos, 1986, pp. 13-14.

[173] Eugen COȘERIU, "Filosofia limbajului, *Prelegeri și conferințe*... p. 26.

Só quando um objeto se desprende de ti e existe no mundo como objeto o podemos reconhecer. O seu desprendimento realiza-se através desta intersubjetividade, pois na criação originária da palavra o seu entendimento não é apenas o meu ou o teu, mas de ambos. Desta maneira, a energueia de cada língua constrói e projeta uma dimensão futura. Qualquer língua, a portuguesa, por exemplo, não contém em si apenas o que se disse até agora, mas tudo o que estava dito, o que se diz no presente e o que se dirá no futuro. Uma língua não é um simples depósito, como parece quando pensamos no léxico, mas um sistema criado e em contínua recriação. Uma língua é uma criação originária numa ligação direta do ser com a essência das coisas e, numa dimensão pragmática, uma criação para com o outro, uma atitude que revela a atribuição do próprio ego ao outro. Assim se criaram e se criam permanentemente as línguas. Diariamente vive-se esta experiência, embora não se tenha dela consciência. O discurso filosófico coseriano reflete a problemática à volta da linguagem de outros filósofos. Refere-se expressamente a Platão que inicia esta via nos diálogos *Crátilo* e *O Sofista*, Aristóteles, que é o primeiro que a usar o conceito de *energueia* e que considera toda a linguagem na sua manifestação essencial e primária como *logos semântico*[174] e a Wilhelm von Humboldt[175], que opera a distinção entre a forma exterior e interior da linguagem e estabelece a oposição entre linguagem como *energueia* e *érgon*, a essência cognitiva da linguagem e o seu caráter de objetivação do conhecimento[176]. Coseriu afirma que uma teoria coerente da fala e da língua deve ter em atenção três fatores: de manifestação, cognitivos e interpretativos:

---

[174] "*Est autem oratio omnis quidem significativa est non sicut instrumentum*" ARISTÓTELES LATINUS, *De interpretatione vel periermeneias*, translatio Boethii ed. de Gerardus Verbeke, Leiden, E.J. Brill, 1965, 17 a, 1, p. 8. "*Tout discours a une signification, non pas toutefois comme un instrument naturel*" ARISTOTE, *Organon*, I. *Catégories*, II. *De l'Interprétation*, Paris, Librairie philosophique J. Vrin, 1969, p. 83. "*Toda a locução tem um significado, ainda que não orgânico*" ARISTÓTELES, *Organon*, I *Categorias*, II *Periérmeneias*, Tradução, Prefácio e notas de Pinharanda Gomes, Lisboa, Guimarães Editores, 1985, p. 125.

[175] Eugenio COSERIU, "Raíces humboldtianas de la lingüística moderna", *Tradición y novedad en la ciencia del lenguaje...*, pp. 138-141.

[176] "*Das Grundbestreben des Menschen is auf unbegränzte Erweiterung der vereinten Energie seiner Empfänglichkeit und Selbstthätigkeit, und da er zugleich das Sichtbare und Unsichtbare umschlißt, auf die Schlichtung ihres Widerstreits ohne Vernichtung des einen oder des andern, und indeß die erreicht werden kann, auf ihre Sheinvereiningung in Einem Symbol* [...]" – [O desejo básico do ser humano é uma extenção indefinida da energia combinada da sua recetividade e espontaneidade] Wilhelm von Humboldt, „Über den Charakter der Griechen, die idealische und historische Ansicht desselben", in Idem, *Bildung und Sprache*, Paderborn, Ferdinand Schöningh, 1997, p. 68.

> "*1. A língua apresenta-se como um advérbio, é uma propriedade do falar;*
> *2. a língua é algo que se sabe, como uma norma da fala na consciência dos falantes;*
> *3. a língua tem uma objetividade presente na consciência de cada falante, como algo que pertence simultaneamente ao sujeito e aos outros;*"[177]

A fala comum ilustra normalmente todos estes aspetos na sua forma mais simples. Quando se questiona "falas inglês?" ou "falas português?" tem-se em vista "como" se fala, a natureza da fala e não a identidade duma língua. Saber uma língua é um saber prático, um tipo especial de saber-fazer, construir um texto ilustrado na fala. O único argumento deste saber prático refere-se à língua falada: "é assim que se diz em português".

Os homens falam continuamente e a situação de "não falar" significa 'suspender a atividade de falar', mas não suspender a fala interior do pensamento. Assim, existe em todas as línguas uma diferença entre "calar", isto é, 'cessar a fala' não 'cessar o pensamento' e "silenciar" relacionado com as coisas (lat. *tacere* para os homens e *silere* para as coisas)[178]. Falar é uma necessidade intelectual do ser humano e pode-se observar como as crianças falam na sua febre de criação e de milagre criador. A criança vive simultânea e intensivamente o processo de falar e o de se colocar em pé. O começo da humanidade tem como elementos polarizadores estas duas atividades. A fala, tal como o movimento, determina a integração da criança num grupo, numa sociedade e cultura, cria a sua existência como homem. O processo iniciado na infância continuará por toda a vida e por isso a sabedoria popular afirma: "aprender até morrer". Todos os homens falam, isto é, sabem praticar esta atividade universal que se realiza no plano individual. A segunda face da linguagem é comunicativa. No diálogo existem dois papéis: o do falante e o do ouvinte, que não se devem confundir com a essência da linguagem. O pensamento apresenta-se como uma fala interior. Esta atividade universal manifestada individualmente produz-se sempre de acordo com as normas históricas do falar, com algumas tradições históricas da linguagem. Existe um nível universal da linguagem, cada homem fala para se definir como homem, um nível histórico da fala duma língua de qualquer comunidade e um nível individual do falar propriamente dito numa situação concreta.

1.3.4. A chave do entendimento da filosofia da linguagem de Coseriu encontra-se na sua tabela de tríades[179] que reúne três pontos de vista sobre a

[177] Eugen COȘERIU, "Competența lingvistică", *Prelegeri și conferințe*... p. 30.
[178] *Ibidem*.
[179] Tabela apresentada em: Idem, *Leciones de Linguística general*, Madrid, Editorial

realidade da linguagem, numa estruturação em três níveis filosóficos.

pontos de vista / níveis	ἐνέργεια **atividade / energueia**	δύναμις **conhecimento / dýnamis**	ἔργον **produto / érgon**
nível universal	falar em geral	competência elocucional	totalidade do falar
nível histórico	falar numa língua	competência idiomática	língua abstrata
nível individual	discurso	competência expressiva	"texto"

Tabela 1

Esta tabela dispõe e relaciona os conceitos operacionais do seu perfil filosófico designado "integralismo linguístico" ou "modelo coseriano" na linguística[180], qualificações limitadas que ignoram a sua base conceptual, os raciocínios, as problematizações e soluções filosóficas. Cada conceito está ligado ao espírito vivo existente na linguagem denominado *energueia* e definido como essência da linguagem manifestada na fala. A teoria coseriana

Gredos, 1981 [1973], p. 273. Idem, *Lecții de lingvistică generală...*, p. 237. Idem, „Linguistic Competence: What is Really?". *The Presidential Address of the Modern Humanistic Research Association read at University College*, London, on 11 January 1985, reprinted from *The Modern Language Review*, October 1985, vol. 80, part. 4, p. XXX.

[180] "*O termo de linguística "integral" não representa uma inovação coseriana. F. de Saussure aspirava, no princípio do século passado, a uma linguística por ele denominada "integral". Um outro grande linguista, Roman Jakobson, desenvolveu a sua obra sob o mesmo lema: Linguista sum: linguistici nihil a me alienum puto! Antes de mais, entenda-se não como um termo técnico com aplicação à obra coseriana, mas como um ideal permanente da linguística moderna: o de se constituir como uma disciplina unitária, sem excluir do seu domínio qualquer aspeto essencial do seu objeto de estudo, a linguagem. O estruturalismo, como doutrina, não conseguiu realizar este ideal, reduzindo o seu objeto à "língua" (langue), e o filósofo Paul Ricoeur, na sua polémica antiestruturalista, acreditava que a tarefa de realizar uma linguística "integral" não é desta disciplina, mas sim... da filosofia.*" Mircea BORCILĂ, «Opera lui COȘERIU a învins veacurile». Interviu cu profesorul Mircea Borcilă, șeful Catedrei de Lingvistică Generală și Semiotică de la Universitatea din Cluj", *Contrafort. „Modelul COȘERIU"*, nr. 10-11 (108-109), 2003, p. 14. "*No sentido técnico, a linguística de Coseriu denomina-se "integral" pois reúne todas as áreas dispersas e "unifica" a disciplina" Ibidem. "Conforme a teoria de Coseriu, o que se investiga em linguística é a parte da dinamis, da técnica da linguagem. Contudo, não se investiga e não se toca sequer na essência da linguagem, que é energueia, o ato linguístico, a atividade sem cessar, sempre inovadora e criadora realizada pelo homem na fala.*" Dina VÎLCU, "(Im)posibila întoarcere", Contrafort. „Modelul COȘERIU", p. 25. A autora trata do "*integralismo no mundo e no país*", "*integralismo – um novo caminho para o homem*", *Ibidem*, p. 24, e "*o paradoxo do integralismo*", *Ibidem*, p. 25.

constrói-se à volta da fala considerada uma presença necessária e contínua do processo que se inicia, continua e termina com ela. Aprofundando a teoria de Ferdinand de Saussure, Coseriu entendeu os limites de reduzir a complexidade da fala à interseção entre o plano sintagmático da realidade e o plano paradigmático da virtualidade. Similar ao método cinematográfico de simular o movimento, a visão sequencial cinética decompõe a atividade em três momentos, repetíveis até ao infinito. Esta visão cinética conjuga-se com realidades da linguagem estruturadas em planos sobrepostos, um todo harmónico que permite a análise duma realidade humana, não só linguística. Onde geralmente os especialistas identificam um único elemento que mostra no máximo duas vertentes, Coseriu especifica pelo menos nove distinções complementares. A sua interpretação quantitativa é também qualificativa do ponto de vista prático, na medida em que explica situações que não foram interpretadas através doutras teorias, e do ponto de vista filosófico, a captação da "essência" de vários conceitos filosóficos tal como a "essência da essência" da linguagem. Ao nível do plano universal, a linguagem caracteriza o homem na sua essência, na sua homonidade*, um dado fundamental da sua natureza, uma faculdade fora de qualquer determinação espacial ou racial: todos os homens falam. No nível histórico, realça-se a sedimentação em diversas culturas dos fatos criados ao nível comunitário através desta faculdade. Neste nível, o acento tónico evidencia a diferença idiomática vista como condição necessária para a existência dum idioma. O que dá consistência, poder e vivência a uma língua é a diversidade e não a unidade. O nível individual é caracterizado pela realização e perceção imediata da linguagem.

A leitura horizontal da tabela coseriana expõe a tríade dos pontos de vista sobre a linguagem, por ele considerados absolutamente necessários na abordagem desta realidade complexa. F. de Saussure afirmava que «o ponto de vista cria o objeto»[181], Coseriu declara que um ponto de vista não cria os objetos como tal, excetuando os objetos matemáticos, mas cria os objetos das ciências, operando uma delimitação dentro das atividades da experiência quotidiana que se adapta à finalidade de cada ciência e, no caso dos objetos culturais, ao saber intuitivo destes[182]. Coseriu aprofunda a constituição do conteúdo teórico em planos diversos para cada ponto de vista. Ao nível concreto a energueia manifesta-se como fala, não determinada pelas condições externas ao homem, intimamente ligada à consciência humana que opera uma primeira

[181] Ferdinand de SAUSSURE, *Curso de Linguística Geral.* Publicado por Charles Bally e Albert Sechehaye professores na Universidade de Genebra, com a colaboração de Albert Riedlinger professor no Colégio de Genebra, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1971, p. 32.

[182] Eugeniu COȘERIU, "Competența lingvistică", *Prelegeri și conferințe...*, p. 32.

identificação: "quem fala é homem", "a fala abraça os homens" e afirma a sua fraternidade, pois a fala é a minha, a tua, a nossa, a de todos. A segunda coluna explica porque não se pode separar a língua do pensamento. "A minha fala é a minha criação do sentido" modelada através das regras do pensamento, da combinação e estruturação igualmente criadas, recriadas, inovadas por cada falante e aceites por todos.

linguística	julgamentos sobre a realização
linguística da fala em geral	congruente
linguística das línguas	correto
linguística do texto	τὸ πρέπον "adequado", "certo"

Tipos de linguística

Neste paradigma das competências linguísticas destacam-se três níveis: ao nível da linguística da fala em geral existe uma realização *congruente*, que respeita as leis gerais e universais do pensamento humano, ao nível da linguística das línguas visa-se a realização *correta*, isto é, todos aqueles que falam o mesmo idioma entendem-se perfeitamente e ilustram o nível de domínio da fala numa língua, e ao nível da linguística do texto o objetivo é a realização *adequada*, certa[183] dum determinado discurso.

Este último ponto de vista relaciona a teoria coseriana com as teorias tradicionais caracterizadas pela visão materialista de abordagem da língua como ἔργον, produto material, finito. A língua abstrata do nível histórico exemplifica a competência idiomática e não a totalidade dos textos produzidos numa língua, já que esta nunca se termina, assistimos continuamente à criação de textos.

"*Nós não podemos entender a linguagem se consideramos a linguagem somente como atividade, como técnica ou como produto, ou se consideramos estes pontos de vista como equivalentes.*"[184]

Tornar estes pontos de vista como equivalentes é ignorar o conteúdo distinto de cada um deles. A unidade linguagem – pensamento é constante e reclama uma referência a todos os elementos constitutivos da sua tabela.

---

[183] Tabela de tipos de linguística proposta pela sua visão "integralista": *Ibidem*, p. 42.

[184] "*We cannot understand language if we consider the language only as activity, only as knowledge, or only as product, or if we consider these viewpoints as equivalent.*" Idem, "Linguistic Competence: What is Really?", *The Modern Language Review*... p. XXIX.

> *"Um ponto mais importante é, todavia, que estes três níveis da linguagem e do conhecimento linguístico são paralelos aos três níveis de conteúdo, podendo nós observá-los em cada ato da fala, respetivamente: a designação (ou referência), o significado e o sentido."* [185]

O conteúdo linguístico confere peso existencial às línguas, estrutura semanticamente as realidades linguísticas em cada nível como designação para o plano universal da linguagem que pertence mais ao pensamento que à linguagem, significado para o plano histórico e sentido para o individual. O conteúdo linguístico, visto como um processo, ilustra a interioridade da energueia da linguagem como criatividade contínua do pensamento. Um signo para ser signo necessita duma interpretação, não tem uma existência em si, é criado e recriado através duma convenção, também ela criada, que orienta a atividade do entendimento semântico, o valor de significar outra coisa para além do que ele próprio é. A materialidade dum signo substitui a sua presença objectual no entendimento pelo sujeito.

> *"Um ato de fala está ligado a uma «realidade», a um estado de coisas extralinguístico, contudo só se realiza através de certas categorias duma língua particular e tem em cada caso uma certa função discursiva."*[186]

Para Coseriu a energueia é vista na sua manifestação complexa e não se limita apenas à fala. Ao referenciar os atos de fala tem-se uma perceção física duma atividade de natureza criativa e cultural. O contexto situacional duma fala pertence à realidade extra-linguística. O discurso que analisa a realidade extralinguística torna-a um objeto cultural, que permite ser analisado na sua materialidade, sob várias formas, uma delas a teoria da comunicação. As categorias de conteúdo mencionadas ultrapassam as determinações comunicacionais e criam um mundo semântico onde as realidades são construídas. Enquanto o *mundo da natureza* existe como tal, seguindo as suas leis naturais, o *mundo semântico* contém sentido, cria modelos e constrói explicações para toda a existência.

A obra coseriana apresenta um pensamento filosófico sobre o homem

---

[185] "*A more important point, however, is that these three levels of language and linguistic knowledge are paralleled by three levels of linguistic content which we can observe in every speech act, namely, designation (or reference), meaning, and sense.*" *Ibidem*, p. XXXI.

[186] "*A speech act relates to a 'reality', to an extralinguistic state of affairs, but it does so through certain categories of a particular language and it has in each case a certain discourse function.*" *Ibidem*, p. XXXI.

e a sua linguagem, evidencia a dimensão cognitiva da linguagem e a sua funcionalidade para a ciência e para a filosofia:

> "*A linguagem é um pressuposto das ciências porque só por seu intermédio é que podemos declarar o quê de um objeto qualquer e porque só em relação ao que é dado linguisticamente é possível a pergunta acerca do quê das coisas.* [...] *E no caso da filosofia também não se trata duma análise da linguagem; trata-se das próprias "coisas" de que a filosofia se ocupa, embora, primariamente, de "coisas" proporcionadas como tais pela linguagem. Não é a palavra ser, mas o próprio ser que é objetivo da filosofia, embora as possibilidades de emprego da palavra ser possam mostrar-se reveladoras para a interpretação do próprio ser.*"[187]

O seu modo de pensar não se opõe às outras teorias da linguagem, às várias ideologias (positivista e materialista) ou correntes de ideias (idealista, fenomenológica, marxista, estruturalista). Interpreta os aspetos reflexivos sobre a linguagem a fim de identificar o domínio de excelência e rentabilidade de aplicação na prática duma determinada teoria. Demonstra como a oposição entre várias teorias não é verdadeira, pois, como já constituiu uma grelha de leitura conceptual, estas não pertencem ao mesmo plano de referência.

A interpretação coseriana, ao assumir a afirmação de Aristóteles "*a linguagem é energueia*", redefine a linguagem e a relação entre o homem e o mundo. Para Coseriu, a lógica da fala é fundamental, pois é a partir dela que tudo se inicia. Joga um papel construtivo em todo o pensamento humano e na constituição do mundo na mente. A lógica da fala é distinta da ciência da lógica, pois esta última promove uma fala diferente interpretada por Coseriu como linguagem funcional. Reconhecida a complexidade da linguagem, propõe uma lógica da fala numa semântica diacrónica. O homem é o ser para quem tudo é possível, uma vez que a linguagem na sua totalidade é fundamentalmente "logos semântico" (*λόγος σημαντικός*). A fundamentação da sua filosofia da linguagem converge para a "*ciência integral do falar*", no plano universal da cultura[188].

---

[187] Idem, *Prelegeri și conferințe...*, p. 28.

[188] Mircea BORCILĂ, "«Să vorbim cu vocea noastră, însă pe planul universal al culturii»", in *Apostrof. Revistă a Uniunii Scriitorilor*, Cluj, III, nr. 11 (30), 1992, p. 12.

Capítulo II

A história da filosofia da linguagem em Coseriu

2.1. Uma disciplina didática torna-se vocação em Coseriu. 2.1.1. Ágoras académicas. 2.1.2. Os cursos de história da filosofia da linguagem. 2.1.3. Tipos de questões. **2.2.** A problemática da linguagem na diacronicidade. 2.2.1. As raízes históricas da filosofia da linguagem. **2.3.** A valorização coseriana da abertura filosófica grega. 2.3.1. O sistema tripartido de Heraclito. 2.3.2. A relação φύσει e θέσει em Platão. 2.3.3. A abertura aristotélica. 2.3.4. Os estoicos. **2.4.** A modernidade do pensamento de Santo Agostinho. **2.5**. Juan Luis Vives e a "língua viva". **2.6.** Wilhelm von Humboldt e a linguística moderna.

A filosofia entendida como a "arte do *λόγος*", numa contínua recriação, gera uma história com um sentido que está por efetivar na leitura-interpretação. Relacionado com a energueia do logos, o discurso filosófico incita o pensamento num rumo diferente do pensamento quotidiano determinado pela linguagem comum.

Neste sentido, apresenta-se o registo coseriano na sua história da filosofia da linguagem: 1) conhecer os conceitos, 2) entender o seu funcionamento, 3) assumir funcionalmente conceitos, estratégias e visões com finalidades criativas em vários tipos de discurso.

2.1) Uma disciplina didática torna-se vocação em Coseriu

2.1.1. O papel heurístico dos filósofos foi substituído pelo didático em domínios de estudo muito restritos e especializados e a vocação dedicada à sabedoria do homem torna-se uma profissão mais ligada aos métodos e objetos de estudo especializados. No contexto atual de atomização do conhecimento e investigação científica, o Professor Eugenio Coseriu recuperou a condição filosófica nas suas *ágoras*. O seu trabalho académico sobre a *história da filosofia da linguagem* comprova a funcionalidade da *energueia* na abordagem das reflexões sobre a linguagem numa reconstrução, ao nível cognitivo, das heranças da tradição. A partir da linguagem, Coseriu desenvolve a construção da identidade do sujeito que se relaciona semanticamente com o *mundo*, o *outro* e as *realidades espirituais* humanas numa dimensão histórica. O seu pensamento filosófico dialoga com as reflexões de importantes pensadores e gera uma teoria coerente da linguagem que edifica uma perspetiva particular ao revalorizar a atitude ativa[189] do fator humano na história. Segundo ele, uma teoria deve servir o objetivo proposto, senão deve-se criar outra, pois, como energueia, o rumo é exatamente o que se constrói, não um dado fenomenal. O seu curso de história da filosofia da linguagem constitui-se como uma problematização de fontes, interpretações e afirmações várias existentes desde a Antiguidade até à contemporaneidade. O objetivo não é apresentar uma base informacional, mas constituir uma investigação através de múltiplas leituras de textos filosóficos, como um modelo interpretativo passível de recompor a complexidade e a simplicidade de qualquer doutrina filosófica na perspetiva de relacionar o lado conceptual com o da necessidade racional de entender a essência, isto é, afirmar a universalidade de cada item numa atualização histórica. Na sua interpretação filosófica, Coseriu é rigoroso ao delimitar os planos concetuais, as várias perceções do mesmo fenómeno cultural, os tipos complementares de conhecimento, a carga constitutiva de conteúdo semântico dos tópicos que contêm a relação da linguagem com os contextos culturais, históricos e textuais. A atividade das ideias difere da vida dos homens e tem o poder de dissolver a dimensão diacrónica a fim de fomentar a sincronicidade do ser humano.

---

[189] Hegel trata o aspeto da criatividade ligado ao conceito de "desenvolvimento": "*Para compreender o que significa o desenvolvimento devem distinguir-se, por assim dizer, dois estados diversos: o primeiro é o que é conhecido como disposição, capacidade, o ser em si (como eu chamo), potência, δύναμις; o segundo é o ser por si, a atualidade, actus, ἐνέργεια.*" G.W. F. HEGEL, *Introdução à história da filosofia*, trad. António Pinto de Carvalho, Precedida de um preâmbulo sobre Hegel e o conceito de história da filosofia por Joaquim de Carvalho, Coimbra, Arménio Amado, Sucessor, 1980, 4ª ed., p. 61.

O seu discurso crítico foca o *valor* cognitivo duma dada teoria, não julga ideias e conceções, mas opera uma classificação inteligível didática.

No seu curso, assume a filosofia como atividade[190], lembrando Kant e Wittgenstein[191]. Para ele, a filosofia não se restringe a um constante questionamento sobre a estrutura e dinâmica do conteúdo semântico do pensamento[192], é um ato complexo de criação. Considera necessária a

[190] "*Man kann keine Philosophie lernen, wohl aber philosophieren lernen*" – ["não se pode aprender filosofia nenhuma, mas sim aprender a filosofar"] Immanuel KANT, *Reflexion zur Logik*, n. 1652; Ak. Vol. XVI, apud José BARATA-MOURA, "Filosofia e Filosofar. Hegel versus Kant?", *Philosophica. "Ensino da Filosofia. Filosofia do ensino"*. Revista do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, nº 6, novembro, 1995, p. 66. "*Ensinar filosofia e fazer filosofia deveriam ser a mesma coisa*", Carlos João Nunes CORREIA, "Os Usos da Filosofia", *Philosophica.* "Ensino da Filosofia. Filosofia do ensino". *Revista do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, nº 6, novembro, 1995, p. 38, ideia desenvolvida e justificada neste artigo.: "*Philosophy is not a theory but an activity. A philosophical work consists essentially of elucidation. The result of philosophy is not a number of "philosophical propositions", but to make propositions clear*". Ludwig WITTGENSTEIN, *Tractatus Logico-philosophicus*, 4, 112. Veja-se igualmente o estudo de Rudolf CARNAP, "On the Character of Philosophical Problems", in Richard Rorty ed. *The Linguistic Turn...*, (nota 81), pp. 54-62, toma uma posição antimetafísica, e trata sobre o sentido das proposições lógicas da ciência em "Are the propositions of the Logic of Science Meaningless?", pp. 55-56. Moritz SCHLICK, "The Future of Philosophy" in Richard RORTY, *The Linguistic Turn...*, pp. 43-53 apresenta a filosofia numa descendência socrática na sua busca do sentido ("The Pursuit of Meaning", p. 48, como "a rainha das ciências" ("The Queen of Sciences" p. 51) e fundamentalmente como atividade, interpretando a mesma afirmação de Wittgenstein.: "*Sem dúvida que nos mostra o desenvolvimento de determinada atividade, caracterizada, entre outros traços, pela interrogatividade, pela argumentação, pela investigação regressiva dos fundamentos – e mostra-nos também a permanência dessa atividade.*" António Pedro MESQUITA, "O que é a Filosofia? Sentido filosófico e virtualidades pedagógicas de uma definição de filosofia", *Philosophica. 'Descartes e o Círculo Cartesiano'. Revista do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, nº 8, novembro de 1996, p. 116.

[191] "*O objetivo da filosofia é a clarificação lógica dos pensamentos. A filosofia não é uma doutrina, mas uma atividade. Um trabalho filosófico consiste essencialmente em elucidações. O resultado da filosofia não é «proposições filosóficas», mas o esclarecimento de proposições.*" Ludwig WITTGENSTEIN, Tratado lógico-filosófico. Investigações filosóficas... & 4.112 (p. 62).

[192] "*Cada tipo de objeto de pensamento pode ser pensado de diversas maneiras, mas há, para cada um deles, uma maneira de pensar que exprime com maior rigor (exatidão, akribeia) a sua natureza.*" Paulo TUNHAS, "Akribeia, maneiras de pensar e objetos de pensamento. O exemplo da descoberta" in Adelino CARDOSO e José M. de Miranda JUSTO, *Sujeito e Passividade,* Lisboa,

abordagem filosófica para o entendimento das coisas e em especial das ciências, dando um relevo particular à "Weltanschauung" (imagem, visão do mundo) de qualquer filosofia e, mais importante do ponto de vista formativo, o continuar a filosofar, uma vez já familiarizados com o seu discurso.

2.1.2. A filosofia da linguagem desenvolvida por Coseriu está presente nas suas conferências e cursos independentes[193], mais especificamente, nos cursos de *História da Filosofia da Linguagem*[194] e da *Filosofia da Linguagem Alemã*[195] e, dum modo geral, em toda a sua obra.

Destaca a proeminência do pensamento sobre a língua na cultura, na filosofia que tem a sua história e nela se constitui mas, sem ser essa história, uma vez que ela não é histórica[196]. Figuram-se-lhe três realidades ontológicas: a linguagem, a filosofia e a história. Em primeiro lugar, devem-se destacar os domínios da ciência, como história, da ciência em e do geral e da ciência no sentido filosófico[197]. Na sua aceção a "ciência" não é uma técnica, refere-se à

Edições Colibri, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2003, p. 30. O autor oferece uma síntese dos dados da filosofia da mente e da teoria do conhecimento na apresentação da diversidade dos modos do pensar imaginativo ou abstrato.

[193] Veja-se Eugenio COSERIU, "Filozofia limbajului", *Prelegeri şi conferinţe...*, pp. 7-26. Existem também várias conferências: "Linguistic Change does not Exist" apresentada nos Estados Unidos em Los Angeles no mês de maio de 1982 no «UCLA Conference on Causality and Linguistic Change» e publicado em *Linguística nuova ed antica. Revista di linguística clássica medioevale e moderna*, anno I, 1983, pp. 51-63, ou encontros com os professores onde trata sobre o problema da interdisciplinaridade e a linguagem: Idem, "Interdisciplinarità e linguaggio", in G. Braga, V. Braitenberg, C. Cipolli, E. Coseriu, S. Crespi-Reghizzi, J. Mehler, R. Titone, *L'accostamento interdisciplinare allo studio del linguaggio*, Milano, 1980, pp. 43-65, ou sobre o ensino da língua e literatura: Idem, "Acerca del sentido de la enseñanza de la lengua y literatura", *Innovación en la enseñanza de la lengua y literatura*, Madrid, Subdirección general de formación del profesorado, Ministerio de Educación y Ciencia, pp. 13-32 e outros.

[194] As suas notas de curso foram publicadas em Eugenio COSERIU, *Die Geschichte der Sprachphilosophie von der Antike bis zur Gegenwart. Eine Übersicht* ... vol. 1; Idem, *Die Geschichte der Sprachphilosophie von der Antike bis zur Gegenwart. Eine Übersicht*,... vol. 2.

[195] Idem, *Die deutsche Sprachphilosophie von Herder bis Humboldt*... vol. 1, 2, 3.

[196] "*O que a história da filosofia nos mostra é pois propriamente nenhuma história – é um conjunto de sistemas*" [...] "*mantendo-se antes como propostas paradigmáticas de formulação dos problemas sobre os quais se interrogam. A história da filosofia é assim o quadro sobre o qual se "sucedem", na reiterada contemporaneidade da presença àquele que lhe assiste ou nela participa, tais propostas na sua perenidade intrínseca*", António Pedro MESQUITA, *art. cit.*, pp. 116-117.

[197] "*Je nach Art oder Wesen der Frage können wir zwischen drei Arten von Wissenschaft unterscheiden, zwischen: einer Wissenschaft als Geschichte; einer Wissanschaft vom Allgemeinen; einer Wissenschaft in Sinne der Philosophie.*" [Segundo o

"sabedoria"', ao nosso "conhecimento" e "domínio conhecido", "o entendido".

2.1.3. Deve-se aplicar especial atenção à construção do questionar, *como* se elaboram as questões e especialmente a sua natureza conceptual, visto que existem questões históricas, do conhecimento geral e filosóficas[198]. Para um melhor esclarecimento, Coseriu exemplifica o modo de construção e a abertura cognitiva operada ao nível interrogativo. Ultrapassa-se o nível da construção retórica e visa-se a própria constituição do cognitivo: as *questões históricas* realizam-se com o objetivo de individualizar um elemento doutros, especialmente o enquadramento temporal e espacial[199]. *As questões do nosso conhecimento geral* evidenciam o significado da língua, mais concretamente a explicação dos conceitos criados pertencentes à cultura através do conhecimento comum da linguagem, procurando uma explicação do conteúdo, do funcionamento, da forma e outros dados físicos e constitutivos[200] e, finalmente, *as questões filosóficas* que surpreendem a essência ontológica[201] nas formulações linguísticas. A respeito destas, prosseguindo o pensamento do ensino de tipo medieval, Coseriu discorre sobre as *ciências naturais* que estudam os objetos externos ao homem, como objeto exterior, com uma determinada substância, uma matéria cristalizada numa estrutura e forma próprias; as *ciências da cultura ou humanistas*, formas da consciência que exprimem uma existência interna e empregam uma "substância" específica para se concretizarem no mundo e se tornarem intersubjetivas, como a linguagem, a arte e a religião. *As ciências matemáticas* são, para Coseriu, as que estudam os objetos e as relações puramente formais.

A filosofia pertence a um outro nível, é "ciência" no sentido mais abrangente possível e necessário, levanta questões relativamente à essência da essência. Ao nível ontológico, a linguagem é o fundamento do ser e de qualquer ciência, visto que a própria língua cria e torna possíveis os objetos da história, ciência

---

modo ou natureza da questão, podem-se distinguir três modos da ciência: uma ciência como história; uma ciência do geral; uma ciência no sentido filosófico]. Eugenio COSERIU, *Die Geschichte der Sprachphilosophie von der Antike bis zur Gegenwart. Eine Übersicht* ..., I, p. 11.

[198] "Historische Fragen, allgemein wissenschaftliche Fragen, philosophische Fragen", [Perguntas históricas, perguntas cientificas gerais, perguntas filosoficas]. *Ibidem*, p. 12. Veja-se Idem, *Die Geschichte der Sprachphilosophie von der Antike biz zu Gegenwart. Eine Übersicht* ..., pp. 5-7.

[199] "*Welches Schiff ist dies?*" [Que barco é este?] *Ibidem*, p. 12.

[200] "*Was ist ein Schiff?*" – [O que é um barco?], "*wie ist ein Schiff?*" [Como é um barco? "*welche Form weist ein Schiff auf*" [de que forma é um barco?] *Ibidem*, pp. 12-13.

[201] "*Was heißt Schiff-Sein?*" [Em que consta a qualidade de ser barco?] "*Welchen Sinn hat das Schiff-Sein?*" [Qual é o sentido de ser barco?] "*Warum gibt es Schiffe?*" [Porque existe barco?], *Ibidem*, p. 13.

e filosofia.[202]

2.2) A problemática da linguagem na diacronicidade

Coseriu identifica a história[203] entre os universais da linguagem e relaciona-a com a história cultural na constituição da memória da humanidade. Para ilustrar a energueia interpretativa do seu discurso na filosofia da linguagem, elegemos alguns aspetos que constituem ainda motivo de reflexão filosófica, uma vez que o nosso propósito não é apresentar o seu tratado de história da filosofia com as suas duas vertentes: os mundos grego e alemão. A diacronicidade relacionada com a criatividade não é vista no seu valor temporal, sendo um critério de ordenação das várias variantes interpretativas. Deixamos de lado os grandes filósofos na apresentação dos quais Coseriu segue escrupulosamente as fontes textuais, tal como os lugares comuns da filosofia.

Aplicando o seu método semântico na interpretação e tradução dos conceitos filosóficos empregues por vários filósofos, relaciona as linguagens funcionais da linguagem comum, filosófica e individual, procura entender a finalidade dos discursos para alcançar a designação global e daí, num caminho indutivo, esclarece os conceitos.

2.2.1. Cada falante é um linguista implícito[204] que toma uma atitude e uma conceção próprias sobre a língua que fala. Coseriu encontra as raízes históricas da filosofia da linguagem na antiga cultura indiana. Com exceção dos debates linguísticos nos Veda, a filosofia linguística indiana inicia-se com *Mahābhāsya* ("o grande comentário") de Patañjali (sécs II-I a.C.) e, do ponto de vista gramatical, com a obra de Pāṇini (sécs V-IV a.C). A época clássica da filosofia da linguagem indiana iniciar-se-á muito mais tarde (sécs. V-VI d.C.), exclusivamente ligada à gramática, sendo Bhartṛhari o pensador mais representativo.

No que respeita ao estatuto da história da linguagem, Coseriu defende a ideia que a filosofia se institui como criação do espírito humano, ultrapassando os

[202] *Ibidem*, p. 14, Idem, *Introducción a la lingüística*..., p. 18; idem, *Introducere în Lingvistică*, trad. rom. por Elena Ardeleanu e Eugenia Bojoga, com prefácio de Mircea Borcilă, Cluj, Ed. Echinox, 1999 [1995], p. 18.

[203] "*A língua não pode ser isolada dos "fatores externos" – isto é, de tudo que constitui fisicidade, a historicidade e a liberdade expressiva dos falantes*", Idem, *Sincronia, diacrónica e história*, Rio de Janeiro, Presença, 1979, p. 19.

[204] "*A linguagem não funciona para os linguistas e pelos linguistas, mas, precisamente, para os falantes e pelos falantes. Neste sentido, o que o falante ingénuo pensa da sua língua é decisivo para o funcionamento desta. E também as opiniões do falante acerca da língua a rigor pertencem ao objeto "língua" e, por isso, não podem ser ignoradas*". Idem, *O homem e a sua linguagem*..., p. 20.

tempos da redação dum texto, o que permite falar sobre a contemporaneidade dos antigos e a antiguidade dos contemporâneos.

A persistência dos mesmos problemas levantados convida os autores a criarem modelos de resolução semelhantes em culturas de épocas e lugares muito diferentes.

O pensamento antigo indiano e as filosofias linguísticas europeias[205] no que respeita à relação lógica língua – conhecimento[206] são disso exemplo, insistindo, em especial, sobre o último, dividido em quatro espécies, entre as quais uma de natureza verbal, conhecimento realizado através das palavras[207]. Nos textos indianos Coseriu destaca as diferenças funcionais entre *pada*, que designa a palavra no seu aspeto complexo sonoro, com significado próprio, objectual, com valor em si próprio, e *vākya*, ao nível sintático, o enunciado que constrói um juízo de valor, que opera a distinção entre verdadeiro e falso, e a relação entre *nyāya* e *naiçešika*, i.e. o conhecimento e o reconhecimento que conduz ao sistema da língua, construção com regras que guiam a língua e o pensamento.[208]

---

[205] "*Es ist zu bemerken, daß die Probleme der indischen Sprachphilosophie und ihre Lösungen oft dieselben, zumindest aber dennen der älteren europäischen Sprachphilosophie ähnlich sind.*" [Remarca-se que os problemas da filosofia da linguagem indiana e as suas soluções são frequentemente as mesmas mas são semelhantes às da antiga filosofia linguística europeia] Idem, *Die Geschichte der Sprachphilosophie von der Antike bis zur Gegenwart* ..., vol. I, p. 17.

[206] - "*So z. B. Erscheint auch in der indischen Logik das Verhältnis Sprache - Erkenntnis (die Erkenntnis wird als der Grund aller Ausdrücke", d.h. in gewissr Hinsicht sprachlic, definiert: „Sprache": çābda – "Erkenntnis": jñāna)*". [Assim, por exemplo, encontra-se igualmente na lógica indiana a relação Língua – Conhecimento onde a última é entendida como "fundamento de todas as expressões", o que significa que, dum certo ponto de vista linguístico, se defina a língua: "Língua" – çābda – "Conhecimento": jñāna)]. *Ibidem.*

[207] "*Eine der vier Arten dieser „Erkenntnis" ist die „Verbalerkenntnis" d.h. die durch Worte: çābda = anubhava.*" [Um dos quatro aspetos deste "conhecimento" é "o conhecimento verbal", isto é, aquele através das palavras: çābda = anubhava.] Ibidem.

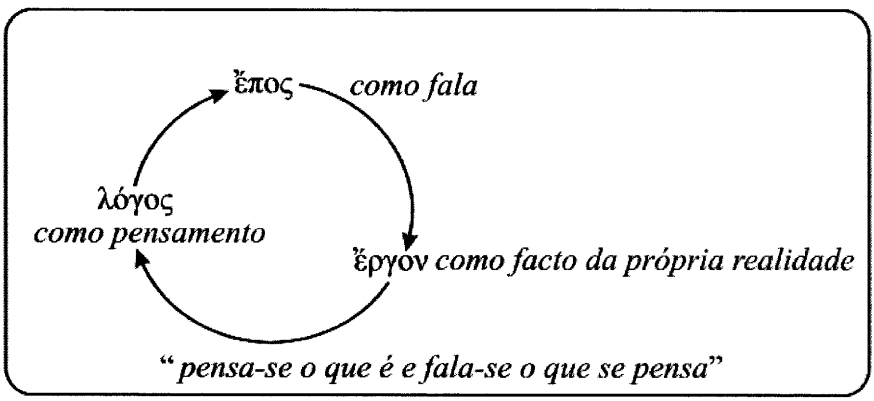
[208] "*Es wird der Unterschied zwieschen: Pada („Wort" als Vokabel) – das zwar „Bedeutung" (cakti) hat, aber kein Erkenntnismittel ist (ähnlich wie bei Aristoteles) und Vakya (der „Aussage") – die entweder „wahr" oder „falsch" sein kann. So z. B. In Nyaya – Vaicesika- System, worüber man die spätere, resumierende Darstellung von Annabhatia in seinem Tarkasamgrha lesen kann.*" [Também se evidencia a diferença entre "pada" (palavra entendida como som) que tem significado, mas não é um meio de conhecimento como em Aristóteles, "vākya" (enunciado) que pode ser verdadeiro ou falso. Assim, por exemplo, em Nyāya-Naiçešika - Sistema, a relação língua – conhecimento ou reconhecimento torna-se a motivação de todas as expressões com significado linguístico que definem a língua, o conhecimento.] *Ibidem*, pp. 17-18.

2.3) A valorização coseriana da abertura filosófica grega

A filosofia ocidental, tal como toda a cultura europeia, encontra na Grécia antiga uma rica fonte de inspiração no seu manancial de reflexões, conceitos e ideias. Coseriu não pretende investigar o valor do érgon da filosofia grega, já investigado, mas apresentar o lado vivo, criativo da manifestação da energueia e a potencialidade técnica do conhecimento abstrato, conceptual, dinamis.

2.3.1. Coseriu insiste sobre o problema da linguagem de Heraclito em vários fragmentos, especialmente no fragmento B-1[209] onde trata do *logos* como linguagem, pensamento e coisa. Através do *logos* entende-se a ordem interna, a razão. As coisas, a linguagem e o pensamento são um e o mesmo em três planos. O logos é audível, transmissível através dos sons, com uma realidade formal similar aos objetos. Exprime uma multiplicidade de significados. Operando uma distinção entre eles, Coseriu identifica um sistema tripartido: 1. ἔργον (érgon) fenómeno ontológico da realidade como semelhante; 2. ἔπος (epos) o fenómeno linguístico como semelhante e 3. λόγος (logos) síntese dos fenómenos anteriores, expressão da realidade do fenómeno que pode ser conhecido. Érgon e epos são manifestações do logos.

Esquema de Coseriu:[210]



λόγος, ἔπος e ἔργον em Heraclito

Estes fenómenos correspondem a três planos: o da realidade, o do pensamento e o da fala. A relação dinâmica estabelecida por Heraclito entre estes planos comprova o logos como a ordem interna, quer da realidade dos pensamentos, quer da fala. Pensa-se o que existe e fala-se sobre o que se

[209] Apud Sextus EMPIRICUS, *Adversus Mathematicos 7*, 132.

[210] Idem, *Die Geschichte der Sprachphilosophie von der Antike bis zur Gegenwart...*, vol. I, p. 24

pensa[211]. O logos é concebido como um sopro que circula como pensamento, mas se manifesta como palavra, circulando ao mesmo tempo nos objetos, nas coisas. Para Heraclito, a questão *ὀρθότης ὀνομάτων* é apresentada sob um ponto de vista ontológico, não tão aprofundada como em Parménides. Procura uma congruência causal entre a palavra *ὄνομα* e o objeto designado. As relações entre a língua e o conhecimento ou entre o ser, o pensamento e a língua são consideradas capitais na filosofia da linguagem até à atualidade. O questionar heracliteano relativamente à língua e ao valor da teoria do conhecimento da mesma foi interpretado por Coseriu em três direções: na primeira, a língua em geral é vista como uma forma universal, interpretada como o pensamento ou realidade da expressão linguística. Esta aceção da língua tem o seu lado "verdadeiro" baseado na analogia duma estrutura semelhante à realidade e "falso" quando esta analogia é inexistente. A segunda expressa a língua como enunciado sobre um estado das coisas, onde a qualidade de verdadeiro ou falso pertence às afirmações geradas sobre a realidade, mantendo a analogia do primeiro ponto. A terceira e última toma a língua como palavra correspondente ou não à designação ou a uma classe de objetos. Relativamente à relação entre "palavra" e "objeto", segundo Coseriu, Heraclito propõe três perspetivas interpretativas: a) como problema ontológico, relação entre *ὄνομα* (a palavra material) e o objeto. Neste sentido, à pergunta sobre a correspondência entre o nome e o objeto designado pode dar-se uma solução positiva ou negativa, de existência ou não existência; b) como problema lógico-funcional tendo em vista a função linguística dos signos e c) como problema da origem da língua tendo em conta a origem da língua em geral. No entanto, estas três construções não são claramente diferenciadas na filosofia pré-socrática. A segunda questão, lógico-formal, inicia-se com Platão e é representativa na filosofia aristotélica. Uma terceira, centrada na origem da língua, é relativa ao período pós-aristotélico. Nas formulações de cada problema existe uma relação que reclama um termo necessário que permanece constantemente o mesmo e um termo relativo, variável. Na primeira fase existe uma relação entre *φύσει* (por natureza) e *νόμᾰ* (por convenção) com diversas variantes que mantêm o mesmo estatuto de denominação: *ἔθει, ὁμολογίᾳ, ξυνθήκη*. Na segunda fase, impõe-se a relação φύσει (por natureza) e *κατὰ συνθήκην* e finalmente na terceira fase a relação φύσει (por natureza) e θέσει. O primeiro par de conceitos pertence à filosofia "pré-platónica", o segundo a Aristóteles e o terceiro aos "pós-platónicos". A partir das variáveis da constante φύσει (por natureza), Coseriu distingue três aceções filosóficas do conceito φύσει. A

[211] "*Nach der Schule von Heraklit "denkt man das, was ist, und man sagt, was man denkt*" - [Na escola de Heraclito "pensa-se o que existe, e diz-se o que se pensa.]" apud *Ibidem*, p. 24.

primeira aceção visa a natureza dos objetos, onde as palavras estão no lugar dos objetos, assumindo uma determinação causal. A segunda aceção de *φύσει* é da natureza das palavras ou da língua, e este conceito revela a solução para a essência da língua. A terceira aceção de *φύσει* visa a natureza ou a essência humana ligada à finalidade das falas e a solução passa pela diversidade e não pela unidade das línguas. Heraclito defende que a língua é movimento e processo e, por esta razão, não trata do ser que não é nem movimento, nem processo, sendo sempre igual a ele próprio. Parménides defende a tese que a fala e o pensamento são fiéis ao ser[212], uma vez que "*o pensamento e o objeto do pensamento são o mesmo*". Segundo Proclus, Pitágoras trata de dois modos distintos de conhecimento: um conhecimento genuíno (νόησις) da faculdade de pensar, sabedoria (*νοῦς*) que pertence ao conhecimento matemático, um conhecimento das relações abstratas dos objetos expresso através dos números e um segundo conhecimento, pertencente à alma (*ψυχή*), interpretado como imitação dos números, como conhecimento que inclui a forma exterior dos objetos. Na segunda metade do séc. V a.C., Demócrito promoveu a tese *θέσει*, da convencionalidade da língua tendo como fundamentos: 1. a homonímia, vários objetos têm o mesmo nome, 2. polinomia, o mesmo objeto tem vários nomes, 3. a variabilidade dos nomes semelhantes aos objetos; 4. falta de analogia na construção dos nomes.

2.3.2. A relação φύσει e θέσει foi discutida por Platão no célebre diálogo *Crátilo*: Crátilo, um discípulo de Heraclito, defende a conceção *φύσει*, isto é, os nomes são dados através da natureza das coisas, Hermógenes defende a conceção *θέσει*, isto é, os nomes foram impostos "por convenção", Sócrates procura a verdade e oscila entre as duas posições, sem chegar a nenhuma solução.

O problema colocado pelos dois primeiros interlocutores de *Crátilo* levanta a seguinte questão: entre a coisa designada e a palavra material existe uma relação necessária ou não? Caso exista esta relação necessária, poderia ser realizada através duma função intuitiva da linguagem? Ou poderia ser uma relação simbólica, como por exemplo, a presença da consoante "r" em palavras cujo conteúdo demonstra algo difícil de realizar, uma vez que as crianças no seu processo de desenvolvimento, só mais tarde o conseguem pronunciar. Ou poderia ser concebida como uma motivação através do entendimento da forma material, por exemplo, quando se diz que o homem se designa assim porque é feito de terra (lat. *homo/humus*)? Hermógenes demonstra que este

[212] "Parmenide sagt: «χρὴ τὸ λέγειν τε νοεῖν τ'ἐὸν ἔμμεναι· ἔστι γὰρ εἶναι, μηδὲν δ'οὐκ ἔστιν» "*Es ist notwendig, dass das Sagen und das Denken dem Sein treu bleiben: den das Sein ist, das Nichts ist nicht.*" [É necessário que a fala e o pensamento permaneçam fieis ao ser, pois o ser existe, o nada não existe], *Ibidem*, p. 32.

processo não é causal, mas uma relação estabelecida arbitrariamente,[213] como será nomeada posteriormente.

Neste diálogo, Platão não propõe nenhuma solução, pelo contrário, apresenta objeções para ambas as soluções apresentadas. A mesma atitude encontra-se no diálogo *Hippias Maior*, "sobre o belo", onde se constata que o belo é difícil de definir e mesmo insolúvel. Sócrates, que por vezes utiliza ironia e autoironia, afirma que este problema não é relevante, aliás é um falso problema ou um problema mal colocado, e, por esta razão, como existem dois caminhos, não se pode chegar a *nenhuma solução*, que é de fato uma solução negativa.

Segundo a opinião de Coseriu, a pergunta deve se colocada de outro modo, como a encontramos em Aristóteles no segundo tratado *Organon*, intitulado *Περὶ ἑρμηνείας* (*De Interpretatione*).

> "*O Crátilo de Platão elimina, além disso, a tese do νόμῳ (como também a tese de φύσει); o verdadeiro resultado deste diálogo é que o problema da linguagem não pode ser colocado do ponto de vista causal.*"[214]

Na opinião de Coseriu, o mais importante é a contribuição positiva de Platão para a problemática da filosofia da linguagem existente no diálogo

---

[213] "*In eam rem multa argumenta dicit, cur videri possint verba esse naturalia magis quam arbitraria.*" Aulus Gellius, *Noctes Atticae*, Liber X, capitulo IV, parágrafo 3, Trad. esp.: "*Nigidio aporta muchos argumentos para demostrar por qué las palabras pueden considerarse naturales más que arbitrarias*", Manuel-Antonio Marcos CASQUER, Avelino Domínguez GARCÍA, Aulo GELIO, Noches áticas, Universidad de León, 2006, tom. I, p. 343. Liber XIV, Capitulo 1, Parágrafo 5 : "concepta, sed fusa et vaga et arbitraria, qualis longinqua oculorum" "*Pensava Favorino que, aunque es cierto que una fuerza o mente divina puede hacerlo posible, empero, al ser tan corto y exiguo el tiempo que el hombre vive, en modo alguno aquelo podría ser percibido y aprehendido por la inteligencia humana, por muy grande que ésta fuera, si bien es posible formular alunas conjeturas 'nada concretas' – παχυμερέστερον – (sin ningún fundamento), para decirlo con sus palabras textuales-, sino difusas, vagas y arbitrarias, como lo es la visión ocular de un objeto lejano, que se torna borroso por la distancia que lo separa.*" (M.A.M. CASQUER, A.D. GARCÍA, Aulo GELIO, op. cit., tom II, p.103-104). Liber XVIII, capítulo 10, parágrafo 10: "*in artéria naturalis, non arbitraria*", "*non voluntatis sunt neque arbitraria, sed vi quadam sua inferunt*", Ibidem, Liber XIX, capítulo I, parágrafo 15.

[214] "*El Cratilo de Platón elimina, por lo demás, la tesis del νόμῳ (como tambien la tesis del φύσει); el auténtico resultado de este diálogo es que el problema del lenguaje no puede ser planteado desde el punto de vista causal.*" Eugenio COSERIU, "L'arbitraire du signe. Sobre la historia tardía de un conceto aristotélico", *Tradición y novedad en la ciencia del lenguaje*..., p. 23, nota 11.

"*Sofistes*" (260-264), contribuição da maior importância para os pensadores ocidentais. Neste diálogo, está latente a discussão sobre o que é verdadeiro e o que é falso no puro problema linguístico e a dificuldade do "não-ser" como um relativo de "não-ser na interpretação". Desta vez, a pergunta é: "como é possível "falso" em geral? O falso é não-ser, mas quando existe realmente, o falso e o não-ser é também um ser.

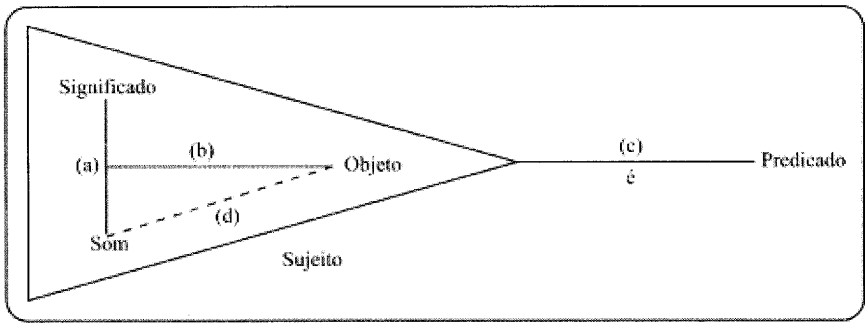
> "*Estrangeiro: Isto quer dizer que ela concebe os não-seres como não sendo ou que concebe como sendo de algum modo o que não é de modo algum?*
>
> *Teeteto: Que ela concebe os não-seres como sendo de algum modo; é o que se impõe se se quer que o erro, por menor que seja, seja possível.*
>
> *Estrangeiro: E então? Não conceberia também ela como não sendo absolutamente o que absolutamente é?*"[215]

O que no diálogo *Crátilo* se apresenta como uma simetria entre a verdade da fala, a verdade das palavras e a falsidade da fala é a falsidade das palavras. Desta vez a pergunta sobre a verdade e a falsidade restringe-se exclusivamente ao plano da fala, da proposição e trata-se da verdade da fala, do enunciado e da verdade dos elementos componentes da fala, operando-se uma diferença entre *ὄνομα*, nome ou sujeito e *ῥῆμα*, o verbo, o predicado. Os nomes em si não podem constituir a fala, necessitando pelo menos de um verbo, no sentido que não é suficiente indicar e simbolizar a realidade, deve-se dizer algo sobre ela para se constituir uma determinação mínima da fala composta de sujeito e predicado.[216] O logos constituído de *ὄνομα* e *ῥῆμα* refere-se sempre a um sujeito sobre o qual se afirma (*φάσις*) ou nega (*ἀπόφασις*) algo e como tal o mesmo logos, enunciado, pode ser verdadeiro ou falso. Em conclusão, a palavra significa o ser, enquanto o logos pode significar um falso ser, pronunciando-se sobre o todo, e também sobre o não-ser. Assim, Platão distingue entre o *não-ser* e *não ser assim*. Coseriu, através deste diálogo, defende cinco aspetos importantes para a filosofia da linguagem: 1) a descoberta e a determinação do "não-ser" como demarcação e separação dos seres. 2) a determinação que o não-ser não é por acaso um outro em relação ao sujeito do qual se trata. O *não-ser* não é um *não-ser absoluto*, mas um "*não ser assim*". 3) Quer o *ser*, como o *não-ser* existem no logos, na proposição, pelo que Platão não distingue

[215] PLATÃO, *O sofista*..., p. 102.
[216] Eugenio COSERIU, *Die Geschichte der Sprachphilosophie von der Antike bis zur Gegenwart*, I..., p. 55.

nenhuma maneira de logos, de proposições, mas distingue os planos do logos onde "aparecem" o *ser* e *não-ser* e outros, e o plano das palavras governado pelo verbo *ὀνομάζειν* (nomear); 4) A qualidade de verdade do logos ou do não-ser é indicada pela qualidade das palavras separadas. Igualmente, a distinção entre as palavras é, para Platão, negativa: as palavras como semelhantes não significam uma ação ou não-ação, nenhuma essência das existências. Existe uma diferença fundamental entre *ὀνομάζειν* 'nomear' as coisas e λέγειν, 'falar sobre' as coisas. 5. Uma importante conclusão consiste na possibilidade da falsidade da fala. Demonstra-se como falsa a possibilidade da língua e o ser não poderem estar ligados, uma vez que o *ser* é um *ser assim e assim* relativamente à língua, por isso a pergunta sobre verdade ou falso visa sempre a qualidade da fala.

2.3.3. No seu curso, Coseriu interpreta e valoriza os seguintes textos aristotélicos: *Περὶ ἑρμηνείας* (*De interpretatione*), *Analitica posteriora*, *Analitica priora* e *Poética*. Considera as soluções aristotélicas tanto objetivas do ponto de vista histórico como sistemáticas e verdadeiramente muito importantes sob três perspetivas: 1. Algumas das soluções propostas por Aristóteles permanecem ainda válidas e valem como bem comum da filosofia da linguagem. 2. As soluções são decisivas para as perguntas ulteriores por cada elemento, mesmo na sua insuficiência até hoje. 3. O que está ainda difuso em Aristóteles, também está difuso nos estudos atuais, tal como o que falta em Aristóteles, falta na história da filosofia da linguagem[217]. Aristóteles desloca a problemática da língua do plano da causalidade eficiente para o plano da finalidade que determina os fenómenos. Na relação indiferenciada "palavras" – "objetos", distingue três relações diferentes: 1) uma pura relação linguística: som - significado ou a forma da palavra e o conteúdo da palavra (a); 2) uma relação ontológica entre o nome e o objeto, ou palavra e realidade (b); 3) uma relação lógica de Sujeito–Predicado, como relação entre um objeto representado pelo nome e o que se afirma sobre objeto (c). Esquema de Coseriu[218]:



Distinções e relações em Aristóteles

[217] *Ibidem*, p. 61.
[218] *Ibidem*, p. 63.

Para Aristóteles a relação (d) não existe, é absurda. Em Aristóteles encontramos as relações (a), b) e (c), como já mencionámos e podem-se ver representadas esquematicamente como relação: linguística (a), ontológica (b) e lógica (c). Entre estas três relações, só a última é lógica, enquanto as primeiras duas são constitutivas da linguagem. Apenas nesta relação da expressão se realiza a distinção entre verdadeiro e falso ao nível do sentido criado, enquanto as primeiras duas relações se constituem elas próprias através da distinção (de verdadeiro e falso) como existência e não-existência de algo.

Aristóteles não pergunta "porquê", mas "para quê" são as palavras, respetivamente qual é o resultado, a função do nome ou das palavras. Apresenta o nome, a palavra, como algo intencional, como um signo (σῆμα), um símbolo (σύμβολον).

> "*O nome é som com significado, κατὰ συνθήκην*" [219]

O que Aristóteles explica para ser melhor entendido:

> "*Precisamente,* κατὰ συνθήκην, *porque nenhum nome é φύσει, mas só quando se converte num símbolo como também os ruídos inarticulados, como os dos animais, expressam sem dúvida algo, mas nenhum deles é nome.*"[220]

Para a fórmula *κατὰ συνθήκην* Coseriu propõe a sua tradução segundo o horizonte conceptual aristotélico, uma vez que redigiu o estudo monográfico desta expressão "*L'arbitraire du signe. Zur Spätgeschchte eines aristotelischen Begriffes*"[221], evidenciando diacronicamente a maneira como foi traduzida e

---

[219] "*Ὄνομα μὲν οὖν ἐστὶ φωνὴ κατὰ συνθήκην*" (ARISTOTELES, *De interpretatione,* 16 a, 19) "Der Name ist Laut mit Bedeutung, κατὰ συνθήκην", *Ibidem*, p. 64. "*Nomen ergo est vox significativa secundum placitum*" Idem, *De Interpretatione vel periermenias, Translatio Boethii*..., p. 6. "O nome é uma locução que possui um significado convencional" Idem, *Organon. I Categorias, II Periérmeneias*, trad. Pinharanda Gomes..., p. 122.

[220] "*τὸ δὲ κατὰ συνθήκην, ὅτι φύσει τῶν ὠνομάτων οὐδέν ἐστιν, ἀλλ' ὅταν γένηται σύμβολον· ἐπεὶ δηλοῦσί γέ τι καὶ οἱ ἀγράμματοι ψόφοι, οἷον θηρίων, ὧν οὐδεν ἐστιν ὄνομα.*" (ARISTOTELES, *De interpretatione*, 16 a, 26-29) „*und zwar deshalb, weil kein Name φύσει ist, sondern erst, wenn er zu einem Symbol wird. Da auch die unartikulierten Laute (Geräusche) wird die der Tiere wohl etwas ausdrücken (kundgeben), keines davon aber ein Name ist.*" *Ibidem*, p. 64. Veja-se também Idem, "L'arbitraire du signe. Sobre la historia tardía de un conceto aristotélico", *Tradición e novedad en la ciencia del lenguaje*..., p. 22.

[221] Estudo publicado pela primeira vez em *Archiv für das Studium der neueren Sprachen und Literaturen, Braunschweig*, nr. 204, 1967, pp. 81-112 provocou reações da parte dos saussureanos. Vejam-se: *Sistema, norma y habla*, Montevideo, "Georg von der Gabelentz et la linguistique synchronique", *Word*, 23, 1967 [=*Linguistic Studies*

interpretada:

> "*As distinções estabelecidas: κατὰ συνθήκην → secundum placitum → ad placitum → ex arbitrio → «arbitrário»*[222] *Sem dúvida do ponto da vista conceptual estas traduções não coincidem com a sua primeira base:* κατὰ συνθήκην *significa propriamente «motivado historicamente»; secundum placitum etc. ao contrário: «inventado ou imposto intencionalmente».*"[223]

Coseriu conclui que a tradução da expressão aristotélica *κατὰ συνθήκην* como «arbitrário» referido à linguagem "*é simplesmente uma tradução indireta e tardia desta expressão*"[224], mas que na sua interpretação e comentário sintetiza claramente quatro tipos de pensamento da relação clássica *φύσει - θέσει* durante a Idade Média. O tipo **I** ilustra a tradução latina de Boetius como "*ad placitum*", "*arbitrário*", lei intencional (Schottel, Locke, Wolff, Steward, Joufroy); o tipo **II** onde *non por natureza* (não *φύσει*) é traduzido por "*arbitrário*" seguido da determinação *ad placitum*, com outros equivalentes (Wolff, Condillac, Harris, Jouffroy, Whitney); no tipo **III**, a determinação *non natura* é definitivamente abandonada e o termo «arbitrário» aparece como um *ad placitum* genérico (Fichte); o tipo **IV** promove apenas a determinação *non natura* para o termo "*arbitrario*" (Leibniz, Turgot, a mesma ideia, mas sem mencionar o termo "arbitrário" para *non natura* em Hegel).[225] A não-

---

Presented to André Martinet], pp. 74-100; Idem, "Au-delà du structuralisme", *XVI Congrés Internacional de Lingüística* [i] *Filologia Romàniques*, Palma de Mallorca 1980, *Actes, I, Sessions plenàries i taules rodones*, Palma de Mallorca, pp. 163-168.

[222] Especificação parentética realizada por Coseriu [Outras reinterpretações da mesma expressão aristotélica, condicionadas, também, em parte pela identificação de κατὰ συνθήκην e θέσει: "secundum positionem", "ex impositione", "ex instituto", "ex institutione", "ex constituto", "fortuito", "d'institution", "d'instituion et d'établissement", "by voluntray imposition", "by arbitrary imposition", "by habitua connextion", "from compact", "de pure convention", "par attribution", «convencional», "nach Gefallen", durch Satzung", ("Setzung", "Festsetzung", "Übereinkunft", "Verabredung", "Konvention"), "Auf Grund der Tradition".] Idem, "L'arbitraire du signe. Sobre la historia tardía de un conceto aristotélico", Tradición e Novedad en la Ciencia del Lenguaje, p. 50.

[223] "*Las distintas etapas de la reinterpretación resultan asimismo bien establecidas: κατὰ συνθήκην → secundum placitum → ad placitum → ex arbitrio → «arbitrário». Sin embargo, en lo conceptual, estas traducciones no coinciden con su primera base: κατὰ συνθήκην significa propiamente «motivado históricamente»; secundum placitum etc., en cambio «inventado o impuesto intencionalmente».*" *Ibidem*, pp. 49-50.

[224] *Ibidem*, p. 49.

[225] *Ibidem*, pp. 50-51. Idem, *Die Geschichte der Sprachphilosophie von der Antike*

motivação dos signos linguísticos é explicada com referência à sua origem, "*a falta duma conexão natural causal de tipo fogo - fumo e a não existência dum semelhante natural de tipo objeto – imagem*"[226], enquanto para Saussure a explicação do arbitrário é "*puramente funcional*"[227], sem nenhuma referência à sua origem, algo "*não imitativo*", "*não análogo ao significado*"[228]

Igualmente, Gadamer intuiu algo diferente da interpretação comum desta expressão, conferindo-lhe um estatuto ontológico, apresentado por Coseriu na relação ontológica constitutiva do nome (b no esquema apresentado):

> "*Parece-me que, ao desvincular o conceito da syntheke [Peri hermeneias, 4, 16 b 31 s] do seu sentido ingénuo de "convenção", Aristóteles já havia chamado a atenção para o verdadeiro caráter ontológico da linguagem.*"[229]

Para melhor entender o discurso reflexivo, Coseriu interroga-se sobre o não-emprego por Aristóteles das expressões *ἔθει*, *νόμω* naquele tempo em uso filosófico e opta pela forma *κατὰ συνθήκην*.

Certamente, queria dizer algo diferente do que se entendia no seu tempo. Como não utiliza a forma de dativo, o sentido não é causal. A preposição *κατὰ* tem o valor de "como", "enquanto" (lat. *qua*).

Nesta situação, uma tradução correta seria: "*o nome é som com significado em razão do que já está estabelecido*" ou "*o nome é som que significa enquanto estabelecido como tal*", e numa interpretação mais moderna: "*historicamente estabelecido*" ou "*segundo a tradição*".

Para Aristóteles, a relação som e objeto (no esquema apresentado) é inexistente, uma vez que os sons da língua não são signos para os objetos, mas sim conteúdos da alma, i.e. da consciência[230].

> "*A explicação aristotélica é puramente «fenomenológica», ou seja descritivo-funcional, e não genética: diz respeito ao como pancrónico do significar e não ao nascimento das palavras.*"[231]

---

bis zur Gegenwart, I, p. 95.

[226] *Ibidem*, p. 51.

[227] *Ibidem*, p. 52.

[228] *Ibidem*.

[229] Hans-Georg GADAMER, *Verdade e método* II, complementos e índice, trad. de Enio Pualo Giachini, revisão de trad. Márcia Sá Cavalcante-Schuback, Petrópolis, Editora Vozes, 2002, p. 91.

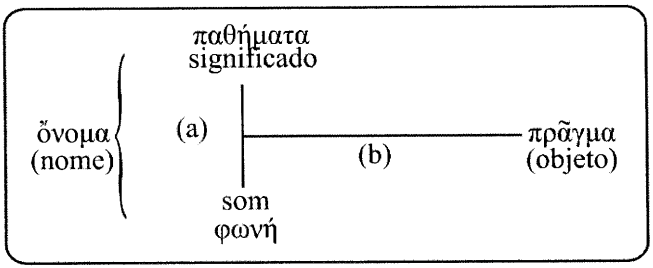
[230] "*ἐστὶ δὲ τὰ ἐν τῇ φωνῇ τῶν ἐν τῇ ψυχῇ παθημάτων σύμβολα*", ARISTÓTELES, De interpretatione, 16a, 3-4 citado apud Coseriu, *Die Geschichte der Sprachphilosophie von der Antike bis zur Gegenwart*, I, p. 52.

[231] "*Y es lo más importante, el planteamiento aristotélico es puramente «fenomenológica» o sea, descriptivo-funcional, y no genérico: concierne al cómo pancrónico*

A oposição *φύσει / κατὰ συνθήκην* significa, num sentido negativo, que o signo linguístico não está motivado pela natureza, os gritos dos animais não são símbolos (σύμβολα), e, no sentido positivo, que os signos linguísticos funcionam como sendo "*tradicionalmente estabelecidos, como motivados historicamente*", os signos não são "*necessários pela natureza, mas sim historicamente*"[232]. Para Aristóteles, o nome tem um determinado estatuto na língua:

> *"Aquilo que existe na voz é símbolo daquilo que a alma comanda (ou o sonoro é símbolo para as afeções da alma)."*[233]

Esquema de Coseriu:[234]



A relação nome - objecto em Aristóteles

del significar, no al nacimiento de las palabras; dicho de otro modo: el funcionamiento, no al origen del signo. Por esta razón, interpretaciones de κατὰ συνθήκην como «por reglamento, «por convenio», «por convención», por acuerdo», «por arreglo» etc., quedan excluidas desde el principio; y, por lo mismo, tampoco, φύσει puede interpretarse genéticamente ». A continuação do texto citado: "dito de outra maneira: o funcionamento não a origem do signo. Por esta razão interpretações de κατὰ συνθήκην como «por regulação», «por conveniência», «por convenção», «por acordo», «por arreglo» etc., são exclusas desde o princípio." Eugenio COSERIU, "L'arbitraire du signe. Sobre la historia tardía de un conceto aristotélico", *Tradición y novedad en la ciencia del lenguaje*, p. 24.

[232] *Ibidem.*

[233] "*Ἔστι μν οὖν τὰ ν τῇ φωνῇ τῶν εν τῇ ψυχῃ παθημτων σύμβολα*" (ARISTÓTELES, *De interpretatione*, 16 a, 3-4) "Das, was in der Stimme ist, ist Symbol dessen, was die Seele erfärt (oder: das Lautliche ist Symbol für seelische Affektionen)". Eugenio COSERIU, *Die Geschichte der Sprachphilosophie von der Antike bis zur Gegenwart*, I..., p. 65. „*Sunt ergo ea quae sunt in voce earum quae sunt in anima passionum notae*" ARISTOTELES, *De Interpreatione*, translation Boethii..., p. 5. "*As palavras faladas são símbolos das afeções da alma*", Idem, *Organon*, I *Categorias*, II *Periérmeneias*, trad. Pinharanda Gomes, p. 121. "Les sons émis par la voix sont les symboles des états de l'âme", Idem, *Organon*. I *Catégories II De l'Interprétation*, trad. J. Tricot, pp. 77-78

[234] Idem, *Die Geschichte der Sprachphilosophie von der Antike bis zur Gegenwart*, I..., p. 68.

De acordo com a criatividade aristotélica do sentido textual, ultrapassa-se o significado mencionado nos dicionários, e como tal, Coseriu considera que a expressão *παθήματα της ψυχῆς* deve ser traduzida como "conteúdos de consciência"[235], pois *pathyma* significa "qualquer mudança num organismo produzida pela ação dum agente externo" e estes "conteúdos de consciência" não são verdadeiros nem falsos, uma vez que não afirmam nem negam nada sobre as coisas, mas têm uma significação, já que representam e substituem mentalmente essas próprias coisas[236].

ψυχῆ é, para Aristóteles, o conceito mais extenso que corresponde quer ao "espírito", quer à "consciência", enquanto o conteúdo do conceito *παθήματα*, no uso comum da língua, indicava "afeição", "paixão", seguindo as variações semânticas de ψυχῆ e, nesta situação, correspondia a "experiência", "conteúdo da consciência".

Pela primeira vez na história da filosofia da linguagem, opera-se a distinção mais clara entre "signifiant" e "signifié" (a forma da palavra – o conteúdo da palavra) o conteúdo da palavra é o objeto como conteúdo da consciência, uma experiência humana de simbolizar.

A relação *φωνὴ - παθήματα της ψυχῆς* não existe para o tipo de relação (d), no esquema apresentado, nem de maneira natural, nem convencional. O conceito de *παθήματα* contém, como se pode observar, a relação (a), no esquema, entre som e significado, uma relação intencional, de liberdade ideal e a relação (b), no esquema, entre nome e objeto é uma relação não necessária, não ontológica, não uma necessidade lógica, mas um dado histórico.

Aristóteles, em *Analitica priora*, distingue três classes de objetos: 1. os objetos do ponto de vista universal como objetos individuais em geral, distintos de outros objetos; 2. os objetos sobre os quais se podem predicar alguns objetos e outros não; 3. os objetos sobre os quais se podem predicar outros objetos.[237]

Aristóteles enuncia a primeira definição para o significado da palavra, em oposição à designação e denominação dum objeto:

> *"Denomina o significado através da fórmula ἕν σημαίνειν, isto é, «significar um unicum, uma unidade» isto é : «significar uma unidade consiste em reconhecer nos objetos aquela unidade e poder reduzir os objetos através da nomeação dos objetos com um nome», ou mais simplesmente: «o significado permite-nos nomear uma série*

[235] "Bewußtseinsinhalte" *Ibidem*, p. 76.

[236] Idem, "Filosofia limbajului", *Prelegeri și Conferințe...*, p. 14.

[237] Idem, *Die Geschichte der Sprachphilosophie von der Antike bis zur Gegenwart*, I, p. 73, ARISTOTELES, *Analitica priora*, 43 a, 20 e segs.

infinita de objetos com a mesma palavra». "[238]

Coseriu propõe uma representação esquemática intuitiva do "unicum" do significado como possibilidade de exprimir a unidade duma essência, dum modo único de ser. O que é específico para um nome não se utiliza para outro. O nome "*homem*" significa, antes de mais, 'o fato de ser homem', tal como "árvore" significa 'o fato de ser árvore', uma faculdade de reconhecer a humanidade no homem, tal como a arvoreidade na árvore. Posteriormente, S. Tomás de Aquino traduzirá a fórmula de Aristóteles *ἕν σημαίνειν* por *apprehensio indivisibilium.*[239] Aristóteles considera que toda a linguagem é "*lógos semantikós*"[240] (*λόγος σημαντικός*), que, numa manifestação posterior, apresenta três tipos de *logos*: 1. "*lógos apophantikós*" (*λόγος ἀποφαντικός* - afirmativo e negativo), 2. "*lógos pragmatikós*" (*λόγος πραγματικός*) de ordem pragmática e 3. "*lógos poietikós*" (*λόγος ποιητικός*) - construtivo. Para Coseriu esta demarcação aristotélica configura-se como a base para a problematização futura da linguagem. Os que entendem que a linguagem é a expressão do pensamento racional identificam o *logos semântico* com o *apofântico*. Este último é considerado essencial em duas direções: uma gramatical, quando se identificam as categorias gramaticais com as categorias lógicas, por

---

[238] "*El numește semnificația prin formua ἕν σημαίνειν, adică 'a însemna unul, un unicum' sau 'a însemna un singur lucru, o unitate' și zice cam așa: 'a însemna o unitate înseamnă a putea recunoaște în lucruri această unitate și a putea reduce lucrurile prin desemnare, numindu-le cu acest nume, la acest unicum', sau, mai simplu, 'înțelesul este ceea ce ne permite să întrebuințăm petru numirea unei serii infinite de lucruri același cuvânt'*". Eugenio COSERIU, "Filosofia limbajului", *Prelegeri și conferințe...*, p. 17.

[239] *Ibidem*, p. 17. "*Thomas unerscheidet nach Aristóteles (cf. De Anima) drei Operationendes Verstandes, die er in einen Zusammenhang mit dem "Organon" stellt:* [13.41] *Die Intuition: Es hadelt sich um die apprehensio simplex oder indivisibilium intelligentia "per quam intellectus apprehendit essentiam uniuscuiusque rei iin seipsa".* [13.42] *Das Urtei (iudicium): "operatio intellectus componentis et dividentis".* [13.43] *Der Schluß, die Falgerung: ratiocinium*". ["S. Tomás na sua interpretação distingue em Aristoteles três operações do entendimento numa conexão com o que se encontra em „Organon": 1. A intuição: trata-se duma apprehensio simplex ou indivisibiliuim intelligentia «per quam intellectum apprenhendit essentiam uniuscuiusque rei in seipsa»; O juízo (iudicium): "*operatio intellectus componentis et dividententis*". A conclusão, a dedução (inferência): ratiocinium."] Idem, *Die Geschichte der Sprachphilosophie von der Antike bis zur Gegenwart*, I..., pp. 125-126.

[240] "*Ἔστι δὲ λόγος ἅπος μὲν σημαντικός*" (ARISTÓTELES, *De interpretatione*, 17 a, 1). "*Jede Rede ist nun "semantisch"* – [cada fala (enunciado, discurso) é pois semântica], Eugenio COSERIU, *Die Geschichte der Sprachphilosophie von der Antike bis zur Gegenwart*, I..., p. 75. Idem, "Logicismo y antilogicismo", *Teoría del lenguaje y lingüística general...*, pp. 7-10.

exemplo "substância" = substantivo, "qualidade" = adjetivo, "modalidade" = advérbio, ou na gramática transformacional ao identificar-se "a estrutura de profundidade" com o "significado" entendido como realidade da expressão[241], e a outra, lógica, ao considerar as insuficiências e incoerências lógicas das línguas ou interpretar as línguas como uma etapa na realização da linguagem lógica[242].

Outras determinações são, quer uma aplicação do pensamento racional, quer desvios da linguagem essencial. Os que entendem que a linguagem é um instrumento de comunicação[243], de interação entre os homens, consideram-na como *logos semântico* com a determinação suplementar pragmática (*pragmatikós*) essencial. Os que defendem que a linguagem é, na sua essência, idêntica à poesia, afirmam que a determinação semântica e poética são idênticas, que existe uma identidade entre semanticidade e poeticidade.[244]

A representação gráfica facilita o entendimento das determinações possíveis do logos, onde a primeira relação é a lei constante da linguagem que fundamenta e consolida ao nível da consciência cada elemento da

[241] *Ibidem*, p. 86.

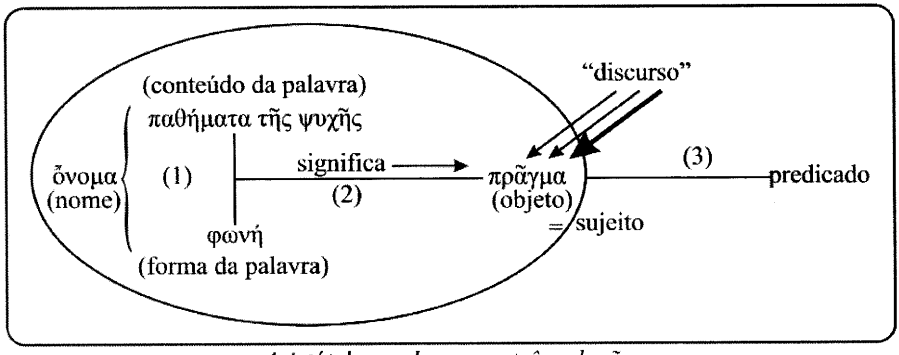
[242] "*Le langage n'offre pas un lot bien délimité de formes de déduction et, à s'en tenir à la forme linguistique, il n'est pas possible de distinguer une séquence sans lacune de celle qui omet des propositions intermédiaires.* [...] *Presque toujours le langage ne donne pas, sinon allusivement, les rapports logiques; il les laisse deviner sans les exprimer proprement.*" Gottlob FREGE, *Écrits Logiques et Philosophiques*, traduction et introduction de Claude Imbert, Paris, Éditions du Seuil, 1971, p. 65. "*Abstractions are few; the words are adapted for expressing broad meanings rather than fine shades of feeling; the language has few words for mental phenomena, or emotions, thoughts, ideas; it is, in short, objetive rather than subjetive.*" Bertrand RUSSELL, "The Language of a Nation Is a Monument to Which Every Forcible Individual in the Course of Age Has Contributed a Stone" in Idem, *Cambridge Essays* (1988-99) Eds. Kenneth Bleckwell, Andrew Brink, Nicholas Griffin, Richard A. Rempel, John G. Slater, London, George Allen & Unwin, 1985, vol. I, p. 33. "*It is true that most conscious thinking is bound to the language form, although perhaps in a more or less loose way* [...] *And rationally reconstructed knowledge can only be given in the language form*[...]" Hans REICHENBACH, *Experience and Prediction. An Analysis of the Foundation and the Structure of Knowledge*, with a new introduction by Alan W. Richardson, Notre Dame, University of Notre Dame Press, 2006, p. 16. "The second-level language is, strictly speaking, not a two-valued language but once more a probability language, only of a higher level." *Ibidem*, p. 155.

[243] "*A propriedade da linguagem é o que faz entrar os nossos pensamentos no espírito dos outros da maneira mais fácil e eficaz.*" John LOCKE, *Ensaio sobre o entendimento humano*, trad. Eduardo Abranches de Soveral, revisão da trad. por Gualter Bunha e Ana Luísa Amaral, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, vol. 2., p. 702.

[244] E. COSERIU, *Die Geschichte der Sprachphilosophie von der Antike bis zur Gegenwart*, I..., p. 76.

linguagem. A segunda relação materializa a necessidade tradicional, *κατὰ συνθήκην*, onde a criatividade se ajusta segundo um uso histórico. Estas duas leis marcam a relação inicial de existência e inexistência das coisas no âmbito semântico. As πράγματα da língua tornam inteligíveis e conhecidos os objetos enquanto tais. A orientação da fala para *pragma* torna possível cada determinação secundária da linguagem. O *logos apofântico* soma todos os elementos do nome, as duas relações existentes, torna o sujeito uma unidade para ser relacionada logicamente com o predicado que o especifica. O *logos pragmático* liga a *pragma* à relação lógica da comunicação, de construção concreta dum discurso, tal como se pode ver no esquema acima representado. O *logos poético* relaciona a constituição do nome com a constituição do discurso, fazendo abstração da presença do interlocutor.

Esquema de Coseriu[245]:



Aristóteles esclarece as três relações na relação "palavra" - "objeto"

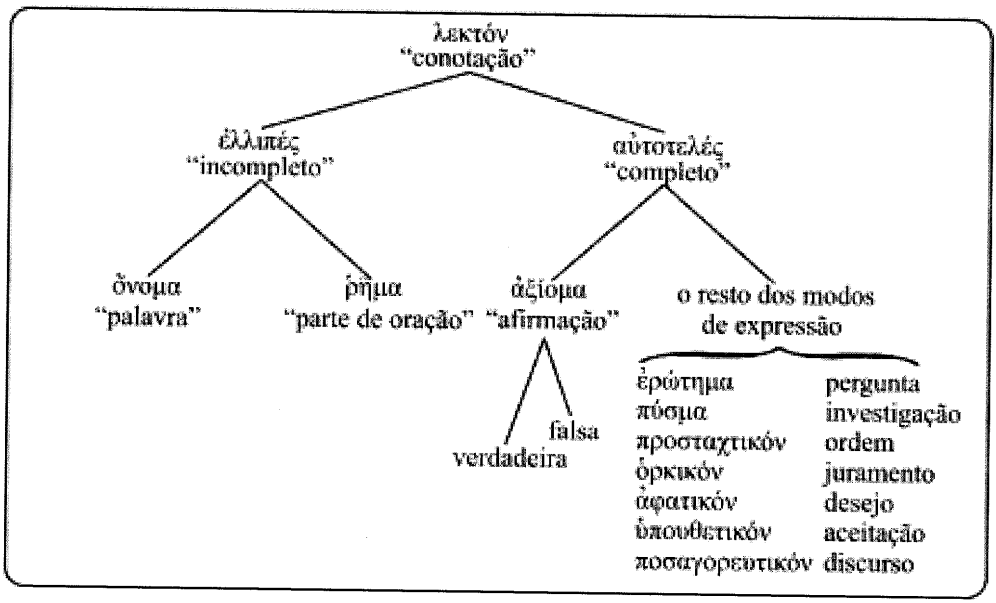
2.3.4. Na interpretação coseriana, os estoicos formularam o erro do paralelismo entre as categorias lógicas e gramaticais mas tiveram o mérito de empregar o conceito de sintaxe (σύνταξις), operando uma classificação das orações, de criar o conceito de "casus", de realizar distinções operacionais entre os apelativos e nomes próprios, artigo e pronomes. Na filosofia da linguagem, diferenciaram a questão sobre a origem da língua da do seu funcionamento. Operaram a distinção entre lógico (conteúdo) e gramático (material). Desenvolveram uma teoria dos signos que continua algumas ideias aristotélicas como, por exemplo, a relação entre o que está na voz (o material sonoro) e o que existe na consciência, respetivamente *σημαῖνον / σημαινόμενον* (signifiant / signifié) que, juntas, formam *σῆμα* (*signo*). Para os estoicos, *σημαινόμενον* tem um conteúdo mental, forma-se na consciência, é a possibilidade de nomear e é exterior aos objetos (*πράγμα*). Utilizaram o

[245] *Ibidem.*

termo *λέξις* (léxico) com o sentido de *φωνὴ ἔναρθρος καὶ ἐγγράμματος* (*vox articulata et quae litteris comprehendi potest*) – som articulado que pode ser entendido. O conceito de λεκτόν é importante para o entendimento do pensamento desta escola filosófica. Não é nem πάθημα, um simples sinal na alma, nem νόημα, conceito. Os conceitos situam-se na alma e não surgem na língua. Na distinção entre as νοήματα dos homens e dos animais, para os primeiros estas contêm λεκτά, significado como um conteúdo objetivo.

Os estoicos utilizaram a noção de λόγοι para as expressões e construções que não são nem verdadeiras nem falsas, distintas da *ἀξίωμα*[246], expressões como: pedir, ordenar, contar, o juramento, o desejo, a pergunta, a aceitação, uma classificação semântica das expressões e construções linguísticas da filosofia estoica retomada na teoria dos atos de fala.

Coseriu construiu o seguinte esquema:[247]



λεκτόν concebido pelos estóicos

2.4. A modernidade do pensamento de Santo Agostinho

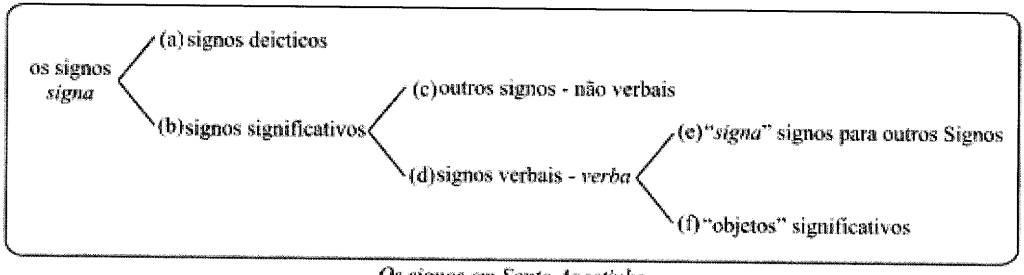
Coseriu recupera o pensamento filosófico da Antiguidade, considerando que toda a cultura contemporânea retoma, num outro patamar, as questões filosóficas sobre os mesmos tópicos. Valoriza as ideias semióticas de S.

[246] *ἀξίωμα* é o equivalente da escola estoica para o *lógos apofântico* de Aristóteles.
[247] Eugenio COSERIU, *Die Geschichte der Sprachphilosophie von der Antike bis zur Gegenwart*, I..., p. 103.

Agostinho (354-430) em *De Magistro*, *De dialectica*, *De doctrina christiana*, *De Trinitate*, onde retoma a teoria estoica do signo, utilizando termos latinos em lugar dos gregos, sendo, na perspetiva de Coseriu, uma das mais importantes teorias semióticas da Antiguidade até à escolástica.

Na terminologia agostiniana do tratado *De dialectica* reconhece-se a distinção entre "*verba simplicia*" ou palavras incompletas e "*verba conjuncta*" correspondentes a λεκτὰ ἐλλιπῆ e a λεκτὰ αὐτοτελῆ dos estoicos, em que as *verba conjunta*, constituídas como enunciado, contêm a distinção entre verdadeiro e falso. Para S. Agostinho pertencem às *verba simplicia* os conceitos de: *verbum*, *res* e *signum*[248]. O conceito de *verbum* corresponde tanto ao λόγος como ao λέξις, enquanto *res* corresponde ao τυγχάνον. Os conceitos operacionais utilizados por Santo Agostinho *verbum*, *dicibile*, *dictio* marcam o processo de fala, distintos de *res*[249].

Esquema de Coseriu[250]



Os signos em Santo Agostinho

"*De verbis*" incide sobre o aspeto da materialidade da língua e "*vis verborum*" é entendida como a "força" que as palavras têm em si para levar o ouvintes a sentir, não ignorando o fato que as palavras possuem uma natureza de som simbólico, com significado estabelecido e transmitido através duma tradição. O signo é constituído por duas partes: uma contém um sentido próprio[251] e a outra significa outras realidades[252].

A teoria do "entendido" e o caráter intuitivo da criação linguística estão bem evidentes em *De Magistro*. Como não se pode aprender os sentidos de

[248] „*Bei den verba simplicia unterscheidet Augustinus folgende Begriffe*: verbum, res *und* signum. *Diese Begriffe definiert er folgendermaßen:* verbum est unius cuiusque rei signum, quod ab audiente possit intellegi, a loquente prolatum. Res est quidquid vel sentitur, vel intellegitur vel latet. Signum est quod et se ipsum sensui et prater se aliquid animo ostendit." *Ibidem*, p. 106.

[249] "*Res autem ipse quae iam verbum non est neque verbi in mente, conceptio, sive habeat verbum quo significari possit, sive non habeat, nihil aliud quam res vocatur proprio iam nomine*" apud *Ibidem*, p. 107.

[250] *Ibidem*, p. 109.

[251] "*Se ipsum sensui* = *σιμαῖνον*." *Ibidem*, p. 106

[252] "Praeter se aliquid animo = σημαινόμενον", *Ibidem*, p. 106.

outros, impõe-se a necessidade dum *Magister interior*[253], o mesmo para todos os homens, por ele identificado como Cristo, o nosso espírito ou atividade criadora que existe dentro de cada um, a partícula de divindade que nos determina a conhecer e a falar. Este diálogo entre Santo Agostinho e o seu filho Adeodato, convida Coseriu a refletir sobre três aspetos fundamentais ligados à realidade dos signos: o primeiro contém a semiótica mais detalhada da Antiguidade, o segundo liga-se à distinção entre língua e metalíngua e o terceiro levanta o problema da teoria do conhecimento do valor da língua especialmente em relação aos próprios sentidos e à nova sabedoria. A palavra "nome" é a única que coincide com o seu conteúdo semântico[254], enquanto "verbum" e "signo" têm significados diferentes. A questão: "Tu és homem?" liga-se à importância do conteúdo semântico e não à forma das palavras[255]. Para evidenciar a importância desta teoria, Coseriu demonstra como S. Agostinho entende "o aprender por meio das palavras"[256], uma vez que o objetivo do falar é o ensinar[257]. Porém levanta-se as seguintes questões: o homem pode conhecer as coisas através da experiência das mesmas e não o contrário? Não

[253] "*Efetivamente quem fala mostra exteriormente o sinal da sua vontade, por meio dum som articulado. Deus porém deve-se procurar e suplicar no próprio íntimo da alma racional, o que se denomina - «o homem interior» Quis ele que fosse esses os seus teplos. Não leste no Apóstolo: «Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vos?»* [1 Coríntios, 3, 16] *e que «Cristo habita no homem interior?»* [Efésios, 3, 16]." Santo AGOSTINHO, *O Mestre*. Introdução e comentários de Maria Leonor Xavier. Tradução de António Soares Pinheiro, Porto, Porto Editora, 1995, p. 58.

[254] "*Todo o nome é o mesmo «nome», que proferimos, é palavra. Nem toda a palavra porém é nome, apesar de proferirmos um nome quando dizermos «palavra»*". Santo AGOSTINHO, *O Mestre*..., p. 69.

[255] "*Se eu te perguntasse o que era «homem», responderias talvez «animal»; mas se perguntasse que parte da oração era «homem», de modo nenhum poderias responder corretamente senão: «um nome». Por esta razão, visto que «homem» se apresenta como sendo nome e como sendo animal, diz-se ser o primeiro enquanto é sinal; e o segundo quanto à coisa que significa. À pessoa portanto que pergunta se «homem» é um nome, devo responder-lhe apenas que é, pois ela indica suficientemente que quer resposta enquanto ele é um sinal. Mas se pergunta se é animal, anuirei muito mais prontamente.*" *Ibidem*, pp. 82-83.

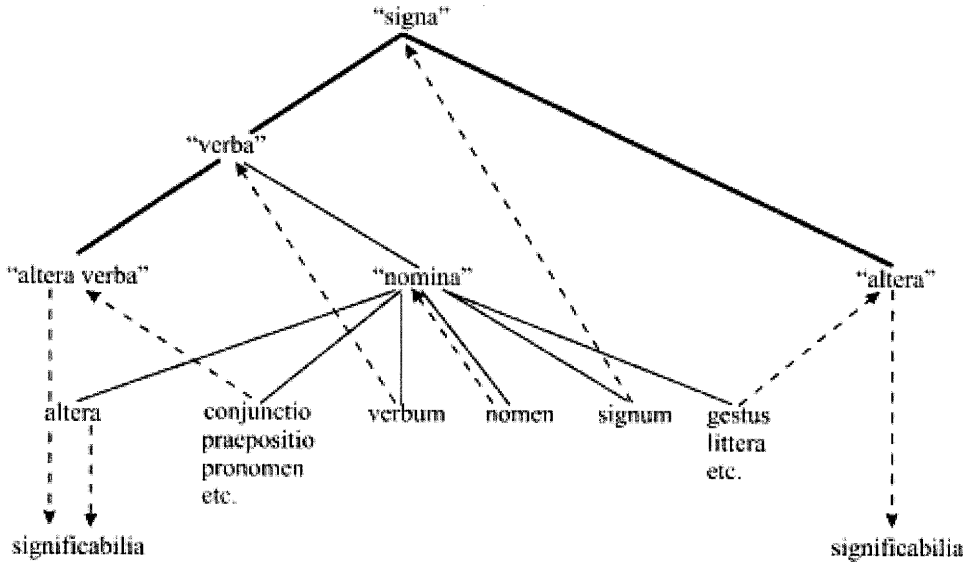
[256] "*Das Lehren mittels der Wörter.*" [o ensino através das palavras], Eugenio COSERIU, *Die Geschichte der Sprachphilosophie von der Antike bis zur Gegenwart*, I..., p. 114.

[257] "*Concordes efetivamente que o conhecimento das coisas é de maior estima que os sinais das coisas. E assim, o conhecimento das coisas que se significam deve anteporse ao conhecimento dos sinais.*" Santo AGOSTINHO, *O Mestre*..., p. 85. "*Conhecidas as coisas alcança-se também o conhecimento das palavras; mas ouvidas as palavras, nem as palavras se aprendem. De fato não aprendemos as palavras que conhecemos, nem podemos declarar ter aprendido as que não conhecemos, senão depois de percebida a sua significação.*" *Ibidem*, pp. 91-92.

existe o que só através dos signos pode ser aprendido? Ao ouvir um sinal, sabe-se desde logo o seu significado ou não?

Quando não se sabe, então não se ensina através dos signos; todavia passa-se o contrário, aprendem-se os signos através das coisas. O nosso conhecimento está diretamente ligado ao conhecimento das coisas, estas aprendem-se unicamente através da experiência das próprias coisas e não através de signos.

Esquema de Coseriu:[258]



Os tipos de signos em S. Agostinho

Por exemplo, ao ouvir-se pela primeira vez uma palavra desconhecida, esta não passa de um complexo sonoro associado a um determinado objeto. Da segunda vez, aprende-se aquela palavra como signo para um determinado objeto. Através de signos que as pessoas denominam palavras, não se aprende nada. Não se vai das coisas para os signos nem o contrário. Primeiramente devem-se conhecer as palavras, o que significa cada palavra em parte. S. Agostinho realça que a história não existe através das palavras e introduz um novo conceito, o de "acreditar" em alguma coisa que não se combina com o conhecimento. As palavras ao serem objeto de crença e não do saber, constituem o quadro básico da fala, que têm como primeira prova de verdade um confronto com a imagem ligada à memória. Quando alguém não tem a prova das imagens para algo novo, pode pelo menos *acreditar* nas palavras, mas *não* as *aprende*. Esta situação é válida para a verdade interior de cada um de nós, o homem tem a verdade em si próprio. Coseriu identifica em S. Agostinho

[258] Idem, *Die Geschichte der Sprachphilosophie von der Antike bis zur Gegenwart*, I, p. 111.

três classes de afirmações em relação à verdade das coisas: primeiramente, as coisas a partir das quais não se sabe se são certas ou não; em segundo lugar, as coisas a partir das quais se sabe que são erradas, falsas, e consequentemente devem ser recusadas; em terceiro, as coisas a partir das quais se sabe que são verdadeiras, e neste caso aceites. Porém, em nenhum destes casos se aprende, pois o que existe é a efemeridade das palavras em relação à experiência. As palavras não exteriorizam o pensamento do falante, uma vez que a língua pode esconder o pensamento. Daí, a grande dificuldade de definição no âmbito da arte. S. Agostinho parte do postulado: quando se fala quer-se ensinar, válido para a experiência das primeiras palavras e a partir daí em relação a todas as outras. Em consequência, os significados são conhecimentos das coisas ("*cognitiones rerum*"), adquiridos posteriormente através da sua combinação. Na aquisição do nome, o significado está separado das coisas, pelo que os seus componentes são diferenciados e analisáveis. Não se aprende através da palavra *elefante* o que é o elefante, apenas através das definições e descrições por meio de outras palavras. A nova palavra serve somente para a fixação do conhecimento duma palavra por oposição a outras. A compreensão das palavras é uma necessidade, o seu significado é uma condição, mas não a fundamental para a compreensão da frase e do texto. S. Agostinho clarifica o fundamento do ato de ensinar e aprender[259]. O ensinar é um transporte em si dum conhecimento. O ensino é visto como a exteriorização da pesquisa pessoal. O aprender não é uma experiência transmitida, uma experiência partilhada, mas a experiência direta das coisas. A aquisição social e cultural da língua oferece a possibilidade de dispor de uma experiência indireta das coisas através da linguagem. Na dimensão cultural do conhecimento, a aprendizagem dos signos liga-se à intuição. O "andar" tem o seu significado real, o homem não pensa nos passos que executa, é um andar sem passo, ligado ao movimento, à essência do andar. Coseriu considera importante a observação de S. Agostinho de que as pessoas falam com os seus próprios significados e como estes pressupõem uma atividade mental própria em cada indivíduo, nunca se pode ter uma certeza da consistência dos significados numa forma generalizada.

2.5. Juan Luis Vives e a "língua viva"

Juan Luis Vives (1492-1540) é apresentado por Coseriu como um dos

[259] "*Entre o tempo de locução e o do conhecimento não se interpõe nenhum intervalo: e dado que tais homens aprendem interiormente logo depois da insinuação de quem fala, julgam ter aprendido do exterior, por meio de aquele que insinuou.*" Santo AGOSTINHO, *O Mestre*..., p. 98.

teóricos da linguagem mais característicos e originais da Renascença e destaca o capítulo 7, *De sermone*, do segundo livro da obra *De anima et vita*; o capítulo 1, *Animi index lingua*, do livro III de *De tradendis disciplinis*; o livro II *Liber secundus, qui est de grammatica*, de *De causis corruptarum artium*, *In pseudo-dialecticos* e quase toda a obra *De ratione dicendi*.[260] Vives considera a linguagem como expressão da toda a «alma» ("*ratio ac mentis*"), naquele período significando toda a consciência, e um instrumento de convivência humana. A sua visão constitui-se como que uma reação ao modo de problematizar a linguagem na Idade Média. Eugenio Coseriu sublinha a importância da primeira distinção operada pelo filósofo renascentista entre a linguagem humana e os sons produzidos pelos animais. Opõe-se aos estudos abstratos da língua, sobretudo às regras abstratas formuladas pelos estudiosos da época. Convencido da importância da realização concreta da língua[261], almeja alcançar a sua real utilização. Intuiu uma lógica das línguas particulares e, por conseguinte, reclama uma dialética das línguas latina, grega, espanhola e não uma dialética geral, fato este que realça a importância dada por Vives às línguas funcionais. Para ele, o verdadeiro "caminho" do conhecimento seria da língua para a gramática e não o contrário, como se praticava e pratica ainda na atualidade. Defensor da historicidade da língua, mantém uma atitude firme contra a generalidade da linguagem, recusa uma gramática geral, uma vez que cada língua tem a sua gramática própria, e exemplifica a sua atitude com o uso da dupla negação que funciona no latim como afirmação mas não no grego, espanhol, francês e outras línguas. Observa que "*cada língua tem o seu génio autóctone, a que os gregos chamavam* "idioma" *e cada palavra tem o seu próprio significado e a sua eficácia expressiva.*"[262] Opõe-se ao formalismo e à analogia formal das abstrações linguísticas, ao logicismo. A língua é, para Vives, num primeiro momento, um instrumento de convivência em comum, não é apenas a expressão do entendimento, mas a expressão do homem total: da fantasia, da afetividade, do entendimento e da vontade.[263] Os problemas da

[260] Idem, "Teoria del lenguaje de Juan Luis Vives", *Tradición y novedad*..., pp. 63-64.

[261] "*A linguagem está sempre em défice relativamente à realidade, «pois as palavras são finitas e a realidade infinita» (verba enim finita sunt, res infinita)*" Leonel Ribeiro dos SANTOS, *Linguagem, Retórica e Filosofia no Renascimento*..., p. 145.

[262] "*Jede Sprache hat ihr autochtone Genie, das die Griechen "idioma" nannten, und jedes Wort hat seine eigenen Bedeutungen und seine expressive Wirksamkeit*" [Cada língua tem o seu génio autoctone que os gregos denominam „idioma" e cada palavra tem o seu próprio significado e a sua eficácie expressiva.] apud Eugenio COSERIU, *Die Geschichte der Sprachphilosophie von der Antike bis zur Gegenwart*, vol. 1..., p. 137.

[263] "«*Voces in homine signa sunt animi universi, et phantasiae, et affectum, et intelligentiae, et voluntatis, in belluis autem tantummodo affectionem, quemadmodum in nobis voces inconditae, quaeque a grammaticis interjecciones nominatur*»" apud

lógica surgem no momento em que se tem em conta o que se está a pensar. Esta formulação permite chegar a uma simples solução natural do conhecido sofisma de Creta do mentiroso. A sua forma mais antiga encontra-se em Epiménides de Creta: *todas as pessoas de Creta mentem*. Se Epiménides diz a verdade, ele, como pessoa e cretense, mente igualmente. Porém, se é um mentiroso, a frase não é verdadeira. Nem sempre todos os cretenses mentem. A questão é então: "o cretense diz a verdade ou mente?"[264]

Coseriu concorda com o pensamento de Vives, nenhuma expressão pode relacionar-se com ela própria, como "instrumento" refere-se sempre a algo diferente. Para melhor se entender a condição dum instrumento, especifica: a faca corta, mas não se corta a si própria; o martelo bate, mas não a si próprio. Quando alguém diz: "eu minto", o sujeito afirma a sua convicção que nesta oração não mente, porém mente em geral, nas outras frases. No período do sonho, se alguém refere sobre o que sonha, afirmando que "todos os sonhos me enganam" isto significa que todos com exceção deste. "Eu minto sempre" testemunha que nesta afirmação não minto.

Esta interpretação evidencia o cerne da teoria dos tipos lógicos ou da lógica simbólica da fundamentação da matemática de B. Russell. Vives liga o ato de falar da *conditio humana*, como um dado específico aplicado similarmente às *artes*, técnicas humanas, e por conseguinte nenhuma língua é verdadeira, não emana de Deus, nenhuma é natural, surge do homem, com o homem e para o homem.[265] Interpreta a expressão aristotélica *κατὰ συνθήκην* não como uma imposição arbitrária dos nomes, nem como um convénio causal, mas como algo dado historicamente.

Nesta perspetiva histórica, apresenta as línguas, e não apenas as clássicas, como o meio e o «sacrário» da cultura.[266]

Na continuação deste pensamento, justifica a importância do estudo das línguas, iniciando-se pela língua materna. Relativamente à sua teoria geral do signo, destaca o papel dos destinatários na constituição dos signos e nota as distinções entre significado e indicação.

2.6. Wilhelm von Humboldt e a linguística moderna

Wilhelm von Humboldt (1767-1835) que marca o pensamento

Idem, "Teoria del lenguaje de Juan Luis Vives", *Tradición y novedad*..., p. 65.

[264] *De causis* corr. Art., III, 6, apud *Ibidem*, p. 83.

[265] *Ibidem*, p. 67.

[266] *"«Sacrarum est eruditionis lingua et sive quid recondendum est, sive promendum, velut proma quaedam conda»"* (de trad. Disc., pag. 298) apud *Ibidem*, p. 69.

linguístico[267], introduzindo na sua problematização filosófica as razões fundamentadoras da cultura linguística, é um dos mais referenciados filósofos da linguagem na obra coseriana. Abordando a essência da linguagem, Humboldt ultrapassa, sem renunciar a elas, as coordenadas temporais, espaciais, de mentalidade, todas estas ligadas ao fenómeno humano e revela o papel criativo, construtivo e cognitivo da linguagem.

À pergunta "porque é que se considera Humboldt o fundador da linguística moderna?", a resposta é dada pela subtileza do seu discurso sobre a condição humana no seu contexto histórico e especialmente na sua manifestação cultural ativa, as línguas vivas.

Humboldt reflete sobre a relação entre existência individual, coletiva e a linguagem, discursa sobre a dualidade eu-tu[268], o que Coseriu vai denominar alteridade, sobre as formas linguísticas e acentua o contributo essencial da energueia na constituição destas[269]. A sua visão muda os dados interpretativos da língua, que não é vista como o resultado dum povo, mas antes, este é o resultado duma língua, da sua forma interna que desenvolve forças criativas[270].

[267] Eugenio COSERIU, "Humboldt und die moderne Sprachwissenschaft", in *Energeia und Érgon. Sprachliche Variation – Sprachgeschichte – Sprachtzpologie. Studia in honorem Eugenio Coseriu*, eds. Jörn Albrecht, Jens Lüdtke e Harald Thun, Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1988, pp. 3-11.

[268] "*Al hablar del dual, Humboldt, dice que el lenguaje tiene en su raíz una dualidad, la exigencia de un tú.*" Jose Maria VALVERDE, Guillermo de Humboldt y la Filosofia del Lenguaje, Madrid, Editorial Gredos, 1955, p. 35.

[269] Cf. o terceiro parágrafo do oitavo capítulo sobre a forma das línguas (Form der Sprachen) no seu estudo introdutório à obra sobre a língua falada na ilha Kavi (*Einleitung zum Kawi-Werk*): "*Die Sprache, in ihrem wirklichen Wesen aufgefaßt, ist etwas beständig und in jedem Augenblicke Vorübergehendes. Selbst ihre Erhaltung durch die Schrift ist immer nur eine unvollständige, mumienartige Aufbewahrung, die es doch erst wieder bedarf, dass man dabei den lebendigen Vortrag zu versinnlichen sucht. Sie selbst ist kein Werk (Ergon), sondern eine Tätigkeit (Energeia). Ihre wahre Definition kann daher nur eine genetische sein. Sie ist nämlich die sich ewig wiederholende Arbeit des Geistes, den artikulierten Laut zum Ausdruck des Gedanken fähig zu machen.*" [A língua, percebida na sua verdadeira essência, é algo duradouro e em cada momento transitório. Mesmo a sua preservação pela escrita é apenas uma memória incompleta, uma conservação mumificada que se procura primeiramente, novamente, através desta, que implica a procura duma perceção do discurso vivo. Ela própria não é uma obra (Ergon) mas uma atividade (Energeia). A sua verdadeira definição só pode ser genética. Ela é, nomeadamente, o trabalho do espírito que se repete infindavelmente para tornar possível que o som articulado seja uma expressão do pensamento."] Wilhelm von HUMBOLDT, *Schriften zum Sprache,* Stuttgart, Philipp Reclam jun., 2000, p. 36.

[270] "*This is natural and everywhere recurring phenomenon of human action. Everything in it was at first internal – feeling, desire, thought, decision, speech and act.*" [Isto é natural e em todos os lugares repete-se o mesmo fenómeno da atividade huma-

Neste sentido "qual será o valor ontológico e axiológico da língua na aceção humboldtiana?" O valor duma língua é dado pela pertença do indivíduo a uma comunidade cultural, ao fato de que fala a língua duma comunidade e, através dela, se integra. A sua obra-prima, *A diversidade da linguagem humana – a sua estrutura e influência sobre o desenvolvimento mental da humanidade*[271], publicada postumamente em 1836, é considerada o marco delimitativo da modernidade na linguística, expressão consciente e clara do caráter da diversidade de expressão num infindável número de variações que caracterizam as línguas. A diferença de expressão ao nível material indica uma unidade nesta diversidade que evidencia a identidade interna de conteúdo humano. A constante da linguagem será material e estática, ou ativa e dinâmica? Questiona-se em que medida o estudo das variantes linguísticas indica o rumo próprio duma língua e como a forma viva do seu uso conduz o passado estruturado na tradição, ao presente da sua atualização linguística, um outro momento histórico de passagem sem o qual nada existe e no qual germina a projeção desta na concretização futura das suas virtualidades, para uma história que está por vir. Esta tarefa de pensar a língua numa história não descritiva, mas ligada à essência humana, que articula os seus modelos mentais às realidades construídas pelo ser humano, incitou o pensamento de inúmeros linguistas do século XX, entre os quais Eugenio Coseriu. A primeira distinção operada por Humboldt e evidenciada por Coseriu como uma abertura frutuosa para o pensamento linguístico moderno é dada pela forma exterior e a forma interior[272] das línguas, formas potenciais e ativas dotadas da capacidade criativa de gerar outras formas culturais, não se limitando apenas aos elementos linguísticos e revelando sempre a expressão do pensamento. Em Humboldt, o conceito de forma é dado pela oposição entre a linguagem

---

na. Tudo em si foi primeiramente interno – sentimento, desejo, pensamento, decisão, fala e ato.] Idem, "The course of man's development", in idem, *On Language. The diversity of human language-structure and its influence on the mental development of mankind*, translated by Peter Heath, with an introduction by Hans Aarsleff, Cambridge, Cambridge University Press, 1988, p. 23.

[271] Idem, *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprach-baues and ihren Einfluß auf die gestitge Entwicklung des Menschengeschlechts*, 1836.

[272] Eugenio COSERIU, "Raïces humboldtianas de la lingüística moderna", *Tradición y novedad en la ciência del lenguaje*..., p. 139. *"«forma internă» a lui Humboldt este în mod stric structura semantică proprie fiecărei limbi, adică exact contrarul structurii de adâncime designative şi preidiomatice."* [«a forma interna» de Humboldt é estritamente a estrutura semântica própria duma língua, isto é, exatamente o contrário duma estrutura de profundidade designativa e preidiomática"]. Idem, *Lecţii de lingvistică generală*, Cernăuţi, Editura Arc, 2000 nota 46, p. 135.

como *energueia* e *érgon*[273], acentuando o valor criativo da primeira na contínua criação e modelação das leis linguísticas. Todas as línguas ilustram a faculdade da linguagem humana[274] e por conseguinte, neste nível de entendimento filosófico cada língua apresenta o espírito humano no seu todo[275].

Evidenciou a existência, ao nível interpretativo, da oposição entre o sistema da língua, com a sua historicidade, organização lexical e gramatical, e as situações concretas da fala[276].

A substancialidade do conceito de "forma" na aceção humboldtiana une o lado material fonético[277] com a totalidade das impressões dos nossos sentidos e com a atividade mental. A conjugação deste lado substancial com o lado intelectual da linguagem, a atividade e a organização mental no seu poder de construção linguística conduz ao reconhecimento "*da essência cognoscitiva da linguagem e do seu caráter de objetivação do conhecimento*"[278].

Humboldt considera o conceito de forma da língua com valor relacional que, embora corresponda a uma definição ligada à substância[279], permite igualmente várias utilizações, entre as quais Coseriu exemplifica a língua

---

[273] "*La oposición entre el lenguaje como enérgeia y el lenguaje como ergon*", idem, "Raïces humboldtianas de la lingüística moderna", *Tradición y novedad en la ciência del lenguaje*..., p. 139

[274] "*«Todos los idiomas, sin excepción, se reencuentran y las particularidades más divergentes entre sí se reúnen en la faculdad del lenguaje del hombre* [...]»", *ibidem*.

[275] "*«Toda lengua presenta el espíritu humano por entero»*", *ibidem*.

[276] "*Al mismo tiempo se establece la oposición entre el «sistema de la lengua»* [...] *y el hablar concreto que es continua creación.*" *Ibidem*.

[277] "*Der wirkliche Stoff der Sprache ist auf der einen Seite der Laut überhaupt, auf der anderen die Gesamtheit der sinnlichen Eindrücke und selbsttätigen Geistesbewegungen, welche der Bildung des Begriffs mit Hilfe der Sprache vorausgehen.*" [A verdadeira substância da língua é, por um lado, o som em si, por outro lado a totalidade das impressões sensíveis e os movimentos mentais independentes que precedem a formação dos conceitos utilizando a linguagem.] Wilhelm von HUMBOLDT, "Einleitung zum Kawi-Werk", Schriften zur Sprache..., p. 41. Citação escolhida por Coseriu: Eugenio COSERIU, *Die Geschichte der Sprachphilosophie*, vol. I..., p. 157.

[278] "*Humboldt afirma la esencia cognoscitiva del lenguaje y su caráter de objetivación del conocimiento*" Eugenio COSERIU, "Raïces humboldtianas de la lingüística moderna", *Tradición y novedad en la ciência del lenguaje*..., p. 140.

[279] "*La distinción entre «forma» y «sustancia», introducida en la lingüística por Humboldt, no es otra cosa que la conocida distinción aristotélica entre μορφή e ὕλη.*" [A distinção entre «forma» e «substância», introduzida por Humboldt, não é outra coisa que a conhecida distinção aristotélica entre μορφή e ὕλη.] Idem, *Sincronía, diacronía e historia*..., p. 265. Distinção refletida na constituição dos objetos naturais determinados pela substância, matemáticos das formas puras, independentes da substância e culturais onde a substância é determinada pela forma.

como forma de apreensão da realidade extralinguística[280], aquilo que toma uma forma e se constitui como tal[281] e especialmente a forma em parceria de auto constituição, comparativamente com a substância formada, que já adquiriu uma forma[282]. A língua é a forma formadora[283], não é algo exterior ao homem. Esta interpretação liga o conceito de forma ao conceito de energueia e dınamis, criatividade e potencialidade que explicam a modelagem formal como uma "mudança" das regras e da língua. Esta aceção da noção de forma como princípio formador da língua corresponde ao conceito de "tipo de língua" na teoria de Coseriu[284].

Humboldt torna evidente o caráter de objetivação do conhecimento de algumas formas linguísticas correspondentes a um determinado "grau de desenvolvimento cultural"[285]. Numa apresentação dedutiva, lógica e demonstrativa "*cada língua corresponde a uma visão particular do mundo*"[286].

---

[280] "*Die Sprache im allgemeinen ist für Menschen Form der außersprachlichen Wirklichkeit; die Sprache ist das Gestaltende, die außersprachliche Wirklichkeit hingegen das Gestaltete*" [A língua em geral é para homem a forma da realidade extralinguistica; a língua é o formativo, a realidade extralinguística porém, aquilo que toma forma], Idem, "Humboldt und die moderne Sprachwissenschaft"..., p. 6. "*En primer lugar, y en el sentido más general, el concepto de «forma» puede aplicarse al lenguaje en general y su relación con la realidad extralingüística, y en este sentido, el lenguaje es «forma» de la aprehensión de la realidad, de la intuición del mundo: es lo que organiza primariamente la experiencia humana del «mundo»*". [Em primeiro lugar, e no sentido mais geral, o conceito de «forma» pode aplicar-se à linguagem em geral e à sua relação com a realidade extralinguística, e neste sentido, a linguagem é «forma» de apreensão da realidade, de intuição do mundo: é o que organiza originariamente a experiência humana do «mundo».] Idem, "Semántica, forma interior y estructura profunda", *Gramática, semántica, universales*..., p. 113.

[281] "*Jede Sprache ist eine Form, und verschiedene Sprachen sind verschiedene Formen*" [Cada língua é uma forma e diversas línguas são diversas formas.] Idem, "Humboldt und die moderne Sprachwissenschaft"..., p. 6.

[282] "*Der Sprachwandel geht in der Sprachverwendung vor sich; man braucht nicht über die Sprache hinauszugehen, um sie zu verändern.*" [A mudança linguística começa / procede com o uso da língua; não é preciso sair da língua para mudá-la]. *Ibidem.*

[283] "*Eine Sprache ist aber ebenfalls wirkliche Erscheinung, und darum kann auch sie eine Form aufweisen, d.h. durch ein Gestaltende gestaltet sein.*" [Uma língua porém é também um fenómeno real, e portanto pode ter uma forma, isto é, ser formada através de algo formativo]. *Ibidem.*

[284] "*Diese letzte Anwendung des Begriffes Form, als die Gestaltungsprinzipien einer Sprache, würde am besten unserem Begriff des Sprachtypus entsprechen.*" [Esta última aplicação do conceito de Forma, como os princípios formadores da língua corresponde ao nosso conceito do "tipo da linguagem"]. *Ibidem.*

[285] *Ibidem.*

[286] "*Cada lengua corresponde a una particular visión del mundo.*" Idem, *"Raïces*

Porque Humboldt concebe a língua como uma "estrutura de formas interdependentes"[287], como um tecido com inumeráveis camadas, Coseriu apresenta nas suas intervenções académicas um "estruturalismo humboldtiano"[288] sem ter chegado a tomar a forma duma teoria e dum método explicitamente formulados.

A ideia de "estrutura" está sempre presente na obra humboldtiana e ocorre sob diversas denominações, quer na criatividade da língua, quer na estrutura da mesma.

Esta perceção conjuga o "estruturalismo diacrónico" e a criatividade como as duas características fundamentais do seu pensamento.

O estruturalismo diacrónico humboldtiano tenta descobrir as causas das mudanças das estruturas na história das línguas e não nas línguas.

Relativamente à noção de energueia[289] e à sua importância na constituição das variáveis linguísticas, o seu lugar central na definição da essência da linguagem, Coseriu defende e argumenta que na teoria humboldtiana a língua é, sob todas as suas formas, energueia ao nível individual, histórico e universal[290], tanto como língua em geral, como em cada ato de fala[291], interpreta a realidade das línguas neste sentido e esclarece o fato de que a língua é a

---

humboldtianas de la lingüística moderna", Idem, *Tradición y novedad en la ciência del lenguaje..., p. 140.*

[287] *Ibidem.*

[288] Idem, "Humboldt und die moderne Sprachwissenschaft", in Idem, *Energeia und Érgon. Sprachliche Variation – Sprachgeschichte – Sprachtypologie. Studia in honorem Eugenio Coseriu*, eds. Jörn Albrecht, Jens Lüdtke e Harald Thun, Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1988, p. 3.

[289] "*Sie selbst* [die Sprache] *ist kein Werk (Ergon), sondern eine Tätigkeit (Energeia). Ihre wahre Definition kann daher nur eine genetische sein.*" [A língua em si, na sua essência, não é obra, produto (Werk), mas uma atividade (Energeia). A sua verdadeira definição só pode ser genética.] Wilhelm von HUMBOLDT, „Einleitung zum Kawi-Werk", *Schriften zur Sprache...*, p. 36. Coseriu utiliza a citação de Wilhelm von Humboldt, *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues*, ed. H. Nette, Darmstadt, 1949, p. 44.

[290] Eugenio COSERIU, *Die Geschichte der Sprachphilosophie*...teil I, p. 156, Idem, „Lengua abstrata y lengua concreta", *Sincronía, diacronía e historia...*, p. 46.

[291] "*Im Zusammenhang mit dem Begriff ἐνέργεια meint Humboldt weiterhin, dass die Sprache in allen ihren Formen ἐνέργεια ist, sowohl als Sprache im allgemeinen als auch als das jedesmalige Sprechen – der jedesmalige Akt der Rede - , schließlich auch als diese oder jene Einzelsprache.*" [Em conexão com o conceito de energueia afirma Humboldt na continuação que a língua em todas as suas formas é energueia, tanto como língua em geral como qualquer momento de fala – de qualquer ato de fala –, finalmente também como esta ou aquela língua individual]. Idem, "Humboldt und die moderne Sprachwissenschaft"..., p. 6.

forma dada para algo diferente de si mesma e dos seus próprios princípios[292], é ao mesmo tempo realização e possibilidade aberta[293] que dinamiza a mudança linguística[294] de interior, de si[295].

Como um todo criativo onde o homem se manifesta, a energueia está presente na criatividade da receção, da compreensão[296]. A aprendizagem duma língua é um processo de conjugação das criações linguísticas pessoais com as dos outros, o que prevalece no princípio da fala das crianças é o seu nível elevado de criação pessoal, que se diminui com o tempo, mas que nunca desaparece. Relativamente às várias interpretações, referências e à consideração de Humboldt como razão de existência e fonte de inspiração para algumas direções e correntes linguísticas, Coseriu relaciona o núcleo teórico destas com a teoria humboldtiana e distingue claramente a referência bibliográfica do seu papel constitutivo das novas direções.

A "criatividade" em Humboldt é completamente outra da criatividade em Chomsky, tem um papel constitutivo e não instrumental. Humboldt refere-se à criação das línguas e não à produção de proposições através das línguas. Do mesmo modo, o conceito de "forma interior" de Humbold contém estritamente uma estrutura semântica própria a cada língua, diferente da "estrutura de profundidade" concebida como sendo designativa e pré-idiomática.[297] A aporia

---

[292] "*Die Sprache ist Form als Gestaltung von etwas anderem und zugleich als ihre eigenen Gestaltungsprinzipien*" [trad. nossa: A língua é forma como configuração de algo diferente de si e também como forma dos seus próprios princípios configuradores.] *Ibidem.*

[293] "*Sprache ist ἐνέργεια im Falle der Einzelsprache in dem Sinne, dass die zugleich Realisation und offene Möglichkeit ist.*" [Trad. nossa: A língua é ἐνέργεια no caso da língua individual no sentido que ela é ao mesmo tempo realização e possibilidade aberta".] *Ibidem.*

[294] "*Der energetische Charakter der Sprache manifestiert sich im Sprachwandel.*" [O caráter energético da língua manifesta-se na mudança da língua.], *Ibidem.*

[295] "*Der Sprachwandel geht in der Sprachverwendung vor sich; man braucht nicht über die Sprache hinauszugehen, um sie zu verändern.*" [Trad. nossa: A mudança da língua opera-se no uso da língua; não se deve sair da língua ou ir mais além, para mudá-la.], *Ibidem.*

[296] "*Zur Verwendung der Sprache gehört selbstverständlich auch das Verstehen, nicht nur das Sprechen; auch das Verstehen muß als kreativ angesehen werden.*" [Ao uso da língua pertence também a compreensão, não somente a fala, mas também a compreensão tem que ser vista como criativa.] *Ibidem.*

[297] Cf. Idem, *Lecții de lingvistică generală...*, p. 134. "*Pentru Humboldt, regulile generative ale lui Chomsky ar aparține pur și simplu* produsului, *nu* producerii." [Para Humboldt, as regras generativas de Chomsky pertenciam pura e simplesmente ao produto e não a produção.] Idem, „Semantica, forma interioară a limbajului și structura profundă", *Omul și limbajul său...*, p. 284.

do sincronismo e diacronismo resolve-se no entendimento da linguagem como energueia[298]. O isolamento e a restrição a um único aspeto teórico anulam a realidade da língua. As ideias centrais do estruturalismo linguístico provêm de Humboldt ao descrever as línguas na sua particularidade e funcionamento.[299]

A relação entre língua e nação em Humboldt difere da dos românticos, unilateral e parcialmente desenvolvida na escola de Weisgerber[300]. Em relação à tipologia linguística de Humboldt, o contributo de Coseriu é fundamental no sentido de esclarecer a base filosófica da sua tipologia, que não é uma tipologia das línguas, mas de procedimentos linguísticos[301]. Humboldt menciona as técnicas de isolamento, de aglutinação, flexão, incorporação e a presença destas em diversas línguas, mas nunca tomando estes procedimentos como uma característica fundamental de qualquer língua e recusa a ideia duma classificação das línguas em quatro classes, uma conclusão lógica para quem entende as línguas como energueia, como algo vivo[302] numa

[298] Cf. & 4.0, Idem, *O homem e a sua linguagem*..., p. 22.

[299] Idem, *Lecții de lingvistică generală*..., p. 109.

[300] "*Dieser Gesichtpunkt wurde insbesondere von der WEISGERBERschen Schule wieder aufgenommen und besonders betont, was aber zugleich übertrieben und einseitig ist, da die Ideen von Humboldt zum Teil nicht näher ausgeführt worden sind und zum Teil auch eine andere Interpretation als die der Weisgerberschen Schule erfordern*", [Este ponto de vista (a especificidade das línguas históricas) foi retomado e acentuado especialmente pela escola de WEISGERBER, o que é ao mesmo tempo exagerada e unilateral, porque as ideias de Humboldt não foram continuadas e, numa determinada medida, exigem uma interpretação diferente da escola de Weisgerber.] Idem, *Die Geschichte der Sprachphilosophie*... vol. I, p. 158. Para ver o contributo de Weisgerber na hermenêutica da língua, veja-se Bernhard SYLLA, *Weisgerber, Heidegger und die Sprache nach Humboldt*, Würtzburg, Königshause & Neumann, 2009, trabalho onde Coseriu é somente mencionado bibliograficamente e não são seguidas as suas sugestões.

[301] "*Die Typologie der Ausdrucksverfahren ist für Humboldt keine Typologie der Sprachen, sondern eben nur eine Typologie der Verfahren als solcher, und ergibt auch keine Klassifikation der Sprachen.*" [A tipologia dos processo de expressão não é para Humboldt nenhuma tipologia das línguas, mas apenas uma tipologia dos processos como tal de qual não resulta nenhuma classificação das línguas."] Idem, "Der Sinn Der Sprachtypologie" – „Introduction" para a quinta secção „Essential criteria fort he estableshment of linguistic typologies", in *Typology and Genetics of Language. Travaux du cercle linguistique de Copenhague*, eds. Torben THRANE, Vibeke WINGE, Lachlan MACKENZIE, Una Canger e Niels Eege, XX, 1980, p. 166.

[302] "*Humboldt no habla solo de aislamiento, aglutinación, flexión e incorporación, sino también, aunque no con propósitos de clasificación, de lenguas aglutinantes, flexivas e incorporantes: sobre la base de interpretaciones ulteriores y a partir de concepciones lingüísticas diferentes, se pudo fácilmente tener la impresión de que en Humboldt se encuentra algo que, en realidad, no se encuentra en absoluto, o sea, una clasificación de las lenguas en cuatro clases. Pero de hecho, esta clasificación cuatri-*

contínua reconfiguração sem centro e periferia, com uma presença semântica paradigmática do conhecimento intuitivo do mundo expressa na sequência sintática.

Neste sentido, Coseriu continua a teoria de Humboldt no seu esquema tipo – sistema – norma da fala, que reclama necessariamente a unidade da descrição com a história, uma descrição que destaca as possibilidades abertas duma língua[303].

Partindo do princípio de que algo mais antigo é a novidade, Coseriu convida a refletir sobre as teorias, os métodos e os conceitos criados por pensadores, alguns deles pouco conhecidos no meio académico, como o são o linguista romeno de origem judia Heimann Hariton Tiktin[304] e o português Fernão de Oliveira[305] com a sua *Gramática da linguagem portuguesa.*

---

partita – de la que con razón puede decirse que es la clasificación de A. W. Schlegel en forma ampliada y con terminología de Humboldt – no pertenece a Humboldt, sino a A. F. Pott." [Humboldt não fala só de isolamento, aglutinação, flexão e incorporação, mas também, e sem o intuito de classificação, sobre línguas aglutinantes, flexíveis e incorporantes: na base das interpretações ulteriores e a partir das conceções linguísticas diferentes, pode-se facilmente ter a impressão de que em Humboldt se encontrava algo que, na realidade, não se encontra em absoluto, ou seja, uma classificação das línguas em quatro classes. Mas de fato, esta classificação quadripartida – da qual, com razão se pode dizer que é a classificação de A. W. Schlegel numa forma alargada e com terminologia de Humboldt – não pertence a Humboldt, mas a A. F. Pott."] Idem, "Sobre la topología lingüística de Wilhelm von Humboldt. Contribución a la crítica de lo tradicional en la historia de la lingüística", *Tradición y novedad en la ciencia del lenguaje*, pp. 183-184.

[303] Idem, "Humboldt und die moderne Sprachwissenschaft", & 6.1, p. 11.

[304] Eugenio COSERIU, "Un précurseur méconnu de la syntaxe structurale: H. Tiktin", *Recherches de linguistique. Hommages à Maurice Leroy*, Brüssel, pp. 48-62.

[305] *Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira*, Rio de Janeiro, trad. M. Chr. de Motta Maia; com uma prefácio por R. Do Valle e uma postfácio de C. E. Falcão Uchôa, tradução do estudo: *Sprache und Funktionalität bei Fernão de Oliveira (1536)*, Lisse; publicado também in *Contributions to an Understanding of Linguistics. For PP. Verburg on the Occasion of his 70th Birthday*, Lisse, 1975, pp. 67-90, publicado também in Fernão de OLIVEIRA, *Gramática da linguagem portuguesa (1536)*, edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeus Torres e Carlos Assunção, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 2000, pp. 29-60 (como estudo introdutivo). "*Eugenio Coseriu foi o primeiro e o mais decidido em declarar que Fernão de Oliveira «é, depois de Nebrija, um dos gramáticos mais originais, em certo sentido o mais original, e* [...] *o mais importante foneticista da Renascença na România», como se pode ler na versão portuguesa de um estudo publicado em alemão em 1975, transcrita na parte introdutória da edição. E é de mais velha data tal convicção de Coseriu: Pensamos não nos enganarmos se dissermos que lhe ouvimos uma afirmação neste sentido já por volta de 1960, quando éramos seu assistente na Universidade de Bona, logo no início da*

Esta abordagem da história da filosofia da linguagem tem como finalidade a articulação filosófica coseriana com a problemática geral da filosofia da linguagem, revelando a sua "sagesse" interpretativa.

Alguns pensadores tratados por Coseriu em várias dissertações, estudos, conferências, cursos, entre os quais Giambattista Vico, Hans Georg von Gabelentz, Benedetto Croce, Ferdinand de Saussure e outros, não foram expostos neste capítulo, o nosso objetivo sendo o de mostrar como a história da filosofia da linguagem de Coseriu revela a sua teoria retomando, comentando e revalorizando conceitos, intuições, sugestões e reflexões de vários pensadores, continuando o rumo sugerido e desejado por alguns numa construção única e inconfundível. Tal como mostramos nos exemplos dados, Coseriu não repete as teorias destes, mas a interpretação que lhes dá é parte intrínseca da sua teoria. Do mesmo modo, os sistemas filosóficos de referência que foram objeto de abordagem hermenêutica em Coseriu, não são mencionados, nem a sua análise dos fundamentos teóricos e filosóficos do estruturalismo e generativismo, pois a intenção deste estudo não é apresentar exaustivamente a história da filosofia da linguagem em Coseriu.

O princípio da historicidade[306] é concebido como parte intrínseca da linguagem e da cultura, não como uma realidade externa, causal. Por conseguinte, na sua filosofia da linguagem, desenvolve um discurso temático à volta das relações linguagem – pensamento, linguagem – ser, os universais da linguagem, o problema duma gramática universal e as suas perspetivas[307], o problema da universalidade em geral e em Leibniz[308], o problema das funções da língua no pensamento filosófico[309], o problema da origem da linguagem, o mecanismo e os princípios das tipologias da linguagem.

Percorrendo a história da filosofia, e em especial o pensamento filosófico focado na problemática da linguagem, sublinha-se a importância da reflexão filosófica com o seu valor constitutivo, funcional e relacional do discurso ontológico do ser humano a partir da linguagem, tal como a constituição do

---

sua atividade na Alemanha, para onde o tinha convidado então Harri Meier. Foi esta asserção que nos ecoava nos ouvidos quando começámos a trabalhar sobre a história da gramaticografia portuguesa, chegando a conclusões que poderiam ser uma cópia das do nosso mestre de Bonn, sem ter deparado com o estudo dele, entretanto publicado em alemão. Coseriu caracteriza Fernão de Oliveira mais precisamente como sendo original lá onde João de Barros é "na maioria das vezes" um "simples imitador" de Nebrija" pode-se ler na recensão feita ao este livro por Dieter WOLL, Univ. Marburg, maio de 2000, http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/recen065.html.

[306] Idem, *Die deutsche Sprachphilosophie von Herder bis Humboldt*... vol. I, pp. 3A--3B.

[307] *Ibidem*, pp. 4B-5A.

[308] *Ibidem*, pp. 12A-13B.

[309] *Ibidem*, pp. 15A- 17A.

estruturalismo diacrónico ao nível do discurso filosófico do ego problematizador e solucionador na sua critividade.

Capítulo III

O conceito de «*Energueia*» no pensamento filosófico de Eugenio Coseriu

3.1. Valências semânticas da «energueia» / «energia». 3.1.1. Quadro semântico geral. 3.1.2. A construção do conceito de *energueia* em Coseriu. **3.2.** O lugar da «Energueia» no sistema interpretativo coseriano. 3.2.1. Esclarecimentos terminológicos. 3.2.2. Os valores concetuais funcionais da energueia em Coseriu. 3.2.3. O que significa interpretar a linguagem como energueia. **3.3.** A interpretação do conceito de «energueia» através da grelha coseriana. 3.3.1. O princípio gerador da substância e da substancialidade. 3.3.2. Humanização do mundo. 3.3. As competências linguísticas. 3.3.4. Logos semântico. **3.4.** Estratégias semânticas da energueia. 3.4.1. Uma possível interpretação poiética da energueia. 3.4.2. O momento diafórico. 3.4.3. O momento endofórico. 3.4.4. O momento epifórico.

3.1. Valências semânticas da «*energueia*» / «*energia*»

3.1.1. Ao referir-nos à energia, mais uma vez se comprova como o conhecimento intuitivo da língua materna se volatiliza na tentativa de definir o que todos sabem, organizando os mesmos dados semânticos básicos em novas configurações mentais. Na linguagem vernacular a palavra "energia" encontra-se frequentemente em diversas situações com as mais variadas conotações gerais: 'capacidade', 'qualidade', 'poder', 'movimento', 'impulso', 'vida', 'trabalho', 'atividade', 'criatividade', 'novidade', 'transferência',

'interferência', 'divisão', 'multiplicação', mais especificamente, tudo o que se opõe à 'extinção', 'morte' ou 'inexistência'.

O termo comum de *energia* visa uma potencialidade universal que se manifesta ao nível material, biológico, cósmico e humano, e por esta razão, ao se discorrer sobre ela, é necessário um segundo termo que especifique o primeiro, indicando o tipo de manifestação: *energia física, energia eólica, energia elétrica, energia nuclear, energia potencial, energia sexual, energia cinética* etc.[310]

Por via do ensino e da ciência[311] a energia inscreveu-se no fundo lexical principal de muitas línguas, tornando impossível conceber e imaginar o nosso mundo sem a sua presença.

Embora este termo seja definido em diversos dicionários[312], uma análise

---

[310] Qualquer dicionário serve para exemplificar estes sintagmas: *Dicionário ilustrado da língua portuguesa*, Porto, 2001; *Dicionário da língua portuguesa*, Lisboa, Editorial Verbo, 2006; *Dicionário da língua portuguesa contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa,* vol. I, Lisboa, Verbo Ed., 2001.

[311] Existem inúmeros exemplos, mas oferecemos somente um fragmento dum grande filósofo e homem de ciência português, Leonardo Coimbra: "*A dificuldade em achar a fórmula conservativa da energia está na separação dos termos que o definam. Nos sistemas físicos é preciso considerar, além das energias, potencial e cinética, outra energia (a energia interna) que depende do estado interno do sistema*". LEONARDO COIMBRA, "Pensamento Criacionista" in *Obras de Leonardo Coimbra*, Seleção, coordenação e revisão pelo Prof. Sant'Anna Dionísio, Porto, Lello & Irmão Editores, 1983, vol. 1, p. 48. De fato a energueia é uma *energia interna*, mas não dos objetos materiais ou organismos vivos, do ser humano na sua criatividade específica.

[312] *Dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa*, Lisboa, Temas e Debates, 2003, inscrito numa tradição cultural glosemática segue as máximas colocadas como moto: "*Muitas palavras que já morreram terão um segundo nascimento, e cairão muitas das que agora gozam das honras, se assim o quiser o uso, em cujas mãos está o arbitrário, o direito e a lei da fala*" (Horatius, *Ars poetica*, vv. 70 ss.) Embora se evidencie uma vida das palavras que morrem e nascem num uso que tem nas suas mãos o arbitrário, o direito e a lei da fala, elementos fundamentais da língua, a vida das palavras objetiva-se no entendimento humano, pois, só assim pode ser descrita num contexto que atualiza as valências semânticas nomeadas «significado da palavra» numa língua. O primeiro significado é considerado de base, enquanto os outros são variações semânticas do primeiro. Neste dicionário de língua portuguesa encontramos, como em qualquer outro, o primeiro significado científico da palavra energia. s. f., "*1. Fis. capacidade que um corpo, uma substância ou um sistema físico têm de realizar trabalho.*" E em segundo lugar, entre os seis significados apresentados, o conceito filosófico de origem aristotélica: "*2. Fil. em Aristóteles, ação de um motor (físico ou metafísico) que permite a atualização de uma potencialidade*", vol. II, p. 1481. Encontra-se igualmente referência ao conceito filosófico de energia na *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*, Lisboa – São Paulo, Editorial Verbo, 1999, vol. 10: "*Em geral, é a capaci-*

rigorosa evidencia a insuficiência de qualquer definição.

A criação lexical de *energueia* deve-se a Aristóteles[313].

---

dade atual ou potencial de produzir qualquer trabalho: físico, artístico, intelectual, etc. Na filosofia grega o termo «energia» (enérgeia) significa «ato». É o princípio de ser mutável, pelo qual um ente existe, ou evolui (esse). Opõe-se à potência (dinamis), princípio de ser, pelo qual um ente pode existir, ou tem a capacidade e ser evoluível" pp. 290-291. Os Escolásticos definiam a energueia como sinónimo de «força» (lat. vis): é um princípio causal intrínseco, da categoria de qualidade. Os filósofos medievais chamavam-lhe «ímpeto», Descartes «quantidades de movimento», Leibniz e Newton «força viva»: $f = ½ mv^2$. Os dicionários alemães estão melhor documentados, assim, por exemplo, Joacquim RITTER ed., *Historische Wörterbuch der Philosophie*, band 2: D-F, Basel – Stuttgart, Schawe & Co. Verlag, 1972, p. 491-499, apresenta num artigo especial "Energia, Sprache als" a teoria central de Humboldt, e no segundo artigo trata o termo técnico de "enérgeia" numa apresentação histórica onde Aristóteles é mencionado em primeiro lugar, von Kepler que empregou o termo em 1619, Johannes KEPLER, *Harmonices Mundi*, U. Frisch, 1864, J. Bernoulli, Brief an Varignon, carta escrita datada 26.1.1717 onde menciona "*En tout équilibre de forces ... la somme des énergies affirmatives sera égale à la somme des énergies negatives*" (p. 494). Petrus AUREOLI († 1322), Commentarii in lib. IV Sent. I. dist. 43, art. 2 foi o primeiro a utilizar este termo com o significado de 'poder'. Mencionam-se igualmente Isaac NEWTON, *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*, London, S. Peys, 1686, conhecida como *Principia 1687*, reunindo físicos, químicos, matemáticos, sem faltar o nome de Einstein e a sua teoria de relatividade.

[313] ARISTÓTELES, *De anima* (*Περὶ Ψυχῆς*) 2º Livro, cap. 1, 414 a, 2º Livro, cap. 4, 415 a 13, 416 b, cap. 5, 417 b, 2cap. 6, 418b; Livro 3 , cap. 2, 426 a ; cap. 3, 429 a, cap. 7. 431 a 10, 431 a 10; Idem, *Metafísica* 1. VIII, cap. 6, 1048 a 1050; 1. IX, cap. 5. 1071 a 1075IX, 6 veja-se ΑΡΙΣΤΟΤΕΛΟΥΣ, ΤΑ ΜΕΤΑ ΤΑ ΦΥΣΙΚΑ, *Aristotelis Metaphysica. Metafísica de Aristóteles*, Edición trilingüe por Valentín García Yebra, Madrid, Editorial Gredos, 1990, 2ª ed., pp. 453-456. "*Já que cada sentido é ativo em relação às suas finalidades, e um sentido em boas condições atua perfeitamente em relação à melhor de suas finalidades (esta parece a descrição ótima da atividade perfeita, presumindo-se que é indiferente saber se é próprio sentido que atua ou se é o órgão em que ele se situa), segue-se que no caso de cada sentido a melhor atividade é a do órgão em melhores condições relativamente às suas melhores finalidades. E esta atividade será a mais perfeita e mais agradável; de fato, há prazer em relação a qualquer sentido, e não menos em elação ao pensamento e à contemplação, e a atividade é mais agradável quando é mais perfeita, e a atividade dos órgãos em melhores condições em relação à melhor das finalidades é a mais perfeita; e o prazer torna a atividade perfeita. Mas o prazer não torna a atividade perfeita do mesmo modo que a combinação do objeto e da perceção, ambos bons, a torna perfeita, assim como a saúde e o médico não são de maneira idêntica a causa de estarmos saudáveis.*" *Ética a Nicómaco*, I, cap. VIII, 1098 b 33 e seg., X, cap. IV, 1174b 14 e seg., trad. António C. Caeiro, Lisboa, Quetzal Editores, 2004, p. 32 e seg., p. 235; *Ética a Nicômacos*, Trad.

As técnicas e as possibilidades da língua grega ao nível da composição lexical facilitaram o seu ato de criação concretizado na fusão lexical de *ἔν* + *ἔργον*. Neste nível elementar, cada elemento entra aparentemente com o seu conteúdo lexical: *ἔν*[314] como operador gramatical posicional, de orientação, situacional e de associação, significando 'em', 'dentro', 'junto com' e *ἔργον*[315] com a designação orientada para o mundo material de "coisa feita".

A simplicidade desta apresentação aditiva pode induzir em erro, pelo que Aristóteles visou criar um novo termo para facilitar a construção das suas ideias. A *energueia* tem o seu próprio conteúdo semântico irredutível e distinto das partes já mencionadas. Em que medida se pode falar sobre uma influência aristótelica ou mesmo sobre um fundamento aristótelico em Humboldt e Coseriu, uma vez que o enquadramento aristótelico do conceito de energueia não se restringe à linguagem e indica em primeiro lugar a ação,

---

do grego, introdução e notas por Mário da Gama Kury, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2001, 4ª ed., p. 26 e seg., p. 196. *Physica*, 1, I, cap. 8, 191b 27. "*Das Wort* energeia *fehlt sowohl in* Corpus Hippocraticum *als in* Platons Schriften*; ich kenne überhaupt keinen Beleg vor Aristoteles. Man darf also vermuten, dass erst Aristoteles das Wort als philosophischen Terminus eingefühlt hat.*" I. DÜRING, *Aristoteles. Darstellung und Interpretation seines Denkes*, Heidelberg, 1966, p. 617. Donatella DI CESARE, " *ἔργον* und *ἐνέργεια* bei Aristoteles und Humboldt", in. *Energeia und Ergon...*, vol. 2, pp. 29-46. Idem, "Aristotele, Humboldt e la concezione dinamica della lingua come ἐνέργεια", in *Paradigmi*, Fasano, Schena editore, 1987, V, 13, pp. 65-86.

[314] *ἔν, ἔνι* prep with dat. or acc. Radical sense: *in, into*. A. with Dat. I. of place: 1. in, 2. elliptic, 3. *in, within, surrounded by*, 4. *on, at* or *by*, 5. *in the number of, amongst*, 6. *in one's hands, within one's reach* or *power*, 7. *in respect of*, 8. *into*, 9. *from*.; II. of state, condition or position: 1. *of outward circumstances*, 2. *of inward states*, III, of the instrument, mans or manner: *in*, IV. of time: *in*, V. of numbers generally, *in*, 2. with gen. of price. B. with Acc.: *into, on, for*; C. without case, as adverb in the phrase: *and besides, more over*. E. in compos. I. with Verbs, the prep. mostly retains its sense of being *in or at a place*, b. also, at a person, 2. with adj. it expresses a modified degree, the possession of a quality... *A Greek-English Lexicon* compiled by Henry George Liddell D. D. 1811-1898 and Robert Scott D. D. 1811-1887, A new edition revised and augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones D. Litt. 1867-1939, with the assistance of Roderick McKenzie M.A. 1887-1937, and with the co-operation of many scholars, Oxford, Clarendon Press, 1958, pp. 551-552.

[315] *ἔργον*, - ου (τό) I. action, II œuvre, ouvrage : 1. ocupation, travail, III : travail accompli : 1. œuvre, ouvrage, IV : en gén. chose, affaire, in A. BAILLY, *Dictionnaire Grec-Français*, rédigé avec le concours de E. Egger, édition revue par L. Séchan et P. Chantraine, Paris, Hachette, 1996, pp. 789-799. ἔργον argien, crétois, syriaque Fέργον, 'action, oeuvre, travail" vieux-haut-allemand werc werah vieux saxon werk... in Émile BOISACQ, *Dictionnaire étimologique de la langue grecque, étudiée dans ses rapports avec les autres langues indo-européennes*, Heidelberg, Carl Winter Universitätverlag, 1950, p. 271.

isto é, o processo que facilita a realização de algo, que torna a possibilidade em ato[316].

No seu estudo, Donatella Di Cesare, seguindo a teoria coseriana, identifica as múltiplas valências deste conceito na obra de Aristóteles em função do seu relacionamento com os conceitos de *ἔργον*, *δύναμις* e *ἐντελέχεια*. Em termos coserianos, ela integra necessariamente na sua designação a presença humana como a única consciente do fenómeno da vida, o que torna este conceito num princípio participativo e constitutivo do logos semântico, indicando a atividade fundamental de criação através da linguagem. Não se restringe a uma potencialidade ou virtualidade, é o ato mental que concretiza a predisposição humana para imaginar e pensar, para simbolizar as suas representações, dando existência às coisas, à realidade, aos fenómenos, ao imanente e ao transcendente. Seguindo o caminho inverso do quadro geral da palavra utilizada quotidianamente para a área científica, chega-se à origem filosófica deste conceito[317], que o evidencia em relação direta com a faculdade específica do homem para se manifestar e o envolve na consciencialização da sua condição criativa. A energueia, centrada desta vez no homem, revela-se plenamente no ato de falar em todos os seus aspetos: de *fala interior*, construtiva, através de qual se concebe o mundo primeira e necessariamente para si; de *fala consigo próprio*, tendo um importante papel psicológico de se autoconvencer sobre o "entendido" do mundo; de *fala* orientada intencionalmente *para os outros*, o que normalmente se designa por comunicação; de *fala* mais além da fala coloquial no espaço das ideias e conceitos, orientada para a criação de

[316] Donatella Di Cesare, "Aristotele, Humboldt e la concezione dinâmica della lingua come ἐνέργεια"... p. 74 onde menciona como fonte para diada potência – ato *Metafisica* 1047 b 1, 1048 a 35, e para a apresentação da energueia como atividade formadora que estrutura e organiza a matéria: *Física* II, 1, 193 b 1. "*In diversi loughi delle sue opere Aristotele distingue due diversi tipi di realizzazione: quella in cui il processo si conclude in un'opera esteriore, e quella in cui il processo se conclude in se stesso. Per questi due modi di realizzazione Aristotele porta come esempi il construire e il vedere* (Metafisica 1050 a 23-28). *Quale di questi due realizzazioni meriti il nome di ἐνέργεια diviene chiaro piú che nella* Metafisica, *nella* Fisica, *nel* De Anima *e soprattutto nell'*Etica Nicomachea". *Ibidem*, p. 75.

[317] Veja-se a referência à relação deste conceito com outros centrais da ontoteleologia aristotélica: *ἐνέργεια, δύναμις, ἐντελέχεια* in António Pedro MESQUITA, *Aristóteles. Obras completas. Introdução geral*, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional – Casa de Moeda, 2005, pp. 499-501. dınamis = «potência / potencialidade», energueia = «ato / atualidade», enteléquia – o ato em geral: "*no que respeita a tradução, não há que fazer, em regra, nenhuma distinção entre ἐνέργεια e ἐντελέχεια, uma vez que Aristóteles também não a faz, usando os dois termos como sinónimos*" p. 500.

vários "mundos paralelos" como mundos semânticos virtuais, tal como para a modelação do próprio mundo social, fala ligada à atividade de pensar e criar situações inéditas, ou da fala que concentra o ser numa experiência mística total, para com Deus ou outras entidades espirituais divinas. Mencionando a diversidade dos modos de fala ligados à manifestação da *ἐνέργεια*, entendemos como é possível o acréscimo do seu sentido nos contextos que sublinham o lado físico e material de "força em ação" e daí, na sua extensão: "trabalho, obra, ação", que subentendem a presença humana. Na perspetiva diacrónica, este conceito será recriado em latim como *energia*. A era cristã no seu período apologético e gnóstico[318] usa também este conceito, sem o introduzir no núcleo apologético do debate dogmático e filosófico. No período das Luzes, o seu enfoque centrar-se-á na criatividade artística segundo a interpretação filosófica de alguns pensadores[319], entre os quais Lessing[320]. No seu entendimento geral

[318] Mencionamos, por exemplo a obra de S. Clemente de Alexandria chamado por São Jerónimo "omnium eruditissimus", onde se encontra o termo de energueia, relacionado com o poder invisível dos astros: CLÉMENT D'ALEXANDRIE, *Extraits de Théodote*, texte grec, introduction, traduction et notes de François Sagnard, Paris, Les Éditions du Cerf, 1970, 70, 2, p. 194. Sobre a atividade da alma: Idem, *Les Stromates V*, tome I, texte, introduction, texte critique et índex, par Alain Le Boulluec, traduction de Pierre Voulet, Paris, Les Éditions du Cerf, 1981, cap. VI, 36,4, p. 84. A realidade de ser bom em ato através da graça divina : Idem, *Les Stromates VI*, introduction, texte, critique, traduction et notes par M^gr^ Patrik Desourtieux, Paris, Les Éditions du Cerf, 1999, cap. XII, 101, 6, p. 264. A ação que resulta da ignorância não é ela própria ignorância, ignorância em si: Idem, *Les Stromates VII*, Introduction, texte critique, traduction et note par Alain Boulluec, Paris, Les Éditions du Cerf, 1997, cap. IX, 66, 2, p. 208.

[319] Demund BURKE, *An Inquiry into the Origin of Our Ideas of the Sublime and the Beautiful*, 1757, Louis de CAHUSAC, *La danse ancienne et moderne ou traité historique de la danse*, a la Haye, Jean Neaulme, Tome 1, 1754. Conceito ligado à condição do homem de génio: « *Qu'un homme de génie arrange les lettres, forme et lie les mots, il cessera d'être muet, il parlera avec autant de force que d'énergie, et les ballets alors partageront avec les meilleures pièces du théâtre la gloire de toucher, d'attendre, de faire couler des larmes* ». Jean-Georges NOVERRE, *Lettres sur la danse*, Stuttgard et Lyon, Aimé Delacroche, 1760, p. 29.

[320] „*Was wir poetische Gemälde nennen, nannten die Alten Phantasien, wie man sich aus dem Longin erinnern wird. Und was wir die Illusion, das Täuschende dieser Gemälde heißen, hieß bei ihnen die Enargie. Daher hatte einer, wie Plutarchus meldet. („Erot." T. II Edit. Henr. Steph. p. 1351) gesagt: «die poetischen Phantasieen wären, wegen ihrer Enargie, Träume der Wachenden»*" – [O que chamamos pinturas poéticas, os antigos chamaram fantasias, tal como se retoma em Longino. É aquilo a que chamamos ilusão, o ilusório deste quadro, chamava-se entre eles "Enargia" Por conseguinte, que um tenha dito, tal como Plutarco dizia: «as fantasias poéticas, por causa da sua „enargie", são os sonhos dos acordados»] Gotthold Ephraim LESSING, *Laokoon oder über die Grenzen der Malerei und Poesie*, (1766), in idem, *Gesammelte Werke*,

e funcionalidade, a ideia de energueia substitui as autoridades monárquica e de Deus (autoridades temporal e espiritual). Através dela se explica a passagem da natureza para a história em teorias que propõem os modelos cíclicos para a natureza e modelos lineares para a sociedade, implementa-se a ideia de progresso, tal como uma dialética da violência revolucionária.

Por outro lado, na sua focalização romântica sobre o ego, desenvolve o mito do homem genial, eminentemente enérgico e energisante, numa explosão intelectual e afetiva[321]. T. Young introduzirá este termo no uso científico em 1807, como *energy*[322].

O significado científico deste termo restringe a sua área semântica ao nível material e impõe-se em todas as línguas contemporâneas, sustendo a visão científica sobre o mundo que produz uma mudança axiológica. O seu valor originário ligado ao homem, às faculdades da alma, à fala e pensamento foi

---

vol. V, Berlin und Wiemar, Aufbau Verlag, 1968, cap. XV, nota 4, p. 112.

[321] Veja-se Michel DELON, *L'idée d'énergie au tournant des Lumières (1770-1820)*, Paris, Presses Universitaires de France, 1988. Estruturada em duas partes, a primeira trata sobre as palavras e o mundo, a segunda sobre a problemática do eu (le moi). Ligando a energia da linguagem da matéria e da alma, evidencia como num período de queda duma sociedade e mentalidade, a ideia de energia substitui a manifestação autoritária da monarquia e de Deus, com o fim de manter o equilíbrio moral necessário na vida social. Neste período o termo *energia* foi empregue por Georg Sulzer em 1767 com a justificação: "*Je suis obligé, faute d'autre terme, de me servir de ce mot pour exprimer en général une certaine force supérieure, non seulement dans la parole, mais dans tout autre objet du goût, ou ce qu'Horace appelle* acer spiritus *et* vis in verbis et rebus" Georg SULZER, *Histoire de l'Académie royale*, année 1765, Berlin, 1767, p. 475. (apud *Ibidem*, p. 22). Ligando a natureza à ideia de energia, cobre o domínio do magnetismo, da eletricidade, da força, do processo, do movimento, do poder gerador, refletido ao nível textual numa imaginação exuberante, numa aventura do espírito que sempre redescobre o mundo como um paraíso perdido (pp. 86-87), porque "*L'énergie est inscrite par Dieu dans la langue, elle ne provient ni de la rigueur du raisonnement ni des effusions du coeur, elle les précède et les dépasse.*" p. 91. S. Tomás de Aquino retoma as categorias aristotélicas de *dynamis* e *energeia*, utilizando os termos de *potentia* e *actus*. A tradição retórica utiliza a variante "*enageia*" (lat. evidentia) e Quintiliano utiliza a variante "*enargeia*" (Quintilien, 6, 2, 32 e H. LAUSBERG, *Handbuch des literarischen Rhetorik*, Munich, 1960 apud *Ibidem*, p. 39). O conceito derivado de "*énergumène*" com o sentido figurado de "cheio de energia" encontra-se nos artigos publicados na *Encyclopédie*, vol. V de 1760.

[322] A informação do *Diccionário HOUAISS* é igualmente mencionada por André LALANDE, *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*, Paris, Presses Universitaires de France, 1968: "*Sur Énergie* – ce terme a été crée par Thomas Young selon Rankine à qui il avait été attribué. (C. R. *of the Philosophical Society of Glasgow*, 23 janvier 1867. Voir TAIT, *Esquisse historique*..., trad. Moigno, p. 73). Sur la généralisation du sens de ce terme, voir OSTWALD, *Die Energie*, 1908, trad. fr. Philippi, 1910. " p. 283.

substituído pela manifestação da natureza e da existência material, mas sem perder o lado filosófico de relacionar a energia à vida e ao ser humano[323].

3.1.2. Questionando-nos sobre a finalidade do discurso filosófico e linguístico de Eugenio Coseriu, sobre a maneira como se constitui o seu discurso à volta da materialidade da linguagem verbal, sem parar somente a este nível, as respostas vêm da parte do o seu diálogo frutuoso com a linha da filosofia romântica alemã[324], onde em primeiro lugar se destaca o conceito tomado em estudo. Para ele, o conceito aristotélico de *energueia* é entendido como criatividade contínua, presente em todos os atos humanos com uma base mental-linguística. A realidade da língua é a energueia na qual, seguindo Aristóteles, Coseriu distingue três modos de atividade: "enquanto tal" (κατ' ἐνέργειαν), "em potência" (κατὰ δύναμις) e "realizada nos seus produtos" (κατ' ἔργον)[325].

Interrogando-nos sobre o explícito e o implícito deste conceito na obra coseriana, identificamos como explícito o modo como assume o ponto de vista da energueia ao construir a sua filosofia, concebendo a tríade como elemento de abertura e contínua manifestação da idealidade material

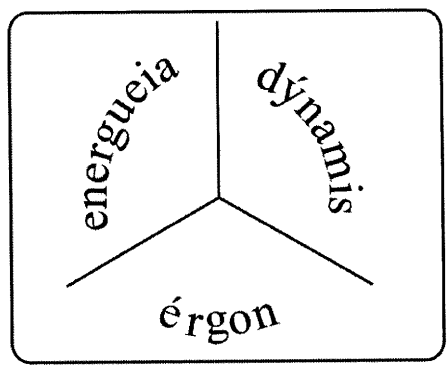
[323] I. Prigogine e I. Stengers, « Energia », in *Enciclopedia Einaudi. Sistema*, vol. 26, coordenador responsável Fernando Gil, Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1993, pp. 11-34. Uma vez que "*a própria história da civilização pode ser posta sob o signo da energia: história da utilização cada vez mais económica e eficaz da energia bruta oferecida pela natureza.*" p. 11. É importante no mundo científico combater as teorias sobre a degradação de energia que afeta a vida, pois "*ao nível cosmológico, do qual depende o fato de que a irradiação solar seja ou não uma degradação irreversível, o mundo transforma-se e nada indica que o faça na direção de uma degradação da energia*", pp. 33-34.

[324] Veja-se José M. JUSTO, *Érgon ou Energueia...*; Eugenio COSERIU, *Humboldt und die moderne Sprachwissenschaft*, Arnold Èikobavas (dabadebis 80 c'listavisadmi midzghvnili k'rebuli) (=Festschrift A. Čikobava), Tbilisi, pp. 20-29; Idem, *Die deutsche Sprachphilosophie von Herder bis Humboldt...* vol. 2; Idem, *Wilhelm von Humboldt. Die deutsche Sprachphilosophie von Herder bis Humboldt...*, vol. 3.

[325] "*En efecto, para recordar una distinción aristotélica, una actividad realizada puede considerarse: a) como tal, κατ' ἐνέργειαν; b) como actividad en potencia, κατὰ δύναμιν; y c) como actividad realizada en sus productos, κατ' ἔργον.*" Eugenio COSERIU, "Lengua abstrata e lengua concreta", *Sincronía, Diacronía y historia...* (1978), p. 45. "*Porque se respeita o falar κατ' ἐνέργειαν, observou que no mesmo ato linguístico coincidem três níveis e o que varia é apenas a consideração: um ato linguístico é sempre concreto e individual, é sempre histórico enquanto se manifesta numa língua histórica e é sempre universal como linguagem.*" - "*por lo que respecta al hablar κατ' ἐνέργειαν, obsérvese que en un mismo ato lingüístico coinciden los tres niveles y que sólo varía la cosideración: un ato lingüistico siempre es concreto e individual, siempre es histórico en cuanto es manifestación de una lengua histórica cualquiera, y siempre es universal, en cuanto es lenguaje.*" António VILARNOVO CAAMAÑO, *Lógica y lenguaje em Eugénio Coseriu...*, p. 149.

do mundo, onde a matéria não é um dado experiencial do mesmo, mas, em primeiro lugar, um elemento metafísico, algo de pensamento tanto *ao lado*, como *fora* da realidade efetiva, sempre dentro da linguagem.

Como um lado implícito da energueia nesta construção teórica, vimos como a sua tríade não segue o esquema hegeliano de dupla negação, mas de tripla afirmação na constituição da dimensão cognitiva do mundo. Para tornar inteligível a idealidade que cria o mundo apesar do ato mais elementar e necessário de nomear (*ὀνομάζειν*), Eugenio Coseriu reclama como necessária a reflexão sobre a energueia, similar a uma saída de si próprio e entrada cognitiva em algo ligado à constituição da linguagem na sua expressão ontológica.



Tríade em Coseriu

Como a energueia não tem uma representação material individualizada no mundo objectual e sensorial, somente pode ser pensada e imaginada. A conceção estável, equilibrada e saturável da tríade como pirâmide, com uma base material, dissolve-se completamente na visão de Coseriu em algo convergente e irradiante simultaneamente, que torna a matéria num elemento pontual de investigação e reflexão ligando-a ao círculo do pensamento global, evidencia o poder da relação dominantemente semântica. A sua reconfiguração dos elementos abre três ângulos correspondentes a três pontos de vista. O lado que falta para fechar cada triângulo ou a circunferência do círculo corresponde ao processo do conhecimento humano, em última instância, ao homem como ser pensante, capaz de concentrar em si toda a força do universo, não a física, mas a intelectual, reverberante em intermináveis manifestações criativas emanadas do mesmo núcleo humano, constituído pela unidade indestrutível linguagem/pensamento. Este modo de presentificar o ser humano na sua plenitude leva-nos a interpretar a simples repetição dos atos verbais, aparentemente autossuficientes, como recriação de formas com conteúdo que têm nele a sua razão de ser e apreciadas no seu todo em vários níveis qualitativos, quer

como prosseguimento da tradição, quer como inovações ou mesmo erros.

A energueia alimenta continuamente o reconhecimento dos atos de qualquer natureza, demonstrando como a linguagem é o resultado dum processo mental complexo com uma determinada estrutura semântica, sem a qual não pode existir nenhuma análise ou síntese dum juízo possível. As coisas comuns, os pormenores utilizados habitualmente pelo homem, ganham peso quando se lhes dá atenção e se tenta interpretá-los coerentemente. Para o ser pensante tudo tem sentido, interpretado filosoficamente como juízo lógico. Sem sentido nada pode existir, quer no mundo material, quer no espiritual[326].

Nos atos da fala, ao nível fonético mais elementar, embora cada pessoa tenha o seu próprio timbre vocal dado pela faculdade natural de produzir sons tão diferentes, os sons são reconhecidos pelos falantes duma língua não devido à sua forma material, mas aos conteúdos mentais da realidade sonora, os fonemas, processados pela mente humana, na sua energueia.

A sua fundamentação teórica completa e reposiciona as explicações dadas, como por exemplo: os alofones[327] são controlados pelo ouvido interno, emitidos para chegar primeiramente ao ouvido do próprio falante e posteriormente ao dos outros, deixam de serem meros sons[328], uma vez que se tornaram conteúdos mentais criados intencionalmente pelo homem e envolvidos numa atividade ou processo mental básico de enunciação, prosseguindo para outros níveis mais avançados.

---

[326] Mesmo quando se tem uma atitude idealista, mantém-se o ponto de vista causal-materialista: Denis-Luc FRAYSSINOUS, *Défense du Christianisme*, Paris, A LeClere, 1825, I[er] vol, pp. 196-197 e M. de BONALD, *Recherches philosophiques sur les premiers objets de connaissance morale*, in *Œuvres*, Paris, 1838, IX, p. 299 : "*L'énergie de la matière, que l'on veut nous donner comme la cause première du mouvement, est un mot vide de sens, si on l'entend autrement que d'une plus grande intensité de force et de mouvement reçus. Entendue dans le sens d'une force propre innée, spontanée, l'énergie est une qualité occulte que la raison ne saurait comprendre, que l'observation ne saurait constater*" apud Michel DELON, *op. cit.*, p. 169.

[327] Alofones = variantes criadas através da articulação vocal do homem ligadas à maneira individual de falar um idioma. Para entender o jogo de construção dos termos teóricos, veja-se Karl-Dieter BÜNTING, *Einfürung in die Linguistik*, Frankfurt am Main, Athenäum Verlag, 1973: "*Phon – Allophon – Phonem; Graph – Allograph – Graphem, Morph – Allomorph – Morphem*", p. 21.

[328] Na linguística encontra-se geralmente a distinção funcional som / barulho, o primeiro produzido intencionalmente pelo homem e o da natureza. Fala-se de som na fala e também na música. Esta interpretação e a sua distinção encara insuficientemente a realidade da fala como produto. O que se pretende demonstrar é exatamente o processo contínuo de produção, transmissão e receção, onde tudo acontece não fora, nos sons, mas na mente humana.

> *"A linguagem é "intencional" – ou seja, atividade motivada por fins, e não condicionada pela natureza (por "causas") [...] como atividade pela qual se criam significados."*[329]

A energueia da linguagem está intimamente ligada a uma finalidade específica, desde os níveis mais elementares aos complexos. O discurso retórico, comparativo e histórico do século XIX, entendeu que não se deve procurar as causas, uma vez que o homem é a própria causa no plano de existência, mas insistir-se sobre a busca de motivações finais no sentido de tornar clara a sua orientação.

> *"A esse respeito, Humboldt caracterizou a linguagem como energueia no sentido aristotélico, isto é, como atividade livre ou criadora. De fato, a linguagem é originariamente criação de significados (e expressões)."*[330]

A faceta mais representativa da energueia é a criação de significação. Através da linguagem tudo tem um sentido situado num processo de criação que se reconfigura continuamente, como algo que pertence ao sujeito, não está fora dele. Alguns especialistas, que interpretam a língua na sua materialidade e maneira de produzir, ignoram o elemento fundamental que dá configuração à língua, uma vez que, reconsiderada na sua essência, esta não é um "objeto" estável, mas uma manifestação viva numa constante transformação. Eugenio Coseriu, na obra *O homem e a sua linguagem*, evidencia como um simples fenómeno, a língua, se torna elementar, um fator indispensável para a compreensão do homem e do mundo. Importa aqui realçar uma distinção entre as considerações primárias, ligadas à base linguística, e as secundárias, ligadas às realidades culturais, universos de discurso, porque, caso tenhamos referências científicas, artísticas ou de outra natureza sobre a condição humana, que engloba categorias como o "eu", o "sujeito" ou a "consciência de si", um biólogo, um médico, um artista que interpretem a "realidade" através da sua área especializada de estudo, chegarão à mesma conclusão, isto é, o seu domínio de estudo é exatamente o quadro mais importante para a compreensão do homem e do mundo. Efetivamente, a contínua atividade criadora do homem quando pensa sobre si próprio através da linguagem, independentemente de qualquer ponto de vista, revela sempre a condição humana. A interpretação da obra de Eugenio Coseriu revela-se, neste sentido, como um possível discurso filosófico sobre a essência humana e não sobre as realidades físicas, de manifestação universal de existência nas mais elementares partículas

[329] Eugenio COSERIU, "A linguagem e a compreensão da existência do homem atual", *O homem e a sua linguagem*..., p. 38.
[330] *Ibidem*.

ao considerar-se que a energia dum eletrão deve ser quantificada[331].

> *"Pensa-se frequentemente que todo o estudo estrutural deve basear-se na consideração da língua como ἔργον e que a conceção da linguagem como ἐνέργεια implica necessariamente «diacronia» e «atomismo».* "[332]

Como o objeto de estudo das ciências naturais é material, concreto, palpável, e como mais tarde uma parte do discurso cognitivo deixou a filosofia para constituir-se em ciências individuais, tomou-se mecanicamente o modelo científico clássico das ciências experimentais onde o homem é visto como ser biológico. Por outro lado, é mais fácil estudar o plano material que permite uma análise muito exata, onde o investigador é conduzido pelo que ouve e vê, convencido que a verdade do seu estudo é fornecida pelos dados externos e experimentais, ao passo que ao tomarmos a *energueia* no sentido coseriano, estudar uma atividade significa ultrapassar os elementos concretos que indicam tal atividade, pensar e recriar o fenómeno ao nível mental, aquilo que os cientistas consideram subjetivo, relativo e confuso, pois nesta criação alguns veem de mais e outros quase nada. Perde-se exatamente o valor fundamental da energueia que constitui o elo de ligação entre a tradição e o uso atual da língua, tal como a sua constituição material.

---

[331] Reportamo-nos para os nomes ligados à física ou mecânica quânticas: Albert Einstein, Werner Heisenberg, Max Planck, Luís de Broglie, Niels BOHR, *Atomic Theory and the Description of Nature*, Cambridge, Cambridge University Press, 1934; Erwin Schrödinger, Max Born, John von NEUMANN, *Mathematische Grundlagen der Quantenmechanik*, Berlin, Springer-Verlag, 1932; Paul DIRAC, *The Principles of Quantum Mechanics*, Oxford, Claredon Press, 1958; Wolfgang Pauli, todos estes considerados os fundadores da teoria ortodoxa da física quântica ou "doutrina de Copenhague". O que conta não é energia mas o modelo e a interpretação matemática dos fatos físicos. "*A mecânica quântica, provavelmente a mais poderosa de todas as teorias científicas, é também aquela que tem a mais fraca filosofia*" Mario BUNGE, *Filosofia da Física*, Lisboa, Edições 70, 1973. p. 97. "*As inconsistências da mecânica quântica ortodoxa são formais e semânticas, e podem ser encontradas tanto no corpo da teoria habitual como na metateoria.* [...] *A fonte desta contradição é filosófica: origina-se na doutrina de que a teoria física não é acerca da realidade, mas da experiência humana.*" *Ibidem*, pp. 98-99.

[332] "*Muy a menudo se piensa que todo estudio estructural debe basarse en la consideración de la lengua como ἔργον y que la concepción del lenguaje como ἐνέργεια implica necesariamente «diacronia» y «atomismo». Nada más falso, pues las estructuras lingüísticas pueden muy bien entenderse como estructuras dinámicas. Por otra parte ἐνέργεια no significa simplemente movimiento y cambio. Muchas cosas se mueven y cambian sin que por ello tengan nada que ver con la ἐνέργεια en su sentido propio.*" Eugenio COSERIU, "Las «causas» del cambio", *Sincronía, diacronía e historia*..., p. 211, nota 54.

> *"Nada mais falso, pois as estruturas linguísticas podem muito bem entender-se como estruturas dinâmicas. Por outro lado, ἐνέργεια não significa apenas movimento e permuta. Muitas coisas movem-se e transformam-se sem nada terem a ver com a ἐνέργεια no seu sentido próprio."*[333]

A existência de estruturas na linguagem é evidente e a sua identificação não constitui problema, mas sim a interpretação das mesmas, respeitando a "dinâmica" da língua. Com efeito, não é dinâmica no sentido de movimento de elementos, mas sim um momento bem delimitado da criatividade linguística contínua que difere, de modo absoluto, dos movimentos da natureza nas suas coordenadas espaciais e temporais. A linguagem situa-se ao mesmo tempo dentro e fora destas coordenadas, cada momento inscreve-se no nível histórico i.e. diacrónico e regional e ultrapassa o presente da sua atualização, construindo o tempo e o espaço como coordenadas próprias de cada discurso. Do ponto de vista da construção semântica, os elementos do par energueia / energia, embora os dois termos visem uma força vital na atividade, têm valências distintas. O primeiro tem um enquadramento espiritual humano, filosófico, enquanto o segundo está cientificamente ligado à matéria, considerado, quer como seu princípio constitutivo, quer na interação ou emanação de passagem dum estádio de agregação para um outro. O discurso filosófico trata de ambos os termos: o primeiro na interpretação aristotélica[334], dos outros filósofos e teológica, o último na filosofia da física. Qualquer equivalência semântica é ao mesmo tempo uma armadilha e, por esta razão, é preferível evitar a equivalência do conceito de *energueia* com *atividade* ou *criatividade* ou *atividade criadora*, não porque não contenha estes conteúdos semânticos (semas), mas porque, para além deles, contém uma contínua variabilidade ao nível da expressão, do entendimento. A ligação etimológica da *energueia* com *érgon* segue uma dialética binária[335] recusada por Coseriu, que prefere a estrutura mais estável da tríada[336], tendo incluído o termo intermediário,

[333] *"Nada mas falso, pues las estructuras lingüísticas pueden muy bien entenderse como estructuras dinámicas. Por otra parte, ἐνέργεια no significa simplemente movimiento y cambio. Muchas cosas se mueven y cambian sin que por ello tengan nada que ver con la ἐνέργεια en su sentido propio"*. *Ibidem*, nota 54, p. 211.

[334] Donatella DI CESARE, "Aristotele, Humboldt e la concezione dinamica della lingua come ἐνέργεια", ..., pp. 65-86.

[335] Coseriu considera que uma abordagem antonímica de qualquer realidade é insuficiente e radical: branco/preto, terra/céu, língua/fala, mente/corpo, forma/conteúdo, raciocínio cartesiano utilizado pela escola estruturalista. A língua opera com várias nuances de branco, preto em função de brilho, mate etc.

[336] Veja-se acerca do pensamento de Pitágoras: *"A mónada representa a essência de Deus, a Díada a sua faculdade geradora e reprodutiva. Esta gera o mundo, flores-*

potência tecnicamente orientada (*dınamis*). Coseriu continua e reformula o pensamento aristotélico:

> "*ο ἔργον* é fim, *a* ἐνέργεια *é ἔργον; por isso o termo ἐνέργεια recebe* o seu nome *ἔργον* e estende a seu significado para *ἐντελέχειαν.*"[337]

O *érgon* é um fim na medida em que é *energueia*, atividade em suspenso, a unidade do ato energético é dada pela identidade de energueia com *érgon*, a *enteléquia* pode ser sinónimo de energueia. O conceito de energueia é tão abrangente e vivo que inclui *dınamis* e *érgon*.[338]

3.2. O lugar da «Energueia» no sistema interpretativo coseriano

3.2.1. Na visão coseriana, as terminologias têm uma interpretação particular na sua relação com as línguas históricas. Assim entendemos a presença de diversos termos e conceitos culturalmente consagrados, sendo um destes o conceito de "*energueia*".

> "*As terminologias científicas e técnicas não pertencem à linguagem nem, por conseguinte, às estruturas lexicais, do mesmo modo que*

cimento visível de Deus no espaço e no tempo. Mas o mundo é triplo. Assim como o homem se compõe de três elementos distintos mas fundidos um no outro: corpo, alma e espírito, assim o universo está dividido em três esferas concêntricas: o mundo natural, o mundo humano e o mundo divino. A tríada, a lei do ternário, é a lei constitutiva das coisas e a verdadeira chave da vida, desde a constituição fisiológica do corpo animal em funcionamento do sistema sanguíneo e do sistema cerebrospinal, até à constituição hiperfísica do homem, do universo e de Deus" - "*La monada representa la esencia de Dios, la Díada su facultad generadora y reproductiva. Esta genera el mundo, florecimiento visible de Dios en el espacio y el tiempo. Pero el mundo real es triple. Pues de igual modo que el hombre se compone de tres elementos distintos pero fundidos uno en otro, cuerpo, alma y espíritu; así el universo está dividido en tres esferas concéntricas: el mundo natural, el mundo humano y el mundo divino. La Triada o ley del ternario es, pues, la ley constitutiva de las cosas y la verdadera clave de la vida, desde la constitución fisiológica del cuerpo animal, en funcionamiento del sistema sanguíneo y del sistema cerebroespinal, hasta la constitución hiperfísica del hombre, del universo y de Dios.*" Éduard SCHURÉ, *Orfeo, Pitágoras y Platón (Los Misterios de Dionisos – Los Misterios de Delfos – Los Misterios de Eleusis)*, Buenos Aires, Editorial Kier, 1960, pp. 139-140.

[337] "*τὸ γὰρ ἔργον τέλος, ἡ δὲ ἐνέργεια τὸ ἔργον, διὸ καὶ το ὄνομα ἐνέργεια λέγεται κατὰ τὸ ἔργον καὶ συντείνει πρὸς τὴν ἐτελέχειαν*" ARISTOTELES, *Metafísica*, 201b, 11-13.

[338] António VILARNOVO CAAMAÑO, *Lógica y lenguaje en Eugenio...*, p. 144.

> *as «palavras usuais»: constituem* utilizações *da linguagem para* classificações *diferentes (e em princípio, autónomas) da realidade ou de determinadas secções da realidade.*" [339]

Para Coseriu, porque considera fundamental a linguagem como um ato com uma finalidade específica, as terminologias científicas e técnicas devem ser tratadas diferentemente, não pertencendo à linguagem ou às estruturas lexicais usuais, todavia continuam a ser linguagem constituída diferentemente para cada situação concreta, na realização dum objetivo específico.

> "*Em parte, as terminologias não estão «estruturadas» em absoluto* [...] *e, na medida em que o estão, a sua estruturação não corresponde às normas da linguagem, senão apenas em alguns pontos de vista e nas exigências das ciências e técnicas respetivas que se referem à própria realidade das coisas.*"[340]

As terminologias científicas são lexemas de segundo grau, tomam como base lexical uma língua histórica, a sua construção intencional não segue um espírito criativo "absoluto", normalmente denominado artístico, e a liberdade de criação orienta-se para os objetos concretos e reais dos estudos de cada ciência e técnica. Este fato é bem visível na análise da constituição dos campos semânticos que não organizam mais "significados" linguísticos, respetivamente conteúdos linguísticos, mas apenas objetos, operando uma classificação objetiva, científica, dos objetos em classes, espécies e sub-espécies.

> "*Para as ciências e as técnicas, as palavras são efetivamente os «substitutos» das «coisas» isto é, de acordo com o seu ponto de vista, a «significação» coincide com a «designação» o que não ocorre na linguagem como tal.*"[341]

Na criação científica, através das designações e significados dos termos

---

[339] "*Las terminologías científicas y técnicas no pertenecen al lenguaje ni, por consiguiente a las estructuraciones léxicas del mismo modo que las «palabras usuales»: constituyen utilizaciones del lenguaje para clasificaciones diferentes (y, en principio, autónomas) de la realidad o de ciertas secciones de la realidad.*" Eugenio COSERIU, "Introducción al estudio estructural del léxico", *Principios de semántica estructural...*, p. 96.

[340] "*En parte, las terminologías no están «estructuradas» en absoluto (son simples «nomenclaturas» enumerativas que corresponden a delimitaciones en los objetos) y, en la medida en que lo están, su estructuración no corresponde a las normas del lenguaje, sino a los puntos de vista y a las exigencias de las cinéticas y técnicas respectivas, que se refieren a la realidad misma de las cosas.*" *Ibidem.*

[341] "*Para las ciencias y las técnicas las palabras son efetivamente los «substitutos» de las «cosas», es decir que, desde su punto de vista, la significación coincide con la «designación», lo que no ocurre en el lenguaje como tal.*" *Ibidem.*

técnicos e científicos, opera-se uma delimitação na realidade objectual. Igualmente, os conceitos teológicos e filosóficos operam distinções próprias para cada filósofo:

> "*Pode-se sem dúvida afirmar que Aristóteles, Hegel ou Heidegger souberam utilizar amplamente para as suas distinções filosóficas os recursos da língua grega e da língua alemã, mas essas distinções não são distinções semânticas «da língua grega» ou «da língua alemã», apenas podem ser definidas em relação com o uso próprio dos três filósofos: o que se chama «a linguagem de Heidegger» é, do ponto de vista lexicológico, em parte, língua alemã, em parte, terminologia filosófica geral e, em parte, terminologia especificamente heideggeriana.*"[342]

O tratamento linguístico dos conceitos deve ser diferente do tratamento comum aplicado às outras palavras a fim de manter o seu conteúdo semântico específico, especialmente na sua tradução, uma vez que não têm uma equivalência lexical, o significado dos conceitos conhece-se na medida em que se conhecem as ciências, as técnicas e as filosofias respetivas, já que podem ser definidos apenas em relação com os respetivos universos de discurso:

> "*Não faria sentido querer estabelecer a «estrutura semântica» dos 300.000 termos da química.*
>
> *Estes estão estruturados do ponto de vista da química como «classificação real» e mudam de estruturação com o progresso da ciência, não em virtude da «mudança linguística».*"[343]

---

[342] "*Lo mismo ocurre con las terminologías científicas y filosóficas individuales. Se puede, sin duda, afirmar que Aristóteles, Hegel o Heidegger han sabido utilizar ampliamente, para sus distinciones filosóficas, los recursos de la lengua griega y de la lengua alemana, pero esas distinciones no son distinciones semánticas «de la lengua griega» o «de la lengua alemana», y sólo pueden ser definidas en relación con el uso propio de los tres filósofos: lo que se llama «el lenguaje de Heidegger» es, desde el punto de vista lexicológico, en parte, lengua alemana, en parte terminología filosófica general y, en parte, terminología específicamente heideggeriana.*" *Ibidem*, p. 98.

[343] "*No tendría sentido, por ej., querer establecer la «estructura semántica» de los 300.000 términos de la química: éstos están «estructurados» desde el punto de vista de la química en cuanto «clasificación real», y cambian de estructuración con el progreso de la ciencia, no en virtud del cambio lingüístico.*" *Ibidem*, pp. 97. O autor faz referência ao seu ensaio: "Determinación y entorno" onde esclarece o problema semântico de "*situação, região, contexto e universo de discurso*", Idem, *Teoría del lenguaje y lingüística general*, Madrid, Gredos, 1962, p. 310. ["Denominamos região o espaço dentro de cujos limites funciona um signo em determinados sistemas de significação. Tal espaço está delimitado, num sentido, pela tradição linguística e,

A língua torna-se o meio mais transparente possível do pensamento que abrange todas as realidades científicas ou filosóficas, na manifestação da energueia como elemento vital e característico do ser humano que realiza a união processual entre pensamento e linguagem. O significado focalizado numa designação muito exata dos conceitos é tanto "subidiomático", uma vez que se encontra numa língua histórica na qual é criado, como "interidiomático", no sentido em que, já consagrado e reconhecido pelo mundo científico, pertence a uma área de estudo específica, familiar aos especialistas de diversas nacionalidades e, por esta razão, pertence ao âmbito de várias comunidades idiomáticas que os adotaram.

3.2.2. Coseriu interroga-se em que medida a linguagem é atividade criadora, ou energueia, tenta entender a base filosófica deste conceito. Aristóteles define-a como atividade pura, *anterior* à ciência, ao saber e à potencialidade (dınamis)[344]. O linguista romeno prossegue o pensamento aristotélico, pormenorizando teórica e cientificamente no seu discurso filosófico as consequências deste ponto de vista, assume-o como o princípio da manifestação humana.

> "*Entender a linguagem como energueia significa, por conseguinte, considerá-la como atividade criadora em todas as suas formas.*

---

noutro, pela experiência acerca das realidades significadas. Podem-se distinguir três tipos de "região": zona, âmbito e ambiente. A zona é a "região" em que se conhece e se emprega habitualmente um signo; os seus limites dependem da tradição linguística e costumam coincidir com outros limites, também linguísticos. O âmbito é a "região" em que o objeto se conhece como elemento do horizonte vital dos falantes e do domínio orgânico da experiência ou da cultura e os seus limites não são linguísticos; assim, o espaço dentro do qual se conhece o objeto "casa" é um «âmbito»"] p. 311. "*O ambiente é uma "região" estabelecida social ou culturalmente: a família, a escola, as comunidades profissionais, as castas etc., podendo possuir modos de falar que lhe são peculiares.*" *Ibidem*, p. 312. Relativamente aos termos técnicos: "*Em particular, a distinção entre vozes usuais e vozes técnicas reside inteiramente na diferença entre «zona» e «âmbito»: as vozes usuais consideram-se como próprias de «zonas», as técnicas, como próprias de «âmbitos». Quer dizer que a distinção não é de nenhum modo absoluto, qualquer palavra que tenha significado lexical significa ao mesmo tempo numa zona (dependente de uma tradição idiomática) e dentro de um âmbito (dependente dum conhecimento objetivo).*" *Ibidem.*

[344] "*Πρότεραι γάρ εἰσι τῶν δυνάμεων αἱ ἐνέργειαι καὶ αἱ πράξεις κατὰ τὸν λόγον*", "*na verdade, as atividades e os atos são anteriores às potencialidades através da palavra*" ARISTÓTELES, *De anima*, 2º Livro, cap. 4, 415 a 13. "*Mais s'il faut définir ce qu'est chacune de ces facultés intellectuelles, ou la faculté sensitive, ou la faculté nutritive, auparavant encore il faut établir ce qu'est l'acte de penser et ce qu'est l'acte de sentir, puisque les actes et les opérations sont logiquement antérieurs aux puissances.*" ARISTOTE, *De L'âme*, trad. J. Tricot, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1972, p. 85.

> *Energueia é tanto a linguagem em geral como a linguagem enquanto fala. Todo o ato de falar é, em alguma medida, um ato criador.*"[345]

Tomando a sugestão aristotélica como base de pensar a língua na sua essência e natureza como energueia, altera-se completamente a visão linguística "presa" à materialidade da linguagem, que não é negada, mas melhor explicada, uma vez que se tem em vista todos os aspetos da língua.

> "*Mas energueia são também as línguas, que são apenas modalidades particulares da linguagem determinada historicamente. Igualmente por esta razão, é necessário interpretar as línguas em sentido dinâmico.*"[346]

A linguagem na sua natureza sistémica constitui-se ao nível mais abstrato, ligado ao pensamento humano. Por outro lado, na fala, entendida como a única realidade verbal concreta manifestada individualmente, parece ser mais fácil mostrar o valor criativo da energueia, pois já se têm os elementos da língua. O mesmo não acontece com a língua cujo valor parece ser o mais estável possível, ligado à identidade nacional, coletiva e individual, onde dificilmente se reconhece a criatividade. Todavia, o conceito de energueia no estudo das línguas nacionais altera por completo esta visão. Similar à vida, a língua não é mais vista como um dado de ordem material com a missão de ser transmitida, torna-se uma herança espiritual, cuja força visa especialmente a técnica de falar.

A estabilidade da língua refletida nos elementos lexicais, e não só, é conferida pela recriação dos fatos dos antepassados; porém ao permanecer no aspeto formal da linguagem perde-se de vista o poder e a vivência linguísticos, o nível semântico, especialmente do significado que é o mais diretamente influenciado pela criatividade. Por esta razão, a mesma palavra pode ter diversos valores semânticos, mesmo opostos, em função dos contextos e relações criadas. Pode-se falar sobre dinâmica da língua ou sobre relações linguísticas, mas nesta abordagem o ponto de vista da energueia está ausente, mantendo-se a visão da língua como substância. Um texto não tem valor em si, funciona como um catalisador do nosso conhecimento da língua e de outros elementos cognitivos na construção do seu sentido por cada leitor.

Coseriu associa este conceito a outras áreas que ilustram a liberdade de criação já intuída por Platão ao discursar sobre o conceito de "mimesis"

---

[345] Eugenio COSERIU, *O homem e a sua linguagem*..., p. 22. "*La lengua "no es ἔργον sino ἐνέργεια, mejor dicho, es "forma" y "potencia" de una ἐνέργεια.*" Idem, "Lengua abstrata y lengua concreta. La lengua como "saber hablar" historicamente determinado. Los tres problemas del cambio lingüístico", *Sincronía, diacronía y historia*..., pp. 30-31.

[346] Idem, *O homem e a sua linguagem*..., p. 22.

das ideias puras no mundo material e uma mimesis da mimesis nas artes. Interpretando mimesis como imitação, o que permanece não é a essência do ato existencial ou de criação, mas a forma de manifestação material, visual.

> "*Como energueia, a linguagem pertence ao mesmo domínio das outras atividades livres do homem (poesia, ciência, filosofia etc.), e é inclusive equiparável a qualquer uma destas atividades.*"[347]

O conceito de energueia considerado fundamental para a definição do homem, da sua alma, associa-se a um outro conceito essencial que proporciona condições de manifestação do primeiro: a liberdade. A criatividade é a forma da liberdade se manifestar num ato intencional. A energueia é a liberdade do ato criador entendido na sua essência.

> "*Com efeito, a linguagem considerada exclusivamente como criação de um sujeito, como objetivação imediata de conteúdos de consciência, não sendo nem verdadeira nem falsa, é anterior à distinção entre existência e inexistência, não é separável da poesia.*"[348]

Falando em termos absolutos, à margem de qualquer determinação histórica, a linguagem absoluta é entendida como "*atividade dum sujeito absoluto*" e nesta situação ideal a criatividade leva a que a linguagem seja "*o mesmo que a poesia*"[349], o que de fato não é, pois "*a linguagem aparece na forma de «plural»*"[350], isto é, na forma das línguas, onde as tradições e a consciência de pertença a uma comunidade histórica anulam o valor absoluto do sujeito.

A energueia da linguagem apresenta-se como um processo contínuo com um contorno projetado sempre em frente pelas finalidades intencionais, distinto dos seus resultados concretos geralmente empregues e ultrapassa a visão "tradicional" da linguagem como ferramenta. Vista objectualmente, a linguagem apresenta um uso instrumental, mas não se retém nem nesta dimensão, nem na interpretação da grelha de leitura da mesma.

> "*Na discussão propõe-se a distinção entre o sentido "instrumental" e um sentido "medial" da linguagem. Deixando de lado o sentido instrumental, poder-se-iam distinguir, quanto ao sentido "medial", duas possibilidades.*"[351]

---

[347] Idem, "A lingugem e a compreensão da existência do homem atual", *O homem e a sua linguagem*, & 1.2.2. p. 39.
[348] *Ibidem*.
[349] *Ibidem*.
[350] *Ibidem*, p. 32.
[351] *Ibidem*, nota 3, p. 49.

A linguagem não pode ser e não é instrumento e, mesmo se a instrumentalidade da linguagem for convertida num sentido filosófico "medial", também não corresponderá à realidade criativa da linguagem. A primeira possibilidade do sentido "medial" distinguida por Coseriu na linguagem é a de "medium", entendida como "*condição prévia necessária para que possamos falar.*"[352] Nesta conceção, a linguagem é concebida como uma espécie de graça, similar a um dom divino do qual Coseriu se distanciou. A segunda possibilidade do sentido "medial" da linguagem ilustra a potencialidade "medial" sistémica, no sentido de "*poder significar muito por si mesmo e independentemente do uso linguístico concreto*"[353], mediante valores etimológicos utilizados na fala, olvidando que:

> "*A linguagem não fala de e pelos seus significados etimológicos, não fala como gostaríamos de ouvi-la falar...*"[354]

A fala não vem de fora, vem de dentro, do conhecimento humano, da experiência vivencial do sujeito. O homem cria as etimologias denominadas populares ou fantasistas, que não são tão transparentes, tal como constrói razões e argumentos para a sua própria verdade que, em última instância, é a intuição que se descobre e corresponde necessariamente à verdade das coisas.

Na medida em que as atividades criativas do homem podem ser consideradas como energueia, esta ultrapassa a dinamis (*δύναμις*)[355], aquilo que foi aprendido e aplicado.

Comparativamente com outras atividades criadoras, na linguagem a parte da tradição, do já conhecido, é muito mais intensa que a criatividade individual num determinado componente. Por esta razão, a fala é considerada como se fosse a realização duma tradição, duma realidade exterior. Porém, constata-se que a fala duma língua não é apenas a realização duma tradição, mas um acréscimo à mesma, apresentado pelo senso comum como "*mudança linguística*"[356]. A criatividade na arte regista-se naquilo que individualiza um

---

[352] *Ibidem.*

[353] *Ibidem.*

[354] *Ibidem.*

[355] "*Uma vez que o vocábulo δύναμις possui, para além do seu sentido ontológico, uma conotação física e ética (como faculdade ou capacidade) e um uso lógico (como possibilidade), é vantajoso, por mor da clareza na nossa língua e até da fidelidade à intenção do autor, vertê-los em conformidade nestas duas aceções (do mesmo modo, ἐνέργεια por «atividade» e por «realidade»).*" António Pedro MESQUITA, ARISTÓTELES. *Obras completas*. Introdução geral..., pp. 500-501.

[356] "*The difference between two objectified, consecutive states of a language (for example A : B) is interpreted as linguistic change, as a process by which one fact becomes another, that is, at the same time, as the uninterrupted continuation of a part*

artista, isto é, na sua originalidade de expressão. Face a uma obra de arte, pode inquirir-se: «*como é que foi produzida?*» Contrariamente, na língua o peso da tradição é enorme, o falante refaz permanentemente a língua. Dada a nossa familiaridade com o uso habitual da língua, não nos damos conta das mudanças que nela continuamente ocorrem. Ao colocarmos o problema da mudança, perguntamo-nos sobre a fase anterior: "*Porque mudou A?*" e não como de fato devemos fazer: "*Como nasceu ou difundiu B?*". A causalidade é substituída pela modalidade que visa a finalidade constante na fala.

A língua determina-se pela sua função, não é algo acabado, faz-se continuamente através da atividade linguística concreta. Para Coseriu, primeiramente a língua não é um *ἔργον* mas uma *ἐνέργεια*, melhor dizendo, uma forma, uma potência duma *ἐνέργεια*.[357] Assim, a língua, na sua realidade abstrata e sistémica, está no caminho da criação, e não é um produto de repetição.

Porém, o resultado não constitui efetivamente um todo único com o seu desenvolvimento ou transformação e, por outro lado, na situação da língua, o "produto" é, ao mesmo tempo, uma potência, uma condição para outros atos ulteriores. Ao interpretar a língua, deve-se ter em atenção que se toma sempre

---

of this fact which is thought to represent its ipsity, its «being itself» (a > [becomes] e). The totality of such differences is the viewed as a single phenomenon (once again, «linguistic change», or linguistic «evolution», and one searches for its objetive «causes», ultimately for a single general, continually ative cause, since the objetive «result» («change»)" Eugenio COSERIU, "Linguistic Change Does Not Exist", *Linguistica Nuova ed Antica. Rivista di Linguistica Classica Medioevales e Moderna, Galatina, Congedo Editore*, I, 1983, pp. 53-54. "*A language, however, does not exist as an object or an organism of nature, and thus it does not have an organic continuity independent of the consciousness of its speakers. A language is an historical given «technique» of speaking: it exists only as a tradition of the ability to speak, that is, as a traditional technical knowledge, or as a «competence» which has been handed down by ad to the individual members of language communities. Thus, what is interpreted as «linguistic change» is not a process of change in language products (a does not become e) but rather the creation of language traditions, the historical objetivation of what has been produced in speech; that is to say, nothing other than language as it is being created. It is true that in this way certain traditions also die out (which is to say, they are abandoned), but it does not mean that these traditions as such has become the new traditions which have replaced them.*" *Ibidem*, p. 54. "First of all, every fact of «becoming» is in the language a «replacement»" *Ibidem*, p. 54.

[357] Em nota de rodapé, Coseriu faz referência a uma formulação exata de Ortega y GASSET em *El hombre y la gente*, Madrid, 1957, p. 280: "*É verdade, a língua não é nunca um «fato» pelo simples motivo que não é nunca «feita», mas «se faz» e «se desfaz» permanentemente, ou por outras palavras, é uma criação permanente e uma destruição sem fim.*" apud Eugenio COSERIU, *Sincronie, diacronie şi istorie...*, p. 28.

como elemento de referência o estádio atual da língua e que o mesmo aparece como idêntico a um estádio anterior, mas isso não significa que este estádio persista, pelo contrário, revela que se reconstitui com suficiente fidelidade. Coseriu inverte a fórmula saussureana de compreender o mecanismo da "mudança linguística" que caracteriza a língua. Num primeiro momento, devemo-nos situar no domínio do falar e tomar a fala como a medida para todas as outras manifestações da linguagem, inclusivamente da língua. Não só o que é diacrónico, mas e sobretudo todas as sincronias na língua existem exclusivamente através da fala, embora esta, por sua vez, só exista através da língua entendida como a fala comum.[358]

Na aceção da linguagem como energueia, o que se considera efetivamente em primeiro lugar é a sua função fundamental evidenciada por Aristóteles como a função significativa da linguagem:

> "*Também a função significativa deve ser entendida do ponto de vista da linguagem como energueia, isto é, como atividade criadora. Com efeito, a linguagem não é, em primeiro lugar, uso, mas criação de significados.*"[359]

As valências energéticas da função significativa são múltiplas, sendo a mais importante a da criação do conteúdo, como o momento inicial que se continuará durante todo o tempo de existência dum significado na consciência dos falantes. Neste nível mais elementar:

> "*A linguagem não depende em absoluto da existência e inexistência das "coisas" – pois é anterior à própria distinção entre existência e inexistência [...], mas, ao contrário, é condição necessária para a comprovação da existência das coisas (ou da sua «inexistência»).*"[360]

Para o conhecimento humano, a existência fundamental das coisas revela-se a partir da linguagem com a primeira delimitação da sua existência como objetos. Daí o mundo, a natureza, o homem, a sociedade são elevados à estruturação de paradigma cognitivo e a constituição da consciência de si.

> "*De fato, as delimitações linguísticas não seguem critérios objetivos, dados de maneira geral pelas próprias ccoisas, mas, pelo contrário, impõem-se no mundo da experiência. Finalmente, uma palavra como árvore não significa nenhuma árvore real («uma árvore» ou*

---

[358] Eugenio COSERIU, "Lengua abstrata y lengua concreta. La lengua como "saber hablar" historicamente determinado. Los tres problemas del cambio lingüístico", *Sincronía, diacronía e historia*, p. 29-30.

[359] Idem, O *homem e a sua linguagem*..., p. 26.

[360] *Ibidem*.

«essa árvore aí») mas apenas «o ser árvore»"[361].

Deixando de lado a substância da língua e as determinações empíricas, Coseriu especifica a função significativa, como a atividade mental através da linguagem. Ultrapassando os esquemas da possibilidade, da causalidade e da necessidade, a teoria coseriana encaixa-se perfeitamente no pensamento do século XX, século de importantes revoluções científicas, técnicas e informáticas, como um espaço de reflexão sobre a condição humana, a sua identidade a partir da energueia.

3.2.3. Adotando o ponto de vista da energueia, opera-se necessariamente uma distinção essencial entre a *manifestação* dos objetos da natureza e a *criação* dos objetos culturais, entre *natureza* e *cultura*. Para o homem, a natureza não é mais natureza, é um objeto cultural, é algo criado a partir dele. A história da humanidade revela vários modelos mentais da natureza, o modo como cada geração estrutura o sentido da natureza através da cultura, consciencializando assim o valor humano e a sua importância para a vida na Terra.

> "*a) A linguagem como atividade criadora pode ser equiparada neste sentido às demais atividades livres do homem, como a arte, a ciência e a filosofia.*"[362]

Tratar da energueia em termos fenoménicos é inesgotável, uma vez que esta se situa na "base" de toda e qualquer atividade humana. É o conceito que contém na sua área semântica os conceitos fundamentais para a definição do homem e da sua condição existencial entre os quais em primeiro lugar se situam: a criatividade, a liberdade e a atividade.

> "*b) O caráter criador da linguagem deve ser considerado superficialmente no exame da técnica linguística: a técnica linguística é essencialmente um sistema para a criação de fatos novos, e não simplesmente para a repetição do que já se fez na língua historicamente realizada.*" [363]

Na linguagem *tudo* é *criado de novo* por cada falante e em cada momento. Mais uma vez se repete um erro de interpretação ao considerar-se a língua através da sua parte estável. Com efeito, o que se denomina por "*mudanças linguísticas*" não são mudanças, mas resultados da atividade de criação. No momento em que se analisa apenas um único nível material da língua, perde-se a complexidade da linguagem no seu todo. A linguagem oferece a síntese entre a *tradição* como história viva da comunidade e a *inovação* manifestada

[361] *Ibidem*, pp. 26-27.
[362] *Ibidem*, p. 23.
[363] *Ibidem*.

pelo sujeito falante. A criação linguística manifesta-se simultaneamente como *conservação* e *inovação*. Nada se repete, tudo se recria. Coseriu sublinha o fato de que o homem foi sempre um criador. A novidade não é mais novidade, apresenta-se como algo que já passou.

> "*c) O que é propriamente linguístico deve ser explicado em cada caso pela função e não pelo material.*"[364]

Numa língua histórica existem diversas línguas funcionais, por vezes com grandes diferenças, já que a função linguística de cada elemento constitutivo está primeiramente ligada ao conceito de *norma* proposto por Coseriu em 1952[365], e não ao *sistema* da língua. Quando alguém fala uma língua estrangeira, o inglês, ao encontrar-se num país que a tenha como língua, os naturais compreendem razoavelmente o que pretende dizer, enquanto ele mostra dificuldades várias na sua compreensão. Este fato demonstra que aprendeu a língua através do seu sistema e aspeto literário e não a língua funcional daquela área.

> "*d) Para a interpretação e explicação dos fatos linguísticos a única proposta apropriada é a final, e não a causal.*"[366]

No quadro positivista que enforma uma parte do pensamento atual, o homem procura pelo menos uma causa para cada realidade. Aplicando esta atitude à linguagem, o significado do conceito "causa" contribui para o conhecimento das realidades extra-linguísticas que de fato são sedimentadas na linguagem como significado, designação através da qual o pensamento cria um sentido para o conhecimento humano. Não existe conhecimento exterior à linguagem.

> "*e) A descrição duma língua pretende ser verdadeiramente adequada ao seu objeto, deve apresentar a própria língua como sistema para criar, como sistema de produção, e não simplesmente como produto.*"[367]

Nesta leitura, uma língua – o português, por exemplo – é a soma das possibilidades do "falar português", as possibilidades que, em parte, já foram

---

[364] *Ibidem.*

[365] "*Sólo nos parece que el concepto de lengua como sistema abstrato de oposiciones funcionales implica el desarrollo del concepto de norma (abstracción intermedia)*", - Idem, *Sistema, norma y habla*, Montevideo, Faculdad de Humanidades y Ciencias, 1952, p. 35. ["O conceito de língua como sistema abstrato de oposições funcionais implica o desenvolvimento do conceito de norma (abstração intermédia)"]

[366] Idem, *O homem e a sua linguagem...*, p. 23.

[367] *Ibidem.*

realizadas historicamente e as outras que ainda estão por se realizar. Todas elas são ao mesmo tempo sistemáticas e dinâmicas ao nível de expressão. Uma língua é, antes de mais, uma permanente "*sistematização*" e não um sistema fechado.

3.3. A interpretação do conceito de «energueia» através da grelha coseriana

3.3.1. Descrever a energueia equivale a descrever, "a alma", "o pensamento", "Deus", qualquer outra entidade espiritual. O conteúdo semântico deste termo institui-se como princípio gerador da substância e da substancialidade. Este conceito não se identifica com nenhuma designação de substância, mas com o ato criador. Das tabelas sinópticas concebidas por Coseriu[368], infere-se que toda a linguagem é energueia, e como tal, qualquer elemento constitutivo das suas tabelas (tanto os pontos de vista como a exemplificação) contém o pulsar constante da energueia sem ser energueia. Tratar da energueia dos vários conceitos, realidades, é oferecer como modelo funcional a constituição dos mesmos, o seu funcionamento e o lado inteligível do ser.

pontos de vista / níveis	atividade / energueia	conhecimento / dýnamis	conteúdo
nível universal	falar em geral	competência elocucional	designação
nível histórico	falar numa língua	competência idiomática	significado
nível individual	discurso	competência expressiva	sentido

Tabela 2

Tendo passado mais de dois mil anos de contínuo enriquecimento semântico do termo energueia, apreciado como a descoberta básica do mundo contemporâneo cientifico aplicável numa variedade de domínios técnicos que facilitou os grandes saltos civilizacionais, a viagem pelo cosmos e a chegada à lua, Eugenio Coseriu recupera o valor metafísico inicial do conceito de energueia, ligando-a à fonte da complexa manifestação humana como um exercício intelectual e especulativo de recuperação das bases culturais.

3.3.2. A faculdade de falar é a predisposição inata da realidade humana

[368] Veja-se também *supra* tabela 1, p. 73.

defendida por vários filósofos[369], homens de ciência[370], artistas, pensadores, porém, apenas para Coseriu a língua e o pensamento constituem um todo. O progresso humano não suporta a explicação materialista[371] ligada aos fatos exteriores ao homem, nem se fixa no plano biológico, por exemplo na constituição complexa do cérebro, na sua densidade, ou localização[372]. Coseriu tem em consideração a universalidade desta faculdade humana através da qual o homem humaniza o mundo dando consistência semântica a tudo o que existe ou possa vir a existir.

Estabelece uma distinção radical entre o que pertence à natureza, respetivamente a faculdade de falar em geral, e a sua realização como ato de criação que expressa o humano do homem. Este ato torna possível o entendimento entre pessoas que, embora falem línguas completamente diferentes, chegam a conviver e a entender-se numa criação que ativa as designações mentais. A língua dos outros (criada pelos antepassados e permanentemente recriada por cada um) na sua energueia oferece, conforme a sua configuração mental, fónica e lógico-simbólica, o modo de ver o mundo, enriquece a existência pessoal e abre caminho para se chegar quer aos outros, quer às coisas, por outras palavras, realiza a estruturação mental do mundo e da consciência de cada falante. O elemento que torna mais palpável a unidade entre linguagem e pensamento é o "discurso" que não deve ser entendido no sentido especializado, formalmente, como a unidade da fala que principia e termina com uma pausa ou alterna com outra, num diálogo.

---

[369] ARISTÓTELES em *De Anima*, Giambattista VICO em *Ciência Nova* (1725), Georg Wilhelm Friederich HEGEL na sua celebre *Fenomenologia do Espírito* (1806), Johann Gottfried von HERDER no seu *Ensaio sobre a origem da linguagem* (1772) Martin HEIDEGGER na obra *A caminho da linguagem* (1959), Noam CHOMSKY em *A estrutura lógica da teoria linguística* (1955) e outros.

[370] Gene da linguagem denominado FOXP2 localizado na região do cromossoma 7 que contém cerca de 70 genes. Veja-se Bijal P. TRIVEDI, "Scientists Identify a Language Gene", *National Geografic Today*, October 4, 2001, http://news.nationalgeographic.com/news/2001/10/1004_TVlanguagegene.html._ C. LAI, S. FISHER, J. HURST, E. LEVY, S. HODGSON, M. FOX, S. JEREMIAH, S . POVEY, D. JAMISON, E. GREEN, "The SPCH1 Region on Human 7q31: Genomic Characterization of the Critical Interval and Localization of Translocations Associated with Speech and Language Disorder", *The American Journal of Human Genetics*, Volume 67 , Issue 2 , 2000, pp. 357 – 368.

[371] Erich Fromm compara o progresso humano com o movimento do cavalo no jogo de xadrez, pois este mantém sempre o elemento de surpresa numa variedade de possibilidades. Erich FROMM, *Texte alese*, Bucureşti, Editura Politică, 1983.

[372] Denominada "zona de Broca" no lobo frontal esquerdo. Paul BROCA, "Remarques sur le siège de la faculté du langage articulé, suivies d'une observation d'aphemie (perte de la parole)", in *Bulletins de la société anatomique de Paris*, 1861.

> "*5.1. O plano do discurso é o plano da realização individual e ocasional da linguagem. O discurso – sendo um ato ou uma série de atos de falar – segue, em princípio, as normas universais "de coerência" do falar em geral, salvo nos casos em que estas normas estão suspensas pela língua em que se realiza o próprio discurso.*" [373]

O conceito de discurso utilizado por Coseriu, ligado à energueia da linguagem, é muito abrangente e abraça toda a fala individual. Quando alguém fala, pensa ou escreve, cria um discurso. O discurso é a forma imediata onde a língua se apresenta com tudo o que ela compreende: técnicas, normas, palavras, expressões idiomáticas, estruturas específicas, elementos ultrapassados pela criatividade individual. A orientação "energética" do discurso dirige-se sempre para o futuro, como dimensão histórica, alimentando assim a criação metafórica na linguagem. A liberdade de criação pode por vezes, como acontece na poesia ou na linguagem oral, suspender algumas normas, visando uma finalidade expressiva que, na situação da suspensão das normas de coerência do saber elocucional, do pensamento geral, é anulada pela coerência ao nível do discurso, como é o caso nos versos de Goethe no *Fausto* citados por Vossler e retomados por outros linguistas "*cinzento, querido amigo, é toda a teoria, / Mas é verde a árvore dourada da vida.*"[374]

3.3.3. Um outro traço ilustrativo da energueia do sistema coseriano visa a compreensão da língua e das técnicas de falar na sua componente mental, denominadas genericamente por Coseriu pelo termo grego *dınamis*, ou, como sinónimo, o termo proposto por Chomsky na sua teoria linguística, *competência linguística*. Se este último fala apenas duma competência[375],

---

[373] "*5.1. El plano del discurso es el plano de la realización individual y ocasional del lenguaje. El discurso –siendo un ato o una serie de atos de hablar – sigue, en principio, las normas universales «de coherencia» del hablar en general, salvo en los casos en que estas normas están suspendidas por la lengua en la que el discurso mismo se realiza.*" Eugenio COSERIU, "Lógica del lenguaje y lógica de la gramática", *Gramática, semántica, universales*..., pp. 37-38.

[374] „*Grau, teurer Freund, ist alle Theorie, / Doch grün des Lebens golden Baum*" apud *Ibidem*, p. 38. A Vossler cita os respetivos versos para evidenciar o caráter não lógico da gramática.

[375] "*To study a language, then, we must attempt to disassociate a variety of fators that interact with underlying competence to determine atual performance; the technical term "competence" refers to the ability of the idealized speaker-hearer to associate sounds and meaning strictly in accordance with the rules of his language. The grammar of a language, as a model for idealized competence, establishes a certain relation between sound and meaning – between phonetic and semantic representations.*" Noam CHOMSKY, *Language and Mind*. Enlarged edition, New York – Chicago- San Francisco - Atlanta, Harcourt Brace Jovanovich, 1972, p. 116.

no sentido de conhecimento da língua como algo externo que o falante deve conhecer, Coseriu, numa visão global, identifica três níveis de competência que manifestam a energueia como atividade criadora. A *competência elocucional* ou *saber elocucional* visa as normas do falar lógico, a coerência lógica das expressões, as normas da linguagem e da fala em geral. É evidente que, por exemplo, as partes do corpo humano têm sempre um determinante adjetival e por tal razão não se afirma: *Esta criança tem olhos*, mas sim: *esta criança tem olhos azuis.*

O que é o pensamento senão uma energueia contínua? O pensamento é universal e significativo, carrega com ele um conteúdo semântico, não automático, como sustenta o behaviorismo[376]. Coseriu dá a máxima importância ao "*lógos semantikós*", à palavra que significa, à linguagem que significa, à situação que significa através da linguagem. O conhecimento ou saber elocucional é um conhecimento prático, funcional, da potencialidade do funcionamento da linguagem em geral. Ao nível histórico, a competência idiomática apresentada por Coseriu marca a dimensão futura da língua, leva-nos a entender o momento em que a criança principia a falar, no sentido de conhecer o mundo através da língua, a identificar-se com os outros que falam a mesma língua. Através do fenómeno da língua, assume as realidades e os valores instituídos, as tradições, a história dum passado comum, os valores morais, as crenças, os costumes, numa compreensão global do mundo, do seu povo e do ego que vive uma experiência única na construção da sua individualidade.

Interpretando a competência idiomática como energueia, deduz-se que a criança não recebe a língua do exterior, constrói-a, ajustada segundo um modelo instituído pelos adultos. Através da língua, o indivíduo constrói simultaneamente duas identidades: uma pessoal e outra coletiva, num jogo de interdependência. Neste sentido, ser homem significa falar o idioma duma coletividade consigo próprio e com os outros.

A fala evidencia a competência, o conhecimento ou o saber expressivo. A energueia apaga os contornos racionais exatos da competência expressiva

[376] Visa-se especialmente o behaviorismo materialista que se inicia com Ivan Petrovich Pavlov, continua com o positivismo lógico e a filosofia do Circulo de Viena, conhecendo uma grande propagação na América e no mundo anglófono através das obras filosóficas de Carl Hempel, Ludwig Wittgenstein e Bilbert Ryle numa atitude anticartesiana. O último, na sua famosa obra *O conceito de mente* (1945), caracteriza o dualismo mente / corpo como "o dogma do fantasma na máquina". As teorias dos psicólogos J.B. Watson e B.F. Skinner defendem um behaviorismo psicológico, tentando ver e controlar o comportamento das pessoas (ou animais), estudando os estímulos necessários para produzir algumas respostas. Mencionam-se os clássicos da teoria behaviorista: Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf.

entendida como uma técnica dum conhecimento seguro, mas intuitivo.

> "*Toda a competência linguística é técnica, é conhecimento seguro, mas intuitivo. O falante sabe como se diz, porque se diz, o que se diz, embora não possa explicar senão pelo fato que «diz-se assim»*".[377]

Seguindo a apresentação das competências linguísticas de Coseriu na sua complexidade semântica e funcional, entende-se como Noam Chomsky ao tratar a competência idiomática, apenas analisa a competência expressiva, crendo que chegou a identificar a dimensão universal, a competência elocucional no modelo coseriano.

3.3.4. Coseriu ao considerar a linguagem como energueia e logos semântico opera uma delimitação teórica dos conteúdos distintos na fluidez semântica, complexa e unitária da linguagem, a fim de tornar funcional esta visão. Consequentemente, a designação é, segundo ele, o conteúdo mental preenchido pela "essência"[378] das coisas imaginadas e pensadas pelo homem, que permite o relacionamento do processo mental com os dados extra-linguísticos.

> "*5.3.4. A designação é uma possibilidade da linguagem que se fundamenta na linguagem como significação. E a designação é o que nos conduz ao mundo das coisas que, em consequência, como mundo "estruturado* [...] *só pode ser alcançado mediante a linguagem.*"[379]

Através da designação, a linguagem oferece ao homem "*o acesso ao extra-linguístico, às próprias coisas*"[380]. O conhecimento do mundo dos objetos é revelado através do mundo dos significados e da configuração

---

[377] "*Toată competența lingvistică este tehnică, este cunoaștere sigură, dar intuitivă. Vorbitorul știe cum se spune, de ce se spune ce spune, însă nu poate explica altfel decât prin faptul că «așa se spune».*" "Eugenio COSERIU, "Competența lingvistică", *Prelegeri și conferințe...*, p. 36.

[378] Para se entender a distinção entre a energueia como essência no plano da linguagem na designação e a energia universal da existência, vejam-se as referências de Michel DELON, *L'idée d'énergie au tournant des Lumières (1770-1820)...* R. MORTIER, "Le Système de la nature, une bible matérialiste", *Beiträge zur romanischen Philologie*, XV, 1976 [1977]. "Energie *devient ainsi synonyme d'essence. Chaque corps de l'univers est caractérisé par son énergie propre qui participe du dynamisme universel et assure l'hétérogénéité de la matière. «Toutes les forces, toutes les essences, toutes les énergies sont soumises» à cette force centrale qu'est la nature. «Cette force irrésistible, cette nécessité universelle, cette énergie générale» est une suite de la nature des choses qu'on peut subsumer sous le nom de nature. L'illusion religieuse consiste à avoir isolé cette force, d'en avoir fait un être à part, abstrait et métaphysique, Dieu.*" Michel DELON, *L'idée d'énergie au tournant des Lumières (1770-1820)...*, pp. 163-164.

[379] Eugenio COSERIU, *O homem e a sua linguagem*, p. 27.

[380] *Ibidem*.

linguística que atualizam as designações universais. A designação mostra como a mente humana trabalha num contínuo e pede necessariamente a criação dum sistema de signos. A designação, como o mais elevado conteúdo mental, é dificilmente expressa em termos concretos. Quando falamos desta como imagem mental, índice, operações mentais, relações lógicas, operamos apenas uma aproximação à designação. Se para o homem não existe uma representação designacional das coisas, elas pura e simplesmente não existem para ele. Como o ser humano fala e constrói o mundo ao nível simbólico, a designação é orientada para os mundos real, afetivo, imaginário, espiritual, embora os sentimentos, o plano divino e outros não tenham uma existência palpável e visível, mas uma existência semântica, fundamentalmente como designação. Com a sua criatividade, a energueia da linguagem preenche a mente de imagens e pensamentos. Coseriu, deixando de lado o jogo especulativo da forma e conteúdo[381] da linguagem, introduz a realidade do pensamento na língua em todos os níveis, sendo a principal razão de existência e de manifestação linguística do homem, pois a linguagem não é algo externo, imposto ou aceite, é uma criação individual dum bem comum. O acento principal recai sempre nos conteúdos mental, semântico, manifestados numa ou noutra forma, num ou noutro nível, para se entender, criar, imaginar, explicar e comunicar o que é referenciado. A mente, no seu labor contínuo criativo, materializa a designação num significado que contém uma consistência formal, material, sensível.

> "*5.3.3. O significado implica apenas a possibilidade do «ente» – um «ser tal e qual» –, e não o próprio ente.* [...] *Mas a mera possibilidade é algo universal; por isso, somente através duma operação secundária de individualização, a partir do universal, a linguagem pode chegar à designação dos exemplos particulares do «ser tal e qual».*"[382]

[381] Saussure constrói a sua teoria estruturalista nesta base e Louis Hjelmslev, o fundador da glossemática, vai mais além. Na sua teoria formal, como uma "álgebra da linguagem", fala sobre a forma e conteúdo da forma e a forma e conteúdo do conteúdo, um raciocínio linguístico dedutível de ser levado ao infinito, como um fascículo. Encontramos esta imagem de fascículo na filosofia de Lucian Blaga quando discursa sobre a natureza fascicular do conhecimento humano, onde uma resposta a uma pergunta abre outras duas perguntas e as suas respostas abrem outras duas perguntas e assim *ad infinitum*. cf. Lucian BLAGA, *Trilogia cunoașterii*, Fundația Regala Carol al II-lea, 1943. Para o filósofo romeno, o homem vive na zona do mistério que se revela nos atos da cultura. cf. Eugenio Coseriu, *Forma y substancia en los sonidos del lenguaje*, Montevideo in Revista de la Facultad de Humanidades y Ciências, Nº 12, Júlio 1954, pp.143-217, reproduzido em Idem, *Teoría del lenguaje y lingüística general*, Madrid, 1973, pp. 115-234, e especialmente as páginas 174-210.

[382] Eugenio COSERIU, *O homem e a sua linguagem...*, p. 27.

A designação pertence ao nível universal, sendo o elemento linguístico inteiramente ligado ao pensamento e de modo igual às realidades concretas extralinguísticas, relacionando os conteúdos da língua e mente com os objetos. Nesta situação e porque o significado da língua é indeterminado em relação aos entes, podemos tomar como exemplo o significado da palavra "árvore", indicador da qualidade existencial de "ser árvore" e assim em todas as situações "ser homem", "ser mulher", "ser caminho" visam uma qualidade anterior a qualquer aplicação aos entes que correspondem a esse modo de ser e que se realiza apenas através da designação. A situação das designações individuais fixadas historicamente como "nomes próprios" é um fenómeno secundário "que pressupõe a apreensão do universal", pois existem nomes próprios apenas para entes já nomeados mediante apelativos, exatamente ao contrário do funcionamento dos significados comuns da língua.

A palavra tem um conteúdo semântico, denominado significado, presente nos dicionários lexicais da língua. Por exemplo, o conteúdo duma imagem mental (designação) ao qual se dão diversos nomes, significados, formas de manifestação linguística, mas com o mesmo conteúdo mental: Português: *cavalo*, Romeno: *cal*, Inglês: *horse*, Alemão: *Pferd*, Francês: *cheval*, Italiano: *cavallo*, Espanhol: *caballo*, Húngaro: *ló*, Checo: kůň, Russo лошадь, Polaco: kon. Nestas línguas, a designação organiza-se seguindo normas específicas, apresenta uma estrutura própria. Assim, nas línguas francesa e portuguesa, o verbo *porter* e *levar* podem ser equivalentes, mas na primeira, *porter* usa-se apenas para um objeto que acompanha um movimento, sem ele próprio se mexer. *J'ai porté ma fiancée au cinema*, pressupõe que alguém levou a sua noiva "ao colo" ao cinema.

Assim, deduz-se que em cada língua existe uma delimitação das possibilidades de designação, nomeada *significado*. Para as línguas artificiais, como o esperanto, lógicas ou universais, a designação e o significado são idênticos, confundem-se[383].

Igualmente, o uso da língua pode ter o seu próprio significado criado através duma tradição linguística e cultural próprias, como nos indica a fórmula de saudação "*Bom dia*" em algumas comunidades alemãs é equivalente a "*Grüß Gott*!" com o sentido de "saudamos Deus" e na língua japonesa "*Ohayo gozaimasu!*" com o sentido "é cedo"; por esta razão, estas construções não podem ser explicadas através da ocorrência textual, mas sim como significados.[384] O significado concretiza a designação e estrutura o entendimento do homem.

[383] Idem, "Competența lingvistică", *Prelegeri și conferințe...*, p. 40.
[384] *Ibidem*, p. 41.

> "*1.1.2.1. O significado é a estruturação da experiência humana.* [...] *Portanto, as línguas não devem ser interpretadas como simples nomenclaturas, materialmente diversas, para coisas já dadas, mas, antes, como mundo da experiência.*"[385]

A língua não é comprovação mas imposição de limites dentro do que foi experimentado pelos outros e pelo falante. Pertencendo à língua falada pelo sujeito, não somente atualiza as designações, mas o marca psicológica e fisicamente ao ponto de sentir a língua, de colá-la à existência que é ao mesmo tempo o seu mundo de experiência, da vivência linguística.

Evidencia-se assim o valor "interior" humano da linguagem viva para tudo o que é "exterior e material", extralinguístico.

> "*Não há nenhuma razão objetivamente imperativa para que se distinga «comer» para pessoas (al. essen), de «comer» para animais (al. fressen), ou entre escala de mão (al. Leiter) e uma «escala de um edifício» (al Treppe).*"[386]

A energueia sustenta o fato de que o significado não estrutura as "coisas" externas, mas apenas internas, como objetos já conhecidos ou como conteúdos da consciência humana. Não se deve confundir o estímulo externo e a perceção sensorial dos objetos com o conteúdo da consciência.

Na linguagem não se opera nenhuma distinção entre algo interno e externo, os objetos da crença e da imaginação são concebidos pela linguagem exatamente do mesmo modo que os objetos da perceção sensorial.

> "*1.1.2.3. O significado como tal não concerne às coisas como "entes", mas ao ser das coisas, isto é, à universalidade da experiência individual; por outras palavras, à experiência com a sua própria possibilidade infinita.*"[387]

O significado é em certo sentido "subjetivo", entendido como a objetivação dum conteúdo subjetivo da consciência que alcança também a intersubjetividade de todo o ato de nomear. O poder de qualquer palavra vem exatamente da possibilidade de designar tanto os objetos existentes como outros que já não existem ou que virão a existir.

> "*O significado pode, portanto, ser definido como possibilidade ou virtualidade da designação. Uma palavra pode, certamente, designar também algo individual, mas apenas através duma*

[385] Idem, "A linguagem e a compreensão da experiência do homem atual", *O homem e a sua linguagem*, pp. 34

[386] *Ibidem*.

[387] *Ibidem*, p. 35.

> *significação universal e mediante uma individualização, em virtude duma operação de determinação.*"[388]

Coseriu esclarece a relação funcional entre designação e significado exemplificando-a com os pronomes pessoais e demonstrativos, universais pelo seu significado mas apenas pela situação do falar se determinam como designações individuais: "este *e* eu *não significam em si indivíduos, mas apenas, por assim dizer, "estidade" e "euidade*"[389]. Na situação dos nomes próprios opera-se uma individualização histórica e não ocasional que dirige a criatividade. A interpretação de Coseriu facilita o entendimento destes conceitos:

> "*Significado e designação são funções linguísticas totalmente diferentes: o significado é conceptual, a designação, por outro lado, é "objetiva". A identificação do significado com o objeto designado é um erro de que nos últimos tempos até mesmo a lógica positivista que a defendeu durante muitos anos se vai libertando.*"[390]

Sintetizando a aceção coseriana de significado, identificamos quatro traços característicos: a *estruturação da experiência humana*, que não estrutura "algo externo", mas apenas "interno" e que concerne o ser das coisas, *a universalidade da experiência individual* na sua própria possibilidade, *a delimitação das coisas mediante a linguagem* e *o acesso às mesmas* pensadas primeiramente pelo homem como certezas da sua própria experiência de vida, elementos na aventura de conhecer e experimentar outras facetas da vida.

> "*A linguagem como significado possibilita o falar como asserção, que se refere às próprias «coisas» e com o qual inicia a ciência das «coisas».* [...] *A linguagem "prepara", por assim dizer, as «coisas» para a ciência, ao proporcionar-lhe uma primeira delimitação necessária das próprias «coisas».*"[391]

A energueia torna possível o mundo de significados duma língua na sua atividade contínua de criar palavras e expressões quer com um conteúdo idêntico ou semelhante, mas sempre ajustável, quer com conteúdos variáveis, criados intencionalmente para várias relações lógicas e afetivas. Visto como um complexo semântico dum texto, o sentido é o conteúdo mental duma sequência linguística que constrói uma realidade significativa, quer para o falante quer para o ouvinte. O que é analisado num texto é precisamente a sua

---

[388] *Ibidem.*

[389] *Ibidem.*

[390] *Ibidem.*

[391] *Ibidem*, pp. 35-36.

dimensão semântica, o lado invisível. O sentido é a parte mais evidente da linguagem onde se manifesta a energueia do falante, a sua afirmação pessoal de uma maneira coerente como uma realidade mental que pode ser entendida pelos outros. Coseriu menciona algumas dinâmicas do sentido textual ao tratar a lógica da linguagem e da gramática. A energueia do sentido liga-se às determinações ulteriores da linguagem que criam versões complexas semânticas do mundo numa dimensão apofântica, pragmática ou prática e poética. Devido à sua complexidade, não se pode operar uma distinção rigorosa entre estas três dimensões, pois a fala abraça todas as manifestações humanas:

> "*O falar pode ser verdadeiro ou falso, preciso ou impreciso, claro ou obscuro, pode ser mentira ou engano, mero palavreado ou falatório vazio; mas a linguagem não pode ser nada disso. A linguagem como tal é a mais inocente possível, pois que, no tocante aos seus empregos do falar, revela-se totalmente indeterminada.*" [392]

Por sua vez, a realização do sentido na língua corrente pode ser julgada do ponto de vista universal, evidenciando a sua congruência no que respeita às regras gerais do pensamento humano e sendo o fundamento da compreensão; do ponto de vista histórico como sendo correto, pois respeita as normas e as regras do falar numa técnica histórica com uma tradição própria, e finalmente, do ponto de vista da realização individual, esta deve ser adequada (τὸ πρέπον) às circunstâncias da fala. O sentido na sua criação e recriação ultrapassa a simples adição de significados dum texto (lexicais, fonéticos, intencionais, gestuais, gramaticais), concentra a expressividade linguística numa verticalidade poética e num plano pragmático. As manipulações ideológicas e religiosas ilustram a estrutura poética dos textos de outra natureza onde as realidades textuais são entendidas como extralinguísticas. O papel dos textos é fundamental em todas as atividades humanas exatamente porque se valoriza o lado energético do sentido que veste o homem numa auréola viva, interpretação diferente da estilística que estuda os textos literários como *érgon* (ἔργον), um universo de discurso artístico fixo, tomando o elemento formal como principal e ignorando a sua essência: a energueia[393].

[392] *Ibidem*, p. 47.

[393] Na realidade, encontra-se uma grande tradição descritiva da linguagem que prefere tomar a língua como érgon: "*A posição de Quine colocar-se-á também em saber até que ponto conhecemos a sintaxe da língua ewe* [é uma das línguas kwa falada no Gana, Tongo e Benim] *sem ser a partir da nossa. Retenhamos por agora o que me parece decisivo: historicamente, segundo uma necessidade incontornável, foi necessário que a filosofia tivesse estabelecido o seu discurso, nomeadamente produzindo a tabela das dez categorias, para que as gramáticas e as linguísticas se viessem a*

3.4. Estratégias semânticas da energueia

3.4.1. Propomos uma apresentação do conceito-chave da teoria coseriana através das estratégias semântico-poéticas. Consideramos útil operar a demarcação destas no processo contínuo e não distintivo da criatividade humana, uma vez que a energueia torna possível o processo metafórico entendido como um processo de criação de sentido. Em seguida, tenta-se problematizar e revelar três facetas da mesma realidade que não se podem reduzir umas às outras e assim excluem-se as formas de pensamento reducionista e oferece-se um caminho possível de ultrapassar a simples descrição formal.

Os momentos dividem teoricamente o processo criativo em passos sucessivos que não anulam o valor monádico e global da criação que surge espontaneamente. Como sentido, a energueia altera a visão do mundo e a sua estruturação na nossa mente onde tudo o que se relaciona com o homem recebe a marca humana. Para melhor se entender este fato através da manifestação contínua, complexa e indivisível da *energueia*, interpreta-se a realidade semântica deste conceito em três estratégias semânticas possíveis, apresentadas como momentos de estruturação semântica: *diafórico*, *endofórico*

---

constituir no Ocidente. Essas dez categorias são «partes do discurso» [...] *que nos obrigará à distinção entre morfologia e sintaxe em relação à definição dessas «partes do discurso». Foi pois necessário aos Gregos pensar o ser para em seguida vir a pensar a língua, produzir textos de pensamento e conhecimento para que a língua e a frase viessem a ser pensadas e conhecidas. O que nos leva a recuar um pouco e dar atenção a Platão.*" Fernando BELO, *Linguística e filosofia diante da sintaxe. Pensamento / Língua ou frase / Texto*, Lisboa, s.n., 1988, pp. 22-23. Para Coseriu uma frase é um texto, é um enunciado entendido como uma atividade que tem um sentido, e a sua visão sobre a filosofia e a linguística é diferente da de Fernando Belo que discursa: "*O que é a Filosofia? É um texto de tipo gnosiológico, relativamente autónomo dos narrativos e discursivos, que se deu como objetivo especifico a organização dos textos gnosiológicos ocidentais, isto é, o próprio pensamento enquanto capaz de conhecer o ser, a realidade, conhecimento verdadeiro ou falso, conhecimento de tendência universal. A filosofia é textos sobre textos. E a linguística, o que é? É um tipo de texto gnosiológico que se deu como objeto específico o conhecimento das articulações das frases duma língua. É texto sobre frases, sobre a língua como sistema de regras de articulação das frases. A distinção pensamento/língua (filosófica) corresponde à distinção texto/frase (linguístico-semiótica). O que a história do Ocidente nos ensina é que foi necessário pensar o texto, a fala, antes de se poder pensar a frase, a língua, mas que, num momento crucial deste primeiro pensamento (quer no* Sofistas, *quer nas* Categorias*), se abriu o caminho das gramáticas e das linguísticas.*" Fernando BELO, *Linguística e filosofia diante da sintaxe...*, p. 26.

e *epifórico*.[394]

3.4.2. O primeiro momento, *diafórico*, marca o rompimento entre a vida, a realidade, as coisas e as suas representações. O homem quer entender tudo. A *energueia* da linguagem está presente neste princípio da inteleção das coisas, de atingir a essência do existente, de criar, simbolizar, levar consigo e transmitir conteúdos semânticos, num processo contínuo de dar e receber sentido para a vida. Do ponto de vista histórico, é o momento em que são criadas as línguas, do ponto de vista individual é a altura em que o homem principia a falar. No momento *diafórico*, o homem deixa de ser o animal que vive numa horizontalidade dum presente contínuo, satisfazendo unicamente as necessidades vitais. Este primeiro momento cria uma tensão semântica que o acompanhará durante toda a sua vida, tensão entre o que ele vê, sente, vive, apalpa, cheira, ouve e a compreensão destas faculdades e atividades vitais através da linguagem, do relacionamento mental entre realidades, imagens mentais e palavras. Quando o homem se depara com algo novo, transpõe o seu conteúdo mental para uma interpretação dos conteúdos semânticos já existentes ou cria uma palavra especial para denominar aquela realidade, sem a qual esta não pode existir numa dimensão semântica. O mesmo acontece quando o aluno se depara com novas palavras que devem ser preenchidas com conteúdos semânticos para serem entendidas, pois estas não contêm nada se os falantes não conhecerem o conteúdo da língua. Este momento leva-nos a entender como a linguagem, antes de qualquer determinação ulterior, é fundamentalmente "*lógos semantikós*".

3.4.3. O momento *endofórico*, inteiramente simbólico, utiliza apenas as palavras para solucionar a tensão *diafórica*. O sujeito falante busca sempre correspondências entre configurações múltiplas. É o lugar de manifestação das operações mentais importantes do pensamento. Tenta-se pela primeira vez anular qualquer tensão entre o desconhecido e o conhecido, converter tudo em conteúdos de consciência, o que Coseriu denomina "entendido". Tudo é e deve ser entendido, acreditado e partilhado com os outros. Estruturam-se mentalmente os mundos visível e invisível, palpável, afetivo, humano e divino. Qualquer dúvida e tensão no entendimento das coisas, na sua coerência e fluidez são anuladas. O sentido criado pela energueia numa atividade sistémica é de equilíbrio, de estrutura estável, de permanência, concretizado nos conceitos de verdade, de belo, de virtude, de mistério, de limpidez, de profundidade, de amor, de consanguinidade, de família, de amizade, por outras palavras,

[394] Termos pertencentes a Aristóteles. Mircea Borcilă no seu curso de poética na Faculdade de Letras de Cluj, Roménia, utiliza estas estratégias semânticas para explicar o processo metafórico. cf. Simion Doru CRISTEA, *Funcţia simbolic-mitică în textul religios*, Cluj-Napoca, Editura Gedo, 2005, p. 117.

tudo o que confere um equilíbrio à humanidade. É uma boa oportunidade para desenvolver a reflexão humana, a meditação, a introspeção, preparando e motivando o homem a agir, executar, colocar em prática as palavras, os seus textos ou os textos de outrem.

3.4.4. O terceiro momento, *epifórico*, transpõe a dimensão semântica da língua para a prática, ultrapassa as limitações semânticas dos termos textuais, modela a realidade externa seguindo o sentido criado dum texto numa designação própria com uma abertura total para qualquer recriação. Esta última é, por assim dizer, a outra faceta da energueia, uma vez que tudo o que acontece é o resultado dum texto, sem o qual não existia nenhuma recriação. A energueia manifesta-se aqui como uma contínua modelação dum texto originário em textos derivados, recriados numa determinação ou outra. Epifórico é o espaço amplo da manifestação do "*lógos semantikós*" junto com as suas determinações ulteriores do "*lógos apofantikós*", "*lógos pragmatikós*" e "*lógos poietikós*". O "*lógos semantikós*" com a determinação ulterior do "*lógos apofantikós*", diferencia num juízo dual a existência da não-existência, a verdade da mentira, o bem do mal. Juntamente com o "*lógos pragmatikós*", visa qualquer manifestação pragmática da linguagem e a relação entre os textos e as diversas atividades humanas em domínios específicos: técnicos, científicos, políticos, ou as línguas gestuais. O "*lógos semantikós*", concomitantemente com o "*lógos poiéticos*", manifesta a energueia na sua forma mais comum: criar, identificar e comentar obras de arte. A manifestação poética da linguagem está igualmente presente na construção dum texto de outra natureza: científica, religiosa, política, concretizando a intencionalidade dos autores em demonstrar algo e convencer de algo. Estas estratégias semânticas auxiliam-nos a entender a natureza processual da energueia, a sua vivência e dinâmica regenerativa contínua, o tomar sempre tudo do princípio e nunca se esgotar na criação do sentido, caracterizando a língua na sua essência e no seu conteúdo semântico. Precisamente por esta razão o homem é a sua linguagem, o homem é a linguagem, o homem é energueia em ato.

Capítulo IV

Energueia na semântica

"forma interior" da linguagem

1. Semanticidade e semântica. 1.1. A semanticidade da linguagem. 1.2. Semântica estrutural – variante coseriana. 1.3. Semântica e semasiologia. 1.4. A verdadeira semântica cognitiva é a semântica estrutural. **2**. A atividade cognoscitiva. **3**. Lógica coseriana. **4**. Distinções funcionais coserianas na lógica da linguagem.

Como se apresenta a linguagem na sua totalidade? O que dá consistência, estabilidade, dinamismo e abertura à linguagem? Em que medida esta problemática visa a energueia da linguagem? Quais os objetivos funcionais desta abordagem diferentes dos das abordagens anteriores?

4.1. Semanticidade e semântica

Ao tratar filosoficamente a natureza da linguagem, Coseriu considera necessário analisar as respostas dadas às questões: *O que significa ser semântico*? *O que é a semanticidade*?[395] A fórmula aristotélica *εν σημαίνειν*[396], por ele traduzida como "*significar um único*", "*significar uma única coisa, uma única unidade*", permite reconhecer nas coisas uma unidade constante

[395] "*Ce înseamnă a fi* semantic*? Ce este* semanticitatea*?*" Eugen COȘERIU, "Filosofia limbajului", *Prelegeri și conferințe...*, p. 16.
[396] ARISTÓTELES, *De anima* e as obras Γ e Δ de *Metafísica*.

que essencializa algo através da designação, ou, pura e simplesmente *o "entendido"* ou significado que nos permite utilizar a mesma palavra para nomear uma série infinita de coisas. Filosoficamente, a significação aponta para a possibilidade de designar uma unidade de essência, um modo de ser dos objetos extra-linguísticos. Uma palavra não é uma garantia da existência dos seres e coisas denominadas que existem como tal, mas pode significar o fato de ser duma realidade na sua particularidade. Tomemos como exemplo a palavra *criança*, significando o "fato de ser criança" (a criancidade*), o que se reconhece facilmente em cada criança, tal como a palavra *comida* significa não só comida em si, mas vai mais além das determinações ligadas à sua origem, tem toda uma carga cultural, isto é, o seu modo de preparação, tradições religiosas (a comidacidade).

Coseriu discursa sobre a operação do espírito que torna possível esta criação de significação, descrita por Aristóteles na obra *De anima* como *νοέσις των αδιαίρετων*[397], uma captação do unitário, o que não pode ser analisado, dividido, traduzida para latim como *"apprehensio simplex, indivisibilium intelligentia"*[398].

Como Aristóteles, Coseriu insiste na ausência de ligação entre análise e síntese como operações da razão e a operação *νόεσις των αδιαίρετων* realiza-se na linguagem.

4.1.1. Coseriu considera a semântica fundamental na construção e função da linguagem. Para ele, ser linguístico significa em primeiro lugar ser semântico:

> *"Na linguagem tudo é semântico: a gramática não o é menos que o léxico, a palavra em geral e as línguas não o são menos que o discurso."* [399]

Ao abordar-se a *"ars combinatoria"* e *jogo de palavras*, permanece-se na superfície da expressão linguística assim como o oposto, isto é, declarando-se uma semântica autónoma, autossuficiente, com valor em si própria, comete-se um erro grave ao separar a linguagem do pensamento e ignorar o lado linguístico.

Para Coseriu, ser semântico significa atividade mental entendida como

[397] Idem, *De anima*, 430a.

[398] Santo TOMÁS de AQUINO, *In libros Peri Hermeias exposition*, Proemium, 1, e Lect. III, 2-3, Hegel, *Enzyklopäedie*, & 459 fazem referências a ARISTÓTELES, *De interpretatione*, 16ª, 10-17. Apud Eugenio COSERIU, *Gramática, Semántica, Universales...*, p. 26.

[399] *"Dans le langage, tout est sémantique: la grammaire ne l'est pas moins que le lexique, la parole en générale et les langues ne le sont pas moins que le discours."* Eugenio COSERIU, « Pour et contre l'analyse sémique », in *Proceedings of the XIII^th International Congress of Linguists*, August 29-September 4, 1982, Tokyo, p. 137.

conteúdo vivo, não fixo. A clareza semântica é dada através da sua contínua recriação em cada situação e por cada falante.

A semanticidade não está nos elementos linguísticos, mas na atividade mental do homem, e por conseguinte, não existe uma semântica em si mesma, deve sempre relacionar-se com as atividades humanas já que a atividade de falar é marcadamente semântica.

> "*O «plano de expressão» é determinado pelo «semântico» e pode assumir por sua vez funções miméticas de simbolização direta ou de evocação. Por conseguinte, falar de semântica equivale a falar de toda a linguística.*"[400]

Não existe semântica sem linguística, deve-se analisar atentamente a relação íntima entre as duas, que não se reduzem uma à outra, como por vezes se interpreta.

4.1.2. A *semântica estrutural* estuda a estrutura da significação ou do significado lexical, o conteúdo dos lexemas e a sua estruturação numa língua, respetivamente as relações internas dum domínio ou dum objeto de estudo. Quando se aprende uma língua, na realidade analisa-se o estado das coisas e reportamo-lo a um significado.

Este fato é fundamental nas traduções, pois antes de mais deve-se entender qual o fato denotado e em seguida pesquisar o significado na língua para que se traduz. Assim, numa tradução não se passa dum significado a outro, já que o mesmo é apenas instrumento de designação.

No ato de tradução sucede primeiramente uma operação semasiológica, que responde à pergunta sobre *o que designa esta significação ou aquele significado*, em seguida uma operação onomasiológica quando se interroga: *como se denomina aquele fato noutra língua.*[401]

Na semântica estrutural proposta por Coseriu e seguida pelos seus discípulos da "Escola de Tübingen", entre os quais se destaca Horst Geckeler[402], distinguem-se os seguintes tipos de estruturas ou relações estruturais: as

---

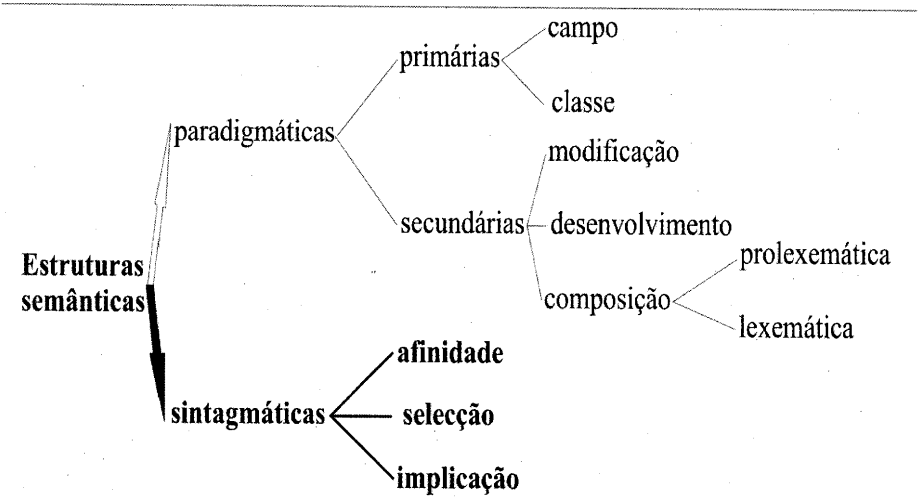
[400] "*Le « plan de l'expression », y est déterminé par « le sémantique » et peut d'ailleurs assumer à son tour des fonctions mimétiques de symbolisation directe ou d'évocation. Parler de sémantique équivaut par conséquent à parler de toute la linguistique*", *Ibidem.*

[401] Veja-se E. COȘERIU, "Semantică Structurală", *Prelegeri și conferințe...*, p. 86.

[402] Horst GECKELER, *Semántica estructural y teoría del campo léxico*, trad. De Marcos Martínez Hernández, Madrid, Gredos, 1976 [1971]. Livro dedicado ao seu "*estimado mestre Eugenio Coseriu no seu quinquagésimo aniversário*". No quarto capítulo (pp. 211-245) apresenta a construção da semântica estrutural coseriana que utiliza criativamente a teoria do campo lexical de Trier e Weisgerber, tal como o princípio das oposições funcionais e a análise do conteúdo em traços distintos, numa reinterpretação e precisão do campo linguístico através do seu funcionamento.

paradigmáticas e as sintagmáticas.

As primeiras são estruturas constituídas *in absentia* ou apositivas (se A então não B), e as sintagmáticas *in praesentia* (se A então B) ou de combinação. Tome-se em atenção o quadro coseriano relativo à sua teoria semântica:[403]



Coseriu concebe uma relação *in absentia* dum termo que pertence a um paradigma, por exemplo os paradigmas das cores, do conhecimento humano do mundo por ele denominado "entendido". Na aceção coseriana, o conceito de *campo lexical* é entendido como o paradigma resultante da divisão duma zona contínua do significado lexical através de oposições diretas imediatas como o são, por exemplo, os verbos de movimento, os adjetivos que caracterizam a temperatura, os nomes das cores e outros.[404]

> "*Pensamos que a teoria dos campos concetuais deve ser combinada com a doutrina funcional das oposições linguísticas.*" [405]

O caráter específico do estruturalismo semântico coseriano mantém o aspeto funcional da linguagem como elemento determinante, constituindo-se como doutrina sólida do funcionamento da linguagem e do pensamento na distinção das realidades e na construção através de oposições que não se reduzem umas às outras, como defende a prática estruturalista saussuriana. No texto literário, nos sermões ou na fala alusiva, o sentido é atualizado pelas

[403] Veja-se E. COȘERIU, "Semantică structurală", *Prelegeri și conferințe*..., p. 88.
[404] Eugen COȘERIU, "Semantică Structurală", *Prelegeri și conferințe*... p. 88.
[405] "*Pensamos que la teoría de los campos conceptuales debe ser combinada con la doctrina funcional de las oposiciones lingüísticas.*" Idem, "Para una semántica diacrónica estructural", *Principios de semántica estructural*..., p. 39.

estruturas paradigmáticas, o que a semântica generativa interpreta como ilustrações da estrutura de profundidade, como pode ver-se, por exemplo, num dos mais curtos discursos na história da oratória:

> "*Éramos jovens e estúpidos.*
> *Agora a juventude passou.*"[406]

Conclui-se logicamente a 'permanência da estupidez'. O sentido pertence à estrutura paradigmática, a algo que não está patente no texto que tem toda uma carga semântica dada pelas palavras e relações existentes, mas sendo algo completamente diferente.

> "*A prova da comutação deve aplicar-se também às relações lexicais, não para identificar as unidades* [...] *mas para estabelecer os traços distintivos que as caracterizam e, deste modo, as oposições de conteúdo dentro das quais funcionam.*"[407]

A prova de comutação, longe de ser automática ou um tipo de ato reflexo, é um primeiro e elementar estádio de manifestação da criatividade, da energueia orientada no sentido de construir uma significação. Manifesta-se "*em dizer as coisas tal como estão*".

> "*Dito de outra forma: na prática, um campo estabelece-se na base de oposições simples entre as palavras e termina onde uma nova posição exigiria que o valor unitário do campo se convertesse no traço distintivo.*"[408]

---

[406] "*Eram tineri şi proşti. Acum tinereţea a trecut*" discurso de Dumitru Mircea, redator chefe da revista cultural *Tribuna*, Cluj-Napoca, Roménia, proferido na celebração dos 25 anos da nova série, a 10 de fevereiro de 1982.

[407] "*La prueba de la conmutación debe aplicarse también a las relaciones léxicas, no para identificar las unidades – que, en este caso, suelen estar dadas como tales – sino para establecer los rasgos distintivos que las caracterizan y, de este modo, las oposiciones de contenido en las que ellas funcionan.*" Eugenio COSERIU, "Para una semántica diacrónica estructural", *Principios de semántica estructural...*, p. 39. Numa nota, Coseriu menciona o seu parecer acerca da interpretação das realidades lexemáticas "*un contrasentido querer conmutar rasgos de significado como «aîné» y «cadet» en la unidad francesa frère para mostrar que no cambia (es decir, para identificarla en cuanto unidad de contenido), puesto que los rasgos «aîné» y «cadet» no pertenecen en absoluto a esta unidad, ni siquiera como rasgos de «sustancia» no distintivos (asociativos); cf. nuestra intervención en el VIII Congreso de Lingüística, Actes Oslo, pág. 698.*" *Ibidem*, nota 27, p. 39.. Referência bibliográfica completa: Idem, *Contribuciones a los debates del VIII Congreso Internacional de los Lingüistas*, Universidad de la República, Facultad de Humanidades y Ciencias, Montevideo, 1957, reimpresso no *Proceedings of the Eight International Congress of Linguists*, Oslo, 1958, pp. 697-699.

[408] "*Dicho de otro modo: en la práctica, un campo se establece sobre la base de opo-*

A prática da fala, o funcionamento da linguagem e suas diversas perspetivas de abordagem modificam a perceção tradicional das estruturas analisadas na sua substancialidade, estruturas essas que ilustram quer a visão do mundo quer a técnica de o interpretar.

A existência duma classe lexical numa língua está diretamente ligada à organização linguística, ao seu funcionamento, às combinações gramaticais ou lexicais específicas daquela língua e não do ponto de vista da realidade objetiva. Esta observação é fundamental na distinção entre o linguístico e o extralinguístico. Assim, por exemplo, as palavras "mão" e "boca" combinam-se com ser humano, e "pata" e "focinho" com os animais.

Relativamente ao verbo, pode-se distinguir nas línguas uma seleção combinatória, isto é, verbos que selecionam nomes de pessoas e outros de animais, tal como verbos *adlativos*, que denominam uma ação orientada para o agente e *ablativos*, que denominam uma ação iniciada por um agente para um ponto externo. As estruturas secundárias visam a formação das palavras numa língua. A modificação evidencia uma estrutura, uma relação lexical minimal na língua, não implicando uma função proposicional, a função na frase.

A formação das palavras conduz a uma gramaticalização do vocabulário e nela a palavra criada é restituída ao vocabulário, entrando nas categorias gramaticais respetivas.[409] O desenvolvimento textual tem como base uma função proposicional implícita, produz uma mudança duma classe morfológica para outra, permitindo, nas línguas românicas retomar exatamente o predicado: *Joana é belíssima. A sua beleza...* A "beleza" reativa mentalmente o sintagma "é bela"... ou: "Amanhã vou partir para o Porto" ('partirei').

Numa composição existem efetivamente dois elementos numa relação gramatical ou "paragramatical" que se combinam e, em função da sua natureza, existe *combinação lexemática*, quando ambos os elementos são lexemas, específica para as línguas alemã e grega e *prolexemática* quando um elemento é lexema e o outro é de natureza pronominal.

4.1.3. Os fundamentos da semântica e semasiologia são tratados por Eugenio Coseriu na apresentação da semântica de Michel Bréal, considerado o fundador da semântica[410]. Os que consideram Michel Bréal como o fundador da semântica lexical ignoram a contribuição alemã, respetivamente a de Chr. C. Reisig e a sua "semasiologia" (*Bedeutungslehre*) no estudo *Vorlesungen über lateinische Sprachwissenschaft* escrito seis décadas antes, onde "*se afirma e*

---

siciones simples, entre las palabras y termina allí donde una nueva posición exigiría que el valor unitario del campo se convierte en rasgo distintivo." Idem, *"Para una semántica diacrónica estructural", Principios de semántica estructural...*, p. 40.

[409] Veja-se Idem, "Semantică Structurală", *Prelegeri și conferințe...*, p. 88-89.

[410] Michel Bréal utilizou o termo "sémantique" no seu *Essai de sémantique* de 1897.

se justifica a autonomia semântica lexical".[411] Reisig opera uma semântica diacrónica e outra sincrónica na explicação da troca do significado lexical, respetivamente: a) sinédoque, b) metonímia, c) metáfora, d) truque transitivo e intransitivo, e) truque de espaço e tempo, f) modificação dos verbos. Coseriu menciona igualmente August Scheicher e o seu *Die deutsche Sprache* (1860), onde a semiologia ocupa um papel importante entre as disciplinas linguísticas descritivas e históricas necessárias ao estudo da palavra: *fonologia, morfologia e ideologia ou semasiologia*, respetivamente o estudo do som, da forma e da função entendida como significado. Na sua análise, refere o estudo do linguista romeno Lazăr Şăineanu, *Ensaio sobre a semasiologia da língua romena*[412], onde este destaca a contribuição de Arsène Darmester em *La vie des mots étudiées dans leurs significations* (1887) sublinhando o fato de o autor francês utilizar o termo semântica em lugar de semasiologia[413].

> "*A semântica lexical de Bréal é, sem dúvida, superior à semasiologia do seu tempo, mas não é outra coisa senão semasiologia.*"[414]

Coseriu considera importante a distinção operada por Bréal entre as "*mudanças lexicais*" com motivação "extrínseca", histórica ou objetiva e outras determinadas pela própria natureza da língua: a) restrição do sentido; b) ampliação do sentido; c) metáfora, d) condensação do sentido, e) passagem dum termo abstrato para o concreto[415].

Para Coseriu, o termo *semântica* em Bréal não é uma simples ocorrência, constitui o enfoque de toda a sua teoria e identifica dois sentidos diferentes:

> "*Por um lado, justifica a semântica em relação com os níveis da palavra e apresenta a semântica lexical como «semântica propriamente dita»* [...] *Mas, por outro lado, entende por «semântica»* [...] *algo mais amplo: uma linguística histórica geral elaborada do ponto de vista do conteúdo.*"[416]

---

[411] Eugenio COSERIU, "Bréal: su lingüística y su semántica", in *Cien años de investigación semántica: de Michel Bréal a la actualidad. Atas del Congreso Internacional de Semántica*, Universidad de La Laguna, 27-31 de octubre 1997, Madrid, Ed. Clásicas, 2000, vol. I, p. 23.

[412] Lazăr ŞĂINEANU, *Studiu de semasiologie a limbii române*, Bucureşti, s.n., 1887.

[413] Darmaster emprega apenas uma vez o termo *semântica* no capítulo III, primeira parte, p. 88, Eugenio COSERIU, "Bréal: su lingüística y su semántica"..., p. 29, nota 31.

[414] "La semántica léxica de Bréal es, sin duda, superior a la semasiología de su tiempo, pero no es otra cosa que la semasiología." *Ibidem*, p. 32.

[415] *Ibidem*, p. 31.

[416] "*En efecto, Bréal emplea el término sémantique en dos sentidos diferentes. Por un lado, justifica la semántica en relación con las niveles de la palabra (cf. 3.2. do presente estudo) y apresenta la semántica léxica como 'semántica' propiamente di-*

A partir da segunda aceção dada ao conceito de semântica, Coseriu formula as suas apreciações positivas relativamente à teoria de Michel Bréal. A semântica "in-forma", dá forma e toma como fundamentais as causas intelectuais que determinam a transformação da língua[417], dando importância aos fatos psíquicos humanos presentes em todas as línguas. Por esta razão, considera a linguagem como o instrumento mais importante da civilização humana, procura formular leis no plano do conteúdo, parcialmente análogas às de M. Grammont para o plano da expressão como: "naturalidade" linguística, "especificidade", "repartição", "irradiação" etc., entendidas não como leis cegas, mas seguidas pela atividade que constrói as línguas. Um outro contributo importante de Bréal, segundo Coseriu, consiste em considerar a linguagem como obra humana e não um organismo natural, como então se pensava. Nesta linha considera a mudança linguística como um fato mental não dependente de causas externas, não subordinado a nenhuma necessidade natural. Para ele as únicas "causas" da mudança linguística seriam "*a inteligência e a vontade dos homens*"[418].

> "*O mérito de Bréal não consiste em ter introduzido o homem no estudo das línguas, mas em tê-lo introduzido (de acordo com Humboldt) como criador permanente das línguas. E este homem é, para Bréal, o homem como indivíduo e o homem em geral, não o homem como mero representante duma comunidade ou dum grupo social.*"[419]

Como qualquer disciplina, a semântica tem o seu início ligado ao lado material da pesquisa da língua, tornando inteligível a variabilidade linguística em todos os seus níveis.

4.1.4. Coseriu questiona a semântica cognitiva[420] tendo como precursores

cha (cf. n. 36); y esto quizá se manifieste un vago recuerdo de la semasiología de los alemanes, en particular de la de Schleicher. Pero, por otro lado, entiende por "semántica" – y éste parece ser para él el sentido genuino y preferido – algo mucho más amplio: una lingüística histórica general hecha desde el punto de vista del contenido. Por ello, sus "significaciones" no son sólo los significados léxicos, sino también los categoriales y gramaticales". Idem, "Bréal: su lingüística y su semántica"..., p. 33.

[417] "*El tema de esta semântica son «les causes intellectuelles qui ont présidé à la transformation de nos langues»*" (p. 5-6)." *Ibidem*, p. 34.

[418] *Ibidem*, p. 36.

[419] "*El mérito de Bréal no es de haber introducido el hombre en el estudio de las lenguas, sino el de haberlo introducido (de acuerdo con Humboldt) como creador permanente de las lenguas. Y este hombre es, para Bréal, el hombre como individuo e el hombre en general, no el hombre en cuanto mero representante de una comunidad o de un grupo social.*" *Ibidem*, p. 43.

[420] Idem, "Semántica estructural y semántica cognitiva", in *Jornadas de Filologia. Homenaje al Prof. Francisco Marsá*, Barcelona, pp. 239-282; "Structural seman-

Berlin e Kay[421], autores duma célebre obra sobre a filogénese dos nomes das cores em diversas línguas, interpretando o valor cognitivo de vários grupos cromáticos nucleares: branco – preto, branco – preto – vermelho e variantes como: branco – preto – vermelho – amarelo ou branco – preto – vermelho - verde. Analisa a semântica dos protótipos da professora Eleonor Heider/ Rosch demonstrando que o problema dos protótipos não é semântico, mas sim um problema objetivo pelo modo como são reconhecidas as classes dos objetos através das palavras. [422]

Esta teoria foi adotada por alguns linguistas em oposição à semântica analítica, tentando definir o conteúdo através dum número de características necessárias e suficientes.[423]

> *"A semântica cognitiva não é uma semântica da língua e não valoriza a língua, mas as coisas e a classificação das mesmas".*[424]

A passagem dum tipo de realidades a outro é gradual. As espécies, entendidas como conceitos, não são dadas através da nossa experiência linguística, pois denominam as realidades, os objetos, e não as significações. Quando se afirma que não se pode demarcar uma fronteira exata entre dia e noite, isso não quer dizer que os significados de "dia" e "noite" sejam vagos, pelo contrário, exatamente porque estas significações são claras, quando se fala sobre noite e dia sabe-se exatamente sobre o que se está a falar.

A única semântica cognitiva que nos diz qual e como é o conhecimento linguístico através da linguagem é a *semântica estrutural*, por ele entendida como a disciplina do conhecimento diferenciado e delimitativo sem qualquer análise ou descrição das características.

Para o ensino das línguas, a tradução, elaboração de dicionários, para a lexicologia necessita-se desta semântica e não da semântica descritiva, não devemos saber como são as coisas quando falamos, mas sim saber como se chamam e como são delimitadas as coisas numa língua, ilustrando o conhecimento implícito, primário e essencial do mundo.

---

tics and «cognitive» semantics", tradução em língua inglesa por K. WILLEMS e T. LEUSCHNER, *Logos and Language*, I, 1, Tübingen, pp. 19-42.

[421] Coseriu refere-se à conhecida obra: Brent BERLIN and Paul KAY, *Basic Color Terms. Their Universality and Evolution*, Berkeley – Los Angeles – Oxford, University of California Press, 1991 [1969]. Investigaram 20 línguas, encontraram 22 termos para as cores e identificaram 7 graus na evolução dos termos básicos das cores.

[422] Eugen COȘERIU, "Semantică structurală", *Prelegeri și conferințe...*, pp. 92-93.

[423] *Ibidem*, pp. 94-95.

[424] "*Această semantică nu este o semantică de limbă și nici nu privește limba, ci privește lucrurile și clasificarea lucrurilor.*" Ibidem, p. 95.

4.2. A atividade cognoscitiva

Segundo Coseriu, a linguagem não é um esquema abstrato[425], é «atividade cognoscitiva». Recoloca a filosofia da linguagem na sua problemática original: o questionar-se sobre a natureza da linguagem. Os conceitos por ele propostos constituem coordenadas de orientação para o pensamento, uma vez que a língua é uma atividade criativa e cognitiva. A sua definição de linguagem inscreve-se numa prática histórica milenar desde Aristóteles até aos nossos dias, contendo em si um género próximo ("atividade") e uma diferença específica ("cognoscitiva")[426]. Enquanto «atividade cognoscitiva»[427], a linguagem não se reduz a qualquer um dos seus aspetos (social, institucional, cultural, semiótico) e não se confunde com a lógica.

Ernest Cassirer[428] define a linguagem como atividade simbólica, Coseriu considera esta definição inexata, já que:

> "*O adjetivo simbólico não classifica a atividade linguística segundo a sua natureza, não nos diz que tipo de atividade é a linguagem, mas apenas caracteriza, indica de que tipo são os seus elementos.*" [429]

A apresentação dos objetos como simbólicos realiza-se em termos gerais, indicando-se a oposição entre os elementos dados pela natureza e os objetos criados pelo homem sempre numa dimensão simbólica, resultantes duma atividade criativa. O símbolo é o resultado dum processo de criação, não pertence à energueia, mas ao érgon, que concretiza numa forma particular a finalidade do ato criador.

"*O momento em que se articula o símbolo constitui, na realidade,*

---

[425] Veja-se Antonio VILARNOVO CAAMAÑO, *Lógica y lenguaje en Eugenio Coseriu...*, na terceira parte do seu livro: "El lenguaje como «actividad cognoscitiva» la «lingüística del hablar»", pp. 141-186.

[426] Veja-se a classificação dos tipos de definições no dicionário de lógica: W. MARCISZEWSKI ed. *Dictionary of logic, As applied in the study of language. Concepts, methods, theories*, Hague – Boston – London, Martinus Nijhoff Publishers, 1981. As definições normais têm uma forma de equivalências ou identidades. Uma expressão definida como *E* ocorre no lado esquerdo e é denominada por *definiendum* e os termos nos quais *E* se define formam a expressão no lado direito denominados por *definitions* (p. 86). A definição de Coseriu enquadra-se neste primeiro nível.

[427] Veja-se o estudo de 1956, traduzido em português: Eugenio COSERIU, "A criação metafórica na linguagem", *O homem e a sua linguagem...*, pp. 53-77.

[428] Ernst CASSIRER, *Ensaio sobre o Homem. Introdução à filosofia da cultura humana*, Lisboa, Guimarães Editores, 1960, passim.

[429] Eugenio COSERIU, "A criação metafórica na linguagem", *O homem e a sua linguagem...*, & 5, p. 56.

> *uma etapa secundária na delimitação da linguagem como atividade e implica necessariamente uma etapa anterior."*[430]

Tendo em vista a universalidade e funcionalidade da energueia que aponta sempre para o homem como uma presença criativa, tentaremos refletir sobre a essência do símbolo na perspetiva coseriana. A dimensão semântica do símbolo, que, na sua complexidade, pode ser representada quer como um eixo vertical, ou um sistema de eixos básicos e intermediários, quer como um círculo ou interseção de vários círculos, não é dada pela sua condição de signo que preserva uma verticalidade da fala, mas da energueia da linguagem constitutiva da cultura. As formas sonoras e escritas das palavras não são signos porque imitam, mas são "signos para imitar"[431]. Ao considerar-se a palavra *signo linguístico*, não se visa uma dimensão "simbólica", já que o simbólico indica uma designação cultural distinta da designação verbal, primária.

> *"Alguns signos «simbólicos» não têm significado primário, próprio, mas apenas um significado verbal universalizado (com função de designação), emprestado da linguagem, mas dela separado."*[432]

Entre o signo e o símbolo existe uma distinção constitutiva real da humanidade, cada um tem a sua manifestação efetiva e não apenas formal ou metodológica. Os conteúdos dos símbolos concentram em si formas breves e "sábias" de vários tipos de pensamento textual: descritivo, narrativo, seletivo, quantificativo, abstrato, fixando uma determinada função. Se na leitura coseriana, do ponto de vista da energueia os signos verbais são percebidos "como fatos da fala", então, os símbolos podem ser considerados como "fatos de consciência". Um simples signo não se torna símbolo, e a acontecer, assiste-se a uma transfiguração ou metamorfose, um novo mundo semântico ou universo de interpretação. Cassirer, entendendo que a *razão* é um termo inadequado para incluir todas as formas diversificadas da vida cultural, prefere substituir a definição de "*animal rationale*" dada ao homem pela de "*animal symbolicum*", introduzindo assim o *símbolo* como a diferença específica[433] onde:

> *"A diferença entre linguagem proposicional e linguagem emocional*

---

[430] *Ibidem.*

[431] Idem, "Limbajul între φύσει şi θέσει", *Omul şi limbajul său. Studii de filozofie a limbajului, teoria limbii şi lingvistică generală*, Iaşi, Editura Universităţii „Alexandru Ioan Cuza", 2009, p. 58.

[432] *"Anumite semne "simbolice" nu au semnificaţie primară, proprie, ci doar o semnificaţie verbală universalizată (ca funcţie de desemnare), împrumutată de la limbaj, dar separată de aceasta"*. Idem, „Semn, simbol, cuvânt", *Omul şi limbajul său...*, pp. 122-123.

[433] Ernst CASSIRER, *Ensaio sobre o Homem...*, p. 55.

é a verdadeira fronteira entre o mundo animal e o humano."[434]

Este juízo dá seguimento à distinção semiótica entre "operadores" e "designadores"[435], onde os primeiros pertencem e seguem o caminho da natureza, enquanto os segundos o da cultura. Pareceres claramente especificados por Coseriu ao expor que os símbolos não têm normalmente um significado lexical, mas um tipo especial de "significado proposicional" e um determinado sentido que orienta a sua designação, não para "objetos" ou "classes de objetos", mas para situações e contextos situacionais interpretados em cada língua com significados lexicais diferentes:

> "*Visto da parte da linguagem, um símbolo é similar a um ato da fala ou um texto cifrado.*"[436]

A exemplificação desta observação é prolífera e assim se encontra a situação clássica de *balança* que não significa 'justiça' mas o fato que 'a justiça é, e deve ser como uma balança', a *cruz* não significa 'cristandade' mas o fato que 'o cristão deve assumir o amor agápico de braços abertos para com os semelhantes e seguir a crucificação de tudo o que nele há de mau'. Este valor textual e interpretativo dos símbolos sem contornos fixos leva Georges Gurvitch a considerar que "*os símbolos revelam velando e encobrem revelando*".[437] Num domínio mais específico e fundamentalmente simbólico, levantou-se frequentemente a questão da linguagem matemática ser uma experiência de significados de natureza não-linguística.

A resposta coseriana defende que os símbolos matemáticos representam uma possibilidade derivada e convencional do fato linguístico, "*como um procedimento linguístico de abreviação*"[438].

A experiência de vida dos falantes, a reflexão sobre a sua própria língua e as dos outros a partir dos signos da linguagem, da sua perceção imediata e constituição particular com uma natureza sónica específica, levaram a

[434] *Ibidem*, p. 61.

[435] "*Os símbolos – no sentido próprio do termo – não se podem reduzir a meros sinais. Sinais e símbolos pertencem a dois mundos universos de discurso diferentes: um sinal faz parte do mundo físico do ser; um símbolo faz parte do mundo humano do significado. Os sinais são «operadores»; os símbolos são «designadores»*". *Ibidem*, pp. 64-65.

[436] "*Văzut dinspre limbaj, un simbol este asemenea unui act de vorbire sau unui text cifrat.*" Eugenio COȘERIU, „Semn, simbol, cuvânt", *Omul și limbajul său...*, p. 123.

[437] Referenciado por Jean CHEVALIER, Alain CHEERBRANT, *Dicionário dos símbolos. Mitos. Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*, Tradução de Cristina Rodriguez e Artur Guerra, Lisboa, Editorial Teorema, 1982, p. 9.

[438] Eugenio COSERIU, "A linguagem e a compreensão da existência do homem atual", *O homem e a sua linguagem...*, nota 5, p. 50.

estabelecer uma distinção entre o semelhante e o não semelhante, entre os nossos signos e os signos dos outros.

> *"Mediante a linguagem, o homem chegou à sua historicidade; e até fez da linguagem um símbolo dessa historicidade: as comunidades idiomáticas convertem-se em povos e nações."*[439]

Concebe-se a linguagem como símbolo, como estruturação interpretativa abstrata do fato real da linguagem, símbolo que se orienta para o estabelecimento de relações funcionais entre a linguagem e outros símbolos históricos como "povo", "nação", "destino coletivo", "consciência nacional", "pátria", "estado", "estado nacional", "antepassados", "gerações", "ligação entre passado e futuro" nos textos ideológicos e outros que determinaram conjunturas históricas distintas.

Tanto o signo como o símbolo têm uma expressão material apresentada como algo que está em lugar duma outra realidade diferente da sua própria natureza de expressão.

A definição clássica de signo *aliquid stat pro aliquo* é, na interpretação coseriana, o fato que a palavra, interpretada como *signo linguístico*, está ligada à designação (relação entre imagem mental e o mundo extralinguístico) e não ao objeto físico. Anula-se assim a existência dos signos naturais, simples manifestações da natureza cujo valor é dado pelo conhecimento intuitivo da língua e pela própria experiência de vida do falante.

> *"Separada do conteúdo lexical, a expressão não é mais expressão, mas apenas um fenómeno material."* [440]

Porque na teoria coseriana a designação pertence à linguagem e se considera o símbolo como algo criado e não dado, o homem cria os símbolos sempre numa base verbal.

O símbolo é o resultado dum ato intencional, similar aos termos técnicos mas constitutivamente diferente destes. A primeira designação de algo que se torna símbolo pertence à linguagem comum, que se manterá num plano semântico recessivo, para se colocar como dominante a nova designação, fundamental e funcional, culturalmente numa determinada área humana historicamente fixa, embora acumulando permanentemente novas valências.

Tendo em vista a natureza simbólica da cultura, a teoria da psicanálise freudiana no início do século XX marca um momento de consciencialização do símbolo como componente cultural.

---

[439] *Ibidem*, p. 44.

[440] *"Separată de conținutul lexical, expresia nu mai este expresie, ci doar un fenomen material"* Idem, „Semn, simbol, cuvânt", *Omul și limbajul său...*, p. 125.

Com efeito, a sua interpretação dos sonhos explica a constituição dos símbolos[441] à volta dos conceitos centrais de "sexualidade", "libido", "inconsciente". Os símbolos por ele identificados não pertencem ao "trabalho do sonho"[442] referenciado, mas ao discurso psicanalítico. O "conteúdo da consciência" manifesta-se inconscientemente em si próprio, enquanto os símbolos nascem porque os interpretamos. Deste ponto de vista a carga psicológica relativiza o valor "universal" dos símbolos e daí a questão: se se conhece e se interpreta a manifestação psíquica através dos símbolos ou os símbolos são interpretados através da manifestação psíquica, na complexidade psicológica do indivíduo. Muitos pensadores recorrem e ultrapassam as sugestões da psicanálise, entre eles, Mircea Eliade[443] na sua interpretação dos símbolos religiosos[444]. O historiador e filósofo das religiões pesquisa a manifestação religiosa da fé na realidade "essencial" ou divina, na "sacralidade" temporal e espacial e nos elementos rituais, todos estes tornados "símbolos" na sua interpretação. Relacionando o símbolo com o mito e as imagens, une a mitologia com a ontologia e a história na apresentação da complexidade do homem como "homo religiosus", para o

---

[441] "*Há alguns símbolos que têm um único significado quase que universalmente: assim, o imperador e a imperatriz (ou o rei e a rainha) representam os pais, quartos representam mulheres, e as suas entradas e saídas representam as aberturas do corpo. A maioria dos símbolos no sonho serve para representar pessoas, parte do corpo e atividades invertidas de interesse erótico. Os órgãos genitais, em particular, são representados por inúmeros símbolos por vezes muito surpreendentes e a maior variedade de objetos é utilizada para os representar simbolicamente. Armas aguçadas, objetos longos o órgão genital masculino; ao mesmo tempo que armários, caixas, carruagens ou fornos podem representar o útero.*" Sigmund FREUD, *Textos essenciais da psicanálise I. O inconsciente, os sonhos e a vida pulsional*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 2001, 3ª ed., p. 147.

[442] *Ibidem*, p. 138.

[443] Tem-se em vista toda a obra de Mircea Eliade inicialmente em língua romena *Alchimia Asiatica*, [Alquimia Asiática], Bucureşti, Cultura poporului 1934, *Cosmologie şi Alchimie Babiloniană*, Bucureşti, Editura Vremea, 1937 [Cosmologia e Aquimica Babilónica], "Mitul reintegrării", *Vremea*, Bucureşti, 1942 [O mito da reintegração], *Comentarii la legenda Meşterului Manole* [Os comentários à lenda do Mestre Manole], continuando em língua francesa *Images et symboles. Essais sur le symbolisme magico-religieux*, 1952 e a riquíssima ilustração simbólica nos seus *Traité d'Histoire des Religions*, Paris, Payot, 1949, 1966, em várias reedições e *Histoire des croyances et des idées religieuses*, vol. I, II, 1969 e III, 1985, traduzida em português por Daniela Carvalho e Paulo Ferreira da Cunha, *História das ideias e crenças religiosas*, Porto, Rés, s.d.

[444] "*O símbolo, o mito, a imagem, pertencem à substância da vida espiritual, que se pode camuflá-los, mutilá-los, degradá-los mas que nunca se poderá extirpá-los*", Mircea ELIADE, *Imagens e símbolos*, Lisboa, Arcádia, 1979, p. 11.

qual "o essencial precede a existência"[445]. O percurso interpretativo *ab origine* dos acontecimentos míticos e dos símbolos visa, na sua interpretação, a nova designação cultural-religiosa que confere uma "biografia" específica a cada símbolo, onde o significado lexical é totalmente ignorado para afixar uma representação específica. Assim, cada símbolo religioso, na sua constituição designacional, transcende tanto o concreto visível como o significado lexical: um "céu" sem ser 'céu', a "água" sem ser 'água', a "terra" sem ser 'terra'.

O fato de na igreja cristã primitiva se encontrar a denominação de "símbolos" dada aos sete santos sacramentos, estes símbolos indicam a identidade da fé cristã e o valor funcional restritivo, com designação ativa, assumida na sua totalidade existencial, por exemplo na Eucaristia, Jesus Cristo é presente no pão e vinho eucarísticos e não lembrado ou representado. Enquanto os símbolos dados pela interpretação exterior, filosófica, científica, antropológica dos fatos, como via de acesso ao entendimento do fenómeno religioso são completamente distintos tanto como constituição, discursiva e não da fé, tal como funcionamento não participativo, mas interpretativo. Detetando a separação do significado do símbolo em relação ao significado lexical básico, Paul Ricoeur[446] na sua teoria da interpretação considera necessário operar a distinção entre metáfora e símbolo que ultrapassa a "*constituição linguística homogénea*"[447]. Sem considerar a designação como núcleo essencial dum símbolo, relacionando-o somente com o significado, os símbolos não verbais são tomados como algo distinto e diferente da fala e do pensamento[448], algo que une a natureza com a cultura[449] e não como algo constitutivo destas duas, como sugere Coseriu. Carlos João Correia, analisando minuciosamente a função e expressão simbólica do sentido na obra de Paul Ricoeur, evidencia a importância do sentido para os símbolos[450]. Assim, interpreta o conceito de símbolo tematizado pelo filósofo francês como algo com "*poder de transfiguração do real*"[451], que se relaciona com a construção dos modelos linguísticos, em primeiro lugar a metáfora e a narrativa. Como um exercício de contínua releitura das obras de Ricoeur e Cassirer, identifica como diferenças

[445] Idem, *Aspetos do mito*, Lisboa, Edições 70, 1989, p. 81.

[446] Paul RICOEUR, *Teoria da Interpretação*. Introdução e comentários de Isabel Gomes Tradução de Artur Morão, Porto, Porto Editora, 1995.

[447] *Ibidem*, p. 100.

[448] "*O símbolo só suscita pensamento se, primeiro, suscitar a fala.*" *Ibidem*, p. 102.

[449] "*A metáfora ocorre no universo já purificado do logos, ao passo que o símbolo hesita na linha divisória entre bios e logos.*" *Ibidem*, p. 106.

[450] "*O simbólico supõe um sentido incarnado, enraizado.*", Carlos João CORREIA, *Ricoeur e a expressão simbólica do sentido*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1998, p. 600.

[451] *Ibidem*, p. 594.

definitórias o fato que Ricoeur "*aproxime a noção de função simbólica da redução fenomenológica*"[452], "a doação do sentido" vista "*como momento positivo da redução fenomenológica*"[453] e a constituição da função simbólica como "*uma regra da transfiguração do mundo*"[454]. Em termos coserianos, todos estes elementos visam a construção da designação simbólica através do sentido textual inicial. Aparentemente, os símbolos parecem desligados do uso verbal e enraizados na vida prática, nas crenças e em várias representações da vida quotidiana, tendo uma valência não verbal, prática, não semântica[455]. Para Ricoeur o sentido articula criativamente o lado biológico com a cultura e com a constituição do sujeito na sua complexidade[456], o que demonstra, conforme a posição coseriana, que os símbolos não pertencem à linguagem verbal comum.

Na linha de interpretação wittgensteineana[457], tal como a lógica se constitui essencialmente numa dimensão simbólica, não só a matemática, mas todas as ciências se fundamentam na dimensão simbólica, definida fundamentalmente pela criação/recriação da designação com meios específicos, numa fala fora da linguagem usual. O valor dum símbolo é dado pelo seu conteúdo cultural.

---

[452] "*Ricoeur aproxime a noção de função simbólica da redução fenomenologica, pois em ambos os casos apreendemos o mundo com uma unidade, ou horizonte de significação que importa posteriormente destrinçar os seus elementos.*" *Ibidem*, p. 598-599.

[453] *Ibidem*, p. 599.

[454] "*A função simbólica não é apenas uma regra operatória, é uma regra de transfiguração do mundo.*" *Ibidem*, p. 600.

[455] "*O pensamento simbólico não é o domínio exclusivo da criança, do poeta ou do desequilibrado: ele é consubstancial ao ser humano: precede a linguagem e a razão discursiva.*" Mircea ELIADE, *Imagens e símbolos*..., p. 12.

[456] "*O sentido não se reduz a uma dimensão estritamente semântica. Para Ricoeur, o sentido está para lá do ato de significação, independentemente de situarmos essa significação na «unidade intencional» (Husserl), «na unidade referencialidade identificação» (Frege), ou no uso intrínseco à sua enunciação (Wittgenstein). O sentido implica a presença de dimensões involuntárias do sujeito, o que supõe que só poderemos ter um conceito autêntico de subjetividade (o «cogito integral») quando soubermos reconhecer planos de motivação e de espontaneidade corporal («afeção», «sentimento», «habito», «emoção» que transcendem a pura inteligibilidade e que concorrem efetivamente para decisão voluntária*". Carlos João CORREIA, Ricoeur e a expressão simbólica do sentido..., p. 601

[457] "*A característica peculiar das proposições lógicas é que é possível reconhecer que são verdadeiras apenas pelo símbolo, e este fato encerra em si toda a Filosofia da Lógica. Também é um dos fatos mais importantes que a verdade e a falsidade das proposições não-logicas não se reconhecem apenas pela proposição*". Ludwig WITTGENSTEIN, *Tratado Lógico-filosófico & Investigações filosóficas*, tradução e prefácio de M. S. Lourenço, introdução, alguns comentários sobre o «Tractatus» de Tiago de Oliveira, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, § 6113, p. 119-120.

A *mensagem* cifrada e encapsulada pelo símbolo expressa a condição que materializa a lei do menor esforço que caracteriza o processo de comunicação, onde a fala reduz ao máximo possível a expressão, mantendo o conteúdo semântico.

Coseriu, referindo-se à constituição e condição do símbolo, considera que a complexidade semântica da linguagem, tal como a abertura e liberdade que facilitam a criação de mundos semânticos fora do uso da linguagem comum, mas necessários e completamente integrados na vida social, fomenta, dinamiza e vitaliza a variedade das funções atribuídas aos símbolos por Jean Chevalier e Alain Cheerbrant no seu dicionário dos símbolos[458], com a menção que a série destas é infindável. Ao abordar o símbolo na perspetiva da energueia estruturante do sistema coseriano, importa relevar a explicação do valor vivo de cada símbolo, não só da parte da tradição que marca o valor histórico de cada símbolo, mas também do recetor na criação mental do símbolo. Cada símbolo preserva um lado estável, um núcleo designacional complexo do sentido que ultrapassa o significado da língua, e admite uma vasta rede de significados. Na vida social, o homem encontra-se rodeado por símbolos (religiosos, comerciais, técnicos, profissionais, políticos) que se interpõem entre o sujeito e as realidades.

A passagem da prática iniciática da alquimia para as ciências modernas da química, física e da medicina, por exemplo, está em estrita conexão com a desatualização dos símbolos, um tipo de "viragem simbólica" da passagem do lado funcional no qual se vivia e acreditava, para o símbolo concebido intelectualmente como objeto de estudo.

Os poetas e artistas simbolistas[459] tornaram o símbolo o princípio da existência estética e, de uma maneira programática, esforçaram-se por destacar o papel dos símbolos na construção e compreensão do homem através dos valores culturais, sem pensar no fato dos símbolos por eles descobertos, valorizados e criados se inscreverem em vários níveis de simbolização, cada um adicionando um mais ao conteúdo simbólico.

A energueia apresentada por Coseriu como "atividade cognoscitiva" abraça a linguagem em cada momento da sua manifestação:

---

[458] Jean CHEVALIER, Alain CHEERBRANT, *Dicionário dos símbolos*... As funções dos símbolos mencionadas são: "exploratória", "substituto" (p. 20), "mediadora", "pedagógica", "terapêutica" (p. 21), "socializante", "de ressonância", "transcendente" (p. 23), "*transformador de energia psíquica*" (p. 24).

[459] Charles BAUDELAIRE, *As flores do mal*, edição bilingue, tradução, prefácio, cronologia e notas de Fernando Pinto do Amaral, Lisboa, Assírio & Alvim, 1992. Cf. a primeira estrofe do poema *Correspondências*: "*A Natureza é um templo onde vivos pilares / Pronunciam por vezes palavras ambíguas; / O homem passa por ela entre bosques de símbolos / Que o vão observando em íntimos olhares.*" p. 57. Uma forma poética de indicar as valências internas, criativas e constitutivas dos símbolos na expressão sinestézica que une "as cores, as aromas e os sons" p. 57.

> *"O adjetivo simbólico enquadra-se num conceito mais amplo que o cognoscitivo, ou seja a linguagem é essencialmente atividade cognoscitiva: uma atividade cognoscitiva que se realiza mediante símbolos (ou signos simbólicos)."* [460]

O pensamento e a linguagem constituem uma unidade indivisível manifestada processualmente e o seu lado material (os sons) marca apenas um momento intermediário neste processo contínuo de criação e conhecimento.

> *"É forma de conhecimento. E isto não apenas no momento em que um signo simbólico se produz pela primeira vez na história (momento que implica o reconhecimento duma "classe" como tal e a sua diferenciação, mediante o nome, das outras "classes" que se distinguem na realidade), mas em todos os seus momentos."*[461]

Coseriu segue o pensamento dos professores italianos A. Pagliaro[462]

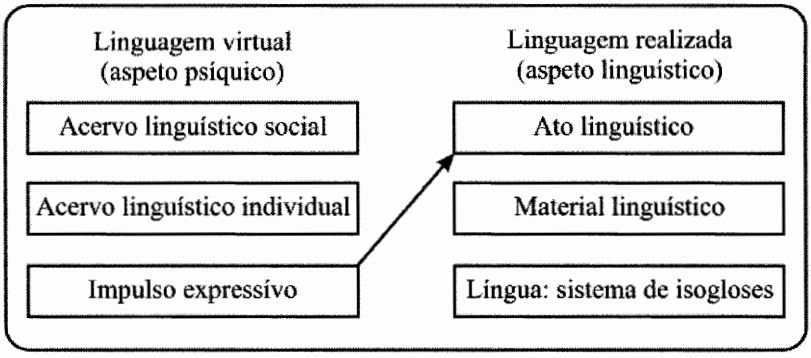
[460] Eugenio COSERIU, "A criação metafórica na linguagem", *O homem e a sua linguagem...*, & 5, p. 57.

[461] *Ibidem.*

[462] "*O conceito de «língua» como determinação histórica da linguagem foi desenvolvido duma maneira admirável através de várias obras e cursos universitários, por Antonio Pagliaro, que parte, justamente, da realidade concreta do indivíduo falante e da consideração da linguagem como atividade cognoscitiva, para chegar à língua, que é «projeção objetiva e, ao mesmo tempo, condição técnica» da linguagem (atividade linguística).*" Idem, "Sistema, norma e habla", *Teoría del lenguaje y lingüística general...*, p. 36, nota 62: "*A. PAGLIARO, Sommario di linguística arioeuropea, I, Roma, 1930; L'unità arioeuropea, Roma, 1942 e particularmente, Corso di Glottologia, Roma, 1050, I – Questioni teoriche, cap. IV, pp. 57-103 dos lugares citados.*" Antonio VILARNOVO CAAMAÑO, *Lógica e lenguaje en E. Coseriu...*, pp. 174-178, onde cita abundantemente de A. Pagliaro, Curso di glotologia, Roma, Ateneo, 1957, pp. 77, 80, 81-82, 82-83, 83, 83-84, 84-85, para ilustrar textualmente como a linguagem é vista como conhecimento que se articula através dos símbolos, menciona as operações cognoscitivas e interpretativas do falante e do ouvinte, o conhecimento das coisas e o conhecimento linguístico e extralinguístico (Antonio VILARNOVO CAAMAÑO, *Lógica e lenguaje en E. Coseriu...* p. 175). De fato, tudo o que afirma Coseriu está presente no texto de Pagliaro no seu Curso de glotologia. Antonio Vilarnovo CAAMAÑO sintetiza a doutrina linguística de Pagliaro em quatro pontos: "1*) A interpretação constitui um grau fenomenológico anterior ao conhecimento que se caracteriza numa relação entre os objetos da consciência e as disponibilidades linguísticas num ato criador*"; "*2) "O conhecimento linguístico contém um ato de interpretação, possível pelo princípio da solidariedade entre significante e significado*" (*Ibidem*, p. 177); "*3) A interpretação corresponde no falante à tentativa de dar forma ao pensamento e supõe sempre um grau maior ou menor de criatividade*"; "*4) A interpretação consta em estabelecer um nexo entre um significante e um significado, constitui o primeiro grau do conhecimento linguístico, que se reflete na língua e na*

e Vittore Pisani[463], quanto à interpretação da linguagem como "atividade cognoscitiva" e especifica claramente que o conhecer linguístico é distinto do conhecer lógico:

> "*Afirmar a natureza cognoscitiva da linguagem [...] não significa apenas que se tenta justificar cada um dos pontos de vista legítimos no plano que lhe corresponde (o plano de essência, o plano de constituição ou o plano das relações internas).*" [464]



Esquema de Vittore Pisani

A distinção entre os planos e os pontos de vista diferentes é necessária para entender teoricamente o modo de pensar metafórico através da linguagem, unindo elementos díspares, dispersos, abstratos e concretos. O pensamento "vive" através da linguagem, influencia as funções e as estruturas da mesma mas não a domina:

> "*E não significa também reduzir a linguística à lógica ou à teoria do conhecimento, uma vez que, por um lado, se pode ignorar que o conhecer linguístico é essencialmente distinto do conhecimento lógico.*"[465]

Coseriu distingue diferentes tipos de linguagem segundo a sua função predominante, porém e seguindo o seu pensamento, as classificações e

---

necessidade de dar um signo para cada saber distinto." (*Ibidem*, p. 178)

[463] Veja-se o esquema de V. Pisani, reproduzido e interpretado por COSERIU, "Sistema, norma y habla", *Teoria del Lenguaje y Lingüística general...*, p. 92, nota 157: V. PISANI, "La lingua e la sua storia", in *Linguistica generale e indeuropea*, Milano, 1947, pp. 9-19. Idem, *L'etimologia. Storia – Questioni – Método*, Torino, Rosemberg & Seller, 1967, pp. 23-48.

[464] Eugenio COSERIU, "A criação metafórica na linguagem", *O homem e a sua linguagem...*, & 6, p. 57.

[465] *Ibidem*.

caracterizações externas não explicam o próprio fenómeno da linguagem:

> "*Certos enunciados logicistas, esteticistas ou psicologistas sobre a linguagem como: «a linguagem é comunicação de ideias ou pensamentos», «a linguagem é expressão», «a linguagem é exteriorização duma carga psíquica» - referem-se, na realidade, apenas a determinados aspetos da linguagem, distintos segundo a função predominante* [...]"[466]

A sua intenção é considerar a funcionalidade intrínseca da linguagem como atividade cognoscitiva. Identifica várias *funções predominantes* ligadas à finalidade de cada objeto de estudo, do ponto de vista do falante e do ouvinte. O processo de interpretação de qualquer texto ou teoria deve necessariamente operar uma distinção entre vários níveis e áreas cognoscitivas, pois constroem realidades cognitivas.

A partir do conceito de energueia, uma possível definição da semântica seria a da ciência da criação de designação, significado e sentido, três valores distintos do conteúdo semântico bem delimitados por Coseriu. A criação semântica é um ato fundamental do espírito humano na organização das intuições, das realidades imanentes e transcendentes aos fenómenos, na manifestação da faculdade da razão em todos os seus parâmetros: afetivos, racionais, práticos, estéticos etc.

Na procura da essência da linguagem, Coseriu ultrapassa a simples definição da mesma como "expressão com significado", melhor dizendo "significado com expressão"[467] ou "comunicação por meio da expressão"[468]. Considera a língua uma atividade de criação semântica e, enquanto tal, o significado é similar ao ato humano, não fixo como o encontramos nos dicionários, mas essencialmente funcional:

> "*O significado é a categoria fundamental do linguístico.*"[469]

Não pode existir algo na língua que não seja significado e não ter um significado. A língua é a esfera de ação dos significados criados pelo homem, pertencem ao seu pensamento criativo.

> "*O significado é a estruturação da experiência humana.*"[470]

A experiência de que fala Coseriu é pensada como uma experiência

[466] *Ibidem*, & 8, p. 61.
[467] Idem, "A linguagem e a compreensão da existência do homem atual", *O homem e a sua linguagem...*, p. 33.
[468] *Ibidem*.
[469] *Ibidem*, p. 34.
[470] *Ibidem*.

simultânea à linguagem: assim, na estrutura do significado concentra-se a experiência da vida com a experiência do pensamento e a experiência da fala num conteúdo de pensamento fixo através dum elemento linguístico.

> "*O significado não estrutura "coisas" externas, mas apenas internas: os objetos da experiência como já "conhecidos", ou seja, como conteúdos da consciência humana.*"[471]

Coseriu retoma a interpretação de Aristóteles em *De interpretatione*, as palavras como sinais da experiência da alma. Não existe nenhuma distinção entre "coisas" internas (da alma) e externas (da voz).

> "*O significado, na denominação primária absoluta, é em certo sentido "subjetivo", é objetivação dum conteúdo subjetivo da consciência.*"[472]

A energueia da linguagem altera a leitura comum dos objetos. Para se chegar até eles, estes devem existir para o homem, o que significa existir como significado, conteúdo mental onde o sujeito constrói, ao nível cognitivo, a realidade material dum dado objeto. Nesta leitura, o significado deve entender-se como um processo, uma atividade de recriação contínua. O significado ativa a qualidade intrínseca dum objeto, dum verbo, onde o eu se torna * "eudade".

> "*A identidade do significado como o objeto designado é um erro de que nos últimos tempos até mesmo a lógica positivista que a defendeu durante muitos anos se vai libertando.*"[473]

Embora pertencendo a mundos completamente distintos, o material e o palpável dum lado e o mundo mental do outro, a identificação do objeto designado com o significado tem uma raíz religiosa que identifica os nomes com os objetos através da fé, refletindo-se nas construções metonímicas, eufemísticas e tautológicas. A lógica positivista defenderá que não se pensa com os objetos e que o ato de identificação é igualmente um processo mental.

> "*A linguagem como significado possibilita o falar como asserção, que se refere às próprias coisas e com o qual começa a ciência das coisas.*"[474]

A linguagem está na base de qualquer atividade humana exatamente porque através dela se opera necessariamente a delimitação das coisas. Longe de ser um obstáculo na utilização dos objetos concretos, a linguagem leva o homem

[471] *Ibidem.*
[472] *Ibidem*, p. 35.
[473] *Ibidem*, p. 35.
[474] *Ibidem.*

a chegar aos mesmos e utilizá-los.

> "*A ciência (das coisas) não se refere ao linguístico, mas sim ao extralinguístico (dado no entanto através da linguagem), não se ocupa do significado, mas do designado.*"[475]

A descoberta, a inovação, as invenções não são mais que criações semânticas que têm na sua base a linguagem. O significado concretiza linguisticamente a designação entendida como o processo mental da relação entre o conteúdo cognitivo da língua e a realidade extra-linguística. A energueia da linguagem confere à realidade semântica o poder duma imagem em movimento, dum pensamento ativo, duma construção cognitiva da realidade. Metaforicamente falando, a dimensão semântica constitui um tipo de "*mundo linguístico intermediário*"[476] entre o sujeito humano e o mundo real, um mundo de significados que traduzem a designação em termos entendíveis pela apreensão humana.

> "*A linguagem prepara, por assim dizer, as coisas ao proporcionar uma primeira delimitação necessária das próprias coisas. Mas esta primeira delimitação pode ser superada pela ciência, e, precisamente com base na linguagem e de acordo com os modelos que lhe oferece.*"[477]

A relação *linguagem – ciência* clarifica o papel duma e de outra. A linguagem é o homem na sua construção interior, onde cada ciência tem um papel importante. Duma maneira geral, o cientista não dispensa atenção à linguagem verbal onde se opera a primeira delimitação das coisas na construção do mundo humano através da sedimentação semântica da própria experiência do objeto, do pensamento e a utilização da linguagem na construção das teorias científicas.

> "*A identificação entre significado linguístico e objeto (existente) é* [...] *um erro que implica uma inversão do procedimento real (e único possível) para comprovar a existência.*"[478]

A fala manifesta-se sob diferentes formas, a *fala consigo próprio* no pensamento[479], a *fala com os outros* como manifestação da alteridade da

[475] *Ibidem.*

[476] *Ibidem*, p. 36.

[477] *Ibidem.*

[478] *Ibidem.*

[479] Ideia frequentemente encontrada na filosofia em Santo Agostinho, Descartes, Malebranche, Kant "*O cogito, enquanto resíduo do processo imanente do pensamento consigo próprio dispensaria ou tenderia ao limite a dispensar a linguagem e toda a*

linguagem, no sentido coseriano que interpreta o caráter intersubjetivo como reconhecimento dum *alter ego* que torna possível o entendimento, a *fala sobre realidades*. Nesta última situação, a ênfase recai sobre as realidades, os objetos e não sobre a atividade da fala que constantemente atualiza o pensamento, uma vez que a linguagem e pensamento constituem um todo.

> "*O significado é, precisamente, possibilidade da designação, a linguagem pode converter-se num sistema de designação e, portanto, num sistema em que designação e significado coincidem e em que os nomes são determinados pelas designações individuais.*"[480]

Relativamente ao significado, considerado como função, finalidade e expressão da linguagem, como algo que concretiza a funcionalidade da linguagem, Coseriu opera uma distinção dentro dos significados. Na base funcional da linguagem situa-se o significado lexical:

> "[...] *que corresponde ao quê da apreensão do mundo extralinguístico, por exemplo o significado que é comum a todas as palavras de cada uma das séries: quente – calor – aquecer ou rico – riqueza – enriquecer*"[481].

O segundo significado sobre o qual escreve pela primeira vez J.L. Vives, ao distinguir *nomina absoluta* e *appellationes*, é o significado categorial:

> "[...] *que corresponde ao como da apreensão do mundo extralinguístico*"[482].

Refere-se às categorias gramaticais: substantivo, verbo, adjetivo e advérbio com as suas possíveis subdivisões. O terceiro, o significado instrumental[483], é ilustrado pelos morfemas, como, por exemplo, o significado "atualizador" ou "pluralizador" dos artigos. O quarto significado, por ele denominado

---

comunicação, situando-se num nível antecomunicacional." Leonel Ribeiro dos SANTOS, *Retórica da Evidência ou Descartes segundo a Ordem das Imagens*, Coimbra, Quarteto, 2001, p. 26.

[480] Eugenio COSERIU, "A linguagem e a compreensão da existência do homem atual", *O homem e a sua linguagem*..., p. 36.

[481] "*El significado léxico, que corresponde al qué, de la aprehensión del mundo extralingüístico; por ejemplo, el significado que es común a todas las palabras de cada una de las series: caliente – calor – calentar, rico – riqueza – enriquecer*", Idem, "Semántica y gramática", *Gramática, semántica, universales*..., p. 136.

[482] "*El significado categorial, que corresponde al cómo de la aprehensión del mundo extralingüístico; por ejemplo, el significado que es diferente en cada caso en las palabras de serie rico – riqueza – enriquecer. Se trata, pues, de las categorías verbales: sustantivo, verbo, adjetivo y adverbio.*" *Ibidem*, p. 137.

[483] *Ibidem*.

significado estrutural[484] ou *significado sintático*, é o das combinações das unidades lexemáticas ou categoremáticas.

Este último atualiza numa frase o valor gramaticalizado através de morfemas como: "singular", "plural", "ativo", "passivo", "imperfetivo", "incoativo", "perfetivo" etc. Por último, Coseriu trata o significado ôntico que ilustra o valor experiencial das frases: "afirmativo", "negativo", "interrogativo", "declarativo" etc.[485] O sentido é considerado como o conteúdo dum discurso, dum fragmento ou dum texto, é uma estrutura semântica complexa construída através dos significados mas deles distinta.

> "*O sentido é o conteúdo linguístico particular expresso pela designação e significado e que se constitui num texto segundo a designação e o significado num discurso particular, como atitude, intenção ou suposição do falante.*"[486]

Cada parágrafo dum texto literário tem um sentido, tal como cada capítulo e cada obra literária. Se o significado se apresenta como um ato do conhecimento intuitivo, o sentido é um ato do conhecimento expressivo. O primeiro situa-se antes e na base dum discurso, o sentido após o discurso.

> "*O sentido é o conteúdo próprio dum «texto» ou dum ato linguístico*[487]*: aquilo que, além do significado e da designação se faz significar, precisamente, mediante o significado e a designação e também com o auxílio do contexto, da situação, do fato, de tais e tais pessoas atuarem em tal situação etc.*"[488]

A unidade complexa semântica do sentido circunscreve o mundo numa criação constante com flexões variáveis. Na construção do sentido não entram, como geralmente se pensa, as palavras mas o significado e a designação das mesmas, reclamando a presença do ser humano no entendimento dum discurso.

A designação encontra-se no nível mais abstrato e universal do conteúdo semântico, apresentada por Coseriu como a relação ativa entre o significado da língua e as coisas, estabelecedora da conexão entre os mundos linguístico e

---

[484] *Ibidem.*

[485] *Ibidem.*

[486] "*Sense is the particular linguistic content which is expressed by means of designation and meaning and which goes beyond designation and meaning in a particular discourse, such as a speaker's attitude, intention, or assumption*", Idem, "Linguistic Competence: What is Really?", in *The Modern Language Review*, vol. 80, part. 4, October 1985, p. XXXI.

[487] "*Por exemplo o fato de ser um ato linguístico «replica», «ordem», «constatação», «súplica» etc.*" *Idem, "A linguagem e a compreensão da experiência do homem atual.*", O homem e a sua linguagem, p. 50 (fim da nota 4).

[488] *Ibidem.*

extralinguístico. A designação pode ser imaginada como uma imagem mental, mas em contínuo movimento, uma imagem que surge dentro da linguagem como elemento ativo necessário para se pensar o mundo.

> "*A designação é uma possibilidade da linguagem que nela se fundamenta como significação, é o que nos conduz ao mundo das coisas que, em consequência como mundo "estruturado" só pode ser alcançado mediante a linguagem.*"[489]

A designação é parte ativa da linguagem, fomenta o pensamento, as faculdades de pensar, raciocinar e imaginar coisas reais e irreais, entende a realidade através dum ato criador, integra o indivíduo numa tradição e torna-o num ser histórico ao assumir uma consciência humana, moral, religiosa e étnica. A designação é o ponto mais profundo do encontro humano, uma vez que daqui se inicia a aprendizagem de outras línguas estrangeiras pelos adultos. Como nenhum problema da vida prática, da ciência ou da filosofia pode ser resolvido a não ser pelo conhecimento adequado ou pelo uso correto da linguagem, entende-se então o papel da energueia ao nível das designações na criação semântica do sentido que deve ultrapassar o nível linguístico pois:

> "*A interpretação começa na linguagem e pela linguagem. Mas a linguagem mesma, a linguagem como tal, não é interpretação.*"[490]

O papel da linguagem é fundamentalmente semântico, manifestado através da sua "atividade cognoscitiva". A linguagem não é um elemento neutro, "*é fundamental para a definição do homem*".[491]

> "*A linguagem como tal é primária e condicionante e não pode ser reduzida ao secundário e condicionado: é abertura de todas as possibilidades humanas, não função desta ou daquela atividade humana já determinada como tal e não como outra.*"[492]

A linguagem é fundamento de todas as manifestações humanas, coloca-se na base da civilização e da cultura e afirma o homem como ser cultural.

4.3. Lógica coseriana

A unidade firme, inabalável da forma e substância na linguagem leva-a a pertencer simultaneamente à natureza e à mente. Uma vez que Aristóteles

[489] *Ibidem*, p. 27.
[490] *Ibidem*, p. 48.
[491] *Ibidem*, p. 30.
[492] Idem, "A linguagem e a compreensão da experiência do homem atual", *O homem e a sua linguagem*..., p. 48.

distingue claramente vários tipos de formas, em que a parte material é constituída por sons e o conteúdo do pensamento se situa na linguagem, impõe-se necessariamente tratar da lógica. Consequentemente, Coseriu constrói uma teoria semântica que na sua visão, composição e coerência se separa de todas as outras lógicas da linguagem. Sem visar uma teoria ou outra já existentes, refere-se aos erros logicistas dos pensamentos comum e especializado:

> "*O erro logicista fundamental é o de considerar a linguagem como objeto de natureza lógica, como produto do pensamento lógico.*"[493]

Na sua leitura e interpretação dos textos do Estagirita, estabelece com toda a clareza a prioridade da linguagem em relação ao pensamento lógico, indicando que a linguagem é *logos semântico*, expressão significativa com um conteúdo semântico próprio no qual não existe nem verdade nem falsidade, pois estes são raciocínios elaborados que necessitam duma construção semântica complexa de afirmação ou negação sobre algo, o que Aristóteles designa por *logos apofântico*. Tratando a linguagem, que na sua essência é constituída por uma realidade não-lógica, como sendo lógica, torna-a em algo que não é[494]. O falso juízo de considerar a linguagem como lógica gera uma identidade entre o significado e o plano lógico.

Do ponto de vista da finalidade considerada como o plano próprio da linguagem, este erro recai de modo igual na finalidade que pertence à essência da linguagem, na atividade linguística fora de qualquer determinação ulterior e na finalidade dum determinado ato de fala não concernente à essência da linguagem. Nos atos da fala tem-se em linha de conta finalidades determinadas que podem ser lógicas, ou de qualquer outra natureza, mantendo uma lógica própria à linguagem. A linguagem é anterior à lógica.

Esta precedência não se deve interpretar como uma linearidade dedutiva e cumulativa ou um desenvolvimento linear, como certos estudiosos, que identificam a essência da linguagem com a sua instrumentalidade, reduzem-na à atividade prática.

Não existe uma relação de reciprocidade entre a qualidade semântica geral e a lógica, determinação particular da linguagem. Enquanto a dimensão lógica é

---

[493] "*El erro logicista fundamental es el de considerar el lenguaje como un objeto de naturaleza lógica.*" Eugenio COSERIU, "Logicismo y antilogicismo en la gramática", *Teoría del lenguaje y lingüística general*..., p. 238.

[494] "*Per effetto dell'incarnazione che il concetto o la logicità ha nell'espressione e nel linguaggio, il linguaggio è tutto pieno di elementi logici; onde facilmente si è traviati all'affermazione (di cui si è già messa in chiaro l'erroneità), che il linguaggio sia opera logica.*" B. CROCE, *Logica come scienza del concetto puro*, Bari, Laterza & Figli, 1958, p. 71.

necessariamente semântica entendida como linguística, a semântica da língua não é sempre e essencialmente lógica. Sendo uma atividade intersubjetiva, a linguagem é uma categoria autónoma, uma forma necessária de manifestação do pensamento no seu todo: lógico, religioso, artístico, estético, político, prático, didático.

Ao clarificar a relação entre linguagem e pensamento lógico, Coseriu tem em vista o aspeto concreto da relação entre linguagem e conceitos. A linguagem funciona como base e "mediador" necessário na criação dos conceitos na dimensão do logos semântico da linguagem[495]. Deste ponto de vista, inverte-se a dedução logicista:

> "*A linguagem não é produto do pensamento lógico, mas, pelo contrário, este baseia-se necessariamente na linguagem*"[496].

As valências criativas da energueia da linguagem manifestam-se nas palavras e conceitos entendidos como "*significados virtuais das palavras*"[497] existentes na construção do pensamento lógico interpretado como finalidade criativa, ponto de chegada e não de partida.

O conceito de finalidade é fundamental no entendimento da criação vista como um arco voltaico entre linguagem e finalidades, um panorama que esgota todas as manifestações humanas.

Coseriu aponta o erro frequente de identificar as valências ou registos da atividade cerebral humana, a "logicidade" dos textos com a semanticidade da linguagem e colocar esta logicidade no sistema que pertence à língua abstrata. O resultado desta identificação consiste na atribuição de determinados significados categoriais a determinadas «formas», pretendendo que a mesma forma corresponda sempre ao mesmo significado, sem ter em linha de conta a classe morfológica, onde uma forma pode ter vários valores morfológicos.

Por esta razão, alguns linguistas consideram que o "defeito" essencial da linguagem verbal seria a sua "assistematicidade"[498].

---

[495] "*La primera universalidad, así como las primeras distinciones necesarias para la estructuración del pensamiento lógico, se dan, justamente, en el lenguaje y en sus categorías.*" Eugenio COSERIU, "Logicismo y antilogicismo en la gramática", *Teoría del lenguaje y lingüística general*..., p. 241.

[496] "*No es el lenguaje producto del pensamiento lógico, sino que, al contrario, éste se basa necesariamente en el lenguaje.*" *Ibídem*, p. 242.

[497] *Ibidem.*

[498] Viggo BRØNDAL, *Le français, langue abstraite*, Copenhague, Levin & Munksgaard, 1936, Idem, *Les parties du discours*, Copenhague, E. Munksgaard, 1948 ; Idem, *Théorie des prépositions. Introduction à une sémantique rationnelle*, Copenhague, E. Munksgaard, 1950, na sua teoria coloca o lógico no que Coseriu chama "norma" e o valor lógico duma palavra seria constante. A referência de Coseriu visa em especial o

Na sua essência e manifestação, a língua não pode ser nem lógica nem ilógica, pois tem a ver com o entendimento e a compreensão dos significados potenciais e não reais. Assim, não existe nenhuma logicidade do sistema gramatical como geralmente se apresenta, sendo em última instância um "*esquema de esquemas*"[499], tal como não existe uma logicidade do dicionário que está ordenado convencionalmente seguindo um sistema de procura rápida alfabeticamente. Determinados atos da fala são lógicos ou ilógicos não por causa da linguagem, mas porque contêm afirmações ou negações, referências às situações concretas de fala. Coseriu chama a atenção para a identificação do plano lógico, entendido como semântico, com o plano ontológico, respetivamente os significados e as realidades significadas. A manifestação deste erro consiste no critério «lógico-objetivo» segundo o qual se consideram as classes morfológicas como correspondentes às "categorias da realidade": o substantivo nomeia as "coisas", o adjetivo "as qualidades", o verbo "os processos" reais. As mesmas realidades são nomeadas com palavras de distintas categorias em línguas diversas ou na mesma língua.

> "*Não se deve confundir a realidade pensada (Wirklichkeit) com a realidade natural (reale Wircklichkeit), e sobretudo não se deve esquecer que não é a língua que é determinada pela realidade, mas ao contrário, a realidade concebe-se mediante a língua.*"[500]

Perante a natureza, o homem humaniza-a não como realidade exterior, objetiva na sua manifestação, mas como realidade pensada. O ato adâmico de nomear as coisas é perpétuo. Nos textos científicos ou nos discursos objetivos sobre uma determinada realidade encontramos a convicção, a crença profunda do orador que fala sobre essa mesma realidade, embora sem se dar conta que fala justamente sobre a realidade "humanizada" pela linguagem, mais exatamente sobre os designados dos significados da linguagem.

> "*A* semanticidade *é o traço constante e definitório da linguagem; mas a* pura semanticidade *não se dá nunca concretamente e apenas*

---

estudo "Langage et Logique, in *La Grande Encyclopédie Française*, 1937 republicado in *Essais de linguistique générale*, Copenhaga, 1934, pp. 49-71.

[499] Eugenio COSERIU, "Logicismo y antilogicismo en la gramática", *Teoría del lenguaje y lingüística general*..., p. 243.

[500] "*Pero no hay confundir la realidad pensada (Wirklichkeit) con la realidad natural (reale Wirklichkeit) y, sobre todo, no hay que olvidar que no es la lengua la que se determina por la realidad, sino que, al contrario, la realidad se concibe mediante la lengua.*" *Ibidem*, p. 245. A distinção "Wirklichkeit" e "reale Wirklichkeit" foi utilizada na filosofia por Husserl, Marty, Pisani e M. Merleau-Ponty, como específica na nota de rodapé 27. *Ibidem*.

se revela pelas exigências da investigação."[501]

O antilogicismo considera as categorias verbais como convenções ou como simples esquemas formais ligados ao "*sentimento do falante*"[502].

> "*As categorias verbais não são convenções, mas realidades do falar.*"[503]

Estas existem independentemente da nossa decisão de definir e, por consequência, subsiste a necessidade de demonstrar a existência de cada uma, tal como a sua pressão teórica sobre a linguagem comum, mediante palavras como "sujeito", "predicado", "verbo, "atribuição", "circunstâncias" e outras. Para se entender que não se deve falar de metalinguagem como uma atitude auto-reflexiva da linguagem, Coseriu sublinha que morfologia e sintaxe não são conceitos de fala, mas esquemas pensados ulteriormente, um falar convencional sobre a fala que não é convencional. Como tal, os debates sobre metalinguagem não pertencem à linguística ou à linguagem, mas à teoria da linguística, apresentam-se como debates epistemológicos. Na semântica usual das categorias verbais, toma-se o "significar" com o simples "denotar", o significado lexical, o *que é*, com o significado categorial, *como é*. O discurso semântico coseriano situa-se entre o discurso dos lógicos e o dos linguistas como um discurso filosófico, não interdisciplinar.

4.4. Distinções funcionais coserianas na lógica da linguagem

Ao tratar a linguagem como energueia, Coseriu aborda a dimensão "lógica" da linguagem, a gramática, respeitando a contínua atividade criativa e a unidade entre o pensamento e a linguagem. A sua interpretação segue a manifestação do pensamento em dois tempos distintos, um primeiro preenche o conteúdo da linguagem como conhecimento e um segundo momento oferece uma interpretação lógica da funcionalidade da linguagem como entendimento. O seu discurso lógico não é fundamentado na ciência da lógica, não parte dela mas chega à lógica, recuperando a dimensão primária lógica da linguagem. De acordo como está pensada e estruturada a sua lógica, pode-se denominá-la "prolegómenos à ciência da lógica", considerando-a um capítulo introdutório e necessário da lógica. A lógica proposta preenche o hiato aristotélico entre a sua consideração da linguagem como logos semântico e a manifestação lógica

---

[501] "*La semanticidad es el rasgo constante y definitorio del lenguaje; pero la pura semanticidad no se da nunca concretamente y se deslinda sólo por exigencias de la investigación.*" *Ibidem*, p. 247.

[502] *Ibidem.*

[503] "*Las categorías verbales no son convenciones, sino realidades del hablar.*" *Ibidem.*

do logos apofântico e, mantendo a mesma consideração da linguagem como energueia, estabelece igualmente as ligações "lógicas" entre várias tipos de logos semântico na sua segunda determinação: apofântico, pragmático e poético.

A primeira distinção funcional distingue entre a $LÓGICA_1$ pertencente à linguagem e a $LÓGICA_2$ que visa não apenas a ciência da lógica, mas qualquer ciência onde se opera a identificação funcional e operacional entre designação e significado dos termos técnicos, modelos, fórmulas e conceitos que anulam a relação com a linguagem para recriar mentalmente a objetividade do mundo extralinguístico.

Mantendo a sua metodologia triádica, identifica o funcionamento de dois domínios lógicos distintos, cada um organizado em dois hemisférios: A e B. No nível universal, situa-se o conjunto de princípios e modalidades formais do pensamento ou todo e qualquer conhecimento, por ele denominado como $LÓGICA_{1a}$, "lógica em geral". Tem como ferramentas de trabalho as "normas da coerência", o conteúdo mental dinâmico que torna inteligível a existência, o mundo, o ser e qualquer tipo de texto, normas que pertencem ao pensamento[504]. Esta é a lógica do ser, entrelaça o plano ontológico com o cognitivo continuamente sustentado pela própria experiência da vida do sujeito, oferecendo ao homem um equilíbrio criador onde a novidade e a variedade de expressão se integram no cognitivo. A verdadeira constante do ser humano é a variabilidade, a novidade, a mutabilidade e não a parte estável e fixa, uma vez que, tal como o demonstrou Coseriu, a língua, na sua qualidade de atividade, está em contínuo processo de criação por cada falante. E como o pensamento e a língua constituem uma unidade, cada uma com as suas leis próprias manifesta a energueia à sua maneira, respeitando a abertura para a novidade já mencionada. A $LÓGICA_{1a}$ humaniza a existência como uma lógica aberta para alguém e para algo, do pré-conhecer, conhecer e reconhecer centrado no ser. É a lógica dos sentimentos, das intenções e ações específicas ao homem. É a lógica sem lógica relacional no sentido predicacional, centrada no homem, a que coloca cada sujeito falante, exatamente através da língua que ele fala, no centro do universo.

A $LÓGICA_{1a}$ comprova o plano universal do falar em geral, como a afirmação plenária da energueia da linguagem na formação do homem e a constituição do seu mundo. Este plano é o mais geral possível e torna inteligível qualquer enunciado, mesmo quando não respeita as normas sintáticas ou do conhecimento como, por exemplo: "*os cinco continentes são quatro: a Europa, a Ásia e a África*"[505], exatamente porque mantém as normas lógicas

[504] Idem, "Lógica del lenguaje y lógica de la gramática", *Gramática, semántica, universales* , p. 16.

[505] "*Les cinq continents son quatre: l'Europe, l'Asie et l'Afrique.*" Idem, "Lógica

de coerência, de não contradição e de não tautologia.

A língua constrói os objetos através do conjunto de princípios e modalidades formais do pensamento racional ou "objectual", projeta a realidade como um bem comum dos falantes e, em relação com a noção de "verdade", constitui a "lógica em particular" dos falantes, designada por Coseriu como $LÓGICA_{1b}$. Orienta o pensamento geral para situações concretas e particulares, pode-se imaginá-la como uma larga zona de fronteira que sedimenta na linguagem comum termos científicos, conceitos filosóficos, teorias, modelos religiosos e científicos, fórmulas do pensamento comum lexicalizadas e com um funcionamento linguístico completamente diferente da sua origem religiosa, científica ou filosófica. Nela se encontram as fórmulas matemáticas básicas, expressões usuais de tipo: "*Grüß Gott!*" "*Até amanhã se Deus quiser*" como formas de saudação, ou expressões do tipo "*amor platónico*", "*a priori*", "*a posteriori*", "*libido*", "*implementar*", "*osmose*", "*hológrafo*", "*pastel*" e outras. A $LÓGICA_{1b}$ pode ser entendida como o perímetro do pensamento linguístico continuamente influenciado pelos pensamentos próprios de cada ciência e domínios de atividade humana centrada no uso designacional. Na $LÓGICA_{1b}$, os elementos da linguagem comum deixam de seguir o pensamento originário, científico, religioso, filosófico ou artístico e prosseguem o pensamento linguístico expresso na maneira como o falante relaciona a sua fala, a sua conceção sobre a linguagem com termos e conceitos por vezes recriados com algumas aproximações.

Se a $LÓGICA_1$, independentemente da especificação ulterior de a ou b, visa sempre os princípios e modalidades formais do pensamento em geral e em particular, a $LÓGICA_2$ ajusta o pensamento ao objeto de estudo para melhor entender as condições "objetivas" e o funcionamento de cada elemento, pensando a realidade de uma maneira similar à "criação ou existência *in vitro*" em condições especiais, cria artificialmente a realidade como um mundo da experiência para as ciências naturais, por exemplo. O conhecimento científico está intimamente ligado à criação técnica na construção de ferramentas úteis utilizadas pelo sujeito falante na pesquisa e análise ou na criação de termos científicos exatos. A finalidade científica é construir mentalmente a realidade "objetiva", entender e estudar as suas próprias leis ligadas à existência natural, material, "objetiva", leis pensadas pelo homem e expressas num texto. A natureza não tem leis, apenas manifesta regularidades, as leis da natureza são projeções antropológicas, o conhecimento humano cria-as para melhor a entender e se relacionar com ela.

Numa simetria de espelho com a $LÓGICA_1$, Coseriu fala sobre a $LÓGICA_{2a}$ focalizadora das normas de coerência do pensamento geral, que

del lenguaje y lógica de la gramática", *Gramática, semántica, universales* ..., p. 20.

torna inteligível a ciência para os não-especialistas. O domínio científico permite a penetração do conhecimento linguístico comum na construção de vários modelos cognitivos com a finalidade de uma teoria, estrutura proposta ou realidade investigada serem melhor entendidas, no sentido de tornar mais explícito o raciocínio que está na base duma dada construção teórica. Apresenta-se como uma vulgarização da ciência ou de outros domínios de estudo muito especializados. O papel desta linguagem é o de abrir as portas de áreas fechadas e muito especializadas das ciências. A $LÓGICA_{2a}$, focalizada no entendimento de qualquer ciência, aproxima-se de uma pedagogia de ensino, oferece modelos alternativos aos já conhecidos. Coseriu pretende consciencializar os cientistas da importância da construção dum texto "entendível" pelo recetor. A linguagem comum, ao contrário de empobrecer, enriquece o texto científico, oferece premissas para o entendimento exato do discurso científico mais rigoroso.

No lado extremo da $LÓGICA_{1a}$ situa-se a $LÓGICA_{2b}$ conhecida como LÓGICA no sentido corrente do termo[506]. A $LÓGICA_{2b}$ converte-se na disciplina que estuda os princípios e modalidades formais do discurso, afirma ou nega algo sobre uma qualquer "realidade" e estabelece se o discurso é verdadeiro ou falso. A unidade minimal da lógica é o juízo formulado numa asserção que atualiza o logos apofântico[507] aristotélico, e, como tal, este tipo de lógica poder-se-á chamar "lógica apofântica". Através da $LÓGICA_{2b}$, Coseriu refere-se quer à "ciência da lógica", quer a qualquer ciência ou domínio específico de criação, rigorosamente delimitado, como é, por exemplo, a linguística, a física, a química, a biologia e outras.

A distinção entre a abordagem coseriana no domínio da lógica e outras resume-se ao fato de nelas se ignorar a $LÓGICA_1$ e não se tratar o discurso como construção da linguagem, mas do pensamento que se expressa através da linguagem. As lógicas são sempre objectuais, embora apresentem construções ideais, abstratas, visam o "conteúdo designativo" dos diferentes tipos de discurso. Na relação entre a lógica apofântica e a noção de verdade, observa-se que a lógica revela o modo de *expor* e não a maneira de descobrir *a verdade*. A descoberta duma verdade primeira é um ato de conhecimento que não depende da técnica do pensamento apofântico e, por conseguinte, a lógica indutiva é a teoria das condições e formas de inferência, embora a inferência, ela própria, seja um ato intuitivo que escapa à lógica. A distinção entre $LÓGICA_a$ e $LÓGICA_b$ permite-nos precisar melhor a posição da linguagem no que respeita à disciplina da lógica. Nesta distinção, a linguagem que tem a

[506] *Ibidem.*

[507] ARISTÓTELES, *De interpretatione*, 17 a, apud Eugenio COSERIU, "Lógica del lenguaje y lógica de la gramática", *Gramática, semántica, universales* ..., p. 17.

torna inteligível a ciência para os não-especialistas. O domínio científico permite a penetração do conhecimento linguístico comum na construção de vários modelos cognitivos com a finalidade de uma teoria, estrutura proposta ou realidade investigada serem melhor entendidas, no sentido de tornar mais explícito o raciocínio que está na base duma dada construção teórica. Apresenta-se como uma vulgarização da ciência ou de outros domínios de estudo muito especializados. O papel desta linguagem é o de abrir as portas de áreas fechadas e muito especializadas das ciências. A $LÓGICA_{2a}$, focalizada no entendimento de qualquer ciência, aproxima-se de uma pedagogia de ensino, oferece modelos alternativos aos já conhecidos. Coseriu pretende consciencializar os cientistas da importância da construção dum texto "entendível" pelo recetor. A linguagem comum, ao contrário de empobrecer, enriquece o texto científico, oferece premissas para o entendimento exato do discurso científico mais rigoroso.

No lado extremo da $LÓGICA_{1a}$ situa-se a $LÓGICA_{2b}$ conhecida como LÓGICA no sentido corrente do termo[506]. A $LÓGICA_{2b}$ converte-se na disciplina que estuda os princípios e modalidades formais do discurso, afirma ou nega algo sobre uma qualquer "realidade" e estabelece se o discurso é verdadeiro ou falso. A unidade minimal da lógica é o juízo formulado numa asserção que atualiza o logos apofântico[507] aristotélico, e, como tal, este tipo de lógica poder-se-á chamar "lógica apofântica". Através da $LÓGICA_{2b}$, Coseriu refere-se quer à "ciência da lógica", quer a qualquer ciência ou domínio específico de criação, rigorosamente delimitado, como é, por exemplo, a linguística, a física, a química, a biologia e outras.

A distinção entre a abordagem coseriana no domínio da lógica e outras resume-se ao fato de nelas se ignorar a $LÓGICA_1$ e não se tratar o discurso como construção da linguagem, mas do pensamento que se expressa através da linguagem. As lógicas são sempre objectuais, embora apresentem construções ideais, abstratas, visam o "conteúdo designativo" dos diferentes tipos de discurso. Na relação entre a lógica apofântica e a noção de verdade, observa-se que a lógica revela o modo de *expor* e não a maneira de descobrir *a verdade*. A descoberta duma verdade primeira é um ato de conhecimento que não depende da técnica do pensamento apofântico e, por conseguinte, a lógica indutiva é a teoria das condições e formas de inferência, embora a inferência, ela própria, seja um ato intuitivo que escapa à lógica. A distinção entre $LÓGICA_a$ e $LÓGICA_b$ permite-nos precisar melhor a posição da linguagem no que respeita à disciplina da lógica. Nesta distinção, a linguagem que tem a

[506] *Ibidem.*

[507] ARISTÓTELES, *De interpretatione*, 17 a, apud Eugenio COSERIU, "Lógica del lenguaje y lógica de la gramática", *Gramática, semántica, universales* ..., p. 17.

sua própria lógica intrínseca, coincide com a lógica geral ($LÓGICA_{1a}$) de todo o pensamento expresso e a ciência que estuda esta $LÓGICA_1$ é a $LÓGICA_{2b}$, a ciência da linguagem ou a linguística.

A linguagem é indeterminada em relação à $LÓGICA_{2b}$ (apofântica), uma vez que, considerada na sua essência universal, a linguagem não é "logos apofântico", uma das possíveis distinções ulteriores da linguagem[508]. Particularizando, uma língua histórica deve-se necessariamente diferenciar entre $GRAMÁTICA_1$, a estrutura gramatical indeterminada do ponto de vista da $lógica_2$ e a $GRAMÁTICA_2$, disciplina que estuda e descreve a estrutura gramatical da $GRAMÁTICA_1$. A $GRAMÁTICA_{1a}$ é a gramática da fala, a gramática conhecida implicitamente por todos os falantes. Ao nível histórico, as línguas não têm uma motivação lógica mas histórica que ilustra uma experiência própria da vida de cada povo, uma vez que as línguas "*não são nem falar, nem discurso, mas pura virtualidade*"[509].

> "*As estruturas das línguas comprovam-se, e não se justificam do ponto de vista lógico.*"[510]

A língua apresenta-se sempre como um "a priori", enquanto o seu estudo, o seu momento de reflexão é "a posteriori", seguindo a comprovação das estruturas funcionais e semânticas da língua. Relativamente a este ponto de vista, Coseriu identifica quatro diferenças entre as linguagens "lógicas" e as línguas históricas:

1º. Nas linguagens lógicas, a designação é o fator primário e o significado dum signo atualiza apenas um determinado tipo de designação, enquanto nas línguas históricas o significado constitui o elemento primário e a designação o fato secundário não tendo nenhuma relação anterior com o significado:

> "*Trata-se simplesmente da diferença entre a* aplicação *dum signo ou duma expressão e a sua* aplicabilidade *a uma classe definida de objetos ou «fatos».*"[511]

A existência dos objetos é indiferente à realidade linguística, uma vez que o significado é racionalmente anterior à distinção entre existência e inexistência e a constituição do mundo dos objetos. Na lógica, como sistema criado

---

[508] ARISTÓTELES, *De interpretatione*, 16a, 17a.

[509] "*Una lengua no es ni «hablar» ni «discurso: en cuanto pura virtualidad*", Eugenio COSERIU, "Lógica del lenguaje y lógica de la gramática", *Gramática, semántica, universales*..., p. 23.

[510] "*Por ello, las estructuras de las lenguas se comprueban, y no se justifican desde el punto de vista lógico.*" *Ibidem.*

[511] "*Se trata simplesmente de la diferencia entre la aplicación de un signo (o de una expresión) y su aplicabilidad a una clase definida de objetos o «hechos».*" *Ibidem*, p. 25.

artificialmente e numa ordem inversa à manifestação da língua, muitas classes do mesmo nível lógico não são idênticas do ponto de vista das línguas, onde os fatos e os objetos estão classificados apenas em classes a um nível superior.

2º. Os significados linguísticos não se encontram na oposição de neutralização, e não respeitam a fórmula estruturalista não-A / A. Assim, um princípio característico ao pensamento linguístico é ao mesmo tempo totalmente diferente do princípio da lógica apofântica e por conseguinte às linguagens construídos através desta lógica.

3º. Nas linguagens lógicas não existe diferença entre «sistema» e «norma», não há e não se aceita uma hierarquia de sistemas de designação, existe um único plano onde a designação se realiza de forma imediata no «discurso». Nas línguas históricas, a linguagem é viva e por conseguinte podem-se distinguir o plano do sistema funcional, que é ao mesmo tempo um sistema de possibilidades, e o plano da norma da realização que seleciona algumas possibilidades do sistema na criação linguística efetiva.

4º. Se as línguas históricas se fundam no conhecimento das "coisas" extra-linguísticas, as linguagens lógicas baseiam-se unicamente nos sistemas que realizam, nos valores dos meios de expressão utilizados.

O plano do discurso é o plano da realização individual e ocasional do conhecimento expressivo da língua, o reino mais dinâmico onde se constata a criatividade em todos os níveis da língua. Coseriu identifica três tipos de suspensão das normas de "coerência" perfeitamente legítimas do ponto de vista linguístico: a suspensão metafórica, a metalinguística e a extravagante. A novidade destas suspensões consiste no fato de que o absurdo é perfeitamente lógico do ponto de vista da língua.

> "*O linguista aceita a suspensão «extravagante» uma vez que o absurdo é pensável, e também exprimível,* [...] *O linguista, enquanto linguista, não exige* a coerência do pensamento com o objeto, *mas* a coerência da expressão com o pensamento."[512]

O nível do discurso concentra na sua criação e realização os quatro tipos de lógica apresentados por Coseriu: da língua, da reflexão sobre a língua, da interpretação dos fatos e do mundo e da reflexão sobre a certeza do pensamento das formas e das leis gerais da razão, tal como sobre as relações entre vários elementos simbólicos, juízos, noções.

---

[512] "*El lingüista admite también la suspensión «extravagante»: puesto que lo absurdo es pensable, es también expresable; y el lingüista lo acepta, siempre y cuando haya coherencia entre el pensamiento absurdo y su expresión. El lingüista, en cuanto lingüista, no exige la coherencia del pensamiento con su objeto, sino la coherencia de la expresión con el pensamiento.*" *Ibidem*, p. 41.

> "*Apenas ao nível do discurso é possível uma relação imediata entre a linguagem e a lógica apofântica. Esta relação está submetida, sem dúvida, a uma série de restrições.*"[513]

O discurso é sempre assertivo e constrói uma realidade. Neste sentido, qualquer obra literária não se refere a uma realidade, é uma realidade. Na sua construção, *Os Lusíadas* do poeta Camões, ultrapassa a realidade histórica, criada numa dimensão estética, com valor "universal humano". A realidade histórica é um ponto de partida do qual a obra se liberta completamente. Como a análise apofântica se aplica ao discurso assertivo, os intérpretes devem ter em atenção não confundir a análise lógica com a linguística, o valor lógico e significado linguístico com a asserção como fato de pensamento ou juízo expresso linguisticamente. Um simples exemplo: *Pedro come*: implica 'agora' mas não 'aqui' mas ao mesmo tempo não implica que ele coma neste preciso momento.

Para além do valor teórico destes prolegómenos da ciência da lógica, o discurso coseriano converge para qualquer tipo de discurso especializado, científico ou literário. O seu intento último é auxiliar os autores no entendimento da ligação necessária entre a linguagem e o texto por eles redigido, a forma como o pensamento e a língua tornam inteligível o mundo pensado, exatamente porque é pensado e expresso verbalmente. A sua demonstração da lógica põe, uma vez mais, em relevo a necessidade do pensamento filosófico para o homem da ciência encontrar a melhor forma de expressão do seu pensamento.

---

[513] "*Sólo a nivel del discurso es posible una relación inmediata entre el lenguaje y la lógica apofántica. Esta relación está sometida, sin embargo, e una serie de restricciones.*" *Ibidem.*

Capítulo V

Filosofia da linguagem e cultura

5.0. A essência energética da cultura. **5.1**. Os princípios da filosofia da linguagem como "ciência da cultura". 5.1.1. *O princípio da objetividade*. 5.1.2. *O princípio do humanismo*. 5.1.3. *O princípio da tradição*. 5.1.4. *O princípio do antidogmatismo*. 5.1.5. *O princípio da utilidade pública*. **5.2.** Criação e linguagem. 5.2.1. A construção do ser humano através da linguagem. **5.3**. A energueia na arte. 5.3.1. A constituição do sentido na escultura. 5.3.2. *Măiastra*. 5.3.3. A constituição do sentido na música.**5.4**. A energueia na vida quotidiana. 5.4.1. A linguagem, a maior revolução da humanidade.

5.0. Coseriu aproxima-se da interpretação hegeliana[514] da cultura como objetivação do espírito na história da humanidade com tudo o que daí deriva. Comparativamente a outros pensadores respeitados e referenciados pelo contributo ideativo na história, Coseriu explica a cultura através do seu sistema onde o conceito de energueia é fundamental para o entendimento do processo de construção semântica viva que ajuda o sujeito a ultrapassar os elementos dados do seu conhecimento a fim de abrir novos horizontes de sentido não apenas ao nível relacional. Na sua essência, a cultura constrói-se

[514] "*O homem aparece após a criação da natureza e constitui a antítese do mundo natural; é o ser que se eleva ao segundo mundo. Temos na nossa consciência universal dois reinos, o da natureza e o do espírito. O reino do espírito é o criado pelo homem. Podemos para nós forjar toda a classe de representações acerca do Reino de Deus; há de ser sempre um reino do espírito, que se há de realizar no homem e por ele estabelecer na existência.*" Georg Wilhelm Friederich HEGEL, *A razão na história. Introdução à filosofia da história universal*, Lisboa, Edições 70, 1995, p. 49.

permanentemente, o que visa uma outra face da energueia da linguagem ao não permitir separar o homem da sua linguagem na atividade contínua de criação semântica dos níveis ontológico, gnoseológico e epistemológico como áreas importantes da consciência linguística dos falantes.

> "*Uma ciência não se define pelo seu objeto material, mas do ponto de vista que adota a sua finalidade.*"[515]

A finalidade, entendida como "causa final", é a orientação do processo criativo e acompanha todo o seu percurso até à concretização material numa determinada área. No processo de criação a finalidade projeta mentalmente "in nuce" a obra que irá ser criada, conduz-se para a essência dum signo cultural intencionalmente criado.

A energueia como atividade criativa, mesmo quando se afigura recriativa, está sempre ativa em todas as formas de manifestação humana. A cultura é o terreno mais claro da sua manifestação, diretamente ligada à liberdade de manifestação, onde as normas de criação, longe de serem uma limitação, promovem e dinamizam a criatividade, prosseguindo uma criatividade anterior e inscrevendo-se numa tradição necessária da história humana. O termo "ciência" utilizado por Coseriu não é restritivo ao seu uso técnico, sendo empregue filosoficamente como o domínio do conhecimento humano ativo de pensar com palavras tudo o que existe e todas as situações que se revelam mais além da sua manifestação objectual, formal.

O que Coseriu denomina *pensamento pré-linguístico*[516], "*o pensamento que*

[515] Eugenio COSERIU, "Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje", *Teoria del lenguaje y lingüística general*, Madrid, Gredos, 1967, p. 168.

[516] "*Opoziția nu e simetrică între cuvânt și gândire sau între limbaj și gândire... Gândirea se gândește înainte, în același timp și după limbaj, adică în mod ireal. Există o gândire prelingvistică pentru care nu e nevoie de cuvânt, o gândire care se prezintă prin reprezentări, fără cuvinte și care conduce și la rațiuni practice. În viața practică, de exemplu, la ceea ce se numește prin gesturile reflexe, când conduci o mașină, te gândești, te vezi într-o anumită situație și reacționezi într-o situație, dar te gândești fără nici un fel de limbaj ca atare. Astea sunt reprezentări. Tot așa poți să ridici ceva cu mare greutate și cineva să vină să te ajute, adică fără nici un fel de limbaj și fără a formula: «vino, te rog!» Această gândire e prelingvistică pentru aceste fapte practice; poți să te întorci cu limbajul asupra lor și, în mod ireal, această gândire se găsește înaintea limbajului.*" ["A oposição não é simétrica entre palavra e pensamento ou entre linguagem e pensamento... O pensamento pensa-se anteriormente, ao mesmo tempo e depois da linguagem, isto é, numa maneira irreal. Existe um pensamento pré-linguístico que não precisa da palavra, um pensamento que se apresenta através das representações, sem palavras e que conduz as razões práticas. Na vida prática, por exemplo, o que se denomina gestos reflexos, quando conduzes uma viatura, pensas, vês-te numa determinada situação e acionas numa situação, mas pensas sem nenhuma

está antes da linguagem", indica situações concretas de manifestação que na vida prática não necessitam de palavras e se apresentam como automatismo. O que torna inteligível um gesto ou uma situação de conveniência social, é uma estruturação linguística anterior, sem a qual não podia ser pensada e que usualmente apenas atualiza as representações mentais da linguagem, as designações. Ligado à linguagem definida como energueia, o pensamento é o processo contínuo que dá consistência e existência à linguagem e, no seu caráter global, abraça todo o conhecimento. Coseriu não concebe o pensamento pré-linguístico como Vygotsky[517], que discorre sobre a unidade entre pensamento e linguagem, considerando o pensamento como precedente à linguagem na aquisição da língua-mãe pela criança. Um simples gesto interpretado como linguagem não-verbal, pertencente ao primeiro sistema de sinalização, o visual, ignora um princípio fundamental: tudo o que é visível para o homem é-o primeiramente inteligível. Ao discursar sobre "*o pensamento pós-linguístico*", Coseriu refere-se ao pensamento focalizado sobre os objetos já delimitados pela linguagem, analisados e estudados ulteriormente através duma linguagem técnica[518] especializada, clara e distinta. O ato de criação é um ato universal que revela a humanidade no seu caráter genuíno. Na individualidade expressiva duma obra entendida como érgon, está patente a universalidade do ser humano. A obra cultural é o lugar de encontro, de entendimento, de promoção dos valores e ideias objetivadas através de realidades extralinguísticas que surgem no interior da linguagem como criações semânticas. A criatividade é considerada o pulso da cultura promovida pela linguagem. A cultura primária é a língua que o homem fala,

---

linguagem como tal. Estas são representações. Também podes levantar algo muito pesado e alguém vem ajudar-te sem nenhuma linguagem ou fórmula de reverência como «vem, se faz favor!». Este pensamento é pré-linguístico para estes fatos práticos; podes regressar a eles com a linguagem, mas numa maneira irreal este pensamento está antes da linguagem."] Idem, *Prelegeri şi seminarii la Universitatea „Lucian Blaga" din Sibiu*, texte consemnate, cuvânt înainte şi anexă de Doina Constantinescu, Sibiu, Editura Universităţii „Lucian Blaga", 2004, p. 104.

[517] "*In the phylogeny of thought and speech, a prelinguistic phase in the development of thought and a preintellectual phase in the development of speech are clearly discernible.*" L.S. VYGOTSKY, *Thought and Language*, edited and translated by Eugenia Hanfmann and Gertrude Vakar, Cambridge, MIT Press, 1966, p. 41.

[518] "*Există o gândire post-linguvistică, o gândire în care ne întoarcem la lucrurile deja delimitate prin limbaj şi le analizăm ca atare şi creăm atunci un limbaj tehnic.*" ["Existe um pensamento pós-linguístico, um pensamento onde voltamos às coisas já delimitadas através da linguagem e a analisamos como tal, criamos uma linguagem técnica"]. Eugenio COŞERIU, *Prelegeri şi seminarii la Universitatea „Lucian Blaga" din Sibiu...*, pp. 104-105.

o seu multilinguismo, no sentido que o homem fala simultaneamente muitas línguas funcionais dentro da mesma língua histórica. Há maneiras de falar que delimitam as línguas funcionais que não são tipos de discurso, embora possam ser tratadas desta maneira. O conceito de língua funcional evidencia a energueia, o funcionamento das normas, as técnicas e mecanismos de criação em situações concretas da fala. O discurso proposto por Coseriu consciencializa o que significa falar sobre princípios num determinado domínio da atividade humana e especialmente na cultura, o que significa criar um fundamento filosófico de explicação e interpretação da condição humana para melhor entender as tendências da sociedade e o imperativo da tradição manifesto na necessidade de continuar a linha de criação já existente a fim de promover os valores humanos. Ao entender a filosofia como o discurso sobre a essência do ser, poder-se-á falar sobre princípios ou princípio? E qual será a relação entre os princípios e princípio? Haverá uma descendência religiosa, tradicional na formulação do nosso pensamento sobre a nossa cultura, de ver e interpretar as coisas? Ao consciencializar a existência de vários níveis da realidade semântica da estruturação do ôntico humano com referência à cultura, impõe-se uma atenção especial para não deturpar os níveis, para tratar um aspeto em termos impróprios, como, por exemplo, utilizar etimologias, que pertencem à linguagem, para explicar várias realidades extralinguísticas, naturais, cósmicas, psicológicas.

> "*Na realidade não existe contradição entre uma teoria das essências que considera que as coisas pertencem ao plano do Ser, e uma teoria da experiência, que considera que o Ser pertence ao plano das coisas, assim como não há contradição possível entre «platonismo» e «aristotelismo». Trata-se simplesmente de teorias que se situam em planos distintos, assim como «platonismo» e «aristotelismo» são apenas filosofias distintas e não filosofias que se excluem. A contradição pode estar só na incapacidade de reconhecer diferenças nos planos: em pretender aplicar ao «mundo» algo deduzido a priori partindo do «Ser» ou vice-versa.*"[519]

[519] "*No hay en realidad contracción entre una teoría de las esencias, que considera las cosas desde el plano del Ser, y una teoría de la experiencia, que considera el Ser desde el plano de las cosas, así como no hay contradicción posible entre «platonismo» y «aristotelismo». Se trata simplemente de teorías que se sitúan en planos distintos, así como «platonismo» y «aristotelismo» son sólo filosofías distintas, y no filosofías que se excluyen. La contradicción, aquí, sólo puede estar en la confusión de los dos planos: en pretender aplicar al «mundo» algo deducido a priori partiendo del «Ser», o viceversa.*" Idem, "Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje", *Teoría del lenguaje y lingüística general*..., p. 216.

Para um melhor entendimento do seu modo de interpretação, pode-se conceber a sua teoria similar ao modelo cósmico dos sistemas planetários onde cada planeta tem o seu próprio trajeto com a sua própria vida e dinâmica, com vibrações próprias, interpretadas cromaticamente na intensidade energética numa dominante espectral ou sonora, como a música das esferas dos pitagóricos da qual fala Platão nos diálogos *Timeu* e *República*,[520] demonstrando a harmonia do universo. De modo similar às línguas, os fatos culturais, as teorias são sempre recriadas não tanto na formulação já consagrada dos seus autores, mas na sua reinterpretação, revalorização e revitalização. Para Coseriu, as atividades de "conhecer", "entender" e "interpretar" significam 'criar'.

5.1. Os princípios da filosofia da linguagem como "ciência da cultura"

O discurso filosófico coseriano apresenta os princípios ligados à especificidade do ser humano como fonte criadora do ser e do conhecimento. A filosofia da linguagem fundada no conceito de energueia ultrapassa a apresentação descritiva da área que trata da linguagem, sendo uma entre outras secções da filosofia e fundamenta o estatuto ontológico do ser na linguagem, liberta da perceção material do mundo. A construção clássica da formulação dos princípios da filosofia da linguagem aparece como "*finis coronat opus*". É o início que cessa e o fim que se abre sem cessar, Coseriu considera-os como pilares da cultura[521].

---

[520] PLATÃO em *Timeu* demonstra a importância da multiplicação 2 por 3 (as quintas). "A escala pitagórica foi obtida a partir da proporção (ratio) de oitava, 1:2. Para se chegar a outros sons, é necessário multiplicar por 3. A corda, dividida em três partes, resulta na quinta. Para fazer o 3 caber entre 1 e 2, basta dividir 3 por 2. O resultado é 3/2, a proporção da quinta. A obtenção da nota Fá é feita pela noção de simetria entre Dó (1) e Sol (3/2), resultando 2/3. Este seria o Fá da oitava inferior, uma quinta abaixo do Dó (1). Para calcular o Fá da oitava superior (segunda abaixo do Sol 3/2) basta multiplicar 2/3 por 2, resultando o Fá 4/3. Outra forma de chegar a este resultado é prosseguir multiplicando por 3, o que gera um ciclo de quintas." Paulo de Tarso SALLES, "Pitágoras e escala musical", São Paulo, CMU-ECA/USP, 2009, p. 2 http://stoa.usp.br/ptsalles/files/-1/8831/Pit%C3%A1goras+e+a+escala+musical.pdf. Está na base de todos os números do sistema de afinação pitagórica numa música divina que harmoniza o princípio masculino com o feminino.

[521] "*When we speak about the principles of linguistics as a cultural science, we mean the principles of linguistics we'd like to contribute to, the principles that have guided us in our research, the principles we have tried to apply in everything we have achieved so far.*" Eugenio COSERIU, "The Principles of Linguistics as a Cultural Science", in *Transylvanian Review*, Cluj-Napoca, vol. IX, nº 1, 2000, p. 108.

Possivelmente a formulação destes princípios tem uma determinação biográfica do autor no seu desejo de ser mais explícito a auxiliar o público académico dos países comunistas na receção da sua teoria.

Após a "revolução" romena de 1989, o académico Eugenio Coseriu participou, desta vez na qualidade de romeno e não de intelectual uruguaiano ou alemão em maio de 1990, na comemoração "internacional" do filósofo, dramaturgo e poeta romeno Lucian Blaga.

Abriu a sessão plenária com uma conferência dedicada à obra filosófica do universitário homenageado, insistindo especialmente sobre a filosofia da cultura de Blaga, traduzida em italiano por ele[522] em colaboração com Mircea Popescu[523].

Nesta altura e noutras oportunidades que se seguiram, sensibilizado pela grande admiração dos seus compatriotas e a falta de entendimento e da abertura para a sua obra, em vários encontros com os universitários e investigadores de Cluj, Iaşi, Sibiu, Suceava e Bucareste e nas sua conferências em diversos fóruns académicos, insistia em apresentar a utilidade de alguns princípios para a linguística e também para toda a cultura, numa deontologia necessária a qualquer investigador.

> "*Os princípios são, normalmente, quando se fala de princípios, poucos; são apenas cinco, isto é: o princípio da objetividade, o princípio do humanismo, o princípio da tradição, o princípio do antidogmatismo e o princípio do bem público ou da responsabilidade sócio-cultural.*"[524].

---

[522] Coseriu traduziu a parte Arte e valor de Filosofia da cultura de Lucian Blaga. Idem, Prelegeri şi seminarii la Universitatea „Lucian Blaga" din Sibiu..., p. 21.

[523] Mircea Popescu (1919-1975) foi um linguista, crítico literário e tradutor romeno que permaneceu na Itália desde a Segunda Guerra Mundial. Em Roma, exerceu os cargos de professor de filologia românica na Universidade de Roma, de secretário da Sociedade Académica Romena criada no exílio e de redator da *Revista dos Escritores Romenos* de München. Ion Petru CULIANU, *Dialoguri întrerupte. Corespondenţă Mircea Eliade – Petru Culianu*, Iaşi, Polirom, 2004, nota 2, p. 42.

[524] "*Principiile sunt, ca de obicei când este vorba de principii, puţine, sunt numai cinci, anume: principiul obiectivităţii, principiul umanismului, principiul tradiţiei, principiul antidogmatismului şi principiul binelui public sau al responsabilităţii social-culturale.*" Eugenio COSERIU, "Principiile lingvisticii ca ştiinţă a culturii" conferinţă ţinută la Universitatea „Al. I. Cuza" din Iaşi, în deschiderea Colocviului omagial «Eugen COŞERIU – un mare lingvist contemporan», 12 aprilie 1992, in *Omul şi limbajul său.* Studia linguistica in honorem Eugenio Coseriu. Analele ştiinţifice ale Universităţii «Al. I. Cuza» din Iaşi, tom. XXXVII/XXXVIII, Lingvistică 1991-1992, p. 11.

5.1.1. O princípio da objetividade coseriana identifica-se com a formulação de Platão[525] na obra *O Sofista* no sintagma "*τὰ ὄντα ὡς ἔστιν λέγειν*"[526] no sentido de „*dizer as coisas*" ou mais explicitamente: "*dizer as coisas tal como são*". Coseriu coloca em primeiro lugar o princípio da objetividade, princípio de não fácil identificação, uma vez que o "objeto" é criado como um bem comum dos sujeitos falantes. Seria simples observar as coisas e dizer como são num trajeto do sentido comum empiricista e material da realidade palpável extralinguística para o conhecimento. Porém, os objetos não existem onde se manifestam concretamente, num encontro horizontal do homem, pelo contrário, partilhando o seu ser "ideal" com todos os falantes, têm uma existência mental viva, processual, não estática. Para se atingir a essência existencial dos objetos, não se consegue aplicar verdadeiramente aos objetos um único ponto de vista, parcialmente determinado por uma situação histórica; para ultrapassar a parcialidade do nosso ponto de vista em conceber algo, reclama-se imperiosamente a necessidade de assumir novos pontos de vista na forma de colocar uma questão. A pluralidade dos pontos de vista de todos os falantes cria o objeto na sua totalidade tal como se apresenta ao conhecimento intuitivo que produz a ligação cognitiva na designação com a própria realidade do objeto na sua manifestação complexa, uma vez que na realidade extralinguística os objetos se manifestam em si, enquanto que na linguagem eles existem para o homem. Atribuir a existência aos objetos é projetar na manifestação natural dos mesmos o seu conteúdo semântico da linguagem. O princípio da objetividade explanado na sua filosofia da linguagem é aplicável aos domínios da cultura onde se constata a pluralidade de pontos de vista na pesquisa dos fatos, na construção semântica ao nível teórico e na sua reflexão interpretativa, abordagem que torna mesmo as *posições contrárias* à nossa em *pontos de vista* sobre a existência dos objetos, na objetivação do mundo ao nível cognitivo. O princípio da objetividade como um princípio constitutivo dos objetos atualiza linguisticamente o princípio da universalidade:

> "*Este princípio da objetividade tem como consequência ou corolário o princípio da universalidade. Se dizemos as coisas tal como são ou tentando dizer as coisas tal como estão, estas são não só para nós mas - pelo menos num sentido ideal – para todos os homens* [...] *Ao mesmo tempo, esta objetividade implica a universalidade das afirmações*

---

[525] "*Que não é nada mais fácil dizer o que é o ser do que o que é o não ser*", PLATÃO, *O Sofista*..., p. 122.

[526] "«Die Sachen sagen, wie sie sind»", citado reproduzido in Johannes Kabatek e Adolfo Murguía, *»Die Sachen sagen, wie sie sind...« Eugenio Coseriu in Gespräch*..., p. 171.

formuladas sobre os objetos e a aspiração à universalidade."[527]

A arquitetura da língua portuguesa permite fazer a distinção filosófica pensada por Coseriu entre o conteúdo semântico dos verbos "ser" e "estar". *Dizendo as coisas como são* visa-se a existência "ideal" ou semântica dos objetos existentes na consciência dos falantes, ao passo que *dizer as coisas com estão*, contém em si uma projeção "circunstancial" dos objetos que se manifestam na proximidade do falante. A qualidade do "ser" é constante, a do "estar" é variável e, em virtude deste princípio enunciado por Coseriu, "estar" exprime-se sempre através dum "ser". Esta relação evidencia as competências elocucional e idiomática dos falantes, sem as quais não existia o princípio da objetividade que não pertence ao objeto em si, mas constrói-o num quadro existencial como significado. Nas ciências o objeto formado através de múltiplos pontos de vista em minuciosas descrições pertence ao plano da universalidade científica, igual e constante para todos os cientistas. O objeto de estudo do cientista não está defronte de si, mas no seu pensamento recriador de realidades semânticas, as suas descobertas sendo de fato atos de criação semântica impossíveis sem linguagem.

> "*Opomo-nos à ideia duma ciência que seria ciência para nós, para um determinado tempo ou para uma situação específica social ou política.*"[528]

O princípio da objetividade no seu valor universal de objetivação generaliza a criação, ultrapassando circunstâncias históricas, geográficas, ideológicas. Coseriu concebe a ciência num sentido hegeliano do "entender" (Verstehen) criativo, não repetitivo, construída com a objetividade que ultrapassa quaisquer determinações e limites num ato de vontade criativo, aparte qualquer juízo geográfico, político, económico. Significa que não nos devemos restringir à esfera do que é nosso, porque tudo o que pertence aos outros como cultura é-o igualmente de toda a humanidade, significa que não nos devemos restringir ao dado imediato, tal como se nos apresenta, mas reconhecer o modo como o

---

[527] "*Acest principiu al obiectivității are ca urmare sau corolar principiul universalității. Altfel spus, tocmai dacă spunem lucrurile așa cum sunt sau încercăm să spunem așa cum sunt, aceste lucruri sunt nu numai pentru noi așa, ci – cel puțin într-un sens ideal – pentru toți oamenii, pentru cei care, de bună credință, s-ar apropia de aceleași lucruri și ar vrea să le studieze. În același timp, această obiectivitate implică universalitatea afirmațiilor pe care le formulăm cu privire la lucruri și, în același timp, aspirația la universalitate.*" Eugenio COSERIU, "Principiile lingvisticii ca știință a culturii"..., p.12.

[528] "*Ne opunem deci ideii unei științe care ar fi știință pentru noi, pentru un anumit timp sau pentru o anumită situație socială și politică.*" *Ibidem.*

outro apreende e manifesta a efetividade do devir. Evidentemente o princípio da objetividade não se opõe à subjetividade, pelo contrário, promove-a, na medida em que a objetividade se constrói por via da intersubjetividade.

5.1.2. O princípio do humanismo apresentado por Coseriu retém o primeiro princípio enunciado e apresenta-se como o principal constituinte da ciência na esfera do humano, com enfoque especial na liberdade de criação. O princípio do humanismo esclarece a diferença essencial entre as ciências objetivas que estudam a natureza circunscrita no perímetro das leis da necessidade e causalidade, e as ciências humanas que estudam o que o homem cria como sujeito livre universal. Este princípio visa diretamente o conceito filosófico da liberdade, entendida na essência criativa do ser humano:

> *"A liberdade entende-se aqui no sentido filosófico do termo, i.e.: uma atividade livre é uma atividade cujo objeto é infinito, um objeto que é criado continuamente e não tem limites anteriormente estabelecidos."*[529]

A liberdade é própria do espírito criador e manifesta-se na atividade de criação como tal, ao nível da dinamis de várias competências e técnicas de criação. A liberdade criativa não se reduz à substância, à matéria ou às condições externas do sujeito criador. Sem liberdade não se pode conceber a linguagem como energueia que torna inesgotável o objeto criado, tal como todas as atividades livres do homem de manifestação da energueia quer na arte, na religião, na ciência ou na filosofia. A liberdade de criação tem um duplo sentido: o homem, criando o objeto, cria-se continuamente e humaniza o mundo.

A unidade complexa da língua e pensamento constante no ser humano em tudo o que realiza, justifica a escolha da linguística entendida como filosofia da linguagem na base da cultura, uma vez que considera o homem como sujeito relativamente ao que cria. Cada falante entende o que é a religião como sujeito crente, assim como entende o que é que a arte, a filosofia e a ciência, adquire os universos semânticos ao nível da consciência da língua falada. Uma vez que fala, conhece. A língua é o conhecimento originário criado e recriado, nunca terminado.

> *"O problema do homem de ciência é passar dum nível de conhecimento paro outro nível de conhecimento, do nível de conhecimento que tem o falante como um nível intuitivo, não explicado e não justificado, mas contudo certo para o falante, ao nível do conhecimento justificado*

[529] *"Libertatea se înțelege aici în sensul filosofic al termenului, anume: o ativitate liberă este o activitate al cărei obiect este infinit, un obiect care se creează în mod continuu, care nu-și are granițele stabilite dinainte."* *Ibidem*, p. 13.

> *dum conhecimento fundado, dum conhecimento explicado, i. e. a passagem que Hegel denominava bekannt para erkannt.*"[530]

A passagem do conhecimento intuitivo para o reflexivo não propõe uma classificação do conhecimento em um superior e outro inferior, geral ou especializado ou outras distinções funcionais, tem uma outra funcionalidade e arquitetura teórica. Coseriu menciona o célebre estudo de Leibniz sobre a teoria do conhecimento *Meditationes de cognitione, veritate ac ideis*, que estabelece os diversos graus de conhecimento. *Cognitio confusa*, conhecimento certo mas não justificado e *cognitio clara* que pode ser não só *confusa* mas também *cognitio clara adequata*, no sentido de conhecimento adequado como um conhecimento fundado, justificado, ao qual aspiram todas as ciências. O princípio do humanismo apresentado por Coseriu consciencializa a base do fenómeno cultural:

> "*Tudo o que interpretamos no domínio humano tem uma base teórica, um conhecimento universal que nós já temos, pelo menos numa forma intuitiva. E se temos este conhecimento numa forma intuitiva, significa que temos sempre uma teoria, mesmo quando pensamos que não temos nenhuma.*"[531]

O princípio do humanismo apresenta o homem como um ser que tem sempre presente uma teoria que pertence à língua que ele próprio fala. A teoria não é senão o conhecimento do universal dado pelo conhecimento linguístico através de fatos concretos e não uma construção arbitrária de modelos possíveis, aplicáveis ou não.

Estabelecendo esta abertura do conceito de teoria, Coseriu refere-se à etimologia grega da palavra "teoria", visão ou contemplação de Deus, com o significado de "ver", "contemplar" nos fatos a sua essência universal, isto é, reconhecer a universalidade nos fatos.

> "*Temos que admitir uma unidade permanente entre teoria e estudo empírico.* [...] *Não existe nenhuma teoria independente ou anterior*

---

[530] "*Problema noastră, problema omului de știință este să treacă de la un nivel de cunoaștere la alt nivel de cunoaștere, de la nivelul de cunoaștere pe care îl are în cazul nostru vorbitorul, anume nivelul intuitiv, nivelul neexplicat și nejustificat, însă cu totul sigur al vorbitorului, la alt nivel, la nivelul unei cunoașteri justificate, al unei cunoașteri fondate, al unei cunoașteri aplicate, adică trecerea de la ceea ce Hegel numea bekannt la ceea ce același Hegel numea erkannt.*" *Ibidem.*

[531] "*Tot ceea ce interpretăm în domeniul uman are o bază teoretică, o cunoaștere universală pe care o avem deja, cel puțin într-o formă intuitivă. Și, dacă avem într-o formă intuitivă această cunoaștere, înseamnă că avem o teorie, totdeauna, chiar atunci când credem că nu avem niciuna.*" *Ibidem*, p. 14.

> *aos fatos, anterior ao estudo empírico porque a própria teoria é o reconhecimento do universal nos fatos.*"[532]

Este princípio evidencia a importância de entender a unidade cognitiva permanente entre a teoria e o estudo empírico na formulação de qualquer interpretação que se constrói na base duma teoria assumida, pelo menos implicitamente.

> "*Sustentemos também este caráter hermenêutico ou esta propriedade hermenêutica das ciências da cultura. As ciências da cultura são sempre ciências que interpretam, em todos os sentidos.*"[533]

Qualquer discurso interpretativo tem na sua base a língua como conhecimento. Uma simples descrição é de fato uma interpretação com base no conhecimento dos falantes, das formulações explícitas realizadas pelos antepassados, adotadas pelos seus contemporâneos e transpostas para a memória coletiva dos falantes. Por esta razão, não se pode separar o presente dos fatos sincrónicos da diacronicidade dos fatos históricos, onde o nosso discurso atualiza na fala a língua dos outros. Um outro aspeto deste princípio é interpretar humanamente os fatos históricos, de nos interrogarmos sobre qual seria a nossa reação perante as mesmas condições e quais as explicações que daríamos para uma ou outra atitude.

> "*Interrogamo-nos a nós próprios na medida em que, na base da alteridade fundamental do homem, somos capazes de assumir a personalidade, a maneira de pensar dos outros, mesmo nos tempos totalmente diferentes e longe do nosso tempo.*"[534]

O homem nunca pode fazer abstração dele próprio na vida real. Coseriu opera uma distinção entre a "*objetividade externa*" e a "*objetividade real*". Denomina "*objetividade externa*" a que se encontra na linguagem comum, tomando-se como ponto de referência a existência dos objetos de estudo em si, considerada por outros como aquela que daria mais garantias de objetividade para a ciência.

---

[532] "*Trebuie să admitem o unitate permanentă între teorie şi studiul empiric.* [...] *Nu există nici o teorie independentă sau anterioară faptelor, anterioară studiului empiric, fiindcă teoria însăşi este cunoaşterea universalului în fapte.*" *Ibidem.*

[533] "*Susţinem deopotrivă acest caracter hermeneutic sau această proprietate hermeneutică a ştiinţelor culturii. Ştiinţele culturii sunt întotdeauna ştiinţe care interpretează, în toate sensurile.*" *Ibidem.*

[534] "*Deci, în realitate, ne întrebăm totdeauna pe noi înşine, în măsura în care suntem capabili să asumăm, pe baza alterităţii fundamentale a omului, să asumăm personalitatea, modul de a gândi al altora, chiar în timpuri cu totul diferite şi îndepărtate de timpul nostru.*" *Ibidem*, p. 15.

> *"Na realidade, a objetividade externa, ou a explicação através das causas que não têm nada a ver com a liberdade e com o mundo da liberdade, não só não explica nada, nem mesmo levanta o problema."*[535]

Coseriu considera a "objetividade real" como a "única possível nas ciências humanas" onde o objeto de estudo e o sujeito investigador é o homem.

> *"Alguém que levanta o problema pelo menos do ponto de vista da finalidade dos atos humanos pode dar, sem dúvida, também soluções erradas, mas, pelo menos, levantou na realidade um problema, enquanto os outros nem sequer levantaram o problema, embora aparentemente o propusessem."*[536]

Tendo em vista a linguagem como o fundamento e ciência originária, o conhecimento originário e certo, desde sempre os homens colocaram as mesmas perguntas sobre as mesmas realidades, os mesmos objetos e, admitindo que os homens foram sempre inteligentes e colocaram os problemas duma maneira genuína, surge o terceiro princípio numa relação lógica dedutiva da objetividade assumida pelo homem e sedimentada culturalmente.

5.1.3. O princípio da tradição confere um papel dinâmico, vivo e acumulador dos valores humanos.

Desde sempre o homem manifestou a necessidade de conhecer os mesmos objetos, tendo os mesmos objetivos e finalidades na criação dos mesmos e, por conseguinte, Coseriu considera que se deve buscar na tradição exatamente estas atitudes, o reconhecimento dos fins e dos princípios tanto nos objetos de cultura como nas ciências da cultura.

Tomando a ideia do grande linguista espanhol Rámon Menéndez Pidal de que na cultura tudo é em primeiro lugar tradição e depois, dentro desta tradição, fatos novos e revolucionários, Coseriu projeta este pensamento numa outra dimensão e enuncia:

> *"Quem diz apenas novidades não diz nada, porque a verdadeira novidade e efetiva nas ciências e na cultura em geral é uma novidade que tem as suas raízes na tradição e não despreza o que foi feito até agora; seria uma manifestação de orgulho satânico dizer-se: venho eu e arrumo as coisas, tudo o que se disse até agora, tudo o que foi*

[535] *"În realitate, obiectivitatea externă, sau explicarea prin cauze care nu au nimica de-a face cu libertatea şi cu lumea libertăţii, nu numai că nu explică nimic, ci nici măcar nu pun problema."* *Ibidem.*

[536] *"Cineva care pune problema cel puţin din acest punct de vedere al finalităţii actelor umane poate să dea, fără îndoială, şi soluţii greşite, dar, cel puţin, a pus problema, pe când ceilalţi nici n-au pus măcar problema, deşi aparent şi-ar fi propus tocmai aceasta."* *Ibidem.*

pensado até agora foi só estupidez."[537]

A atitude egocêntrica de assumir a paternidade da novidade, significa um "*orgulho satânico*" de desprezo pelo mundo das suas origens até hoje e não o reconhecimento da realidade humana no fato de que todos quiseram dizer a verdade no sentido filosófico de "*dizer as coisas tais quais são*", como já se apresentou no princípio da objetividade. O erro frequentemente cometido na afirmação da novidade considerada como oposta às realidades humanas já conhecidas é uma limitação do homem e a abordagem das coisas sob uma só perspetiva restringe o conhecimento do sujeito. Este princípio, na linha da corrente humanista, estabelece conexão com a inteligência humana entendida como uma constante da nossa existência histórica em todas as criações, quando alguém pretende dizer com a máxima exatidão "*as coisas tais quais são*" na sua consciência linguística de falante em fórmulas próprias. A tradição não é teórica e não consta de nenhuma formulação de princípios morais, intelectuais, cognitivos, de fé ou doutra natureza, mas promove todos estes princípios aplicados, pelo menos intuitivamente, em vários fenómenos culturais. Tal como os outros princípios enunciados, o da tradição está diretamente ligado à manifestação constante e contínua da energueia na criatividade e nas competências e técnicas de criação. Visa o potencial de possibilidades que se atualizaram, concebido na sua dinâmica como a fonte viva, uma vez que a essência da linguagem é a atividade criadora.

Este princípio evoca o papel formativo e o modo de considerar dogmaticamente a tradição na religião cristã como a santa tradição que acompanha os textos sagrados. É um princípio criativo e não um traço característico como o que se encontra na interpretação das realidades folclóricas ao explicar a criação, a maneira de transmissão e a preservação/ conservação dos rituais e criações orais.

5.1.4. O Princípio do antidogmatismo é a aplicação do princípio da tradição, pancrónico ou sincrónico, aplicável na linguística ou na ciência atual. Significa que todas as teorias têm na base o mesmo conhecimento intuitivo originário e por conseguinte todas "*dizem as coisas tais quais são*" pelo menos numa perspetiva definida e visam uma determinada finalidade. Todas as teorias contêm um sentido de verdade que indica a sua semanticidade idiomática:

---

[537] "*Cine spune numai lucruri noi nu spune nimic; fiindcă noutatea adevărată, efectivă, în ştiinţe şi în cadrul culturii în general este o noutate care îşi are rădăcinile ei în tradiţie şi care nu disprețuieşte ce s-a făcut până acum; fiindcă este o manifestare de orgoliu satanic faptul de a spune: vin eu şi aranjez lucrurile, tot ce s-a făcut până acum, tot ce s-a gândit până acum au fost numai prostii.*" *Ibidem*, p. 15-16.

> "*Nenhum erro é só erro, porque os erros contêm algo, pelo menos uma intenção de verdade e por isso o nosso dever, quando interpretamos é exatamente interpretar no sentido da verdade, não por criticar pura e simplesmente, porque isto não conduz a lado nenhum.*" [538]

Na medida em que se dizem "*as coisas tais quais são*", tomadas como uma prova de verdade, em lugar de se rejeitarem as diferentes teorias, abrem-se novas perspetivas de conhecimento, tomadas como outros pontos de vista possíveis. Coseriu faz referência a Leibniz ao considerar os sistemas filosóficos:

> "*os sistemas filosóficos são todos verdadeiros através do que se afirma e todos são falsos através do que se nega.*"[539]

Considera a validade da afirmação leibniziana tanto na linguística como na cultura e aceitar vários pontos de vista não significa uma perspetiva ou posição eclética, mas ilustra exatamente o princípio do antidogmatismo que consiste em:

> "*não reconhecer nada de um modo não crítico, mas interpretar tudo e as teorias num sentido crítico, mas num sentido positivo.*"[540]

Na aceção de Coseriu, o sentido crítico liga-se à energueia, à recriação da teoria pelo leitor que não só acompanha o sentido do texto, mas cria a teoria de identificação para reconhecer as passagens que indicam os diversos pontos de vista do recetor. A existência duma teoria na formulação inicial do autor é fundamental mas o que transforma o fato individual da expressividade em cultura é oferecido pela receção contínua que comprova a sua validade e transforma o érgon em designação, capaz de entrar em relação com as designações de outras teorias. Uma teoria é aceite e promovida culturalmente ao nível de designação e não de formulação, como geralmente se pensa. A obra permite que a sua materialidade expressiva se torne num processo de recriação que continua o ato de criação original. A semântica da linguagem transforma o objeto cultural num processo de criatividade contínua de sentido. A atitude antidogmática explica os trabalhos coserianos. Na sua opinião, a originalidade consiste em admitir "verdades" antigas, tomando a liberdade

---

[538] "*Nici o greșeală nu este numai greșeală, ci și greșelile conțin ceva, cel puțin o intenție de adevăr și că datoria noastră, când interpretăm, este tocmai să interpretăm în sensul adevărului, nu să criticăm pur și simplu, căci asta nu duce la nimic.*" *Ibidem*, p. 16.

[539] "*Sistemele filosofice sunt toate adevărate prin ceea ce se afirmă și că sunt toate false prin ceea ce neagă.*" *Ibidem*, p. 16.

[540] "*Antidogmatism, adică a nu recunoaște nimic în mod necritic, ci a interpreta totul și teoriile în sens critic, însă în sens pozitiv*", *Ibidem*.

de as utilizar numa interpretação por ele considerada a mais adequada e mais perto da "realidade" do objeto ou, mais exatamente, do objeto construído como "realidade". Deste modo se explicam as suas interpretações da linguística contemporânea sobre "realizações e limitações" das diversas teorias, fórmula escolhida como título de vários artigos, conferências e estudos.[541]

A posição coseriana opõe-se ao método do falsificacionismo proposto por Karl Popper[542] como uma réplica ao verificacionismo dos positivistas lógicos. A objetividade coseriana demonstra que cada teoria é verdadeira mesmo na sua falsidade como teoria distinta da sua aplicação numa determinada área de estudo.

5.1.5. O princípio da utilidade pública inscreve o ato cultural na deontologia profissional e visa a condição do filósofo e do cientista. Coseriu relembra o princípio enunciado por Leibniz: "*scientia quo magis theorica, magis practica*"[543]. A ciência quanto mais teórica, mais prática, a ciência quanto

[541] Eugenio COSERIU, "Über Leistung und Grenzen der kontrastiven Grammatik", *Probleme der kontrastiven Grammatik*. Jahrbuch 1969 des IDS, Düsseldorf, pp. 9-30; impresso in G. Nickel (ed.), *Reader zur kontrastiven Linguistik*, Frankfurt/Main 1972, pp. 39-58. Idem, *Alcances y límites de la traducción*, revisão em língua espanhola do *Abast i límits de la traducció*. Lliçó inaugural del curs acadèmic 1996-97 de la Facultat de Traducció i Interpretació, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, *Lexis*, XXI, 2, 1997, Lima, pp. 163 – 184.

[542] "*Sempre que falsificamos um enunciado estamos com isso, automaticamente, a verificar a sua negação, pois a falsificação de um enunciado a pode sempre ser interpretada como a verificação da sua negação, não-a. Por conseguinte, podemos sempre falar (se quisermos) de verificação em vez de falsificação, e vice-versa: a diferença entre estas duas maneiras de pôr as coisas é simplesmente verbal, e elas são, portanto, por razões lógicas, completamente simétricas.*" Karl POPPER, *O realismo e o objetivo da ciência: pós-escritos à lógica da descoberta científica*, Lisboa, Dom Quixote, 1987, p. 197.

[543] Moto utilizado por Eugenio COSERIU, "The Principles of Linguistics as a Cultural Science"..., p.108. Idem, *Logos semantikos: Studia Linguística in honorem Eugenio Coseriu 1921-1981. Théorie et philosophie du langue*, Madrid, Gredos, 1981, vol. 2, p. 16. Johannes KABATEK, Adolfo MURGUÍA, *»Die Sachen sagen, wie sie sind...« Eugenio Coseriu im Gespräch...*, p. 181. Miorita ULRICH, *Die Sprache als Sache. Primärsprache, Metasprache, Übersetzung*, Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1997, p. 207, moto para "Kapitel I. Die Ergebnisse der Heuristik und ihr einheitlicher Sinn", autora influenciada na sua formação por Coseriu, referenciado frequentemente neste livro (51 vezes), apresenta a teoria da tradução de Coseriu em paralelo com a de Barchudarov (pp. 252-259). Cristinel MUNTEANU, *Discursul repetat*, Institutul European, Iași, 2005. Encontra-se a mesma citação de Leibniz, p. 25, *Confluência*, Rio de Janeiro, Instituto de Língua Portuguesa, Nº 9-12, 1995, p. 180; *Ibidem*, nº25-28, 2003, p. 20. Dumitru COPCEAG, Ion MĂRII, Nicolae MOCANU, *Studii de lingvistică*, Cluj-Napoca, Clusium, 2001, pp. 104, 185. Hartwig KALVER-

mais explicitada teoricamente, mais ela se torna prática e não como paradoxo onde a teoria seria entendida sob o seu lado mais abstrato e auto-suficiente. O homem da ciência, tal como o filósofo, deve entender a universalidade do seu trabalho humanista e o seu dever criativo de o tornar acessível a todos.

> "*Para a ciência e para o conhecimento geral do objeto utilizaremos a linguagem natural, a linguagem corrente, para entendermo-nos uns aos outros, se é possível para nos entendermos todos: "quem lê que entenda", dizia um velho sábio.*"[544]

Na linguística alguns estudiosos defendem ser necessário criar uma terminologia completamente nova para se ser mais coerente. Coseriu sempre preferiu utilizar palavras correntes, comuns, da linguagem quotidiana para termos técnicos sem perder o significado linguístico de base. Ao utilizar os termos de *significação* e *designação* usa a palavra com o sentido de base que tem na linguagem quotidiana e ao mesmo tempo delimita, no sentido técnico, como termo. A mesma situação com os termos "língua" e "fala" com os significados conhecidos. Por esta razão, evitou transpor a "realidade" da linguagem na linguagem matemática tal como a terminologia esotérica. Coseriu considera que o linguista, como homem de ciência, deve tomar uma atitude filosófica de refletir sobre o que pensa o falante a respeito da língua, reflexão que vai constituir o ponto de partida para a sua teoria. Igualmente o linguista deve mostrar o mesmo interesse por todas as formas de linguística aplicadas atualmente. Na sua objetividade profissional, o linguista deve tomar atenção à política linguística que habitualmente não corresponde às "realidades linguísticas".

Pensou-se durante muito tempo que o problema da expressão correta e da certeza na língua seria um problema menor. Coseriu defende exatamente o contrário. Assim se explica o seu interesse pelos problemas da linguística aplicada, pelos problemas teóricos da relação entre linguagem e politica, pelos problemas didáticos do ensino da língua nacional, pelo problema da correção. Ainda em 1957, Coseriu escreveu uma obra não publicada com o título *O*

KÄMPER, Larisa SCHIPPEL (ed.), *Translation zwischen Text und Welt – Translationswissenschaft als historische Disziplin zwischen Moderne und Zukunft*, Berlin, Frank & Timme GmbH, 2008, p. 22. Dieter KREMER (ed.) *Actes du XVIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*, Niemeyer, 2008, p. 19.

[544] "*Pentru știință și pentru cunoașterea generală a obiectului noi vom întrebuința limbajul natural, limbajul curent, ca să ne înțeleagă și alții, să ne înțeleagă dacă este posibil, toți: „cine cetește să înțăleagă", zicea un cărturar de demult.*" *Ibidem*, p. 17. A referência ao escriba visa o Metropolita da Transilvânia, Simion Ștefan, no seu prefácio ao Noul Testament de la Bălgrad de 1648, a primeira tradução integral na língua romena do *Novo Testamento*.

problema da expressão correta, onde explicita o fundamento e a profundidade dos problemas da *correção* na língua. O linguista não pode rejeitar os conceitos, os termos e as teorias formuladas, mas deve questionar o verdadeiro sentido das mesmas, o que significa passar do plano do conhecimento intuitivo para o plano do conhecimento reflexivo. A insistência de Coseriu sobre o papel prático do linguista na cultura visa sobretudo o caráter técnico, mas primeiramente a qualidade filosófica do pensamento que considera a linguagem como a base de toda a cultura.

5.2. Criação e linguagem

Que relação existe entre criação e linguagem? A linguagem é uma potência demiúrgica ou uma tradução mental de um mundo previamente constituído? A linguagem é uma realidade homogénea ou, na sua complexidade, inclui diferentes níveis e modalidades? O que significa criar? Operar, *ex nihilo*, a passagem do nada ao ser? Um exercício de transformação e/ou transfiguração de um mundo sempre em aberto e inacabado?

A resposta a estas e tantas outras questões não é unívoca. Depende da conceção de linguagem e de criação, do modo específico de relação entre elas e do horizonte de sentido no qual se inscreve o pensar e a articulação linguística do mundo e do ser. O quadro geral de reflexão acerca da relação entre criação e linguagem é fornecido pelo tipo de articulação que se estabelece entre homem, natureza e cultura. Se entendermos por natureza (*physis*) a esfera da realidade que existe e se desenvolve independentemente da ação humana, ocorre perguntar: existe efetivamente tal natureza ou toda a natureza tem de ser pensada em relação com o homem e com o mundo cultural? E a cultura é uma esfera autónoma de atividade ou é também ela indissociável da natureza, em face da qual se define? O homem é uma realidade fragmentária ou o núcleo de uma teia altamente complexa de relações?

O fio de Ariadne para responder a esta multiplicidade enredada de questões é a linguagem enquanto *energueia*, que faz do homem um verdadeiro homem e delineia a configuração original do mundo envolvente. Como tal, os conceitos de criação e linguagem inscrevem-se num discurso reflexivo inesgotável sobre o ser. Não obstante o lugar privilegiado da linguagem poética, não se pressupõe aqui a identidade entre linguagem e a poesia como se encontra às vezes na história da cultura[545]. A natureza, a constituição e a finalidade da

[545] A identidade da linguagem com a poesia encontra-se em Gianbattista Vico no seu tratado *La scienza nouva*, em Hegel na terceira parte da sua *Estética*, em Heidegger no seu estudo *Hölderlin e a essência da poesia*. Veja-se Martin HEIDEGGER, *Hölderlin et l'essence de la póesie* (Hölderlin und das Wessen der Dichtung) traduit par Henry

relação entre criação e linguagem representa uma constante do pensamento filosófico de Eugenio Coseriu[546] que, à procura da essência semântica constitutiva da cada um destes conceitos, identifica na sua base uma atividade específica ao homem denominada *energueia* e definida em termos filosóficos consagrados por Aristóteles[547] como "a atividade criadora".

No horizonte do conceito de energueia, assume-se o fundamento cultural do

Corbin, in *Approche de Hölderlin*, Paris, Gallimard, 1973, pp. 39-61. Com referência especial para algumas ideias frutuosas como: considerar a linguagem não somente como um instrumento, insistindo sobre um infindável número de possibilidades de abertura do ser para os instantes, num círculo, numa mudança contínua; sobrepor a esfera da poesia sobre a esfera da ação, da sabedoria (p. 48); o fato que os homens são um diálogo situa-nos na história, no sentido que ser um diálogo é ser na história (p. 49), a ideia que o homem habita poeticamente o mundo como os deuses (p. 50) ligado à essência das coisas, onde a poeticidade não é um mérito, mas um dom, um dado constitutivo do seu ser (p. 45), afirmações que conduzem a identificar a língua primitiva, original, com a poesia, como fundadora do ser (p. 55). Veja-se Idem, *Über das Wesen der Dichtung*, in idem, *Desamtaugsgabe. Hölderlins Hymnesn »Germanien« und »der Rhein«*, vol. 39, Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 1980, pp. 25-42,. Idem, *Erläuterungen zu Hölderlins Dichtung. Dessamtausgabe*, vol. 3, Vittorio Klostermann, Frankfurt am Main, 1981, ideia presente também na sua conferência "«...L'homme habite en poète» in Idem, *Essais et Conférences*, trad. André Préau, Paris, Gallimard, 1958, 4e ed., pp. 224-245. Para Heidegger como uma expressão da "habitação", como já foi mencionado no título da sua conferência. « *L'homme se comporte comme s'il était le créateur et le maître du langage, alors que c'est celui-ci au contraire qui est et demeure son souverain. Quand ce rapport de souveraineté se renverse, d'étranges machinations viennent à l'esprit de l'homme. Le langage devient un moyen d'expression. En tant qu'expression, le langage peut tomber au niveau d'un simple moyen de pression. Il est bon que même dans une pareille utilisation du langage, on soigne encore son parler ; mais ce soin, à lui seul, ne nous aidera jamais à remédier au renversement du vrai rapport de souveraineté entre le langage et l'homme.* » p. 227. Benedetto Croce, o mais conhecido promotor da identidade entre a linguagem e poesia, esclarece no 18º capítulo da sua *Estética* o tipo de identidade visada. Identificou a linguagem com a poesia como atividades criadoras, i.e., no momento original, da criação, e na sua essência. Por um lado, a linguagem é anterior à distinção entre existência e inexistência, por outro, é anterior à distinção entre verdade e não verdade.

[546] Vejam-se os seguintes estudos "O homem e a sua linguagem". "A linguagem e a compreensão da existência do homem atual", "Teses sobre o tema «linguagem e poesia» "Estilística e estilísticas" in Eugenio COSERIU, *O homem e a sua linguagem. Estudos de teoria e metodologia linguística...*

[547] Aristóteles no princípio do seu tratado *De interpretatione* (*Περί ἑρμηνείας*). O conceito aristotélico de "energueia" é entendido como "*a atividade livre e final, que tem em si o seu fim e é a realização do mesmo fim, que é idealmente anterior à «potência»*". Eugenio COSERIU, "Lengua abstrata y lengua concreta", *Sincronía, diacronía e historia...*, p. 46.

homem, que define a linguagem na sua essência como uma atividade criadora de sentido. Esta formulação filosófica é inédita, lógica e muito incómoda para certo tipo de abordagem científica. Destrói os contornos consagrados do pensamento humano sobre a linguagem vista como instrumento, comunicação e suporte material do lado espiritual. Como energueia, a linguagem constitui uma unidade com o pensamento, é ilimitada e torna tudo possível como realidades semânticas criadas pelo ser humano. A realidade da fala apresenta, concomitante ao seu valor de expressão individual, a particularização duma tradição coletiva dum povo e aponta a universalidade dum "quid" existencial do homem. Mesmo o ato mais simples de criação tem a sua complexidade semântica ativa de energueia da linguagem, para a qual, como já referenciámos, Coseriu especifica três conteúdos mentais. No nível universal do ser, fora de qualquer determinação temporal e espacial existem as **designações** como conteúdos de consciência e de pensamento, meras representações ou imagens mentais vivas do mundo, entendidas como processos mentais válidos para todos os homens, que constituem uma referência e ligação criativas às coisas[548]. No nível histórico, a fixação da linguagem na memória coletiva nos *significados* da língua que pertencem ao léxico e à gramática. A fala apresenta-se como o último nível, a concretização da linguagem numa determinada situação, única realidade concreta e material duma língua cujo *sentido*, construção semântica complexa realizada num enunciado, se relaciona semanticamente com o contexto situacional mental.

Mantendo a perspetiva cultural como básica, a criação linguística oferece à linguagem um valor ontológico, no sentido de que o mundo se constrói como "realidade" semântica "dentro" do homem e se torna um dado ativo da sua consciência. Nada "fora", tudo está "dentro" da nossa mente. Ao nível mais elementar, um som é som e não uma vibração da natureza, mas uma concretização da criatividade da linguagem que é importante exatamente para o seu conteúdo mental dinâmico. Assim se explica a contínua criação das línguas, toda a manifestação da linguagem e especialmente a criação dos mundos de sentido com carga cultural. Não temos "*natura naturans*" mas "*cogito naturans*" que torna a natureza num mundo de sentido, tal como se constituem o mundo espiritual divino e humano, diferentes na forma de expressão, mas unitárias na essência da sua constituição.

A energueia pertence à linguagem e ultrapassa-a, criando sempre, num ato auto-constitutivo, novas técnicas de fala e, o que é mais importante, numa objetivação do ser humano, cria produtos culturais a partir da linguagem

[548] Idem, "Linguistic Competence: What is Really?", *The Modern Language Review*, vol. 80, part. 4, October 1985, p. XXXI; Idem, "Significado y designación a la luz de la semántica estructural", *Princípios de semántica estructural*... p. 185-209.

verbal, numa criatividade especializada que não pertence mais à linguagem no sentido comum[549], como são: os conceitos, os termos científicos e técnicos, as ciências, as técnicas e as artes.

5.2.1. O trabalho criativo da linguagem de maior ênfase é a própria construção do ser humano através da língua materna. Esta criação explica o salto fundamentalmente qualitativo na existência e a definição do homem não como parte da natureza, mas como ser cultural, que abraça e assume toda a existência em primeiro lugar ao nível criativo através da função semântica da linguagem denominada por Aristóteles λόγος σεμαντικός[550].

A linguagem acompanha e torna possível a perceção externa e interna de cada um, a consciência de si mesmo e da sua identidade. Através da linguagem, o homem manifesta a sua demiurgia, apropriando, dominando e modelando o mundo tornado semântico, situação denominada por Coseriu como saber linguístico no sentido de saber falar e entender o que se fala, é um saber "claro e seguro" de todos os falantes, conceito esse explicado em relação com o tipo de saber denominado por Leibniz[551] "claro-confuso", que é seguro mas não justificado[552]. Coseriu considera que a energueia da linguagem cria as intuições necessárias à vivência do homem, constituindo o seu habitat existencial e base cognitiva de tudo o que ele sabe.

> "*De fato, como conhecimento criador, a linguagem tem todas as características das atividades criadoras do espírito* [...] *e que se chamam conjuntamente cultura: é uma forma de cultura, talvez a mais universal de todas, e, de qualquer modo, a primeira que distingue imediata e nitidamente o homem dos outros seres da natureza.*"[553]

---

[549] "*A linguagem técnica é um fenómeno linguístico secundário, já não é linguagem como tal*", Idem, "A linguagem e a compreensão da existência do homem atual", Idem, *O homem e a sua linguagem*..., p. 42.

[550] „*Já Aristóteles mostrou que a linguagem como tal, o „logos semântico" (λόγος σεμαντικός), é anterior à linguagem que afirma ou nega algo acerca de algo, ao "logos proposicional" (λόγος αποφαντικός)". Na linguagem como tal, segundo Aristóteles, não ocorre ainda a distinção entre existência e inexistência, nem a distinção entre verdade e mentira, que só se apresentam na "proposição" (ou "juízo" "objetivas" (concernentes às "coisas" designadas).*" *Ibidem*, p. 24.

[551] "*Est ergo cognitio vel obscura vel* ***clara****, et clara rursus vel confusa vel* ***distincta****, et distincta vel inadaequata vel* ***adaequata****, item vel symbolica vel* ***intuitiva****: et quidem si simul adaequata et intuitiva sit, perfectissima est.*" Gottfried Wilhelm LEIBNIZ, "Meditationes de cognitione, veritate et ideis", in Idem, *Die philosophischen Schriften, Berlin*, Georg Olms Berlagsbuch handlung, 1980, vol. 4, p. 422.

[552] Eugenio COSERIU, "Lengua abstrata y lengua concreta", *Sincronía, diacronía e historia. El problema del cambio lingüístico*..., p. 58. Idem, *El hombre y su lenguaje*..., p. 19.

[553] Idem, "A criação metafórica na linguagem", *O homem e a sua linguagem*..., p. 60.

Ao transpor esta ideia para uma perceção das realidades concretas, palpáveis das criações realizadas, a língua é a cultura fundamental do homem que sustém todas as outras formas de cultura; tudo o que o ser humano realiza tem a linguagem na sua base, sem ser reduzido a ela, porque:

> "[...] *a cultura linguística (a língua como cultura) não deve confundir-se com a cultura em geral, embora muitas vezes coincida com ela*".[554]

Neste sentido, pode-se falar de um *incipit* metafórico formulado linguisticamente por cada obra de arte que visa a finalidade estética pensada pelo autor. Aqui, a criatividade linguística manifesta-se num outro nível, secundário, onde cada área estética se situa numa zona de passagem do *não ser* para o *ser* da obra de arte, na criação do mundo estético mais além da sua materialidade, como mundo com sentido.

5.3. A energueia na arte

Quando falamos sobre uma realidade artística, segundo Coseriu, no princípio da nossa busca do sentido daquela realidade, não devemos ir mais além, em diversos planos simbólicos[555] e realidades culturais, pelo contrário,

---

[554] "*La cultura lingüística (la lengua como cultura) no debe confundirse con la cultura en general, aunque a menudo coincida con ella.*" Idem, "Las condiciones generales del cambio. Determinaciones sistemáticas y extrasistemáticas. Estabilidad e inestabilidad de las tradiciones lingüísticas", *Sincronía, diacronía e historia*..., p. 118

[555] "*Mas que atividade é a linguagem? Aqui, justamente, intervém a diferença específica: dizemos que «a linguagem é atividade simbólica». Com base nesta afirmação, E. Cassirer fundamenta a sua filosofia da linguagem e, ao mesmo tempo, a sua definição do homem como animal symbolicum. O adjetivo simbólico, porém não classifica a atividade linguística segundo a sua natureza, não nos diz que atividade é a linguagem, mas apenas caracteriza, indica de que tipo são os seus elementos, os momentos em que se articula; isto é, constitui, na realidade, uma etapa secundária na delimitação da linguagem como atividade e implica necessariamente uma etapa anterior.*" Idem, "A criação metafórica na linguagem", *O Homem e a Sua Linguagem*..., p. 56. "*Pois bem, o próprio Cassirer destaca que a linguagem é uma modalidade especifica do homem no contacto com o mundo, ou seja, em conhecer a realidade, a sua realidade, que o ser humano "traduz", isto é, classifica e esclarece, designa e expressa, mediante símbolos: os símbolos são, portanto, formas cujo conteúdo é um conhecimento. Merece dizer que o adjetivo simbólico enquadra-se num conceito mais amplo que o de cognoscitivo, ou seja, que a linguagem é essencialmente atividade cognoscitiva: uma atividade cognoscitiva que se realiza mediante símbolos (ou signos simbólicos). É forma de conhecimento. E isto não apenas no momento em que um signo simbólico se produz pela primeira vez na história (momento que implica o reconhecimento*

devemos dar atenção ao texto construído com uma finalidade estética, criadora de novos mundos, únicos, irrepetíveis. Nesta dimensão, o que importa não são as causas, mas sim as finalidades. Podemos mencionar o jogo lógico da linguagem de Martin Heidegger quando fala sobre a origem da obra de arte: "*O artista é a origem da obra. A obra é a origem do artista*" [556], porque:

> "*A pergunta pela origem da obra de arte é a pergunta pela proveniência da sua essência. De acordo com a conceção habitual, a obra tem origem a partir da e pela atividade do artista*"[557].

5.3.1. Exemplificamos a constituição verbal do sentido duma obra de arte com a atividade artística do escultor romeno Constantin Brâncuși, o "camponês" que vivia a sua cultura tradicional no centro do mundo moderno, Paris, em harmonia com o universo, revelando que "*o paraíso está tão perto de cada um de nós se tivermos: uma flor, uma árvore, um ancinho, uma enxada e água*".[558] Constantin Brâncuși, fundador da arte moderna, é frequentemente interpretado como artista vanguardista seguindo o critério cronológico e a amizade pelos artistas vanguardistas[559] seus contemporâneos. Não se tem em

duma "classe" com tal e a sua diferenciação, mediante o nome, das outras "classes" que se distinguem na realidade), mas em todos os seus momentos. Com efeito, os símbolos são recriados em todo o ato concreto de falar e, por outro lado, todo o ato linguístico pressupõe, tanto no falante como no ouvinte, complexas operações de índole fundamentalmente cognoscitiva: individualizar um objeto particular como pertinente a uma "classe" (reconhecer que um objeto se enquadra num conceito) e entender, mediante o nome da classe, o próprio objeto particular, ou seja: um movimento cognoscitivo que vai do objeto ao conceito, no falante, e do conceito ao objeto, no ouvinte. Traduzida em termos de conhecimento, de tomada de contacto simbólica com a realidade, uma frase tão elementar como "o cachorro brinca" significa mais ou menos o seguinte: 'este objeto é um exemplo da classe chamada cachorro'; esta atividade particular é um exemplo da classe chamada brincar; entre os dois exemplos há uma relação de simultaneidade e interdependência (no ato de expressão, isto é, no falante), e: 'há uma classe chamada cachorro' e este é um exemplo: há uma classe chamada brincar e este é um exemplo; entre os dois exemplos há uma relação de simultaneidade e interdependência" (no ato de compreensão, e isto é, no ouvinte)." *Ibidem*, p. 57.

[556] Martin HEIDEGGER, *A origem da obra de arte*, tradução Irene Borges-Duarte, Filipa Pedroso, em Martin HEIDEGGER, *Caminhos de floresta*, Lisboa, Calouste Gulbenkian, 1998. p. 8.

[557] *Ibidem*, p. 7.

[558] „*Paradisul se află la îndemâna tuturor: floarea, copacul, grebla, săpăliga și apa.*" Petre PANDREA, *Brâncuși amintiri și exegeze*, București, Editura Meridiane, 1976, p. 46.

[559] O seu atelier, sempre aberto a todos, recebeu, entre outros, o compatriota de origem judia Tristan Tzara, fundador do movimento DADA, Francis Picabia, Erik Satie, Fernand Léger, Henri Matisse, Marcel Duchamp e Henri Rousseau, Amedeo Modiglioni,

consideração o sujeito criador:

> "*Loucos são aqueles que pensam que os meus trabalhos são abstratos. O que eles consideram ser abstrato é tudo o que pode ser mais realista, ainda que o real não signifique formas externas, mas sim, essência das coisas.*"[560]

Esta "essência das coisas" é o sentido que utiliza e fixa para sempre uma designação numa metáfora fundamentalmente humana que pode ser considerada como um núcleo generativo da própria obra de arte. Entendemos que, de fato, os seus trabalhos são obras de arte ligadas à essência do ser, a sua arte é o mais realista possível. Todas as suas obras têm um título poético que vai estruturar o conteúdo semântico duma obra numa verticalidade metafórica que ultrapassa o mundo real para se ancorar no mundo mítico, essencial, profundamente humano: *Oração, Sabedoria da Terra, A Porta do beijo, Coluna sem fim, Narciso, Adão e Eva, O regresso do filho perdulário, Os Pinguins, O Princípio do mundo (Ovo), A Musa adormecida, Leda, Prometeu.* Seguindo o pensamento de Coseriu, consideramos que na análise duma obra o mais importante é apercebermo-nos da sua finalidade e o saber expressivo[561] dum texto absoluto que é a obra de arte, enfim de apresentarmos a arte poética de Constantin Brâncuşi e esclarecermos a sua modernidade, a força criativa e a sua poeticidade. Uma obra de arte, vista como um novo mundo criado pelo artista, com um sentido expresso num texto verbal destaca claramente

---

Guillaume Appolinaire, Ezra Pound, James Joyce, Scarlat Callimachi, Ilarie Voronca tal como a condessa de Noailles, a princesa Bonaparte, Florence M., Eileen Lane, Elayne Feyre, Margit Pogany e outros.

[560] „*Nebuni sunt cei ce socot lucrările mele abstracte. Ceea ce cred ei că-i abstract e tot ce poate fi mai realist, căci realul nu înseamnă forme exterioare, ci ideea, esența lucrurilor.*" Tretie PALEOLOG, *De vorbă cu Brâncuși despre „Calea Sufletelor Eroilor"*, București, Editura Sport-Turism, 1976, p. 5.

[561] Eugenio COSERIU, "Sobre la enseñanza del idioma nacional. Problemas, propuestas y perspetivas", in *Festschrift Antonio Llorente*, II, Salamanca, pp. 33-37: "*Ante todo, el saber hablar no es sólo «lengua». En el saber lingüístico del que los hablantes hacen uso al hablar, en la llamada «competencia», hay que distinguir, como en el lenguaje en general, un plano biológico y un plano cultural, y en el plano cultural hay que distinguir tres escalones: el* universal, *el* histórico *e el* particular *o circunstancial. En el plano biológico, el saber lingüístico es* saber psicofísico*: poder manejar los mecanismos psicofísicos del hablar; en el plano cultural, es, de acuerdo con los tres escalones:* saber elocucional *(saber hablar en general),* saber idiomatico *(conocer un idioma determinado) y* saber expresivo *(saber estructurar discursos en situaciones determinadas). La suficiencia del saber lingüístico manifestado en el hablar en estos planos y escalones es lo que puede llamarse (y menudo se llama), respetivamente, lo* normal, *lo* congruente, *lo* correto *y lo* apropiado." p. 34.

o conteúdo semântico de: *designação* para o nível universal do pensamento humano, *significado* idiomático e *sentido* como manifestação duma poética individual do artista.

Constantin Brâncuşi constrói as suas esculturas com elementos míticos, reduzindo o sentido global dos mitos num significado que aponta uma designação fundamentalmente humana e essencial, vital para qualquer respiração cultural. Ezra Pound no seu artigo dedicado a Brâncuşi vê nele um homem apaixonado pela perfeição[562], que experimenta a contemplação budista do universo e, como os santos medievais, a contemplação do amor divino no seu trabalho criativo da sublimação alquímica do médium para eliminar os acidentes e as imperfeições, sendo cada estátua um resultado da sua pesquisa do elixir da vida e da pedra filosofal[563].

O artista nunca sabe quando uma obra de arte está terminada, porque, de fato, uma obra de arte nunca se acaba[564] e exemplifica-o com as variantes dos "pássaros" de Brâncuşi. Uma estátua, como obra de arte, tem uma abertura total para o público, cada ângulo de visão, cada posição de luz enunciam novas descobertas da mensagem artística, o mundo artístico gravita à sua volta, e, sem dúvida, a metafísica de Brâncuşi é externa, não apresenta qualquer relação com a maneira vortacista de pensar[565].

---

[562] "*Above all he is a man in love with perfection*". Ezra POUND, "Brancusi", in *The Little Review*, VIII, I (Autumn 1921), in *Literary Essays of Ezra Pound*, Edited with an introduction by T.S. Eliot, London, Faber and Faber, 1985, 2ª ed., p. 442.

[563] "*Perhaps every artist at one time or another believes in a sort of elixir or philosopher's stone produced by the sheer perfection of his art; by the alchemical sublimation of the medium; the elimination of accidentals and imperfections. Where Gaudier had developed a sort of form-fugue or form-sonata by a combination of forms, Brancusi has set out on the maddeningly more difficult exploration toward getting all the forms into one form; this is as long as any Buddhist's contemplation of the universe or as any mediaeval saint's contemplation of the divine love.*" *Ibidem*, p. 442.

[564] "*It is a search easily begun, and wholly unending, and the vestiges are let us say Brancusi's 'Bird', and there is perhaps six months' work and twenty years' knowledge between one model of the erect bird and another, though they appear identical in photography. Therein consisting the difference between sculpture and sketches.*" *Ibidem*, pp. 442-443. Brâncuşi questiona-se: "*Talvez um dia pensarei numa interpretação melhor. Quem pode alguma vez dizer que uma obra de arte está acabada?*" - „Poate într-o zi să mă gândesc la o interpretare încă şi mai bună. Cine ar putea vreodată spune când o operă de artă e terminată?" Tretie PALEOLOG, *De vorbă cu Brâncuşi despre „Calea Sufletelor Eroilor"* ..., p. 72.

[565] "*Or putting it another way, every one of the thousand angles of approach to a statue ought to be interesting, it ought to have a life (Brâncuşi might perhaps permit me to say a 'divine' life) of its own. 'Any prentice' can supposedly make a statue that will catch the eye and be interesting from some angle. This last statement is not strictly*

A "revolta" de Brâncuşi não é uma "revolta" vanguardista, mas sim, uma "revolta" estética que visa a libertação das ideias através da arte, uma "revolta" de essencializar a expressão até à pureza absoluta das ideias no ato de criação artística, fora de qualquer retórica, o ato de trabalhar o mesmo tema escultórico não é uma repetição, mas sim, uma nova criação[566].

O Mestre cria, não teoriza a arte. E cada criação é uma busca da essência do voo que tem uma verticalidade humana, um texto próprio que permite entrever através do brilho do espelho a essência metafórica do sentido profundamente humano, um voo da nossa imaginação, aspiração, do nosso sentimento, do nosso ser. O ego espectador, no seu texto interpretativo, recria a dimensão simbólica de cada obra. O voo de Brâncuşi é vertical, não horizontal, uma vez que não narra uma realidade já conhecida, esculpe a metáfora com raízes mitológicas do ser humano, constantes da humanidade de todos os quadrantes e de todas as culturas arcaicas, clássicas ou modernas.

Na sua sabedoria, ele é um artista que cria uma lenda para cada obra, que embrulha uma metáfora que irá dar vida a esta. Só assim, ela chegará à sua essência enquanto obra de arte.

A metáfora confere-lhes o valor de espelho e a verticalidade humana. O núcleo gerativo do sentido poético da sua obra é a verticalidade inspirada através de verticalidade do ser humano e da sua consciência.

5.3.2. O voo esculpido na imagem da *Maiastra*, o pássaro fantástico dos contos tradicionais romenos, tem a beleza da verticalidade que marca exatamente o desprendimento deste mundo para viajar numa outra realidade, a da liberdade total. Para entender a mensagem da *Măiastra* os intérpretes procuram a sua presença nos contos romenos, na obra do folclorista romeno

---

true, the present condition of sculptural sense leaving us with a vastly lower level both of prentises and 'great sculptors', but even the strictest worshipper of bad art will admit that it is infinitely easier to make a statue which can please from one side than to make one which gives satisfaction from no matter what angle of vision." Ezra POUND, "Brancusi", in *Literary Essays of Ezra Pound...*, p. 443.

"*If I say that Brancusi's ideal from should be equally interesting from all angles, this does not quite imply that one should stand the ideal temple on its head, but it probably implies a discontent with any combination of proportions which can't be conceived as beautiful even if, in the case of a temple, some earth-quake should stand it up intact and end-ways or turned-turtle. Here I think the concept differs from Gaudier's, as indubitably the metaphysic of Brancusi is outside and unrelated to vorticist manners of thinking.*" *Ibidem*, pp. 443-444.

[566] "*Brancusi's revolt against the rhetorical and the colossal has carried him into revolt against the monumental, or at least what appears to be, for the instant, a revolt against one sort of solidity.*" *Ibidem*, p. 443.

Lazăr Șăineanu[567], num poema de George Baronzi[568] (*Pasărea măiastră – poemă poporală)*, em Maurice Maeterlinck[569] (*L'Oiseau bleu)*, em Barbu Brezianu[570] e outros. Athena Tacha Spear[571] menciona sete obras catalogadas no seu estudo que têm o nome de *Măiastra*. A oitava *Măiastră* pintada em "azul elétrico", foi vista pela ultima vez na exposição de 1913 em Bucareste.

As interpretações da *Măiastra* abundam em referências folclóricas, simbólicas, mitológicas, religiosas, filosóficas, artísticas e cada uma tem um discurso bem argumentado. Tentamos apresentar a Măiastra como uma metáfora[572]. $a + b = x$, onde x é *Măiastra*, uma realização única no mundo embora tenha 7 variantes. Junte-se o título extremamente sugestivo retirado do folclore romeno da Transilvânia.

O primeiro termo (*a*), que é o título escolhido, tem como designação uma realidade essencial que se transforma sem perder a sua beleza, identidade e pureza. A transformação não é gratuita, deve auxiliar a personagem como guia fantástico. A significação na língua romena é exatamente o título escolhido pelo autor. A significação da *Măiastra* une o sentido de pássaro com o sentido de metamorfose, de dom divino, de guia, de auxílio, de amor e confiança na vitória da personagem.

O segundo termo (*b*) a estátua, fixa o primeiro, mudando o nosso conhecimento sobre este. Está presente, embora não faça parte da nossa cultura mas sim, da nossa criatividade. Neste termo, b, temos os elementos constitutivos da escultura *Măiastra*. As designações indicam a forma realizada, a posição, o brilho, a matéria utilizada, a reflexão da luz, o pedestal. As significações de cada designação são as palavras que concretizam numa língua as potencialidades semânticas desta.

---

[567] Lazăr ȘĂINEANU, „Ielele, dânsele, vântoasele, șoimanele, frumoasele, milostivele, zânele. Studii de mitologie comparată", *Revista pentru istorie, arheologie și filologie*, VI, 1891, pp. 211-457.

[568] George BARONZI, *Pasărea măiastră – poemă poporală*, București, s.n., 1896.

[569] Maurice MAETERLINCK, *L'Oiseau bleu. Féerie en six actes et douze tableaux*, Paris, Librairie Charpentier et Fasquelle, 1914, [1908].

[570] Barbu BREZIANU, *Repere iconografice în creația lui Constantin Brâncuși*, teză de doctorat susținută în 24 ianuarie 1992 la Academia de Artă din București. Idem, "Pasărea măiastră a lui Brâncuși – origine și semnificație", in *ARC – litere și arte*, București, Fundația Cultrală Română, nr. 4, 1993, pp. 250-258.

[571] Athena Tacha SPEAR, *Brâncusi's Birds*, New York, New York University Press, 1969.

[572] Maria João COUTINHO, Simion Doru CRISTEA, Vladimir LEBEDEV, *Navegando no mar que nos navega. Abordagem crítica à obra* Mar me quer *de Mia Couto*, Lisboa, ed. autor, 2005, último capítulo *Transvisão – Processo Metafórico em Mia Couto*, pp. 69-87.

A obra *Maiastra* nas suas variantes sofre uma metamorfose, como uma borboleta de seda que quer libertar-se do ovo e voar.

No complexo semântico "*x*" da nossa fórmula, *Măiastra* não é mais pássaro, é homem, e daí, o poeta romeno Lucian Blaga na sua peça dramática *Avram Iancu* (o herói revolucionário romeno de 1848) coloca esta versão:

> *"Na floresta*
> *Todos os pássaros dormem*
> *Só um não tem sono,*
> *Procura fazer-se homem"*[573].

Brâncuşi prefere lembrar-nos:

> "*O que se liga na terra, liga-se no céu*"[574].

> "*...Cria como um Deus – liga a terra ao céu*"[575].

O fundamento da *Măiastra* é o próprio céu. De fato, ela é uma apresentação do homem que tem como pátria o céu, porque na sua verticalidade, eleva o mundo. É uma dominação simbólica, exercida através da língua. O céu é agora uma dimensão mental onde se constrói o sentido da existência humana.

Măiastra é a nossa imaginação, sem a qual não há existência. Nichita Stănescu, poeta romeno, inicia um poema seu do seguinte modo: "*E dizei verde de azul / dói-me um cavalo măiastru*"[576], uma situação similar onde o "cavalo măiastru" é a imaginação criativa do homem. A arte moderna transforma a visão sobre a especificidade da arte, que não será mais um produto da perfeição imaginativa do artista com um correspondente exterior na natureza, mas sim, um processo artístico onde caminham, lado a lado, os artistas e nós, um processo de criação única e de receção contínua. Mestre Brâncuşi tem esta conceção de arte e naturalmente cria múltiplas variantes de cada escultura para chegar à essência do voo:

---

[573] "*În pădure / Toate păsările dorm – Numai una n-are somn / Cată să se facă om*", Lucian BLAGA, "Avram Iancu", Opere, 5, Teatru, Bucureşti, Minerva, 1977, p. 106.

[574] „*Ceea ce legi pe pământ, se leagă în cer*", Tretie PALEOLOG, *De vorbă cu Brâncuşi despre „Calea Sufletelor Eroilor"...*, p. 31.

[575] „*Trudeşte ca un rob –pentru pâinea noastră de fiecare zi*
Porunceşte ca un rege – deschideri, drumuri noi.
Creează ca un zeu – legând pământul cu cerul." *Ibidem*, p. 64.

[576] "*Şi-am zis verde de albastru, / mă doare un cal măiastru*", Nichita STĂNESCU, *Frunză verde de albastru*, in *Poezii*, Bucureşti, Editura Eminescu, 1970. É uma das artes poéticas do poeta Nichita Stănescu, uma presença na lírica romena semelhante à de Fernando Pessoa na lírica portuguesa.

"Eu não procurei durante toda a minha vida senão a essência do voo"[577].

Esta confissão do artista não visa somente as 28 versões em mármore e bronze dedicadas ao seu pássaro, *Maiastra* (*Oiseau*), mas sim todo o seu trabalho artístico que não se integra numa abordagem teórica como o primitivismo, a teoria cubista e outras de vanguarda.

O Mestre lança-nos o convite para abandonarmos o mundo real, superficial e agarrarmos a beleza pura do pensamento, da liberdade e do sonho humanos.

"Não procurem fórmulas obscuras nem mistérios
eu ofereço-vos pura alegria
olhem-nas até que as vejam.
Aqueles que estão mais perto de Deus, viram-nas."

A essência do voo conduz-nos a Deus, a um Ser Intemporal, uma verticalidade humana da fé. Cada obra de Brâncuși, embora seja o resultado dum trabalho físico extenuante no sentido de materializar a sua visão artística, é, ao mesmo tempo, uma oferta do artista ao mundo, uma pura alegria, já que cada obra do mestre se constitui como um novo mundo.

Na procura da essência do voo, Brâncuși inscreve-se no caminho da simplicidade. O mestre respeita a própria natureza de cada material, madeira, pedra ou metal que pode ser ferro, cobre, ou metais preciosos, trabalhando-as e transformando-as com um elevado espectro simbólico.

As suas metáforas contêm um alto nível de universalidade, humanidade, dinamização e religiosidade. As interpretações dos recetores (críticos) da obra de Brâncuși estão, na maior parte das vezes, longe das metáforas generativas.

5.3.3. Parece-nos de mais difícil identificação a origem verbal do sentido para a música, que reivindica um sentido próprio dos sons, ritmos, intervalos, harmonias, registos, medidas e acentos. Deve-se sublinhar o fato de que a criação linguística é fundamental e permanente, oferece o fundamento e sustém todas as outras criatividades nas ciências, nas técnicas e nas artes. Em qualquer atividade cerebral do pensar e criar, a linguagem está presente. O músico fala a língua coloquial e literária do seu povo e também a linguagem especializada, técnica da escola que segue. Mesmo quando o artista não respeita os cânones, como é a situação do mestre António Victorino d'Almeida, ele toma a decisão de não respeitar tais normas através dum texto mental programático com valor de manifesto artístico, reivindicando a liberdade de criação à sua maneira[578],

[577] *"Toată viața mea am căutat esența zborului. Zborul! Ce minune!"* Tretie PALEOLOG, *De vorbă cu Brâncuși despre „Calea Sufletelor Eroilor"* ..., p. 61

[578] Coseriu refere-se a Immanuel Kant quando opera a distinção entre os objetos da na-

consciente do seu ato criativo que afirma a consciência das realidades das obras de arte mais além das técnicas artísticas. Uma outra pergunta visa a condição do artista: *um artista quando cria deixa de ser homem?* Longe do discurso medieval sobre o estatuto de criador e criatura, de subordinar a condição do ser humano a Deus, tal como do discurso romântico sobre a condição do artista como génio, pensamos que o artista através da sua arte nos direciona para a essência do ser humano. Uma outra réplica poderia ser: *o sentido por ele criado é um sentido musical e não verbal.* Tal como existe a construção de conceitos fora da linguagem, mas usando a realidade linguística como área de partida, também o sentido musical visa uma finalidade ontológica do ser humano e por isso, ao nível semântico, a designação está presente e entra na construção dum sentido que é sempre formulado e convertido em diversos textos que revelam várias facetas humanas: o lado reflexivo, meditativo, sentimental, ou teórico se se tem em vista o discurso que trata temas e elementos técnicos específicos. Fazendo abstração das formas materiais da construção artística, a mente humana criadora necessita de elementos próprios de trabalho que são as designações utilizadas pelo artista, como ponto de partida no seu ato de criação.

A energueia da linguagem é uma determinante universal da linguagem na humanização do homem, sem a qual viveria instintivamente como qualquer outro ente da natureza numa existência horizontal, sem saber que vive e sem ter a consciência da sua identidade e unicidade.

5.4. A energueia na vida quotidiana

Situando o ato de criação no nível mais profundo da manifestação humana, para melhor entender a sua presença na vida quotidiana, é necessário falar sobre realidades ignoradas ou consideradas periféricas, sem valor existencial relevante e entendidas numa leitura materialista, apenas como objetos que influenciam o homem, a sua existência e não como suas criações, surgidas em vários níveis da linguagem verbal.

Ao comprar vários produtos "naturais", o consumidor não compra os produtos expostos[579], mas sim os conteúdos semânticos oferecidos pela língua materna e pela própria experiência de vida, uma vez que a criatividade linguística acompanha cada passo do homem. Encontramos esta situação em tudo o que o homem faz, crendo que de fato a situação é outra.

---

tureza e da cultura. Este inscreve os objetos da cultura na manifestação da liberdade.

[579] Tem-se em vista o atual mundo pós-industrial da terceira onda. Veja-se Alvin TOFFLER, *A Terceira vaga*, trad. por Fernanda Pinto Rodrigues, Lisboa, Livros do Brasil, 1984.

Kant apresentou a diferença entre a existência natural e a manifestação cultural no seu traço fundamental, consistindo no fato de que os objetos da "natureza" pertencem ao mundo da necessidade[580] governado pelas causas, enquanto os objetos da cultura pertencem ao mundo específico da liberdade humana, criados sempre com uma finalidade[581]. A cultura entendida como atividade criadora e respeitando a sua deontologia, não se pode explicar em termos causais. A única causa possível seria o homem, mas ele não é uma causa, mas sim a condição de existência do ato de cultura.

Existem diversas formas particulares de atividades criativas com finalidades anti-humanas ao nível ideológico, prático, educacional, social, político, contribuindo para o processo de alienação do ser humano. Um sentido que hiperboliza o pensamento económico converte tudo em relações económicas, reduzidas em última instância, à situação polarizada de venda e compra. Esta maneira de criar sentido situa na base social um resultado histórico de convivência tornado cada vez mais abstrato e ignora a alteridade do ego que constitui o segundo universal da linguagem numa vivência participativa de que *o que é o meu é também do outro*. Mencione-se também a prolífica criação à maneira kitsch[582] em todos os domínios de atividade, passando do mundo da arte para os meios de difusão cultural e da informação, manifestações religiosas, política, ciências, ensino, numa troca da criação com produção industrial, produtos avaliados segundo a qualidade de venda como best-sellers e não como obras-primas.

Existe uma interação contínua entre a criação linguística e todas as outras atividades cerebrais, psíquicas, afetivas, como o medo, a alegria, os afetos, as crenças, as dúvidas e as certezas do ser humano. O grau de perigo neste sentido pode ser mesmo fatal, pode transformar a morte como fato cultural numa realidade biológica quando o homem, vivendo profundamente a construção semântica cultural, destrói a vida do organismo humano. Ao nível da linguagem comum da própria experiência de vida, não poucas são as situações de engano quando, por exemplo, ao se ter cometido uma troca de resultados de análises aquele que mesmo sendo saudável morre, enquanto outro sobrevive, mesmo sendo doente. Numa sociedade comunitária, se um membro é castigado e maldito morre em pouco tempo, ativando todos os valores negativos da sua cultura e religião.

---

[580] Distinção já operada por Kant entre "necessidade" e "liberdade" frequentemente mencionada por Coseriu.

[581] Eugenio COSERIU, "Antipozitivismul", *Lecții de lingvistică generală...*, pp. 50-51.

[582] Termo que em alemão e Yiddish significa a arte considerada inferior, de imitação e mau gosto. Cf. Gillo DORFLES, *Kitsch: The World of Bad Taste*, Universe Books, 1969 (trad. italiana de 1968, *Il Kitsch*).

5.4.1. O conceito de criação é aquele que transforma o não-ser em ser, que dá vida à existência, limitando o ilimitado, que orienta o desorientado e abraça a vida como manifestação com sentido. Até hoje, a linguagem foi a maior revolução mundial da humanidade. A aquisição linguística não consiste em repetir palavras, refletir realidades ou aprender manifestações, mas sim aprender a criar sentido através duma técnica sedimentada historicamente, intuída sempre através da nossa mente. Vista na sua essência criativa, a "aquisição" duma língua é um ato existencial fundamental do ser que não imita os outros e continua a criação do sentido. E criar sentido é criar o mundo. Considerando a linguagem como a fonte de todas as criações, o homem não fica mais no ponto de chegada da realidade e do mundo, mas torna-se num ponto de partida, do equilíbrio da criação total, onde tudo se cria e nada se reflete. A partir desta teoria, pode-se interpretar a formulação "*Deus é o maior Artista*". Observa-se facilmente a linguagem verbal materializada na língua portuguesa presente ativamente na construção do sentido deste enunciado. Em segundo lugar, apercebemo-nos da experiência da vida religiosa, com tudo o que ela significa para a sociedade e para cada pessoa, experiência que promove um saber próprio, diferente do saber intuitivo da língua. A linguagem acompanha, estrutura semanticamente o fenómeno religioso dos valores e relações que não pertencem ao conhecimento intuitivo do saber linguístico. Esta proposta possível focalizada na energueia da linguagem trata a criatividade como um discurso necessário sobre "um antes", materializado na criação interpretada "num depois". Este antes é o momento existencial da atividade criadora dos conteúdos semânticos operacionais reconhecidos nas realidades culturais sedimentadas na língua como memória viva e sempre recriada. Antes de tudo, o homem deve ter a consciência do inigualável poder da criatividade da linguagem como uma realidade humana ontológica livre que tem um objetivo infinito, desenvolvido através desta atividade contínua onde as normas não limitam a criatividade, mas orientam a organização da liberdade. Ela ilustra o imperativo categórico da cultura enunciado por Coseriu: de não fazer concessões dum sujeito particular na aplicação das normas de universalidade e de atualidade da cultura. Assim entendemos como todas as obras da humanidade, os pensadores, os artistas são "os nossos" mas também "dos outros", abrindo-se assim o horizonte histórico. Não nos confundimos, mas unimo-nos com toda a humanidade[583].

[583] Eugenio COSERIU, "Deontologia culturii", *Prelegeri și conferințe...*, p. 176.

PERSPETIVAS

0. A realidade linguística do homem. 0.1. A múltipla abertura. **1**. A contínua criação de perspetiva. 2. A fala sem palavras. 3. O homem - ser cultural. **4**. As valências culturais da energueia. **5**. O perigo generalizado de interpretar os objetos culturais. **6**. A energueia e a filosofia. **7**. A energueia e a liberdade. **8**. A energueia e a referência. **9**. A energueia torna potência em ato. **10**. O tempo e a consciência da energueia. **11**. A receção da teoria coseriana.

0. Seguindo o objetivo central do nosso trabalho, identificamos como parâmetros constitutivos do conceito de energueia a criatividade da linguagem com o seu papel constitutivo, funcional e relacional.

A metodologia crítica coseriana tem como motor de arranque a energueia, mas nunca se limitando a ela, percorre os outros pontos de vista aplicados à manifestação linguística, para voltar novamente à energueia e, assim, iniciar uma nova rota, num contínuo recomeço.

A sua teoria surge para a explicação da realidade concreta da fala, não é uma aplicação mecânica duma teoria elaborada fora do uso da língua. Nesta dialética cinética coseriana, a mudança, o estático, o repetitivo e mesmo o dinâmico são lidos como facetas pontuais do contínuo processo da criatividade linguística que dá consistência à linguagem verbal na sua materialidade e historicidade.

O purismo interpretativo coseriano relaciona a definição da linguagem com a filosofia, a arte e ciência, com todas as atividades humanas em geral. Interpreta a criatividade humana como uma atividade que se inicia com a linguagem que circunda o humano como espaço pensante, tal como propõe o seu decálogo sobre a linguagem, fielmente apresentado e largamente discutido em relação com a energueia: 1. A prioridade absoluta da linguagem;

2. Linguagem e cultura; 3. Os universais da linguagem; 4. Comunidade e comunicação; 5. Denominar e dizer; 6. O conteúdo do dizer; 7. Linguagem e poesia; 8. Significado e ser; 9. Significado, verdade e existência; 10. Linguagem e coisas[584].

O que distingue a reflexão coseriana de outras é a persistência em recusar a interpretação dum fenómeno humano apenas num único plano ou numa dualidade constituída por termos opostos, como na visão estruturalista saussuriana. Na visão energética coseriana da linguagem, o que no plano do pensamento se apresenta como oposto, na linguagem, e especialmente na sua funcionalidade, não se opõe, pois esta, como logos semântico, constitui uma contínua afirmação. A unidade ao nível da manifestação, mantém a sua complexidade dada pela união da linguagem com o pensamento em todos os níveis. No que respeita à tomada de consciência desta manifestação, a teoria coseriana insiste na permanência do "fator humano" como ser pensante, ser falante, ser social, ser histórico, ser dinâmico, ser consciente e em outras distinções necessárias e úteis que modelam permanentemente a língua do homem.

Os conceitos de "atividade", "faculdade", "atividade humana" são frequentemente empregues na definição da linguagem com o intuito de exprimir a sua essência. Eugenio Coseriu constata que termos tais como "*ser social*", "*ser falante*" não são apenas específicos à linguagem, mas apresentam-se como partes da definição do homem do ponto de vista antropológico, e não constituem o género próximo desta. O conceito de energueia une todas as áreas semânticas dos conceitos mencionados na manifestação ontológica e cognitiva da liberdade numa criatividade fundamental de onde tudo surge e, por conseguinte, é tomado por Coseriu como um dos elementos-chave na construção de toda a sua teoria ao intentar apresentar a vivência da linguagem e a sua identificação existencial com o homem, o que nos legitima a afirmar que "*o homem é a sua linguagem*", na continuação do quadro coseriano "o homem e a sua linguagem". O funcionamento da linguagem manifesta não só a unidade entre língua e pensamento, mas também a unidade entre a linguagem e o homem; a descrição de cada uma destas unidades apresenta uma variedade de nuances que têm como base um sistema filosófico triádico, um sistema de revelação criativa em atos individuais de realidades humanas. Qualquer relação lógica de exclusão ou / ou é substituída pela relação de inclusão e / e, a qual conserva um equilíbrio universal, histórico e individual do ser não dado, mas permanentemente criado pelo homem.

[584] Eugeniu COȘERIU, *Omul și limbajul său. Studii de filosofie a limbajului, Teorie a limbii și Lingvistică generală*. Antologie, argument, note, bibliografie și indici de Dorel Fânaru, Iași, Editura Universității „Alexandru Ioan Cuza", 2009, pp. 9-13.

0.1. O enfoque sobre a energueia da linguagem em Coseriu constitui-se como uma múltipla abertura: a explicação de como foi concebida e funciona a sua teoria, a abertura do homem para o "objeto" por elê criado como realidade, mundo, universo, cultura e sociedade, a abertura necessária do homem contemporâneo em recuperar criativamente o paradigma humanista no entendimento do ser em si mesmo. É a abertura que contribui para a consciencialização dos homens da ciência em assumir o fato de o homem ser o resultado da liberdade de criação da linguagem e apenas numa determinação ulterior e especializada, completamente diferente da linguagem comum, gera uma criatividade colocada na base de cada objeto de estudo, determinando e sustendo os raciocínios, a descrição e a imaginação. Exemplificando, pode-se mencionar a abertura metafórica total dos artistas na criação duma obra de arte, a abertura dos teólogos para a criatividade humana denominada logos humano, como ponto de partida na reflexão sobre o Logos, a abertura para toda a filosofia, onde cada pensador ou intérprete é um criador numa linguagem específica. Vista como qualquer discurso, a energueia revela as reflexões interpretativas criadoras do texto concebido não como um objeto ideal mas como uma criação humana em vários horizontes de conhecimento, experiências de vida. A energueia é o ato que focaliza todas as faculdades criativas do sujeito recetor tornado criador da sua construção textual, semelhante a qualquer "objeto" que, para existir para o homem deve ser criado por ele, e como tal ter o seu fundamento subjetivo.

1. A contínua criação de perspetiva

A filosofia de Coseriu é primeiramente formativa e evidencia o valor criativo do sujeito na abordagem crítica dum texto. O ato de leitura como energueia não é um simples ato de acompanhamento do pensamento do autor pelo leitor, não está preso ao texto, mas reconstrói-o como um ato de construção do sentido. Não é suficiente saber ler ou repetir textos aprendidos de cor, deve-se perceber – dar vida e recriar – o que se lê.

O conceito de energueia como conceito constitutivo da linguagem ultrapassa a apresentação da língua com focagem na materialidade do vocabulário, na sua estrutura semântica ou na idealidade do sistema gramatical de formas e relações formais. A língua é a realidade humana complexa manifesta como processo de contínua criatividade semântica. Os traços universais da linguagem sobre os quais Coseriu insiste: a criatividade, a semanticidade, a alteridade, a materialidade e a historicidade[585] apresentam o homem como

[585] Eugenio COSERIU, "Filosofia limbajului", *Prelegeri şi seminarii la Universitatea Lucian Blaga...*, p. 39.

ser criativo, social e histórico. A existência do homem, diferente dos outros seres, demarca-se no início do momento da fala, tornando-o capaz de conhecer, imaginar e pensar toda uma situação como construção subjetiva de acordo com a tradição cultural. O entendimento dum texto pressupõe sempre conhecimentos anteriores da língua. A criação / recriação do sujeito, utilizando o significado atualiza a designação como processo mental de relação com as realidades extralinguísticas e constrói o sentido. A inexatidão cognitiva dos significados transforma a leitura numa atividade absurda que não anula o seu valor criativo, mas o constrói fora da tradição e da inteligibilidade comum. Atento a este aspeto, Eugénio Coseriu redigiu os seus textos num registo socrático, simples, lógico e entendível para qualquer um. Explica os conceitos utilizando a linguagem comum e oferecendo exemplos.

Porque no processo de criação um mesmo conceito pode apresentar uma variabilidade semântica, Coseriu indica as respetivas diferenças, considerando-as necessárias para uma leitura adequada. Não trata a tradução como conversão textual e substituição de palavras e expressões, mas recriação da designação do texto original.

Por outro lado, Coseriu, tratando a lógica da linguagem e da gramática, cada uma na sua especificidade, insiste no fato de que o pensamento responde a uma pergunta formulada e não indica o uso da língua. Nesta situação, o sujeito constrói uma possível resposta exata / inexata, uma vez que para a mesma categoria do pensamento a língua utiliza várias estratégias e formas específicas.

Ao tomar o ponto de vista da energueia, Coseriu assume um ato de coragem, uma vez que se produz uma mudança de perspetiva dos nossos conhecimentos anteriores, da nossa perceção do mundo através da linguagem. O objeto não é dado, mas criado pelo sujeito cognoscente. Ao assumir que o papel do homem como indivíduo é determinante para toda a história, tem consciência de que, ao nível universal, o que visa toda e qualquer pessoa, visa igualmente o eu e, exatamente por isso, deve-se tomar uma atitude firme em não tratar as realidades humanas em termos percentuais e cálculos probabilísticos, uma vez que a linguagem e a consciência têm um caráter global.

Porque cada falante é um linguista implícito como o considera Coseriu, respeitando o valor axiomático desta afirmação à luz da energueia, pode-se afirmar que os professores de filosofia ultrapassam o nível descritivo e são filósofos, tal como os professores de matemática são matemáticos e assim por diante.

O sentido da verdade não pertence aos dados externos da realidade, mas aos discursos fundamentalmente criativos em registos demonstrativos e lógicos que tomam em consideração a relação entre designação e significado por um

lado, e por outro entre estas e os designata.

2. A fala sem palavras

O homem é a sua linguagem e por conseguinte, as exceções e os acidentes existentes na realidade humana não negam a faculdade biológica da fala e a sua unidade com o pensamento manifesto na competência elocucional e na constituição do homem como ser cultural. Ao exercitar-se o voto de silêncio, não se exterioriza a fala, contudo isto não significa falta de pensamento, uma vez que se continua a pensar, a rezar, a ler textos sagrados, o que mostra o poder da linguagem. A situação natural dum surdo-mudo não anula o seu pensamento, através da língua gestual manifesta-se como ser cultural e integra-se na sociedade. A fala sem fala está presente nas artes, liga a designação da mensagem artística com o conteúdo semântico da forma material de expressão.

3. O homem - ser cultural

O estabelecimento da distinção entre o ser humano e todos os outros seres sensientes opera-se na diferenciação entre natureza e cultura. Através da fala, o homem não é mais um ser meramente biológico, mas um ser cultural. O papel formador da língua integra o sujeito na sua tradição, num presente que contém a herança cognitiva de todo um passado. A história da humanidade nunca se repete, a criança-homem insere-se no seu momento histórico e civilizacional.

Os conceitos de energueia e cultura são, em última instância, utilizados para a mesma realidade. O primeiro reúne o conteúdo mental com a forma de expressão, a atividade criativa que focaliza e orienta as faculdades humanas para uma finalidade de natureza semântica a ser ulteriormente transposta em atos. A relação entre energueia e cultura é similar à relação entre o percurso interno e a manifestação externa, entre o ato de criação e a criação. Se se abordar o conceito de cultura em termos de atividade criadora, entende-se o mesmo valor humano, quer dum discurso académico, quer dum discurso lógico duma pessoa simples, pois, o poder do discurso consiste nas ideias e na maneira de expor e interpretar. O conceito de energueia não tem uma existência em si mesmo, liga-se ao ser humano através da vivência da cultura ao nível individual a partir da cultura geral da linguagem comum para outros horizontes especializados. A criação semântica como vivência do pensamento através da linguagem e da linguagem no pensamento é a essência da cultura, alimentando cada sentido que transforma o mundo numa recriação contínua. Em relação íntima com a liberdade, a energueia anula a "ditadura" de qualquer teoria, ideologia ou conceito. Tudo está ao nosso alcance, à nossa disposição,

não como produto acabado mas como possibilidade de recriação.

4. O perigo generalizado de interpretar os objetos culturais

Uma ciência caracteriza-se pela sua objetividade. O sujeito humano impersonaliza-se num discurso exato e completamente fora da sua experiência vivencial. Os objetos culturais são frequentemente estudados seguindo o método formal aplicado à natureza e olvida-se que o elemento material utilizado não mantém mais a sua natureza: uma pedra torna-se material de construção. A elaboração mental é fundamental.

O conhecimento original dado pela competência linguística, constitui o fundamento de todas as manifestações culturais. Sem o conhecimento linguístico, os objetos de cultura não podem ser delimitados como tais. A partir desta relação ontológica, o papel do filósofo é interpretar o princípio da objetividade como condição de criação do objeto, operar a distinção entre o essencial e o superficial.

Fala-se muito sobre linguagens (no plural) e a sua importância na vida social. Afirma-se que a linguagem verbal está no mesmo patamar das outras. A partir da energueia, a teoria coseriana convida cada teórico a meditar sobre o momento de constituição de várias linguagens.

Para alguns, nas linguagens visuais ou estéticas a unidade significante não é mais a palavra[586] que teve um papel histórico na formação do "*animal symbolicum*" e deixa de ter o seu papel significante no caso do "*homo videns*" ou "*homo musicus*", onde a mera imagem ou som está na base da construção do sentido, seguindo uma lógica própria, diferente da lógica verbal. Não se deve ignorar que o progresso tecnológico nunca substitui o homem como homem. Estas linguagens audiovisuais continuam a linguagem verbal, não a substituem, porque a linguagem como atividade não é um objeto que pode ser substituído e nesta armadilha caiem aqueles que interpretam a realidade humana apenas do ponto de vista materialista.

Mais especificamente, deve-se sublinhar a distinção coseriana operada entre significado e designação. No caso das artes, o significado incide sobre um texto inicial que dirige qualquer atividade artística ou técnica contendo uma finalidade. O momento da receção estética cria vários textos interpretativos. O ato de criação metafórica ultrapassa as simples associações com as realidades naturais ou culturais, é um ato que institui um outro mundo, não real ou irreal, concreto ou abstrato, mas um mundo semântico que tem como condição *sine*

[586] Giovanni SARTORI, *Homo videns. Televisão e pós-pensamento*, tradução de Simonetta Neto, Lisboa, Terramar, 2000. O autor exemplifica as linguagens não verbais com "*a linguagem da cinema, das artes figurativas, das emoções*" p. 20.

qua non da sua existência a linguagem verbal.

5. Vitalização da filosofia

Para Coseriu o ato crítico consiste em adotar diversos pontos de vista entre os quais o da energueia é o primeiro e uma constante em todos os outros. O seu modo de interpretação da complexidade dos fatos culturais evidencia que não é suficiente definir qualquer realidade e especialmente a filosofia num único sintagma. Ao considerar a essência da linguagem um processo de criação semântica, a filosofia não é um dado objectual no sentido comum, mas um processo específico de criação. Nesta perspetiva original coseriana, pode-se apresentá-la como a fala essencial do homem que cria, promove e partilha os seus valores. Segundo Coseriu, a filosofia é o processo criativo no qual se problematiza, reflete, se especula e se pronuncia sobre a energueia do ser no seu todo. A dimensão semântica da linguagem conhece a forma mais elaborada na filosofia que discursa sobre a essencialidade da essência, do homem, da linguagem, da cultura e do pensamento.

A criatividade filosófica sintetiza espaços amplos de ideias e pensamentos abstratos em conceitos funcionais. Parafraseando o mestre Agostinho da Silva: "*ser mestre não é de modo algum um emprego*"[587], "ser filósofo não é de modo algum um emprego", é uma missão de iluminar o mundo, revelando o outro lado humano inesgotável, porque sempre recriado.

6. A condição e criação da liberdade

O discurso é a dimensão concreta da linguagem, a forma audível, visual, táctil que nos conduz para o interior mental onde se constrói o seu sentido. O homem manifesta a sua liberdade de espírito na criação de textos, cada um é uma hipóstase do mundo como sentido. Coseriu evidencia a interioridade do mundo e a sua consistência cultural dada pela linguagem verbal que manifesta a liberdade de criação. Neste sentido, mudam-se os dados da perceção tradicional, a própria língua conhece uma reconfiguração mental, colocando em evidência realidades há muito postas à margem. A liberdade,

[587] Uma paráfrase da afirmação "*o ser mestre não é de modo algum um emprego, a sua atividade se não pode aferir pelos métodos correntes; ganhar a vida é no professor um acréscimo e não o alvo; e o que importa, no seu juízo final, não é a ideia que fazem dele os homens do tempo; o que verdadeiramente há-de pesar na balança é a pedra que lançou para os alicerces do futuro.*" Agostinho da SILVA, "Projeto de um mestre" - "Considerações", *Textos e ensaios filosóficos*, vol. 1. Critério da edição e estudo introdutório Paulo Alexandre Esteves Borges, Lisboa, Âncora Editora, 2005, p. 103.

entendida e interpretada na sua natureza primária, liga-se ao indivíduo, ao lado espiritual e favorece a manifestação ontológica da linguagem. O conceito de liberdade exprime a indeterminação total do ato de criação tanto no momento originário como em todos os momentos de receção estética.

7. A construção da referência

O homem, através da energueia da linguagem, cria o mundo na sua mente não um mundo estático mas dinâmico, processual, em movimento e com valor semântico. Nesta leitura, a memória liga-se à energueia donde deriva a historicidade do homem, as suas funções espirituais e afetivas. Memorizam-se sentidos em diversos patamares: sensorial, afetivo, racional etc. As referências dum texto não estão orientadas para o mundo objectual, como naturalmente se pensa, mas para os conteúdos da linguagem situados na consciência do falante, onde se estabelecem relações de vários graus: o primeiro, entre o significado da língua histórica e a designação mental que todo o ser possui; o segundo, entre as designações da linguagem e o sentido do texto constituído numa designação global com um novo conteúdo mental e o terceiro, entre esta designação global e os *designata* do mundo. Este processo funciona "dentro" da linguagem, o homem não sai de si próprio para chegar aos objetos, estes são identidades semânticas pensadas. Nesta situação funcional, a energueia não permite separar a linguagem do pensamento, tal como imaginar estas duas realidades como duas faces da mesma moeda, pois a existência de uma obriga à existência da outra.

8. A energueia torna potência em ato

A linguagem torna tudo possível no mundo interior do sujeito criador que num segundo momento concretiza a criação subjetiva no plano prático, material e social. Na perspetiva diacrónica assiste-se a uma mudança axiológica do "possível". A primeira área semântica de manifestação de tornar tudo possível foi a religião. O texto da fé manifestava uma função de equilíbrio e explicação fundamental. Tem fé e tudo será possível, "*as coisas que são impossíveis aos homens são possíveis a Deus*"[588], dizia Jesus Cristo. A fé ordenava e governava o mundo, as relações entre os indivíduos, mantinha e justificava hierarquias. O mito é uma outra área semântica demonstrativa que tudo é possível, uma constante de todas as culturas, presentes na atualidade sob novas hipóstases, um elemento que fortalece as obras de arte. O artista, através da energueia da linguagem, cria o universo de discurso de cada obra de arte. Na ciência, a

[588] *Lucas*, 18: 27.

energueia da linguagem favorece a criação dum aparelho conceptual próprio. A linguagem científica apresenta uma variedade de formas linguísticas funcionais criadas para cada área de estudo respeitando a convenção mundial. Para o homem de ciência, o mais importante é a atividade de pensar os fenómenos numa linguagem especializada que identifica a designação com o significado. A civilização informática contemporânea promove a ideia de que tudo é possível através da tecnologia. A construção dum texto promove um determinado tipo de crença. Estudando a energueia na sua manifestação quotidiana, sem se ficar preso às formas de expressão, revela-se a importância do homem no universo e a sua potência de criar uma infinidade de universos e teorias, contribuindo para a formação duma "forma mentis" do homem atual que deve consciencializar-se do poder que ele tem através da linguagem, não num sentido meramente político, mas existencial.

9. Forças centrípeta e centrífuga da teoria coseriana

Eugenio Coseriu insiste sobre o valor da linguagem como energueia e coloca-a na base de cada elemento da sua teoria como o elemento constitutivo. A sua criatividade teórica a partir da energueia introduz o conceito de *norma* ligado à maneira da fala, absolutamente necessário no entendimento do funcionamento da linguagem, teoricamente situado entre a fala e o sistema e numa segunda determinação entre sistema e tipo. A organização do seu sistema em três planos, a partir da manifestação da energueia da linguagem o plano individual atualiza os outros dois: histórico e universal. O valor processual da mesma explica a união indivisível entre língua e pensamento nas suas três competências, entendidas fundamentalmente como atividade mental ou conteúdo mental processual. Não se deve considerar como certa a tendência da nossa mente apoiada pela linguagem, para substantivar tudo: verbos, qualidades, atividades, presenças. Pensa-se com as designações dadas pela linguagem e não com classes gramaticais, embora o homem dê maior peso aos substantivos. A própria natureza da linguagem e da mente é uma atividade, não um órgão: a língua ou o cérebro. Em última instância, pode-se afirmar que a originalidade do pensamento filosófico de Coseriu consiste na identificação da essência da essência da condição humana na linguagem, entendida em primeiro lugar como energueia, mas nunca vista isoladamente de outras realidades.

10. O tempo e a consciência da energueia

Interpretada como ferramenta, a linguagem liga a língua ao passado histórico, considerando-a uma herança transmitida de geração em geração.

A visão coseriana sobre os universais da linguagem coloca a historicidade, entendida como tradição viva, em último lugar da sua enumeração.

A particularidade coseriana demarca-se na análise da relação entre *tempo e linguagem* na cultura sob quatro aspetos. O primeiro trata a linguagem no tempo e tem em vista o conflito "psicofisiológico" permanente entre o ato através do qual se pensa o significado e a linearidade da fala[589]. Todas as interpretações ligadas a este aspeto têm uma importância relativa, visam o processo de atualização da língua na fala e não a essência da língua, o conhecimento linguístico, a técnica de criação, o "saber de fazer" manifesto no processo da criação pois a língua "*faz-se e se refaz no seu funcionamento*"[590]. Do ponto de vista histórico, em relação ao momento presente, o futuro não pode ser objeto da ciência senão quando se torna passado, isto é, conhecimento. A história estabelece relações entre dois eventos passados, onde o primeiro se constitui como base de interpretação para o segundo. A partir desta evidência, Coseriu afirma:

> "*a história está orientada sempre para o futuro, embora este não seja o nosso futuro cronológico, mas um futuro objetivo do ponto de vista histórico exatamente porque já se tornou passado.*"[591]

Passando da história para a linguagem-energueia que concretiza as potencialidades técnicas das competências, elocucional, idiomática e expressiva historicamente constituídas, confirma-se:

> "*o tempo próprio da existência histórica do homem é o futuro: na linguagem, como noutras atividades que o caracterizam, o homem aciona para o futuro, cria e transforma a criação no conhecimento, na técnica duma atividade futura.*"[592]

O segundo aspeto desta relação trata do tempo representado pela linguagem e na linguagem que o designa e estrutura. A linguagem fixa o tempo numa dimensão do mundo de uma maneira distinta do modo como objetiva as coisas. O tempo liga-se a cada intuição dum modo de ser concretizado em

---

[589] Eugeniu COȘERIU, "Timp și limbaj", *Omul și limbajul său,* Iași, Editura Universității „Alexandru Ioan Cuza", 2009, p. 334.

[590] *Ibidem*, p.336.

[591] "*În acest sens istoria este orientată totdeauna spre un viitor, chiar dacă acesta nu este viitorul nostru cronologic, ci un viitor obiectiv din punct de vedere istoric tocmai pentru că a devenit deja «trecut».*" *Ibidem*, p. 336.

[592] "*Timpul propriu al existenței istorice a omului este viitorul: în limbaj, ca și în cadrul altor activități care îl caracterizează, omul acționează în vederea viitorului, creează și transformă creația în cunoaștere, în tehnica unei activități viitoare.*" *Ibidem*, pp. 336-337.

vários significados de tempo: passado, presente, futuro e outras divisões temporais (adverbiais). Coseriu analisa a complexidade temporal e refere o entusiasmo de Hamann e Herder ao considerarem o tempo como um produto da linguagem, quase mesmo um fato da linguagem. Ambos consideravam esta tese uma crítica ao apriorismo de Kant, porém não entenderam que em Kant não se trata do modo como se forma o tempo, mas da natureza do tempo em si. Em Kant, o tempo é a forma *a priori* do sentido interno. Coseriu apresenta o problema do tempo "interior" ou da "consciência", motivado pelos conteúdos da consciência, diferente do tempo "exterior" ou das "coisas" pertencente à experiência do real. Selecionando interpretações originais sobre o tempo interior, menciona em Aristóteles a relação da memória com o tempo onde se questiona por que razão não é possível pensar nada sem continuidade, nem sem tempo naquilo que não existe no tempo[593], a permanência do presente em todas as formas temporais em Santo Agostinho[594], a relação

[593] ARISTÓTELES, *De memoria*, 449b24-450a22. "*Por lo tanto, es otra cuestión por qué causa no es posible pensar nada sin continuidad ni sin tiempo en aquellas cosas que no se hallan en el tiempo.*" ARISTÓTELES, *Acerca de la generación y la corrupción. Tratados breves de historia natural*, introducciones, traducciones y notas por Ernesto la Croce y Alberto Bernabé Pajares, Madrid, Gredos, 1998, p. 236. "*La memoria, incluso la de las cosas pensables, no se da sin una imagen* [*e la imagen es una afección del sentido común*], *de suerte que la memoria pertenecería al entendimiento de forma accidental, pero, de por sí, al sentido primario, por lo cual se da también en otros animales y no solo en los hombres y en los animales poseedores de opinión e inteligencia.*" *Ibidem*, p. 237. "*Siempre que alguien ejerce la facultad de la memoria, se da cuenta, además, de que ha visto, oído o aprendido algo, y de que ello ocurrió antes, y el «antes» y el «después» se hallan en el tiempo*" *Ibidem*, pp. 237-238. "*Es el momento en que el proceso del objeto, y el del tiempo se procen a la vez, cuando se actúa con la memoria; pero si ello se cree, sin estarlo haciendo, uno cree que está recordando, pues nada impide que uno se equivoque y crea estar recordando sin estar recordando. En cambio, no es posible que el que está ejercitando la memoria crea que no lo está haciendo y que recuerde sin darse cuenta. Pues en eso mismo consistía el recordar. Pero, si el proceso del objeto se produce sin el del tiempo, o el de éste sin el de aquél, no se recuerda. El proceso del tiempo es de dos tipos. A veces, en efecto, no se recuerda una cosa en unidades de medida, como «tal cosa que se dizo hace três dias» pero otras veces sí. Pero se recuerda, incluso si no se hace en unidades de medida. Cuando uno no conoce la cantidad de tiempo en unidades de medida, se acostumbra a decir que unoa recuerda, pero no sabe cuándo.*" *Ibidem*, pp. 251-252.

[594] "*Nec proprie dicitur: tempora sunt tria, praeteritum, praesens et futurum, sed fortassse proprie diceretur: tempora sunt tria: praesens de praeteritis, prasens de prasentibus, prasens de futuris. Sunt enim haec in anima tria quaedam et álibi ea non vídeo: praesens de praeteritis memoria, prasens de praesentibus contuitus, prasens de futuris expectatio.*" – S. AGOSTINHO, *Confessiones*, XI, 20 – ["Não é correto dizer-se: existem três tempos, passado, presente e futuro, mas pode-se dizer correta-

entre o concreto, o sentido e o desejado em Pantaleo Carabellese[595] e a temporalidade como sentido ontológico de cura em Heidegger[596]. Coseriu explica a espacialização do tempo exterior que se apresenta em muitas línguas como um tempo "circunstancial", dependente ou "interrogativo":

> *"o tempo é concebido como um modo de ser do espaço, como um espaço transparente e vazio onde têm lugar os eventos – ou como uma dimensão do espaço num plano infinito na sua base."*[597]

A representação gráfica do tempo conhece em Coseriu várias formas e tem em vista a relação entre o tempo objetivo e o tempo expresso na língua: 1) como uma linha estática, 2) como uma linha que se move da esquerda para a direita, do passado para o futuro, 3) uma linha de fundo que se move da direita para a esquerda, do futuro para o passado e 4) duas linhas num movimento contrário: uma linha do tempo vazio, que se move do futuro para o passado, e uma outra que transporta os objetos e os eventos do passado para o futuro. Para Coseriu estas formas gráficas de representação do tempo não correspondem certamente ao modo como é concebido o tempo em si ou à relação simples e primária entre o tempo objetivo e o sujeito falante.

mente: existem três tempos: o presente das coisas passadas, o presente das coisas presentes, o presente das coisas futuras. Porque estas três existem no espírito e não noutro lado: o presente das coisas passadas é a memória, o presente das coisas presentes é a contemplação direta, o presente das coisas futuras é o estádio de espera.]

[595] "*O concreto é o que foi, o conhecido, é o que se sente, é o que será, o desejado, porque o ser e a consciência existem juntas, mesmo nas suas atividades diferentes* [...] *Como seres conhecedores, fomos; como seres sensíveis somos; como seres com vontade, seremos... Fomos, somos e seremos... Fomos, somos e seremos na duração invisível do ser.*" Trad. de Pantaleo CARABELLESE, Critica dell concreto, Firenze, 1948, pp. 26, 31 apud Eugenio COSERIU, "Timp şi limbaj", *Omul şi limbajul său...*, p. 340.

[596] "*A temporalidade como sentido ontológico da cura*" "*A pressença se torna essencial na existência própria, que se constitui pela de-cisão antecipadora.*" *Ibidem*, p. 117. "Temporalidade é o "fora de si" em si e para si mesmo originário" Martin HEIDEGGER, *Ser e Tempo*, parte II, trad. Márcia de Sá Cavacante, Petrópolis, Ed. Vozes, 1993, 3ª ed., p. 123. "*O característico do "tempo" acessível à compreensão vulgar consiste, entre outras coisas, justamente no fato de que, no tempo, o caráter ekstático da temporalidade originária é nivelado a uma pura sequência de agoras, sem começo nem fim.*" *Ibidem*. "*O porvir é o fenómeno primordial da temporalidade originária e própria.*" *Ibidem*, p. 124. "*A termporalidade é, essencialmente, ekstática. Temporalidade temporaliza-se, originariamente, a partir do porvir. O tempo originário é finito.*" *Ibidem*, p. 126.

[597] "*Timpul este conceput, de fapt, ca un mod de a fi al spaţiului – ca un fel de spaţiu transparent şi gol în care au loc evenimente – sau ca o dimensiune a spaţiului pe un plan infinit la baza lui.*" Eugeniu COŞERIU, "Timp şi limbaj", *Omul şi limbajul său...*, pp. 342-343.

O terceiro aspeto desta relação refere-se à interpretação do tempo do ponto de vista das duas funções mencionadas por Platão e reunidas em dois verbos: nomear (*ὀνομάζειν*) e dizer (λέγειν). Como os tempos verbais não designam posições pontuais, mas contextos temporais ilimitados, o tempo gramatical não se estrutura através dos critérios diferentes daqueles que se aplicam ao tempo lexical. Referenciando-se aos enunciados filosóficos, Coseriu demonstra que o presente gramatical não está entre o passado e o futuro, imagina-o num patamar acima e, se este não está contextualmente delimitado, contém-los até à anulação, o que implica que as oposições gramaticais presente/passado e presente/futuro são neutralizáveis, ao contrário da oposição lexical presente/passado/futuro. Para ser mais explícito, Coseriu introduz a distinção de tempo atual e tempo não-atual ou afetivo, identificado com a fala quotidiana.

O último aspeto da relação entre tempo e linguagem visa os modos de estruturação temporal nos discursos e as tendências em dominar o tempo objetivo, em remodelar e mesmo sair do tempo. Para ser mais intuitiva e clara a sua demonstração, Coseriu refere a distinção operada pelos formalistas russos entre *fábula* e *sujeito*. O tempo da fábula é o tempo da vida real, um tempo contínuo, constante, unitário, unidirecional e irreversível, o tempo do sujeito é descontínuo, reversível num certo sentido, o que permite ser decomposto e analisado em pormenor.

11. A receção da teoria coseriana

A receção da obra de Eugenio Coseriu numa relação não-causal entre a nossa perceção material e a construção espiritual do mundo, cria uma tensão entre o conhecimento do mundo e a sua interpretação que toma a língua materna como condição *a priori* da existência humana. A sua problematização anula as considerações do sentido comum continuadas pelos filósofos e cientistas sobre a visão material da linguagem. Coseriu poderá parecer aos estudiosos como um pensador "estranho", "demodé", "eclético", enfim, um pensador que constrói uma teoria da linguagem sem bases sólidas, sem termo de comparação com outros. Pelo contrário, no nosso parecer, a teoria da linguagem coseriana focaliza a realidade humana no ato da fala, na linguagem vista como atividade criadora contínua, seguida por todas as outras dimensões filosóficas, categorias, sistemas. Antes de chegar à linguagem como sistema, esta deve ser criada, isto é, a linguagem na sua manifestação e essência é fala, enquanto numa teoria ideal pode-se apresentar como sistema. Coseriu não só considera, mas trata a língua como processo, distanciando-se de todos os outros pensadores cuja perceção é a de um produto acabado, finito, mesmo quando reconhecem a importância da fala. A situação é similar à interpretação do movimento da

terra consciencializado através do nosso conhecimento teórico. A construção da sua teoria apresenta-se como uma ciência de rigor extremamente lógica a partir da realidade concreta do ato da fala num processo dedutivo. Não se deve interpretar a teoria coseriana através do seu conhecimento enciclopédico de vários sistemas filosóficos estudados e aprofundados. As referências teóricas do seu discurso são necessárias como fatos culturais, uma vez que a manifestação humana é cultural e se revela através da funcionalidade da linguagem, tanto nos grandes pensadores como nas pessoas simples, uns e outros devem ser tomados em conta através da sua infindável potencialidade criativa. Ao nível da teoria da linguagem, o seu discurso teórico esclarece os fatos, anula os conflitos que em última instância se apresentam como falsos conflitos e harmoniza as teorias existentes. Com Coseriu se aprendem alguns fatos simples:

► A linguagem é, antes de mais, energueia, uma atividade semântica criativa.

► A linguagem é a medida do ser humano.

► Existe uma diferença fundamental entre natureza e cultura, apresentada em termos filosóficos como a distinção entre o mundo da necessidade e o mundo da liberdade humana de criação, tendo como base o papel operacional da linguagem.

► Ao aceitar-se uma teoria, deve-se verificar se esta exprime de forma precisa aquilo que lhe é exclusivo.

► O começo, a fala, é o início e continuação de tudo.

► O mundo existe na mente humana como um processo semântico, num contínuo movimento, e, a este nível, o mundo na sua substancialidade reclamada da possibilidade de ser pensado, é, de fato, um ato de criação que contém indelével marca humana.

► Como criação semântica, tudo é um processo mental, uma atividade mental e, nesta leitura o ato de "receção" é um 'ato de criação de sentido cujos significados são conhecidos pelo sujeito', a "compreensão" é um 'ato de criação de sentido dum texto na língua funcional de qualquer um', a "crença" é 'um ato de criação numa dimensão essencial e primordial das vivências humanas', "a invenção" é 'um ato de criação do mundo na técnica", o "descobrimento" é

um "ato de criação de novos eventos e lugares da consciência" e deste modo, cada texto é um momento duma criação semântica sem fim, qualquer conceito e termo pode e deve ser visto como um ato de criação, ligando o homem à dimensão material da vida.

► Na linguagem tudo é semântico. Qualquer afirmação e contestação é possível porque tem sentido, tal como é possível uma construção absurda, porque o absurdo tem igualmente sentido. A semântica abraça toda a manifestação humana, exatamente porque tem uma base linguística.

*
* *

Na história, para se evidenciar a importância do pensamento duma personalidade, é modo corrente apresentar-se o ato de aprendizagem dos seus alunos, tal como a difusão das suas teorias e ideias através dum grupo, círculo, usando-se frequentemente o termo de "escola". Neste caso, estão assim a Escola Coseriana, a Escola da Semântica Estrutural de Tübingen, a Escola Integralista de Cluj. Consideramos importante e necessário difundir a teoria de Coseriu no contexto contemporâneo, modificando o sentido negativo e comum da "crise" num sentido criador, consciencializador e dinamizador, um momento de introspeção e análise necessário ao encontro duma solução. O seu discurso, cremos, nunca perde de vista a complexidade do sujeito humano, considera o homem na sua qualidade de ser individual e social que o posiciona como ponto de partida de onde o mundo começa. Os valores foram criados pelo homem para o servir e não para o dominar e, quando sucede o contrário, ele é o único que consegue regulamentar esta situação. Coseriu sempre pretendeu transmitir aos seus discípulos que não é o conhecimento que domina o homem, ele é o dono do conhecimento, não se pode colocar o problema de aceitar ou não um sistema filosófico, físico, económico, político, mas de iniciar qualquer tipo de sistema a partir do ego que detém este poder da linguagem. Tudo é para ser pensado e estruturado mentalmente. Ao ter em linha de conta a Escola de Aristóteles, denominada peripatética, não apenas porque discutiam mestre e alunos as suas ideias circulando de um lado para o outro, mas sobretudo porque as suas ideias edificaram a cultura ocidental e circulam ainda atualmente na vida cultural, consideramos a Escola Coseriana como a solução viável para tudo o que está por vir, sendo aquela que situa, através da linguagem, a consciência humana na continuação criativa de tudo o que foi dito, pensado, contestado, discutido,

como um infindável "mais" "+" necessário. A cultura torna-se um processo criativo no qual e a partir da linguagem cada um tem o seu contributo. A nosso ver, a condição da teoria de Coseriu é semelhante à condição viva da teoria aristotélica, uma escola de liberdade na manifestação da energueia da linguagem na teoria e na prática da língua, não se cingindo exclusivamente à esfera linguística. É uma escola sem paredes, sem registo de notas e memorização de fórmulas exatas, uma escola filosófica de reflexão e interpretação de qualquer realidade cultural na sua criação linguística fundamental, numa ligação constante com outras esferas culturais do pensamento humano, seguindo o processo interno de cada texto e respeitando os seguintes pontos de vista: energueia, dinamis e érgon, em três hipóstases essenciais: na criação original, no processo mental do conhecimento e nos resultados parciais como momentos no processo contínuo da criação do sentido.

Bibliografia

I. Eugenio Coseriu

1. Obras

Gramática, semántica, universales. Estudios de lingüística funcional, Madrid, Editorial Gredos, 1978.

Introducción a la lingüística, Madrid, Editorial Gredos, 1986.

Omul și limbajul său, Iași, Editura Universității „Alexandru Ioan Cuza", 2009.

Principios de semántica estructural, versión española de Marcos Martínez Hernández, revisada por el autor, Madrid, Gredos, 1977, [reimprimido em 1986, 1991].

Sincronía, diacronía e historia. El problema del cambio lingüístico, Madrid, Gredos, 1978, 3ª ed. [2ª ed. 1973].

Sistema, norma y habla, Montevideo, Faculdad de Humanidades y Ciencias, Instituto de Filologia, Departamento de Lingüística, 1952.

Sprache. Strukturen und Funktionen, Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1979.

Teoría del Lenguaje y Lingüística General. Cinco estudios, Madrid, Gredos, 1962, [2ª ed. 1967, reimprimido em 1970, 3ª ed. 1973].

Tradición y novedad en la ciencia del lenguaje. Estudos de história de la lingüística, Madrid, Editorial Gredos, 1977.

Coseriu, Eugenio, Óscar Loureda Lamas, *Lenguaje y discurso*, Prólogo de Johannes Kabatek, Pamplona, Ediciones Universidad de Navarra, 2006.

2. Estudos

"Acerca del sentido de la enseñanza de la lengua y literatura", in *Innovación en la enseñanza de la lengua y literatura*, ed. da Subdirección general de formación del profesorado, Ministerio de Educación y

Ciencia, Madrid, 1987, pp. 13-32.

Alcances y límites de la traducción, revisão em língua espanhola do *Abast i límits de la traducció. Lliçó inaugural del curs acadèmic 1996-97 de la Facultat de Traducció i Interpretació*, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, *Lexis, XXI*, 2, 1997, Lima, pp. 163-184.

„Au-delà du Structuralisme", in *Linguistica e letteratura*, Pisa, Giordani Editori e Stampatofi, 1983, VII (1982), nº 1-2, pp. 9-16.

"Bréal: su lingüística y su semántica", in *Cien años de investigación semántica: de Michel Bréal a la actualidad. Atas del Congreso Internacional de Semántica*, Universidad e Laguna, 27-31 de octubre 1997, Madrid, Ed. Clásicas, 2000, vol. I, pp. 21-43.

La creación metafórica en el lenguaje, Montevideo, 1956, reimprimido em *Revista Nacional*, Montevideo, 187, pp. 82-109.

"Determinación y entorno. Dos problemas de una lingüística del hablar", *Romanistisches Jahrbuch*, Hamburg, 7, 1955/56, pp. 24-54.

"Der Sinn Der Sprachtypologie" in *Typology and Genetics of Language. Travaux du cercle linguistique de Copenhague*, eds. Torben Thrane, Vibeke Winge, Lachlan Mackenzie, Una Canger e Niels Eege, XX, 1980, pp. 157-170.

"Forma y substancia en los sonidos del lenguaje", in *Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias*, Montevideo, Nº 12, Julio 1954, pp.143-217.

"Fundamentos y tareas de la lingüística integral", in *Atas, I*, Segundo Congreso Nacional de Lingüística, 16 al 19 de Septiembre de 1981, San Juan (R. Argentina), pp. 37-53.

"Georg von der Gabelentz et la linguistique synchronique", in *Word*, New York, 1967, vol. 23, nº 1-3 pp. 74-100.

"General Perspetives", in R. Lado, N. A. McQuown, S. Saporta (eds.), *Current Trends in Linguistics*, IV, Iberoamerican and Caribbean Linguistics, Hague, Mouton, 1968.

"Humboldt und die moderne Sprachwissenschaft" in *Energeia und Érgon. Sprachliche Variation – Sprachgeschichte – Sprachtypologie. Studia in honorem Eugenio Coseriu*, eds. Jörn Albrecht, Jens Lüdtke e Harald Thun, Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1988, pp. 3-11.

"Interdisciplinarità e linguaggio", in G. Braga, V. Braitenberg, C. Cipolli, E. Coseriu, S. Crespi-Reghizzi, J. Mehler, R. Titone, *L'accostamento interdisciplinare allo studio del linguaggio*, Milano, 1980, pp. 43-65.

"La lingua di Ion Barbu (con alcune considerazioni sulla semantica delle lingue "imparate")", in *Atti del sodalizio glottologico milanese*,

dicembre 1948, Milano, pp. 3-8.

"Linguistic Change Does Not Exist", in *Linguistica Nuova ed Antiga*. Rivista di Linguistica Classica Medioevales e Moderna, Galatina, Congedo Editore, I, 1983, pp. 51-63.

Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira, Rio de Janeiro, trad. M. Chr. de Motta Maia; com um prefácio por R. Do Valle e uma postfácio de C. E. Falcão Uchôa, tradução do estudo: "Sprache und Funktionalität bei Fernão de Oliveira (1536)", in *Contributions to an Understanding of Linguistics. For PP. Verburg on the Occasion of his 70th Birthday*, Lisse, 1975, pp. 67-90; in Fernão de Oliveira, *Gramática da linguagem portuguesa (1536)*, edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeus Torres e Carlos Assunção, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 2000, pp. 29-60.

"Linguistic Competence: What is Really?", in *The Modern Language Review*, London, October 1985, vol. 80, part. 4, pp. XXV-XXXV.

"Logique du langage et logique de la grammaire", in Jean David e Robert Martin (eds.), *Modèles logiques et Niveau d'Analyse Linguistique*, Colloque organisé par le Centre d'Analyse Syntaxique de l'Université de Metz (7-9 novembre 1974), Paris, Librairie Klinksieck, 1976, pp. 15-33.

"Der Mensch und seine Sprache", in H. Haag e F. P. Möhres (Eds.), *Ursprung und Wesen des Menschen* (Ringvorlesung gehalten an der Universität Tübingen im Sommersemester 1966), Tübingen, 1967, pp. 67-79. Reimpresso in Eugenio Coseriu, *Sprache Struckturen und Funktionen*, XII Aufsätze zur allgemeinen und romanischen Sprachwissenschaft in Zusammenarbeit mit Hansbert Bertsch und Gisela Köhler herausgegeben von Uwe Peterson, Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1979, pp. 91-103.

"Das Phänomen der Sprache und das Daseinsverständnis des heutigen Menschen", in *Die Pädagogische Provinz*, Frankfurt am Main, Hirschgraben Verlag, 1967, 1-2, p. 11-28.

"The Principles of Linguistics as a Cultural Science", in *Transylvanian Review*, Cluj-Napoca, 2000, vol. IX, nº 1, pp. 108-115.

"Das Problem des Übersetzens bei Juan Luis Vives", in *Interlinguistica. Sprachvergleich und Übersetzung. Festschrif zum 60. Geburtstag von Mário Wandruszka*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1971, pp. 571-582.

"Raïces humboldtianas de la lingüística moderna", Revista *Azul*, 2, Montevideo, 1954, reimpresso in *Tradición y novedad en la ciencia del lenguaje. Estudios de historia de la lingüística*, Madrid,

Gredos, 1977, pp. 138-141.
"Semántica estructural y semántica cognitiva", in *Jornadas de Filologia. Homenaje al Prof. Francisco Marsá*, Barcelona, pp. 239-282.
"Semantik, innere Sprachform und Tiefenstruktur", in *Romanisches Seminar*, Tübingen 1970, separata; reimprimida em *Folia Linguistica*, Hague, 4, 1970, pp. 53-63.
"Sulla tipologia linguistica di Wilhelm von Humboldt. Contributo alla critica della tradizione linguistica", *Lingua e Stile*, Bologna, VIII, nº. 2. agosto, 1973.
"Über Leistung und Grenzen der kontrastiven Grammatik", *Probleme der kontrastiven Grammatik*, Jahrbuch 1969 des IDS, Düsseldorf, pp. 9-30; impresso in G. Nickel (ed.), *Reader zur kontrastiven Linguistik*, Frankfurt/Main 1972, pp. 39-58.
"Zur Sprachtheorie von Juan Luis Vives" in *Sonderdruck aus der Festschrift zum 65. Geburtstag Walter Mönich*, Heidelberg, F.H. Kerle Verlag, 1971, pp. 234-255.

3. Cursos universitários publicados

Die deutsche Sprachphilosophie von Herder bis Humboldt, tomo II: Schleiermacher und Hegel, Nachschrift von Christian Dern, Ulrike Maier und Heinrich Weber, Tübingen, Gunter Narr, 1993.
Einführung in die strukturelle Linguistik, Winter Semester 1967/68, eds. von Gunter Narr und Rudolf Windisch, Tübingen, Neudruck, 1969.
Einführung in die transformationelle Grammatik, Sammer Semester 1968, eds. Gunter Narr e Rudolf Windisch, Tübingen, Neudrucke, 1970 e 1975.
Introducción a la lingüística, Montevideo, Instituto de Profesores, 1951.
Introducción a la lingüística, Madrid, Editorial Gredos, 1986.
Die Geschichte der Sprachphilosophie von der Antike bis zur Gegenwart. Eine Übersicht, tomo I: Von der Antike bis Leibniz, Winter Semester, Tübingen, G. Narr und R. Windisch, 2ª ed. 1975 [1ª ed. 1969].
Die Geschichte der Sprachphilosophie von der Antike bis zur Gegenwart. Eine Übersicht, tomo II: Von Leibniz bis Rousseau, Winter Semester 1970/71, Tübingen, Gunter Narr, 1972 [1971].
Lezioni di linguistica generale, Turino, Editore Boringhieri, 1973, 2ª ed. 1976.
Prelegeri şi Conferinţe (1992-1993), Iaşi, Editura Universităţii Al. Ioan Cuza, 1994.
Prelegeri şi Seminarii la Universitatea „Lucian Blaga" din Sibiu, texte

consemnate de Doina Constantinescu, Sibiu, Editura Universității „Lucian Blaga", 2004.

Storia della filosofia del linguaggio, cura di Prof. Donatella di Cesare, Roma, Carocci, 2010.

Wilhelm von Humboldt. Die deutsche Sprachphilosophie von Herder bis Humboldt, Teil III, Winter Semester 1988/89; Nachschrift von Chr. Dern und H. Weber, bearbeitet und hrsg. von H. Weber, G. Narr, Tübingen, 1994.

4. Entrevistas

"Convorbiri cu studenții și colectivul catedrei de limbă și literatură română al Facultății de Litere și Arte din Sibiu", in *Prelegeri și Seminarii la Universitatea „Lucian Blaga" din Sibiu.* Texte consemnate, cuvânt înainte și anexă de Doina Constantinescu, Sibiu, Editura Universității „Lucian Blaga" din Sibiu, 2004, pp. 83-107.

"«*Destinul Basarabiei îl văd cu speranță și cu mare teamă... Trăiesc intens acest destin și mă doare în mod constant*»" – entrevista realizada por Vasile Cârneț, a 21 de julho de 1996, in supliment „Contrafort", Chișinău, X, nr. 10-11, 2003, pp. 26-27.

Borcilă, Mircea, *"«Să vorbim cu vocea noastră, însă pe planul universal al culturii»", in Apostrof. Revistă a Uniunii Scriitorilor, Cluj-Napoca, III, nr. 11, 1992, p.13.*

Constantinescu, Doina, *"Convorbiri cu un magistru" in Eugenio Coseriu, Prelegeri și Seminarii la Universitatea „Lucian Blaga" din Sibiu. Texte consemnate, cuvânt înainte și anexă de Doina Constantinescu, Sibiu, Editura Universității „Lucian Blaga" din Sibiu, 2004,, pp. 109-121.*

Kabatek, Johannes e Adolfo Murguía, *»Die Sachen sagen wie sie sind...« Eugenio Coseriu im Gespräch, Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1997.*

Lazăr, Lucian, *"Ființă și limbaj", in Echinox, XXVIII, nr. 10-11-12, Cluj, 1999, pp. 3-4.*

Mairal, Ricardo e Pedro Santana, *"Entrevista a Eugenio Coseriu", Cuadernos de Investigación filológica, Logroño, Publ. del Colegio Universitario de la Rioja, Universidad de Zaragoza, tomo XVI, Fascs. 1 y 2, 1990, pp. 159-170.*

Munteanu, Eugen, *"«A gândi independent este lucrul cel mai prețios pentru un tânăr». Un dialog cu Eugen Coseriu despre idealul paideic realizat de Eugen Munteanu", in Cronica, Iași, XXVII, nr. 11, 1-15*

iunie 1992, pp. 6-7, 15 e n° 12, 15-30 iunie 1992, p. 12, 15.

Oprișan, I., *"«Toate problemele culturii și toate formele ei sunt și ale noastre»", in Revista de istorie și teorie literară, București, XXXII, n° 4, 1984, pp. 67-72.*

Pavel, Dora, *"«Limba nu este numai ceea ce s-a spus și s-a scris, ci un sistem de virtualități»", in Apostrof. Revistă a Uniunii Scriitorilor, Cluj-Napoca, III, nr. 11, 1992, p.12.*

Saramandu, Nicolae, *Lingvistica integrală: interviu cu Eugeniu Coșeriu,* București, Editura Fundației Culturale Române, 1996.

Vaida, Mircea, *"Interviu cu profesorul Eugeniu Coșeriu, doctor honoris causa al Universității din București", in Steaua. Revistă a Uniunii Scriitorilor, serie nouă, Cluj-Napoc*a, XXII, nr. 9, 1971, pp. 9-11.

5. Traduções

O homem e a sua linguagem. Estudos de teoria e metodologia linguística, trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira, Rio de Janeiro, Presença, 1982.

Introducere în Lingvistică, trad. Elena Ardeleanu e Eugenia Bojoga, prefácio Mircea Borcilă, Cluj-Napoca, Ed. Echinox, 1995, [2ª ed. 1999].

Istoria filozofiei limbajului. De la începuturi până la Rousseau, versiune românească și indice de Eugen Munteanu și Mădălina Ungureanu, cu o prefață la ediția românească de Eugen Munteanu, București, Editora Humanitas, 2011.

Lecții de lingvistica generală, trad. Eugenia Bojoga, prefácio Mircea Borcilă, Chișinău, Editura Arc, 2000.

L'Homme et son langage, eds. Hiltrud Dupuy-Engelhardt, Jean Pierre Durafour et François Rastier, Louvain, Ed. Peeters, 2001.

El hombre y su lenguaje, Madrid, Editorial Gredos, 1977.

Il linguaggio e l'uomo attuale. Saggi di filosofia del linguaggio, édité par Cristian Bota et Massimo Schiavi, avec la collaboration de Giuseppe Di Salvatore et Lidia Gasperoni, préface de Tullio De Mauro. Verona, Edizioni Fondazione Centro Studi Campostrini, 2007.

Linguistica del testo. Introduzione a una ermeneutica del senso, edizione italiana a cura di Donatella Di Cesare, Roma, Carocci editore, 2001.

Lições de linguística geral, trad. por E. Bechara, Presença, Rio de Janeiro, 1980.

Omul și limbajul său. Studii de filosofie a limbajului, teorie a limbii și lingvistică generală, Antologie, argument, note bibliografie și indici de Dorel Fânaru, Iași, Editura Universității „Alexandru Ioan Cuza,

2009.

Sincronia, diacronia e história. O problema da mudança lingüística, tradução portuguesa de C. A. da Fonseca e M. Ferreira, Rio de Janeiro, Presença, 1979.

Sincronie, Diacronie și istorie. Problema schimbării lingvistice, trad. de Nicolae Saramandu, București, Editura Enciclopedică, 1997.

"Structural semantics and «cognitive» semantics", tradução em língua inglesa por K. Willems e T. Leuschner, *Logos and Language, I, 1, Tübingen,* pp. 19-42.

Teoria da linguagem e lingüística geral. Cinco estudos, tradução portuguesa de A. Dias Carneiro e revista por C. A. da Fonseca e M. Ferreira, Rio de Janeiro, Presença, 1979 [2ª ed., 1987].

Teoria limbajului și lingvistică generală. Cinci studii; edição em língua romena de Nicolae Saramandu, București, Editura Enciclopedică, 2004.

Tradição e novidade na ciência da linguagem, trad. por C. A. Fonseca e M. Ferreira, Rio de Janeiro, Presença, 1980.

II. Estudos e comentários

2.1. Publicações em homenagem

Energeia und Érgon. Sprachliche Variation – Sprachgeschichte – Sprachtzpologie. Studia in honorem Eugenio Coseriu, eds. Jörn Albrecht, Jens Lüdtke e Harald Thun, Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1988, 3 vols.

Estudios lingüísticos y literarios In Memoriam *Eugenio Coseriu* (1921-2002), eds. Mª Luisa Calero Vaquera, Fernando Rivera Cárdenas, Departamento de Filologia Española y sus Didáticas, Universidad de Córdoba, 2004.

Eugenio Coseriu in memoriam, ed. Jesús Gerardo Martínez del Castillo, Revista *Odisea. Revista de estudios ingleses*, Almería, Universidad de Almería, nr. 3, 2003.

Eugenio Coseriu in memoriam II. ed. Jesús Gerardo Martínez del Castillo, Granada, Método, 2005.

Hommage au professeur Eugenio Coseriu, Dacoromania. Jahrbuch für östliche Latinität, Freiburg, München, ed. P. Miron, nr. 5, 1979-1980.

Limba română este patria mea. Studia in honorem Eugenio Coșeriu, Chișinău,

1996.

Logos semantikos. Studia linguística in honorem Eugénio Coseriu (1921-1981), eds. Horst Geckeler, Brigitte Schlieben-Lange, Jürgen Trabant, Harald Weydt, Madrid – Berlin – New York, Editorial Gredos & Walter de Gruyer, 1981, 5 vols.

«*Modelul Coșeriu*» *mărturii, interviuri, anchete, recenzii*, supliment "Contrafort". Revista tinerilor scriitori din Republica Moldova, Chișinău, an. 10, nr. 10-11, 2003, pp. 13-43.

Omul și limbajul său. Studia in honorem Eugenio Coseriu, Anales Cientificas da Unversidade «Alexandru Ioan Cuza», Iași, Secção III – Linguística tom. XXXVII-XXXVIII, 1991-1992, contém as comunicações apresentadas no Colóquio Internacional «*Eugenio Coseriu – um grande linguista contemporâneo*» Iași 13-17 abril 1992, organizado na ocasião de obtenção do título de Doutor Honoris causa pela Universidade de Iași.

Sprache und Welt. Festgabe für Eugenio Coseriu zum 80. Geburstag, ed. Adolfo Murguía, Tübingen, Gunter Narr Verlag, 2002.

Studi in memoria di Eugenio Coseriu, ed. Vincenzo Orioles, Udine, 2003.

Studia in honorem Eugen Coșeriu, Analele științifice ale Universității „Ovidius", Secțiunea filologie, Constanța, 1994, tom V.

Un lingvist pentru secolul XXI, eds. Johannes Kabatek e Adolfo Murguía, Chișinău, Editura știința, 2002.

Coseriu: memória e atualidade / Coseriu: memoria y actualidad. Simpósio do XV Congresso da ALFAL, 19 a 21 de agosto 2008, Universidad de la Republica, Montevideo, 2008, http://www.pgletras.ufpr.br/eventos/docs_eventos/COSERIU-Montevideo.pdf.

2.2. Outros estudos e comentários

Baldinger, Kurt, *Teoria semántica. Hacia una semántica moderna*, Madrid, Ediciones Alcalá, 1970.

Bernardo Paniagua, José María, *La construcción de la lingüística. Un debate epistemológico*, València, Universitat de València, 1995.

Boc, Oana, Textualitatea literară și lingvistica integrală. O abordare funcțional-tipologică a textelor lirice ale lui Arghezi și Apollinaire, Cluj-Napoca, Clusium, 2007.

Bojoca, Eugenia, "Teoria semantică a lui E. Coșeriu în Spania", in *Studia Universitatis Babeș-Bolyai*, Cluj-Napoca, XLVI, 2001, nr. 4, p. 47-68.

— „Valorizarea lexematicii în două contexte diferite: fosta U.R.S.S. și Spania", in *Un lingvist pentru secolul XXI*, Chișinău, p. 18-30.

Borcilă, Mircea, „Blaga şi Coşeriu. O conjuncţie pentru eternitate", in *Caietele Lucian Blaga*, Cluj-Napoca, 2003, p. 5-6.

— "Eugeniu Coşeriu şi bazele ştiinţelor culturii", in *Revista de lingvistică şi ştiinţa literară*, 1999, nr. 4-6, 2000, nr.1-6, 2001, nr.1-6, Chişinău, p. 37-47.

— "Eugenio Coseriu şi orizonturile lingvisticii", *Echinox*, Cluj-Napoca, XX, 1988, nr. 5, pp. 1, 4-5.

— "Eugeniu Coşeriu, fondator al lingvisticii ca ştiinţă a culturii", in *Un lingvist pentru secolul XXI*, Chişinău, Editura ştiinţa, 2002, p. 31-38.

— "Un fondator al ştiinţei lingvistice: Eugenio Coseriu", *Cercetări de Lingvistică*, Cluj-Napoca XXXVII, 1992, nr. 1, pp. 3-8.

— "Început de drum în studiile integraliste" in *Studia Universitatis Babeş-Bolyai*, Seria *Philologia*, Cluj-Napoca, XLVI, 2001, 4, pp. 3-14.

— "Între Blaga şi Coşeriu. De la metaforica limbajului la o poetică a culturii", in *"Revista de filosofie"*, Bucureşti, XLIV, 1997, nr. 1-2, p. 147-163.

— "Repere pentru o situare a poeticii culturii", in *Meridian Blaga. Comunicări prezentate la simpozioanele ştiinţifice anuale (1996-1999)*, Casa Cărţii de Ştiinţă, Cluj-Napoca, 2000, pp. 22-37.

— "Despre contextul atual şi perspectivele integralismului", *Limba română. Revistă de ştiinţă şi cultură*, Chişinău, 2006, pp. 43-49.

Caragiu Marioţeanu, Matilda, "Eugeniu Coşeriu – Savantul", *Fonetică şi dialectologie*, Bucureşti, XX-XXI, 2001-2002, pp. 7-14.

Casado, Manuel y Antonio Vilarnovo, "Eugenio Coseriu. In memoriam", *Anuario de estudios filológicos*, Cáceres, vol. XXVI, pp. 5-11.

Codoban, Aurel, "Eugenio Coseriu, un filozof al limbii pentru secolul XXI", *Echinox*, Cluj-Napoca, XX, 1988, nr. 5, p. 3.

Copceag, Demetrio, "El «realismo lingüístico» o doctrina de Eugenio Coseriu" in Horst Geckeler, Brigitte Schlieben-Lange, Jürgen Trabant, Harald Weydt eds., *Logos semantikos. Studia Linguistica in honorem Eugenio Coseriu* (1921-1981), Madrid & Berlin & New York, Editorial Gredos & Walter de Gruyer, 1981, vol. 2, pp. 7-18.

Costa, Iara Bemquerer, "Forma e contexto na linguística do texto de Eugenio Coseriu", *Revista Letras*, Curitiba, nr. 78, 2009, pp. 165-184.

Cuéllar, Sergio Bolaños, "Sobre la textolingüística en Eugenio Coseriu", in *Glotta. Organo de difusión lingüística*, Bogota, 1991, vol. 6, N° 1, Enero-Abril, pp. 20-27.

Di Cesare, Donatella, „Die aristotelische Herkunft der Begriffe ἔργον e ἐνέργεια in Wilhelm von Humboldts Sprachphilosophie, in *Energeia und Érgon: sprachliche Variation, Sprachgeschichte, Sprachtypologie*,

Studia in honorem Eugenio Coseriu, eds. J. Albrecht, J. Lüdtke und H. Thun, Tübingen, Gunter Narr, vol. 2, pp. 29-46.

— "Aristotele, Humboldt e la concezione dinamica della lingua come ἐνέργεια", *Paradigmi*, Fasano, Schena editore, 1987, pp.65-86.

García Turza, Cláudio, "Sobre la esencia del lenguaje", in *Moenia*, Santiago de Compostela, nº 5, 1999, pp. 33-68.

Geckeler, Horst, *Semántica estructural y teoría del campo léxico*, trad. de Marcos Martínez Hernández, Madrid, Gredos, 1976, [1ª ed 1971].

Iordan, Iorgu, "Eugenio Coseriu, théoricien du langage et historien de la linguistique" in Horst Geckeler, Brigitte Schlieben-Lange, Jürgen Trabant, Harald Weydt eds., *Logos semantikos. Studia Linguistica in honorem Eugenio Coseriu* (1921-1981), Madrid & Berlin & New York, Editorial Gredos & Walter de Gruyer, 1981, vol. 1, pp. 3-6.

Jiménez, Gil, "El funcionalismo de E. Coseriu y la hipótesis lexicalista chomskyana en algunos derivados nominales", *Analecta Malacitana*, Málaga, nº 6, 1983, pp. 389-397.

Kamei, Takashi, *Kyōyakusha no kotoba* [A palabra dos tradutores] in E. Coseriu, *Utsuriyku koso kotoba nare. Synchronie – diachronie – historia* [Sincronía, diacronía e historia. El problema del cambio lingüístico, 1958], tradução de K. Tanaka e T. Kamei, Tokio, Kronos, 1981, pp. 244-254.

Laplace, Colette, *Théorie du langage et théorie de la traduction: les concepts-clefs de trois auteurs: Kade (Leipzig), Coseriu (Tübingen), Seleskovitch (Paris)*, Paris, Didier Érudition, 1994.

Loureda Lamas, Óscar y Reinhard Meisterfeld, "Eugenio Coseriu y su legado científico", Estudis Romànics, Barcelona, 2007, pp. 169-277, revistes.iec.cat:, http://revistes.iec.cat/index.php/ER/article/viewFile/38940/38840.

Martínez del Castillo, Jesús Gerardo, "La lingüística, ciencia del hombre", in *Language Design. Journal of theoretical and experimental linguistics*, nº 6, 2004, pp. 103-138.

Mondéjar, José, "Discurso pronunciado por el doctor don José Mondéjar con motivo de la investidura del doctor don Eugenio Coseriu", in *Discursos pronunciados en el ato de investidura de doctor honoris causa del Excelentíssimo Señor Eugenio Coseriu*, Granada, Universidad de Granada, 1993, pp. 7-19.

Meisterfeld, Reinhard, "Eugenio Coseriu und die *Geschichte der romanischen Sprachwissenschaft*", in Adolfo Murguía ed. *Sprache und Welt: Festgabe für Eugenio Coseriu zum 80. Geburtstag*, Tübingen, Gunter Narr, 2002, pp. 141-165.

— "El principio de la tradición. Eugenio Coseriu y la historiografía lingüística", *Odisea. Revista de estudios ingleses*, Universidad de Almeria. Facultad de Humanidades. Departamento de Filología Inglesa y Alemana, La Cañada, nº 3, 203, pp. 155-166.

Penas Ibáñez, Maria Azucena, "Coseriu y los distintos planos de la actividad del hablar y del saber lingüístico en relación con el contenido y las categorías lógicas del juicio", *Cauce. Revista Internacional de Filología y su Didática*, Sevilla, nº 28, 2005, pp. 279-306.

Saramandu, Nicolae, "Eugeniu Coşeriu – teoretician al limbajului", *Fonetică şi Dialectologie*, Bucureşti, XX-XXI, 2001-2002, pp. 15-17.

Segre, Cesare, Cronòtopo, in Logos Semantikos. Studia Linguística in honorem Eugenio Coseriu, Madrid, Gredos, vol. 1, 1981, pp. 157-164.

Seraine, Florival, "Um pensador da linguagem" [Eugenio Coseriu], in *Revista de Portugal*, Série A, 'Língua Portuguesa', vol. XXV, Lisboa, 1960.

Shimomyia, T., "Zur Sprachtheorie E. Coserius" in *Berichte des japanischen Deutschlehrerverbandes*, Tokio, nº 17, 1980, pp. 6-10.

Spence, N.C.W., "Towards a New Synthesis in Linguistics: The work of E. Coseriu", in *Archivum Linguisticum*, Glasgow, nº 12, Fasc. I. 1960, pp. 1-34.

Simon, Josef, *Filosofia da linguagem*, Lisboa: Edições 70, 1990.

Şuteu, Flora, "Eugenio Coseriu – o viziune integratoare asupra lingvisticii", in *Limba română*, Nº 4, XXX, 1981, pp. 311-315.

Tămâianu, Emma, *Fundamentele tipologiei textuale. O abordare în lumina lingvisticii integrale*, Cluj-Napoca, Clusium, 2001.

Tămâianu-Morita, Emma, *Integralismul în lingvistica japoneză*, Cluj-Napoca, Clusium, 2002.

Tămâianu-Morita, Emma, Miorița Ulrich, eds. *Limbaj primar vs. metalimbaj. Structuri, funcții și utilizări ale limbii*, Cluj-Napoca, Presa Universitară Clujeană, 2008.

Vilarnovo Caamaño, António, *Lógica y lenguaje en Eugenio Coseriu*, Madrid, Editorial Gredos, 1993.

Vintilă-Rădulescu, I., "Eugenio Coseriu et la théorie du langage », in *Revue Roumaine de Linguistique*, Bucarest, 1969, 14, pp. 179-187.

Vîlcu, Dina, "(Im)posibila întoarcere", in *Contrafort. Revista tinerilor scriitori din Republica Moldova*, Chişinău, nr. 10-11 (supliment *Contrafort*: „Modelul Coşeriu" - mărturii interviuri, anchete, recenzii), (X) 2003, pp. 24-25.

Willems, Klass, "Eugenio Coseriu (1921-2002) Versuch einer Würdigung", in *Leuvense Bijdragen*, nr. 92, 2003, pp. 1-25.

Woll, Dieter, *Recensão,* http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/

recen065.html, Univ. Marburg, maio de 2000.

Xavier, Lola Geraldes, "Da *performance* à competência linguística", *Máthesis*, Viseu, Universidade Católica Portuguesa. Departamento de Letras, 19, 2010, pp. 9-18.

Bibliografia secundária

AA.VV. *A Greek-English Lexicon* compiled by Henry George Liddell D. D. 1811-1898 and Robert Scott D. D. 1811-1887, A new edition revised and augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones D. Litt. 1867-1939, with the assistance of Roderick McKenzie M.A. 1887-1937, and with the cooperation of many scholars, Oxford, Clarendon Press, 1958.

AA.VV. *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*, Lisboa, São Paulo, Editorial Verbo, 1999.

AA.VV. *Enciclopédia luso-brasileira de filosofia* [direção de Roque Cabral... et al.], Lisboa, Verbo, 1997-2001, 5 vols.

AA.VV. *Encyclopedic Dictionary of Semiotics*, Berlin and New York, Mouton de Gruyter, 1994, 2 vols.

AA.VV. *Filosofia da Linguagem*, trad. por Manuel Reis, Coimbra, Livraria Almedina, 1973.

Agostinho, Santo de Hipona, *O Mestre*. Introdução e comentários de Maria Leonor Xavier. Tradução de António Soares Pinheiro, Porto, Porto Editora, 1995.

Aristóteles, *Categorias*. Tradução de Silvestre Pinheiro Ferreira. Apresentação e notas de Pinharanda Gomes, Lisboa, Guimarães Editores, 1994, 3ª ed.

— *De anima*, livros I, II e III, apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis, São Paulo, Editora 34, 2006.

— *De Interpretatione vel Periermenias*, translatio Boethii edidit Laurentius Minio-Paluello, Translatio Guillelmi de Moerbeka, edidit Gerardus Verbeke, Leiden, E.J. Brill, 1965.

— *Ética Nicómaco*, tradução do grego de António C. Caeiro, Lisboa, Quetzal Editores, 2004.

— *Ética a Nicômacos*, Trad. do grego, introdução e notas por Mário da Gama Kury, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2001, 4ª ed.

— *Metaphysics*, book B and book K 1-2, ed. Arthur Madigan, Oxford, Clarendon Press, 1999.

Organon. I Categorias, II Periérmeneias, tradução, prefácio e notas de Pinharanda Gomes, Lisboa, Guimarães Editores, 1985.

Organo. I Catégories, II De l'Interprétation, traduction et notes par J. Tricot, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1969.

— *TA META TA ΦΥΣΙΚΑ, Aristotelis Metaphysica. Metafísica de Aristóteles*, Edición trilingüe por Valentín García Yebra, Madrid, Editorial Gredos, 1990, 2ª ed.

— *Tópicos*, tradução, introdução e notas de J. A. Segurado e Campos, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2007.

Austin, John Langshaw, *How to do things with words*, Oxford, Oxford University Press, 1980, 2ª ed.

Bailly, M. A., *Dictionnaire grec-français*, rédigé avec le concours de E. Egger, Édition revue par L. Séchan et P. Chantraine, Paris, Hachette, 1996.

— *Abrége du dictionnaire grec-français*, Paris, Hachette, 1969.

Bakhtine, Mikhaïl, *Esthétique et théorie du roman*, Paris, Gallimard, 1978.

Baronzi, George, *Pasărea măiastră – poemă poporală*, Bucureşti, s.n., 1896.

Baudelaire, Charles, *As flores do mal*, edição bilingue, tradução, prefácio, cronologia e notas de Fernando Pinto do Amaral, Lisboa, Assírio & Alvim, 1992.

Bedmar, Maria Jesús, "La posesión de la lengua (de E. Coseriu a G. Salvador)", *Revista Española de Lingüística*, 25, 1, 1995, pp. 87-97.

Belo, Fernando, *Linguística e filosofia diante da sintaxe. Pensamento / Língua ou frase / texto*, Lisboa, s.n., 1988.

Bergmann, Gustav, "Logical Positivism, Language and the Reconstruction of Metaphysics", in Richard Rorty ed. *The Linguistic Turn. Recent essays in philosophical method*, Chicago, London, The University of Chicago Press, 1970, pp. 63-71.

Berlin, Brent and **Paul Kay**, *Basic Color Terms. Their universality and evolution*, Berkeley, Los Angeles, Oxford, University of California Press, 1991 [1ª ed. 1969].

Blackburn, Simon, *Think. A compelling introduction to philosophy*, Oxford, Oxford University Press, 1999.

Blaga, Lucian, *Opere*, Bucureşti, Minerva, 1977, vol. 5.

Bohr, Niels, *Atomic Theory and the Description of Nature*, Cambridge, Cambridge University Press, 1934.

Boisacq, Émile, *Dictionnaire étimologique de la langue grecque, étudiée dans ses rapports avec les autres langues indo-européennes*, Heidelberg, Carl Winter Universitätverlag, 1950.

Bonald, M. de, *Recherches philosophiques sur les premiers objets de*

connaissance morale, in Œuvres, Paris, Adrien Le Clere et Cie, 1838.

Brentano, Franz, *Psychology from an Empirical Standpoint*, edited by Linda L. McAlister, London, Routledge, 1995.

Brezianu, Barbu, "Pasărea măiastră a lui Brâncuși – origine și semnificație", in *Arc – litere și arte*, București, Fundația Culturală Română, nr. 4, 1993, pp. 250-258.

Broca, Paul, "Remarques sur le siège de la faculté du langage articulé, suivies d'une observation d'aphemie (perte de la parole)", *Bulletins de la société anatomique de Paris*, Paris, 1861.

Brøndal, Viggo, *Le français, langue abstraite*, Copenhague, Levin & Munksgaard, 1936, Idem, *Les parties du discours*, Copenhague, E. Munksgaard, 1948.

— Théorie des prépositions. Introduction à une sémantique rationnelle, Copenhague, E. Munksgaard, 1950.

— "Langage et Logique », *Essais de linguistique générale*, Copenhague, 1934, pp. 49-71.

Bunge, Mário, *Filosofia da Física*, Lisboa, Edições 70, 1973.

Bünting, Karl-Dieter, *Einfürung in die Linguistik*, Frankfurt am Main, Athenäum Verlag, 1973.

Burke, Demund, *An Inquiry into the Origin of Our Ideas of the Sublime and the Beautiful*, New York, P.F. Collier & Son, 2001 [1ª ed. 1757].

Cahusac, Louis de, *La danse ancienne et moderne ou Traité historique de la danse*, a la Haye, Jean Neaulme, 1754, Tome 1er.

Calogero, Guido, *Etica Giuridica Politica*, Roma, Giulio Einaudi Editore, 1946.

— *Filosofia del dialogo*, Milano, Edizioni di Comunità, 1962.

Cappelletti, Angel J., *Protágoras: Naturaleza y cultura*, Biblioteca de la Academia Nacional de la Historia, Caracas, 1987.

Cardoso, Adelino, *O trabalho da mediação no pensamento leibniziano*, Lisboa, Edições Colibri, 2005.

Cardoso, Adelino e **José M. de Miranda Justo**, *Sujeito e Passividade*, Lisboa, Edições Colibri, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2003.

Carnap, Rudolf, "On the Character of Philosophical Problems", in Richard Rorty ed. *The Linguistic Turn. Recent essays in philosophical method*, Chicago, London, The University of Chicago Press, 1970, pp. 54-62.

Casquer, Manuel-Antonio Marcos e **Avelino Domínguez García**, *Aulo Gelio, Noches áticas*, León, Universidad de León, 2006.

Cassirer, Ernst, *Ensaio sobre o homem. Introdução à filosofia da cultura humana*, Lisboa, Guimarães Editores, 1960.

— *Essais sur le langage*, commentaire par Jean-Claude Pariente, Paris, Ed. De Minuit, 1969.
— *The Philosophy of Symbolic Forms.* Vol. 1: *Language*, trad. Por Ralph Manheim, pref., introd. by Charles W. Hendel, London, Oxford University Press, 1953; vol II: *Mythical Thought*, 1955.

Chevalier, Jean e Alain Cheerbrant, *Dicionário dos símbolos. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*, Tradução de Cristina Rodriguez e Artur Guerra, Lisboa, Editorial Teorema, 1982.

Chomsky, Noam, *Language and Mind.* Enlarged Edition, New York, Chicago, San Francisco, Atlanta, Harcourt Brace Jovanovich, 1972.
— "Linguagem" in *Enciclopédia Einaudi*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, vol. 2, pp. 11-56.

Clemente de Alexandria, Santo, *Extraits de Théodote*, texte grec, introduction, traduction et notes de François Sagnard, Paris, Les Éditions du Cerf, 1970.
— *Les Stromates V*, tome I, texte, Introduction, texte critique et index, par Alain Le Boulluec, traduction de Pierre Voulet, Paris, Les Éditions du Cerf, 1981.
— *Les Stromates VI*, introduction, texte, critique, traduction et notes par Patrik Desourtieux, Paris, Les Éditions du Cerf, 1999.
— *Les Stromates VII*, Introduction, texte critique, traduction et notes par Alain Boulluec, Paris, Les Éditions du Cerf, 1997.

Coimbra, Leonardo, *Obras de Leonardo Coimbra*, Seleção, coordenação e revisão pelo Prof. Sant'Anna Dionísio, Porto, Lello & Irmão Editores, 1983, vol. 1.

Copceag, Dumitru, Ion Mării, Nicolae Mocanu, *Studii de lingvistică*, Cluj-Napoca, Clusium, 2001.

Copi, Irving M., "Language analysis and metaphysical inquiry", in Richard Rorty ed. *The Linguistic Turn. Recent essays in philosophical method*, Chicago, London, The University of Chicago Press, 1970, pp. 127-131.

Correia, Carlos João Nunes, *Ricoeur e a expressão simbólica do sentido*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.
— "Os Usos da Filosofia", *Philosophica. "Ensino da filosofia. Filosofia do ensino"*. Revista do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, nº 6, novembro, 1995, pp. 35-42.

Cossutta, Frédéric, *Elementos para a leitura dos textos filosóficos*, trad. por Angela de Noronha Begnami, Milton Arruda, Clemence Jouet-Pastré, Neide Sette, São Paulo, Martins Fontes, 2ª ed. 2001.

Coutinho, Maria João, Simion Doru Cristea, Vladimir Lebedev, *Navegando no mar que nos navega. Abordagem crítica à obra* Mar me quer *de Mia Couto*, Lisboa, ed. autor, 2005.

Croce, Benedetto, *Logica come scienza del concetto puro*, Bari, Laterza & Figli, 1958.

Cristea, Simion Doru, *Funcția simbolic-mitică în textul religios*, Cluj-Napoca, Editura Gedo, 2005.

Culianu, Ion Petru, Dialoguri întrerupte. Corespondență Mircea Eliade – Petru Culianu, Iași, Polirom, 2004.

Delon, Michel, *L'idée d'énergie au tournant des Lumières (1770-1820)*, Paris, Presses Universitaires de France, 1988.

Di Cesare, Donatella, "Aristotele, Humboldt e la concezione dinamica della lingua come ἐνέργεια", *Paradigmi*, 1987, V, 13, pp. 65-86. "*ἔργον* und *ενέργεια* bei Aristoteles und Humboldt", in *Energeia und Ergon...*, vol. 2, pp. 29-46.

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, Verbo Editora, 2001.

Dicionário Grego-Português e Português-Grego, Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1969.

Dicionário HOUAISS da língua portuguesa, Lisboa, Temas e Debates, 2003.

Dicionário ilustrado da língua portuguesa, Porto, 2001.

Dicionário mini Aurélio, século XXI, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2002.

Dicionário universal de sinónimos e antónimos, língua portuguesa, Lisboa, Texto Editores, 2005.

Dirac, Paul, *The Principles of Quantum Mechanics*, Oxford, Claredon Press, 1958.

Dorfles, Gillo, *Kitsch: The World of Bad Taste*, Universe Books, 1969

Dumarsais, César Chesneau, *Des tropes ont différents sens dans lesquels on peut prendre un même mot dans une même langue*, Paris, P.M. Nyon, Libraire, 1787, 3ª ed.

Düring, I., *Aristoteles. Darstellung und Interpretation seines Denkes*, Heidelberg, 1966.

Eliade, Mircea, *Imagens e símbolos*, trad. Maria Adosinda Oliveira Soares, Lisboa, Arcádia, 1979.

— *Aspetos do mito*, Lisboa, Edições 70, 1989.

Empiricus, Sextus, *Against the Logicians*, trad. rev. R. G. Bury, Litt. D., London & Cambridge, William Heinemann & Harvard University Press, 1967, vol. II.

Fontanier, Pierre, *Les figures du discours*, Introduction Gérard Genette,

Paris, Flammarion, 1968.

Frayssinous, Denis-Luc, *Défense du Christianisme*, Paris, A LeClere, 1825, 4 vols.

Frege, Gottlob, *Écrits logiques et philosophiques*, traduction et introduction de Claude Imbert, Paris, Éditions du Seuil, 1971.

Freud, Sigmund, *Textos essenciais da psicanálise* I. *O inconsciente, os sonhos e a vida pulsional*, Seleção e introdução de Anna Freud, Nota introdutiva à edição portuguesa revisão e notas de José Gabriel Pereira Bastos, Mem Martins, Publicações Europa-América, 2001, 3ª ed.

Fromm, Erich, *Texte alese*, București, Editura Politică, 1983.

Gadamer, Hans-Georg, *Verdade e método* II, complementos e índice, trad. de Enio Pualo Giachini, revisão de trad. Márcia Sá Cavalcante-Schuback, Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

Galay, Jean-Louis, *Philosophie et invention textuelle. Essai sur la poétique d'un texte kantien*, Préface de Jean-Luc Nancy, Paris, Klincksieck, 1977.

Gasset, Ortega y, *El hombre y la gente*, Madrid, 1957.

Gonçalves, Joaquim Cerqueira, *Fazer filosofia. Como e onde?,* Braga, Faculdade Católica Portuguesa, 1995.

Greef, Wulfert de, *The Writings of John Calvin. An Introductory Guide*, translated by Lyle D. Bierma, London, Westminster John Knox Pr., 2008.

Hale, Bob and **Crispin Wright** eds. *A Companion to the Philosophy of Language*, Oxford: Blackwell, 1998.

Haßler, Gerda, *La relation entre la philosophie du langage et la sémantique chez Coseriu*, http://www.uni-potsdam.de/romanistik/hassler/pdf/Coseriu.pdf.

Hegel, Georg Wilhelm Friedrich, *Enciclopédia das ciências filosóficas em epítome*, Lisboa, Edições 70, 1992, vol. III.

— *Introdução à história da filosofia*, trad. António Pinto de Carvalho, Precedida de um preâmbulo sobre Hegel e o conceito de história da filosofia por Joaquim de Carvalho, Coimbra, Arménio Amado, 1980, 4ª ed.

— *La Phénomenologie de L'esprit*, trad. de Jean Hyppolite, Paris, Aubier Montaigne, [1934].

— *A razão na história. Introdução à filosofia da história universal*, Lisboa, Edições 70, 1995.

Heidegger, Martin, *Approche de Hölderlin*, Paris, Gallimard, 1973, pp. 39-61.

— *Being and Time*, London, Blackwell, 2005.

— *Caminhos de floresta*, Lisboa, Calouste Gulbenkian, 1998.

— *Essais et Conférences*, trad. André Préau, Paris, Gallimard, 1958, 4ª ed.

Humboldt, Wilhelm von, *Bildung und Sprache*, Besorgt von Clemens Henze, Paderborn, Ferdinand Schöningh, 1997, 5ª ed.

— *On Language. The diversity of human language-structure and its influence on the mental development of mankind*, translated by Peter Heath, with an introduction by Hans Aarsleff, Cambridge, Cambridge University Press, 1988.

— *Prüfung der Untersuchungen über die Urberwohner Hispaniens vermittelst der Vaskischen Sprache*, Berlin, 1821.

— *Schriften zur Sprache*, Stuttgart, Philipp Reclam jun., 1995.

Husserl, Edmund, *A ideia da fenomenologia*, Lisboa, Edições 70, 1990.

Justo, José M., Érgon ou Energueia. Filosofia da linguagem na Alemanha, sécs. XVIII e XIX, Lisboa, Materiais Críticos, 1986.

Kalverkämper, Hartwig, Larisa Schippel (ed.), Translation zwischen Text und Welt – Translationswissenschaft als historische Disziplin zwischen Moderne und Zukunft, Berlin, Frank & Timme GmbH, 2008.

Kepler, Johannes, *Harmonices Mundi*, s.l., Lincii Austriae, 1619.

Lai, C., [et al.] "The SPCH1 Region on Human 7q31: Genomic Characterization of the Critical Interval and Localization of Translocations Associated with Speech and Language Disorder", *The American Journal of Human Genetics*, Volume 67, Issue 2, 2000, pp. 357 – 368.

Lakoff, George and Mark Johnson, *Metaphors We Live By*, Chicago & London, The University of Chicago Press, 1980.

Lalande, André, *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*, Paris, Presses Universitaires de France, 1968.

Leibniz, G. W., Die philosophischen Schriften, Berlin, Georg Olms Berlagsbuch handlung, 1980. 4 vols.

— *Discurso de metafísica*, trad. e notas de João Amado, Edições 70, 1995.

— *Die philosophischen Schriften*, Berlin, Georg Olms Berlagsbuch handlung, 1980, vol. 4.

Lessing, Gotthold Ephraim, Laokoon oder über die Grenzen der Malerei und Poesie, 1766.

— *Gesammelte Werke*, Berlin und Wiemar, Aufbau Verlag, 1968, vol 5º.

Liiceanu, Gabriel, *Încercare în politropia omului și a culturii*, București, Cartea Românească, 1981.

Locke, John, *Ensaio sobre o entendimento humano*, trad. Eduardo Abranches de Soveral, revisão da trad. por Gualter Bunha e Ana Luísa Amaral, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, 2 vols.

Maeterlinck, Maurice, *L'Oiseau bleu. Féerie en six actes et douze tableaux*, Paris, Librairie Charpentier et Fasquelle, 1914, [1ª ed. 1908].

Malcolm, Norman, "Moore and Ordinary Language", in Richard Rorty ed. *The Linguistic Turn. Recent essays in philosophical method*, Chicago, London, The University of Chicago Press, 1970, pp. 111-124.

Malkiel-Jirmounsky, Myron, "La langue et la pensée", Lisboa, *Boletim de Filologia*, 1945, t. VIII, pp. 57-65.

Marciszewski, W. ed., *Dictionary of logic, As applied in the study of language. Concepts, methods, theories*, Hague, Boston, London, Martinus Nijhoff Publishers, 1981.

Martinich, A.P., *The Philosophy of Language*, New York, Oxford, Oxford University Press, 1985 [2ª ed. 1990 e 3ª ed. 1996].

Marx, Karl, *O Capital*, São Paulo, Ed. abril, 1975.

Mesquita, António Pedro, *Aristóteles. Obras completas. Introdução geral*, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional – Casa de Moeda, 2005.

— "O que é a Filosofia? Sentido filosófico e virtualidades pedagógicas de uma definição de filosofia", Philosophica. 'Descartes e o Círculo Cartesiano'. Revista do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, nº 8, novembro de 1996, pp. 111-141.

Merleau-Ponty, Maurice, *Le Visible et l'Invisible. Suivi de notes de travail par Maurice Merleau-Ponty*, Paris, Gallimard, 1964.

Moura, José Barata, "Filosofia e Filosofar. Hegel versus Kant?", *Philosophica. "Ensino da Filosofia. Filosofia do ensino"*. Revista do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, nº 6, novembro, 1995, pp. 51-69.

Munteanu, Cristinel, *Discursul repetat*, Institutul European, Iaşi, 2005.

Neumann, John von, *Mathematische Grundlagen der Quantenmechanik*, Berlin, Springer Verlag, 1932.

Newton, Isaac, Philosophiae Naturalis Principia Mathematica, London, S. Peys 1686.

Nietzsche, Friederich, *Assim falava Zaratustra*, Lisboa, Guimarães Editores, 2000, 12ª ed.

— *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe in 15 Bänden,* Berlin & New York, Walter de Gruyter Verlag, vol. 1, 1980.

Noverre, Jean-Georges, *Letters sur la danse*, Stuttgard, Lyon, Aimé Delacroche, 1760.

Pagliaro, Antonino, *A vida do sinal*, trad. de Aníbal Pinto de Castro, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

Paleolog, Tretie, *De vorbă cu Brâncuşi despre „Calea Sufletelor Eroilor"*, Bucureşti, Editura Sport-Turism, 1976.

Pandrea, Petre, *Brâncuşi amintiri şi exegeze*, Bucureşti, Editura Meridiane, 1976.

Platão, *Crátilo. Diálogo sobre a justeza dos nomes*, versão do grego, prefácio e notas pelo P^e^ Dias Palmeira, Lisboa, Livraria Sá da Cosa Editora, 1963.

— *O Sofista*, versão de Alexandre Pinheiro Torres, Porto, Edições Sousa & Almeida, 1965.

Pisani, V., "La lingua e la sua storia", in *Linguistica generale e indeuropea*, Milano, 1947.

Popper, Karl R., *A lógica da pesquisa científica*, trad. por Leónidas Hegenberg e Octganny Silveira da Mota, São Paulo, Editora Cultrix, 1972.

— *O realismo e o objetivo da ciência: pós-escritos à lógica da descoberta científica*, Lisboa, Dom Quixote, 1987.

Pound, Ezra, *Literary Essays of Ezra Pound*, Edited with an introduction by T.S. Eliot, London, Faber and Faber, 1985, 2ª ed.

Putnam, Hilary, *Meaning and the Moral Sciences*, London, Routledge and Kegan Paul, 1976.

— *Realismo de rosto humano*, trad. por Carlota Andrade, Lisboa, Instituto Piaget, 1999.

Reichenbach, Hans, *Experience and Prediction. An analysis of the foundation and the structure of knowledge*, with a new introduction by Alan W. Richardson, Notre Dame, University of Notre Dame Press, 2006.

Ricoeur, Paul, *A metáfora viva*. Introdução de Miguel Batista Pereira, Porto, Rés, 1983.

— *Teoria da Interpretação*. Introdução e comentários de Isabel Gomes Tradução de Artur Morão, Porto, Porto Editora, 1995.

Ritter, Joacquim ed., *Historische Wörterbuch der Philosophie*, D-F, Basel, Stuttgart, Schawe & Co. Verlag, 1972, 2 vols.

Rorty, Richard ed. *The Linguistic Turn. Recent essays in philosophical method*, Chicago, London, The University of Chicago Press, 1970.

Russell, Bertrand, *Cambridge Essays (1988-99)* Eds. Kenneth Bleckwell, Andrew Brink, Nicholas Griffin, Richard A. Rempel, John G. Slater, London, George Allen & Unwin, 1985, vol. 1.

Sainsbury, R. M. and Timothy Williamson, "Sorites", in Hale, Bob and Wright, Crispin eds. *A Companion to the Philosophy of Language*, Oxford: Blackwell, 1998, pp. 458-484.

Salles, Paulo de Tarso, "Pitagóras e escala musical", São Paulo, *CMU-ECA/ USP*, 2009, p. 2. http://stoa.usp.br/ptsalles/files/-1/8831/Pit%C3% A1goras+e+a+escala+musical.pdf.

Santos, Leonel Ribeiro dos, *O espírito da letra. Ensaios de hermenêutica*

da modernidade, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2007.
— *Linguagem, Retórica e Filosofia no Renascimento*, Lisboa, Colibri, 2004.
— *Retórica da Evidência ou Descartes segundo a Ordem das Imagens*, Coimbra, Quarteto, 2001.
— "O retorno ao mito. Nietzsche, a música e a tragédia", *Philosophica.* Revista do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, nº 1, abril, 1993, pp. 89-111.

Sartori, Giovanni, *Homo videns. Televisão e pós*-pensamento, tradução de Simonetta Neto, Lisboa, Terramar, 2000.

Saussure, Ferdinand de, *Curso de linguística geral*, Lisboa, Dom Quixote, 1999.

Schlick, Moritz,"The Future of Philosophy" in Richard Rorty, *Recent essays in philosophical method*, Chicago, London, The University of Chicago Press, 1970, pp. 43-53.

Schuré, Éduard, *Orfeo, Pitágoras y Platón (Los Misterios de Dionisos – Los Misterios de Delfos – Los misterios de Eleusis)*, Buenos Aires, Editorial Kier, 1960.

Searle, John R., *Intentionality. An essay in the philosophy of mind*, London, Cambridge University Press, 1983.
— *Speech Acts. An Essay in the Philosophy of Language*, Cambridge, Cambridge University Press, 1969.

Silva, Agostinho da, *Textos e ensaios filosóficos*, Critério da Edição e Estudo Introdutório Paulo Alexandre Esteves Borges, Lisboa, Âncora Editora, 2005, vol. 1.

Skorupski, John, "Meaning, use, verification", in Bob Hale and Crispin Wright, *A Companion to the Philosophy of Language*, Oxford, Blackwell, 1999, pp. 29-48.

Spear, Athena Tacha, *Brâncusi's Birds*, New York, New York University Press, 1969.

Spengler, Oswald, *The Decline of the West*, ed. prepared by Arthur Helps, trans. by Charles Francis Atkinson, New York, Oxford, Oxford University Press, 1991.

Stănescu, Nichita, *11 elegii*, Bucureşti, Editura Tineretului, 1966.
— *Poezii*, Bucureşti, Editura Eminescu, 1970.

Sulzer, Georg, *Histoire de l'Académie royale*, Berlin, 1767.

Sylla, Bernhard, *Weisgerber, Heidegger und die Sprache nach Humboldt*, Würtzburg, Königshause & Neumann, 2009.

Şăineanu, Lazăr, „Ielele, dânsele, vântoasele, şoimanele, frumoasele, milostivele, zânele. Studii de mitologie comparată", *Revista pentru*

istorie, arheologie şi filologie, VI, 1891, pp. 211-457.
— Studiu de semasiologie a limbii române, Bucureşti, s.n., 1887.

Térence, *Heautontimoroumenos - Phormion*, texte établit et traduit par J. Marouzeau, Paris, Société d'édition «Les Belles Lettres», 1956.

Toffler, Alvin, *A Terceira vaga*, trad. por Fernanda Pinto Rodrigues, Lisboa, Livros do Brasil, 1984.

Trivedi, Bijal P., "Scientists Identify a Language Gene", *National Geographic Today*, October 4, 2001, http://news.nationalgeographic.com/news/2001/10/1004_TVlanguagegene.html.

Tunhas, Paulo. "Akribeia, maneiras de pensar e objetos de pensamento. O exemplo da descoberta" in **Adelino Cardoso e José M. de Miranda Justo**, *Sujeito e Passividade*, Lisboa, Edições Colibri, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2003, pp. 21-60.

Ulrich, Miorita, *Die Sprache als Sache. Primärsprache, Metasprache, Übersetzung*, Tübingen, Gunter Narr Verlag, 1997.

Valverde, Jose Maria, *Guillermo de Humboldt y la Filosofia del Lenguaje*, Madrid, Editorial Gredos, 1955.

Vygotsky, L.S., *Thought and Language*, edited and translated by Eugenia Haufmann and Gertrude Vakar, Cambridge, MIT Press, 1966.

Wittgenstein, Ludwig, *Tratado lógico-filosófico. Investigações filosóficas*, Trad. e prefácio de M.S. Lourenço, Introdução alguns comentários sobre o «Tractatus» de Tiago de Olivera, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

Índice onomástico

A

Adeodato: 98
Agostinho, Santo: 27, 44, 75, 96-100, 172, 229, 247
Albrecht, Jörn: 102, 107, 236, 241, 243
Amado, João: 253
Amaral, Ana Luísa: 94, 253
Amaral, Fernando Pinto do: 167, 248
Andrade, Carlota: 49, 255
Apollo: 24
Appolinaire, Guillaume: 209, 242
Arghezi, Tudor: 242
Ariadne: 203
Aristóteles (Estagirita): 15, 16, 19, 27, 37, 38, 39, 43, 44, 48, 52, 55, 65, 66, 68, 74, 81, 83, 85, 87 88, 90-93, 96, 114-117, 126-129, 132, 134, 137, 147, 151, 152, 160, 171, 175, 176, 182, 183. 204, 206, 229, 233, 247, 248, 251, 254
Arruda, Milton: 36, 250
Assunção, Carlos: 110, 237
Atkinson, Charles Francis: 29, 256
Aureoli, Petrus: 115
Austin, John Langshaw: 13, 18, 47, 248

B

Bailly, M. A.: 116, 248
Bakhtine, Mikhaïl: 17, 248
Baldinger, Kurt: 12, 242
Banfi, Antonio: 25, 40
Barah, 33
Baronzi, George: 212, 248
Baudelaire, Charles: 167, 248
Bechara, E.: 240

Bedmar, Maria Jesús: 248
Begnami, Angela de Noronha: 36, 250
Belo, Fernando: 146, 147, 248
Bergmann, Gustav: 43, 248
Berlin, Brent: 159, 248
Bernardo Paniagua, José María: 22, 23, 242
Bernoulli, Johann: 115
Bertsch, Hansbert: 237
Blackburn, Simon: 36, 248
Blaga, Lucian: 13, 142, 189, 192, 213, 242, 248
Boc, Oana: 242
Boethius, Anicius Manlius Severinus: 68, 88, 89, 91, 247
Bohr, Niels: 123, 248
Boisacq, Émile: 116, 248
Bonald, M. de: 122, 248
Borcilă, Mircea: 9, 13, 23, 25, 70, 74, 80, 147, 239, 240, 242
Borges, Paulo Alexandre Esteves: 225, 256
Borges-Duarte, Irene: 208
Born, Max: 123
Brâncuşi, Constantin: 208-214, 249, 254
Brancusi, Constantin: 210-212, 256
Bréal, Michel: 156-158, 236
Brentano, Franz: 47, 248
Brezianu, Barbu: 212, 249
Broca, Paul : 138, 249
Broglie, Luís de: 123
Brøndal, Viggo : 177, 249
Bunge, Mário : 124, 249
Bunha, Gualter: 94, 253
Bünting, Karl-Dieter: 122, 249
Burke, Demund: 118, 249
Bury, R.G.: 56, 251

C

Cabral, Roque: 247
Caeiro, António C.: 115, 247
Cahusac, Louis de : 118, 249
Calero Vaquera, Mª Luisa: 241
Callimachi, Scarlat: 209
Calogero, Guido: 65, 249

Cappelletti, Angel J.: 56, 249
Caragiu Marioţeanu, Matilda: 243
Cardoso, Adelino: 77, 249, 257
Carnap, Rudolf: 36, 77, 249
Carneiro, A. Dias: 241
Cavalcante-Schuback, Márcia Sá: 90, 252
Carvalho, António Pinto de: 76, 252
Carvalho, Daniela: 164
Carvalho, Joaquim de: 76, 252
Casado, Manuel: 243
Casquer, Manuel-Antonio Marcos: 85, 249
Cassirer, Ernst: 160, 161, 165, 207, 249
Cavalcante-Schuback, Márcia Sá: 90, 252
Cesare, Donatella di: 45, 116, 117, 125, 238, 240, 243, 245, 251
Chantraine, P.: 116, 248
Cheerbrant, Alain: 162, 167, 250
Chevalier, Jean: 162, 167, 250
Chomsky, Noam: 36, 108, 137, 139, 140, 250
Codoban, Aurel: 243
Condillac, Étienne Bonnot de: 89
Constantinescu, Doina: 189, 238, 239
Copceag, Demetrio: 21, 22, 201, 243, 250
Copi, Irving M.: 42, 43, 250
Corbin, Henry: 204
Correia, Carlos João: 10, 77, 165, 166, 250
Coseriu, Eugenio (Coşeriu, Eugeni[iu]): 9, 10, 21-25, 27, 29, 30-32, 34, 37, 42-51, 53-71, 74-76, 78-81, 83, 85-113, 116, 120-127. 129-142, 144-146, 148, 151-160, 162, 165-171, 174, 176-184, 187-198, 200-207, 215-217, 220-222, 225, 227-237, 239-245, 252, 261
Cossutta, Frédéric: 36, 54, 250
Coutinho, Maria João: 212, 249
Crátilo: 68, 84-86, 255.
Cristea, Simion Doru: 147, 212, 250, 251
Croce, Benedetto: 176, 204, 229, 251
Cuéllar, Sergio Bolaños: 243
Cunha, Paulo Ferreira da: 164

D

David, Jean: 12, 237
Darmester, Arsène: 157

Delon, Michel : 119, 122, 141, 251
Demócrito: 27, 84
Dern, Chr.: 38, 239
Descartes: 35, 77, 115, 172, 254, 256
Dilthey, Wilhelm: 35
Dionisos: 126, 255
Dirac, Paul: 124, 249
Dorfles, Gillo: 216, 251
Duchamp, Marcel: 209
Durafour, Jean Pierre: 240
Düring, I.: 115, 251
Durkheim, Émile: 48

E

Einstein, Albert: 115, 123
Eliade, Mircea: 164, 166, 192, 251
Empiricus, Sextus: 56, 82, 251
Epiménides de Creta: 102

F

Ferreira, Mário: 12, 20, 240, 241
Ferreira, Silvestre Pinheiro: 66, 247
Fausto: 139
Feyre, Elayne: 209
Fichte, Johann Gottlieb: 89
Fodor, Jerry A.: 50
Fonseca, Carlos Alberto da: 12, 20, 240
Fontanier, Pierre : 51, 251
Foucault, Michel: 35
Frayssinous, Denis-Luc: 122, 251
Frege, Gottlob: 94, 166, 250
Freud, Sigmund: 163, 252
Frisch, Uriel: 117
Fromm, Erich: 138, 252

G

Gadamer, Hans-Georg: 90, 252
Galay, Jean-Louis, 35, 252
Garate, Justo: 38
García, Avelino Domínguez: 85, 249

García Turza, Cláudio: 243
García Yebra, Valentín: 115, 248
Gasset, Ortega y: 133, 250
Geckeler, Horst: 21, 153, 241, 243
Gellius, Aulus: 85
Genette, Gérard : 51, 250
Giachini, Enio Paulo: 93, 251
Gil, Fernando: 119
Goethe, Johan Wolfgang: 139
Gomes, Isabel: 165, 255
Gomes, Maria Cecília: 247
Gomes, Pinharanda: 66, 68, 88, 91, 247
Gonçalves, Joaquim Cerqueira: 36, 252
Greef, Wulfert de: 62, 252
Greimas, Algirdas Julius: 49
Gurvitch, Georges: 162

H

Haag, H.: 12, 237
Hahn, Hans: 36
Hale, Bob: 18, 48, 252, 255, 256
Harris, J.: 89
Haßler, Gerda : 252
Haufmann, Eugenia: 257
Hegel, G.W.F.: 19, 35, 39, 42, 43, 55, 65, 66, 67, 76, 77, 89, 127, 128, 137, 152, 187, 194, 196, 203, 238, 252, 254
Hegenberg, Leónidas: 60, 255
Heidegger, Martin: 43, 109, 127, 128, 137, 203, 204, 208, 230, 252, 256
Heisenberg, Werner: 123
Helps, Arthur: 29, 256
Hempel, Carl: 140
Hendel, Charles W.: 250
Henle, Paul: 52
Heraclito: 27, 75, 82-84
Herder, Johann Gottfried von: 38, 67, 78, 111, 120, 137, 229, 238
Hermes Trismegistos: 33
Hermógenes: 84
Dupuy-Engelhardt, Hiltrud: 240
Hölderlin, J. Chr. Friedrich: 203, 204, 252
Horatius: 114

Humboldt, Wilhelm von: 16, 35, 37, 38, 61, 65-68, 75, 78, 102-116, 120, 123, 125, 236, 237, 238, 239, 243, 251, 252, 256, 257
Hyppolite, Jean: 39

I

Iordan, Iorgu: 23, 243

J

Jakobson, Roman: 70
Jiménez, Gil: 244
Johnson, Mark: 52, 253
Jones, Henry Stuart: 116, 247
Jouet-Pastré, Clemence: 36, 250
Jouffroy, Théodore Simon: 89
Joyce, James: 209
Justo, José M.: 67, 77, 120, 249, 253, 257

K

Kabatek, Johannes: 14, 23, 29, 193, 201, 235, 239, 242
Kant, Immanuel: 35, 38, 39, 49, 77, 172, 215, 216 229, 252, 254
Kalverkämper, Hartwig: 201, 253
Katz, J.J.: 49
Kay, Paul: 159, 248
Kepler, Johannes: 115, 253
Köhler, Gisela: 237
Kury, Mário da Gama: 115, 247

L

Lakoff, George: 52, 253
Lalande, André: 22, 119, 253
Lane, Eileen: 209
Laplace, Colette: 244
Lazăr, Lucian: 239
Lausberg, H.: 119
Lebedev, Vladimir: 212, 250
Léger, Fernand: 209
Leibniz, G.W.: 22, 38, 56, 89, 111, 115, 196, 200, 201, 206, 238, 249, 253
Leroy, Maurice: 110
Lessing, Gotthold Ephraim: 118, 253
Leuschner, T.: 158, 240
Liiceanu, Grabriel, 35, 253

Llorente, Antonio: 22, 209
Locke, John: 89, 94, 253
Lourenço, M.S.: 166, 257
Lüdtke, Jens: 236

M

Maia, M. Chr. de Motta: 110, 237
Madigan, Arthur: 247
Maeterlinck, Maurice: 212, 253
Maier, Ulrike: 38, 238
Mairal, Ricardo: 25, 64, 239
Malcolm, Norman: 42, 254
Malkiel-Jirmounsky, Myron: 24, 254
Marciszewski, W.: 160, 254
Marouzeau, J.: 56, 257
Mării, Ion: 201, 250
Martin, Robert : 12, 237
Martinet, André: 50, 88
Martínez del Castello, Jesús Gerardo: 235
Marx, Karl: 66, 254
Matisse, Henri: 209
McAlister, Linda L.: 47, 249
McKenzie, Roderick: 116, 247
Meier, Harri: 110
Meisterfeld, Reinhard, 244
Merleau-Ponty, Maurice: 65, 178, 254
Mesquita, António Pedro: 35, 77, 78, 117, 132, 254
Minkovski, H.: 17
Mircea, Dumitru: 155
Mocanu, Nicolae: 201, 250
Möhres, F. P.: 12, 237
Modiglioni, Amedeo: 205
Morão, Artur: 165, 255
Mortier, R.: 141
Mota, Octanny Silveira da: 60, 255
Moura, José Barata: 77, 254
Munteanu, Cristinel: 201, 254
Munteanu, Eugen: 239, 240
Murguía, Adolfo: 14, 23, 29, 193, 201, 239, 242, 244

N

Nancy, Jean-Luc: 35, 252
Neumann, John von: 109, 123, 254
Neurath, Otto: 36
Neto, Simonetta: 224, 256
Newton, Isaac: 115, 254
Nietzsche, Friederich: 19, 24, 53, 254, 256
Noverre, Jean-Georges: 118,

O

Oliveira, Fernão de: 110, 237
Oliveira, Tiago de: 166, 257
Oprişan, I.: 239
Orioles, Vincenzo: 242
Ostwald, Friedrich Wilhelm: 119

P

Pagliaro, Antonio: 25, 61, 168, 254
Paleolog, Tretie: 209, 210, 213, 214, 254
Pandrea, Petre: 208, 255
Pariente, Jean-Claude: 249
Parménides: 83, 84
Pauli, Wolfgang: 123
Pavel, Dora: 240
Pedroso, Filipa, 208
Penas Ibáñez, Maria Azucena: 244
Picabia, Francis: 209
Pidal, Rámon Menéndez: 198
Pinheiro, António Soares: 98, 247
Pisani, Vittore: 168, 178, 255
Pitágoras: 27, 84, 125, 126, 191, 255
Planck, Max: 123
Platão: 27, 38, 64, 68, 75, 83-87, 130, 146, 191, 193, 231, 255
Pogany, Margit: 209
Popescu, Mircea: 192
Popper, Karl: 60, 201, 255
Pound, Ezra: 209-211, 255
Préau, André: 204
Prigogine, I.: 119
Proclus: 84

Protágoras de Abdera: 56
Putnam, Hilary: 49, 255

Q

Quental, Antero de: 35

R

Rankine, William John Macquorn: 119
Rastier, François: 240
Reichenbach, Hans: 94, 255
Reis, Manuel: 247
Reis, Maria Cecília Gomes dos: 247
Reisig, Chr. C.: 156
Ricoeur, Paul: 52, 70, 165, 166, 250, 255
Ritter, Joacquim: 115, 255
Rivera Cárdenas, Fernando: 241
Rorty, Richard: 42-44, 77, 248, 249, 250, 254, 255
Rousseau, Jean Jacques: 38, 238
Rousseau, Henri: 209
Russell, Bertrand: 42, 94, 102, 255
Ryle, Bilbert: 140

S

Sainsbury, R. M: 48, 255
Salles, Paulo de Tarso: 191, 255
Santana, Pedro: 25, 64, 239
Santos, Leonel Ribeiro dos: 35, 53, 64, 101, 165, 255
Saramandu, Nicolae: 37, 240, 241, 244
Satie, Erik: 209
Saussure, Ferdinand de: 59, 70, 71, 88, 90, 112, 133, 142, 256
Sainsbury, R.M.: 48, 255
Sapir, Edward: 140
Sartori, Giovanni: 224, 256
Schilieben-Lange, Brigitte: 21, 241, 243
Schippel, Larisa: 201, 253
Schlick, Moritz: 77, 256
Schrödinger, Erwin: 123
Schuré, Éduard: 126, 256
Séchan, L.: 116, 248
Segre, Cesare: 17, 245
Seraine, Florival: 21, 245

Sette, Neide: 36, 250
Silva, Agostinho da: 225, 256
Simon, Josef: 13, 245
Skinner, Burrhus Frederic: 140
Skorupski, John: 18, 256
Soares, Maria Adosinda Oliveira: 251
Spear, Athena Tacha: 212, 256
Spengler, Oswald: 29, 256
Stănescu, Nichita: 19, 213, 256
Stengers, I.: 119
Sulzer, Georg : 119, 256

Ş

Şăineanu, Lazăr: 157, 212, 256
Şuteu, Flora: 23, 245

T

Tait, P.-G. : 119
Tămâianu-Morita, Emma: 23, 245
Terêncio (Térence): 56, 257
Thot: 33
Thun, Harald: 102, 107, 236, 241, 243
Tiktin, Hariton : 110
Tomás, Santo de Aquino: 64, 93, 119, 152
Toffler, Alvin: 215, 257
Torres, Alexandre Pinheiro: 64, 237, 255
Torres, Amadeus: 110, 237
Trabant, Jürgen: 21, 241, 243
Trivedi, Bijal P.: 137, 257
Turgot, Anne Robert Jacques: 89

U

Ulrich, Mioriţa: 201, 245, 257
Unamuno, Miguel de: 38
Ungureanu, Mădălina, 240
Untersreiner, M.: 56
Uchôa, C. E. Falcão: 110, 237

V

Vaida, Mircea: 240

Vakar, Gertrude: 189, 257
Vico, Giambattista: 37, 111, 137, 203
Vilarnovo Caamaño, António: 13, 120, 126, 159, 168, 243
Vîlcu, Dina: 23, 70, 245
Vives, Juan Luis: 39, 48, 64, 75, 100-102, 173, 237, 238
Voronca, Ilarie: 209
Vossler, Karl: 139
Vygotsky, L.S.: 189, 257

W

Watson, John B.: 140
Weber, Heinrich: 38, 238
Weydt, Harald: 21, 241, 243, 244
Willems, Klass: 23, 158, 240, 245
Williamson, Timothy: 48, 255
Whitney, William Dwight: 89
Wittgenstein, Ludwig: 18, 43, 77, 140, 166, 257
Wolff, Christian: 89
Woll, Dieter: 111, 245
Whorf, Benjamin Lee: 140
Wright, Crispin: 18, 48, 252, 255, 256

Y

Young, Thomas: 119

Índice temático

A

atividade cognoscitiva: 7, 151, 159, 160, 167, 167-170, 175, 207
atividade criativa: 40, 54, 132, 160, 179, 188, 223
atividade da fala: 51, 58, 173
atividade de falar: 69, 153
atos da fala: 13, 31, 47, 51, 122, 176, 178,
alteridade: 16, 44, 58, 67, 103, 172, 197, 216, 221
animal symbolicum: 161, 207, 224
ἀπόφασις: 86
apreensão do mundo: 46, 173
arbitrário: 22, 89-90, 114
arte: 58, 63, 75, 78, 79, 81, 100, 102, 130, 132, 133, 135, 149, 187, 192, 195, 206, 207-223, 224, 226
ἀξίωμα: 96

C

causa final: 39, 188
ciência integral do falar: 30, 74
conceção teleológica: 39
conditio humana: 102
conhecimento antepredicativo: 20
conhecimento intuitivo: 56, 57, 71, 110, 113, 163, 174, 193, 196, 199, 203, 217,
conteúdo semântico: 15, 18, 19, 27, 28, 46, 48, 55, 76, 77, 98, 116, 128, 137, 139, 143, 149, 166, 160, 174, 176, 193, 194, 209, 210, 223
conteúdos de consciência: 92, 131, 148, 205
contexto: 31, 45, 47, 50, 73, 76, 103, 114, 118, 128, 130, 162, 174, 205, 231, 243

criação: 5, 7, 11, 12, 15, 16, 17, 20, 25, 31, 32, 34, 35, 40, 46, 52-60, 62, 64, 66-69, 72, 75, 77, 80, 97, 105, 108, 115-117, 121, 123-124, 127, 130, 131, 133-135, 138, 139, 141, 142, 146, 147, 148, 149, 152, 160, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 174, 175, 177, 180-182, 184, 187, 188, 189, 190, 194, 195, 198, 199, 196, 197, 200, 203, 204, 205, 206, 207, 214, 215, 216, 217, 219, 221-225, 225, 226, 228, 232, 233, 234

criatividade: 18, 29, 35, 37, 39, 54, 55, 57, 58, 60, 73, 76, 80, 92, 95, 106, 107, 108, 113, 114, 118, 120, 125, 130, 131, 132, 135, 139, 142, 145, 147, 155, 168, 184, 188, 189, 199, 200, 205, 206, 207, 212, 214, 216, 217, 219, 220, 221, 225, 227,

cultura: 7, 9, 11, 13, 14, 17, 20, 22, 26, 27, 29, 30, 32, 33, 35, 37, 39, 41, 45, 46, 49, 52, 53, 56, 57, 60, 61, 62, 63, 66, 69, 71, 73, 74, 76, 78,79, 80, 81, 82, 96, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 111, 114, 123, 126, 128, 135, 137, 152, 155, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 175, 187-201, 203, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 214, 215, 216, 217, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 228, 232, 233, 234, 237, 240, 243, 247, 249

D

descrição dinâmica: 22

designação: 15, 18, 45, 46, 48, 54, 59, 63, 73, 80, 83, 92, 116, 117, 127, 129, 136, 137, 141-145, 148, 151, 153, 161, 162-166, 170, 172, 173-175, 180, 183, 184, 193, 200, 202, 209, 210, 212, 213, 215 222, 223, 224, 226, 227

diacronia: 22, 23, 37,39, 41, 48, 57,105, 107, 120, 124, 129, 134,204, 206, 207, 235, 240, 244

díada: 125

diafórico: 113, 147, 148

dýnamis / dinamis: 25, 30, 35, 70, 82, 106, 114, 117, 119, 126, 129, 132, 139, 141, 151, 195, 234

δύναμις: 76, 117, 120, 132

dimensão simbólica: 66, 160, 166, 211

discurso: 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 25, 29, 45, 47, 51, 52, 54, 55, 56, 59, 64, 72, 75, 80, 93, 95, 103, 111, 120, 128, 138, 139, 146, 152, 154, 155, 162, 164, 173, 174, 178, 179, 183, 184, 185, 190, 209, 217, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 232, 235, 244, 253

distinção kantiana: 39

E

endofórico: 113, 147, 148

enérgeia: 16, 30, 102, 103, 104, 107, 114-116, 119, 236, 241, 243, 251

ἐνέργεια: 15, 76, 107, 116, 117, 118, 120, 124, 125, 126, 129, 132, 133,

243, 251
energia: 24, 68, 113-115, 118- 120, 123-125, 141, 167
energueia: 11-13, 15-17, 20, 23, 25, 26-35, 40, 53, 58, 66-68, 70, 71, 73-76, 80, 82, 103, 104, 106-109, 113-118, 120-126, 129-132, 134-142, 144-149, 151, 155, 160, 161, 167, 170-172, 175, 177, 179, 180, 187-191, 195, 199, 200, 203, 204-207, 215, 217, 219- 228, 232, 234, 253
ἐντελέχεια: 117, 126
entendido: 79, 97, 117, 148, 151, 154
epifórico: 113, 147, 148, 149
ἔπος: 82
érgon: 16, 20, 25, 35, 67, 68, 82, 102, 103, 104, 107, 116, 120, 125, 126, 146, 160, 189, 200, 234, 236, 241, 243, 251, 253,
ἔργον: 72, 82, 116, 117, 120, 124, 126, 129, 133, 146, 243, 251
estruturalismo humboldtiano: 107
estruturalismo semântico coseriano: 154
estruturalismo: 70, 107, 108, 111
experiência humana do mundo: 51 para 52

F

fábula e sujeito: 231
fatos da fala: 161
fala: 15, 18, 24, 25, 31, 32, 35, 37, 38, 41, 44, 46, 47, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 80, 82, 84, 86, 87, 93, 95, 97, 98, 100, 104, 105, 108, 110, 114, 117, 119, 122, 125, 129, 130, 132, 133, 138, 139, 146, 147, 154, 156, 170, 172, 173, 178, 179, 180, 190, 202, 205, 206, 219, 221, 223, 225, 227, 228, 231, 232
fala como medida: 133
filosofia da cultura: 160, 192, 249
filosofia da linguagem: 5, 6, 7, 13, 26, 27, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 38, 40, 48, 55, 58, 62, 63, 64, 67, 69, 74, 75, 76, 78, 80, 81, 83, 86, 87, 92, 95, 111, 160, 187, 191, 193, 195, 207, 245, 247, 253
finalidade: 10, 16, 17, 20, 21, 25, 30, 39, 40, 43, 45, 55, 63, 71, 75, 80, 84, 87, 111, 115, 120, 122, 127, 131, 133, 139, 160, 170, 173, 176, 177, 181, 188, 198, 199, 204, 207, 208, 209, 215, 216, 223, 224,
FOXP2 [gene da linguagem]: 137
função ontológica constitutiva: 28
função significativa: 20, 28, 134
φύσει [por natureza]: 6, 27, 33, 75, 83-85, 88, 89, 91, 161

G

gramática da fala: 183

H

historicidade: 83, 104, 108, 113, 162, 216, 218, 222, 224
homo musicus: 221
homo videns: 221

I

intencionalidade: 31, 47, 149
integralismo linguístico: 13, 23, 70

L

Λεκτόν: 96
λέγειν: 27, 84, 87, 193, 231
λέξις: 95, 97
língua funcional: 18, 43, 136, 190, 232
linguagem comum: 18, 23, 31, 42, 43, 44, 75, 80, 163, 167, 179, 181, 182, 197, 216, 221, 222, 223
linguagem: 5-7, 11-13, 15, 16, 18-46, 48-50, 53-76, 78-90, 92-95, 100, 101, 103-108, 110, 111, 113, 116, 117, 119-149, 151, 152, 156, 158, 159, 160-163, 166-185, 187-195, 197-200, 202-208, 214-217, 219-229, 231-234, 237, 240, 241, 245, 247, 250, 253, 256
linguagem ideal: 31, 42
lógica coseriana: 7, 151, 175
lógica: 7, 12, 13, 17, 18, 28, 32, 34, 36, 38, 40, 42, 43, 60, 65, 67, 74, 77, 81, 88, 92, 93, 94, 95, 101, 102, 106, 120, 126, 137, 138, 143, 145, 151, 159, 160, 166, 168, 169, 171, 175-181, 183, 184, 185, 198, 201, 220, 224, 244, 245, 248, 251, 255
$lógica_a$: 180, 182
$lógica_b$: 180, 182
$lógica_1$: 180, 181, 182
$lógica_{1a}$: 180,179, 181
$lógica_{1b}$: 181
$lógica_2$: 180, 180, 182, 183
$lógica_{2a}$: 180, 181, 182
$lógica_{2b}$: 181, 182, 183
λόγος: 19, 24, 64, 75, 82, 93, 97, 100
λόγος ἀποφαντικός: 19, 27, 93
λόγος ποιητικός: 27, 93

λόγος πραγματικός: 27, 93
logos semântico: 6, 19, 45, 55, 68, 74, 93, 94, 113, 117, 141, 176, 177, 179, 206, 220
lógos semantikós: 17, 19, 21, 23, 49, 93, 140, 148, 149
λόγος σεμαντικός: 19, 20, 27, 74, 93, 206

M

Magister interior: 98
materialidade: 39, 73, 94, 97, 120, 123, 130, 200, 207, 219, 221
metáfora: 13, 31, 51-54, 157, 165, 209, 211, 212, 214, 255
mito: 52, 53, 119, 162, 164, 210, 211, 212, 226, 250, 251, 256
mudança linguística: 106, 128, 132, 133, 158, 240
mudança: 17, 27, 36, 66, 92, 106, 107, 108, 119, 128, 132, 133, 135, 156, 157, 204, 219, 222, 226,
mundo [construção (criação) do ~]: 10, 11, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 24, 26-27, 29, 34, 35, 36, 49, 59, 66, 73, 141, 174, 205, 217, 221, 222, 223, 224, 232
mundo cognitivo: 32
mundo da liberdade: 39, 198, 232
mundo da necessidade: 39, 216, 232
mundo interno (semântico): 16, 19, 24, 74, 205
mundo linguístico intermediário: 172
mundo semântico: 73, 161, 224
mundo (visão do ~) (Weltanschauung): 35, 78

N

não ser assim: 86
não-ser: 16, 23, 85, 86, 217
natura naturans: 66, 205
cogito naturans: 66, 2025
norma: 15, 21, 35, 38, 40, 46, 58, 59, 69, 88, 110, 136, 138, 139, 143, 168, 177, 180, 181, 184, 188, 190, 215, 217, 227, 235

O

objetivação do mundo: 193
objetividade: 7, 29, 37, 67, 69, 180, 187, 192-195, 197, 198, 199, 201, 224
ὄνομα: 27, 83, 86, 88, 126
ὀνομάζειν: 27, 84, 87, 121, 231

P

pancronismo: 23

παθήματα: 92
pensamento: 11, 13, 15, 16, 19, 20, 26, 27, 28, 29, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 40, 42, 54, 55, 57, 58, 59, 62, 63, 64, 66, 67, 69, 72, 73, 74,75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 89, 93, 94, 100, 103, 111, 114, 115, 121, 129, 130, 138, 139, 142, 146, 147, 148, 161, 166, 168, 169, 175, 179, 181, 182, 195, 189, 195, 205, 220, 222, 227, 234, 248, 249, 256, 257
pensamento lógico: 39, 42, 176, 177
pensamento mítico: 54
pensamento pré-linguístico: 188, 189
pensamento pós-linguístico: 189
ψυχῆ: 84, 90, 91, 92, 115
πράγματα: 95
pragmática: 31, 34, 44, 45, 59, 68, 93 94, 145, 149
πρέπον: 146
princípio(s): 7, 14, 15, 16, 18, 20, 29, 35, 41, 44, 45, 49, 51, 60, 106, 110, 113, 117, 125, 126, 137, 153, 154, 155, 168, 180, 184, 187, 190,192
princípio da alteridade: 44
princípio da historicidade: 111
princípio da objetividade: 7, 187, 192, 193, 194, 192, 199, 224
princípio da tradição: 7, 104, 187, 187, 192, 198, 199
princípio da utilidade pública: 7, 187, 201
princípio do antidogmatismo: 7, 187, 192, 199, 200
princípio do humanismo: 7, 187, 192, 194-196
princípio do mundo: 209
processo da criação: 228
processo de criação: 17, 55, 123, 147, 160, 180, 188, 214, 222, 225

R

ratio ac mentis: 101
referência direta: 31, 45
res: 97, 101,
ῥῆμα: 27, 86

S

saber abstrato: 32
saber conceptual: 32
saber especializado: 32
saber geral cultural: 32
saber linguístico: 28, 43, 57, 206, 209, 217, 244
semântica cognitiva: 151, 158, 159, 237

semântica estrutural: 6, 29, 49, 151, 153, 159, 233
semántica estructural: 14, 45, 49, 50, 51, 126, 153, 154, 155, 158, 205, 235, 237, 243
semântica diacrónica: 74, 154
semanticidade: 6, 94, 151, 152, 177, 178, 199, 221
semasiologia: 6, 151, 156, 157
sentido: 7, 15, 18, 22, 24, 35, 36, 39, 44, 45, 54, 60, 63, 65, 66, 72, 73, 77, 92, 131, 132, 145, 146, 147, 148, 154, 155, 157, 158, 165, 166, 167, 170,171, 174, 175, 187, 203, 205, 215, 216, 217, 221, 222, 224, 225, 232, 233, 234
sentido instrumental: 131
ser: 7, 9, 11, 15, 16, 17, 19, 20, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 43, 57, 59, 60, 62, 63, 64, 66, 68, 69, 76, 79, 83, 84, 85, 86, 87, 93, 104, 111, 114, 121, 122, 134, 141, 142, 162, 180, 187, 189, 190, 191, 194, 195, 196, 203, 204, 205, 206, 207, 209, 211, 214, 215, 216, 217, 219, 220, 221, 223, 225, 226, 230, 232, 233
signifiant [forma da palavra]: 48, 50, 92, 95,
signifié [conteúdo da palavra]: 92, 95
significado: 15, 18, 31, 39, 41, 45, 46, 46, 47, 48, 49, 50, 63, 66, 73, 79, 81, 88, 90, 92, 93, 94, 100, 127, 128, 129, 130, 132, 134, 136, 141-146, 151, 153, 154, 157, 161, 162, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 183, 184, 194, 202, 205, 210, 220, 222, 224, 226, 228; classificação do significado: 46, 85, 156, 172, 173, 174, 179
signo: 27, 38, 39, 45, 49, 50, 53, 73, 83, 88, 90, 91, 95, 97-102, 120, 128, 141, 161, 162, 163, 167, 168, 183, 188, 207, 208
signo linguístico: 91, 161
signum: 97
κατὰ συνθήκην [motivado historicamente]: 88-91, 95, 102
símbolo: 39, 88, 91, 160-168, 207, 208, 250, 251
sincronia: 22, 23, 37, 39, 41, 48, 57, 80, 105, 107, 120, 124, 129, 133, 134, 204, 206, 207, 235, 240, 244
sistema: 6, 15, 17, 18, 21, 35, 32, 38, 39, 41, 43, 46, 49, 50, 52, 53, 59, 61, 75, 81, 82, 88, 105, 110, 114, 119, 125, 126, 128, 135, 136, 141, 147, 161, 166, 168, 173, 177, 184, 187, 189, 191, 220, 227, 231, 235; diasistema: 37
sorites: 31, 39, 48, 255
subjetividade: 9, 31, 49, 166, 195, intersubjetividade: 64, 65, 67, 68, 144, 192

T

tempo e linguagem: 228, 231
hésει [por convenção]: 6, 75, 83, 84, 89, 161,

texto: 25, 30, 35, 45, 49, 81, 100, 130, 145, 146, 147, 148, 149, 154, 155, 162, 163, 170, 174, 177, 178, 180, 182, 185, 199, 200, 210, 211, 215, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 232, 233, 234, 243, 248, 250, 252, 256
tríade: 39, 46, 69, 71, 120, 121, 125, 126, 180, 220

U

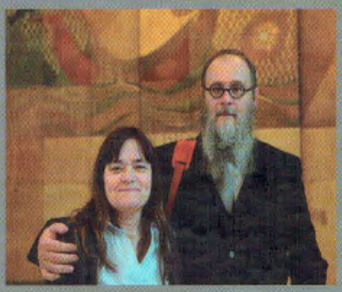
universais da linguagem: 24, 80, 111, 219, 221, 228
universos de discurso: 123, 128, 146, 162, 226
uomo universale: 58

V

verbum: 33, 97, 98,102
verdade (verdadeiro): 11, 18, 19, 23, 27, 35, 36, 45, 49, 52, 53, 60, 64, 74, 81, 83, 85, 86, 87, 88, 90, 92, 96, 97, 99, 100, 102, 105, 131, 132, 136, 146, 147, 148, 149, 161, 166, 176, 181, 182, 193, 199, 200, 201, 204, 206, 220, 222, 252

W

Weltanschauung: 35, 36, 78



Este livro focaliza a condição fundamental do homem como "homo loquor" apresentada através da teoria do Professor de origem romena EUGENIO COSERIU (Eugeniu Coşeriu 1921-2002), notável romanista, linguista, pensador da língua e filósofo da linguagem que marcou a segunda metade do século XX, por muitos considerado como o linguista para o século XXI.

INSTITUTO CAMÕES PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

CLEPUL
Faculdade de Letras da Un

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

CompaRes

"Somente a linguagem oferece noções, entidades não apenas intelectuais mas universais com as quais podemos operar no pensamento. De outra maneira, na ausência da linguagem, o pensamento seria só representação. Um determinado homem ou uma determinada mesa não podem ser objetos do pensamento, mas só representações. Apenas se podem delimitar através da linguagem."

"Entender a linguagem como energueia significa, por conseguinte, considerá-la como atividade criadora em todas as suas formas. Energueia é tanto a linguagem em geral, como a linguagem enquanto fala. Todo o ato de falar é, em alguma medida, um ato criador."

SIMION DORU CRISTEA tomou consciência que a verdadeira dimensão histórica do homem é o futuro. Deste modo, constroí diariamente o seu devir com grande fervor para com a história, a língua e o pensamento. Os meios que sustentaram a sua paixão foram as bibliotecas do seu pai, padre ortodoxo, da Faculdade de Filologia da Universidade "Babeş-Bolyai" de Cluj-Napoca, Roménia, e a da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tendo como duas "alma mater" universitárias, a de Cluj-Napoca e de Lisboa. Com elas e através delas, deu alguns passos visíveis:

Manifestul elevului de nota 10 [O manifesto do aluno de nota máxima], Cluj-Napoca, Editura Dokia, 2001.

Funcţia simbolic-mitică în textul religios [A função simbólico-mítica no texto religioso], Cluj-Napoca, Editura Gedo, 2005.

Navegando no mar que nos navega, Lisboa, edição de autor, 2005.

ISBN 978-0-9767736-6-5
9 780976 773665